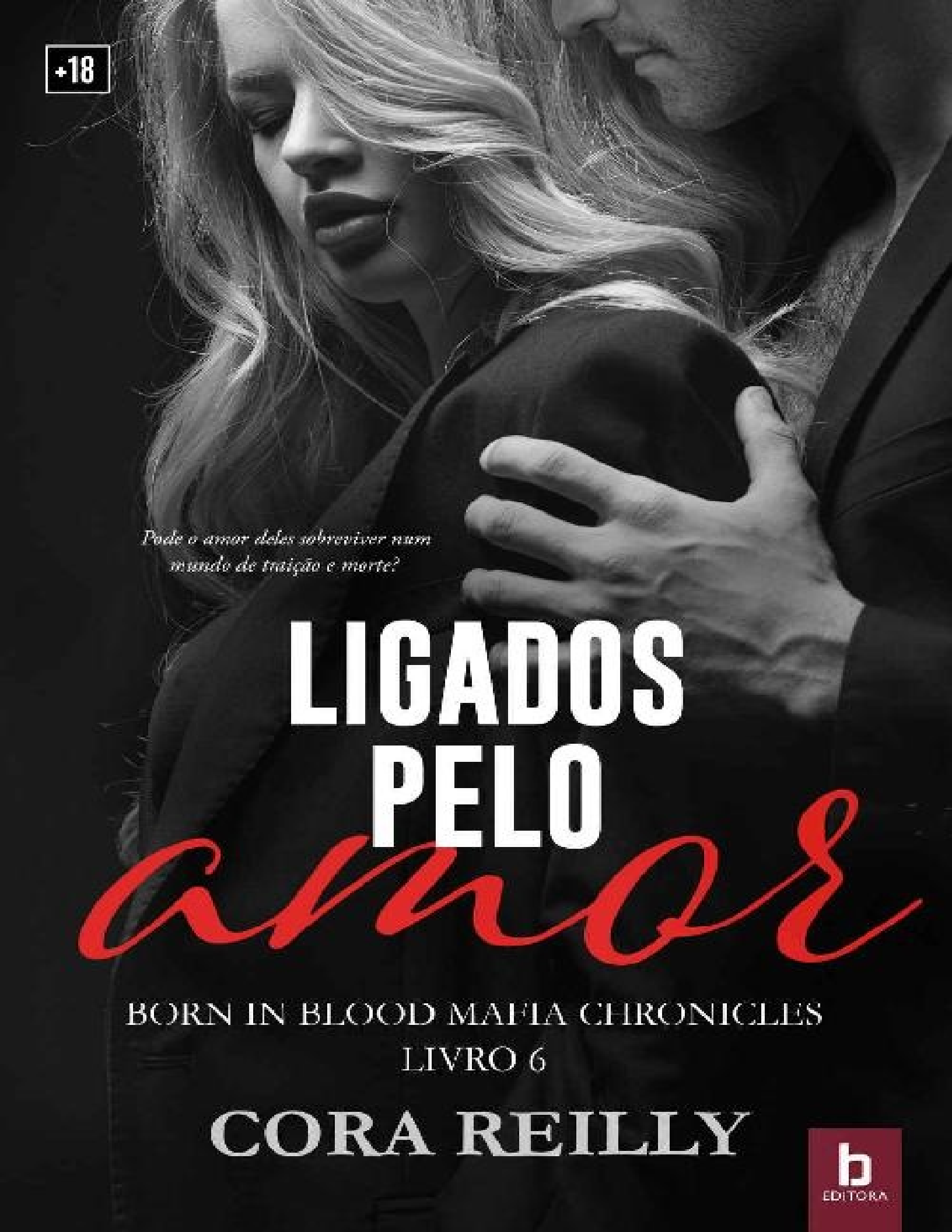

+18
Pode o amor deles sobreviver num mundo de traição e morte?
LIGADOS PELO amor
BORN IN BLOOD MAFIA CHRONICLES
LIVRO 6
CORA REILLY
EDITORA

Table of Contents

Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26

Capítulo 27
Capítulo 28
SOBRE A AUTORA
LIVROS PELA BEZZ

Pode o amor deles sobreviver num mundo de traição e morte?

LIGADOS PELO *amor*

BORN IN BLOOD MAFIA CHRONICLES
LIVRO 6

CORA REILLY

Copyright © 2018 Cora Reilly
Copyright © 2022 Editora Bezz
Título original: *Bound by Love*
Tradução: Stéphanie Rumbelsperger
Preparação de Texto/Revisão: Vânia Nunes
Capa: Denis Lenzi

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Reilly, Cora

Ligados pelo Amor (Born in Blood Mafia Chronicles, livro 6)/ Cora Reilly; Tradução: Stéphanie Rumbelsperger. 1ª edição – São Paulo – Bezz Editora; 2022.

ISBN: 978-65-89906-64-3

Sobre *trademark*™ : a autora reconhece aos legítimos donos das empresas e marcas citadas nesta ficção o devido crédito, agradecendo o privilégio de citá-los nesta obra pelo grau elevado de importância e credibilidade no mercado.

CONTEÚDO ADULTO

Leitura indicada para Maiores de 18 anos

EDITORA BEZZ

www.lojabezz.com.br

CRMNLLOFICIAL

Sumário

Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
SOBRE A AUTORA
LIVROS PELA BEZZ

Você tem certeza de já ter lido todos os livros anteriores?
Todos encontram-se disponíveis em e-book e impresso.

LIGADOS PELA HONRA *(Aria & Luca)*
LIGADOS PELO DEVER *(Dante & Valentina)*
LIGADOS PELO ÓDIO *(Matteo & Gianna)*
LIGADOS PELA TENTAÇÃO *(Romero & Lily)*
LIGADOS PELA VINGANÇA *(Cara & Growl)*

Este livro contém personagens e/ou trechos dos livros anteriores.
Para um melhor entendimento, aconselha-se a conhecer suas histórias na ordem de leitura acima citada.

Prólogo

ARIA

Não posso fazer isso, Aria. Quero ir embora. Sair deste mundo. Sair do meu casamento arranjado. Apenas ir embora.

Aquelas palavras ditas pela minha irmã Gianna começaram tudo. Elas levaram à minha primeira traição a Luca. Na época, eu não vi como uma traição. Só queria ajudá-la, não trair meu marido.

No entanto, quando tomei a decisão de ajudá-la a fugir, sabia que teria que agir contra ele.

Traição.

Homens de Honra eram sempre muito rápidos em chamar qualquer objeção de traição. As mulheres deveriam tomar a palavra de seus maridos como lei, principalmente eu, que era casada com o *Capo*.

Mas, proteger a minha família, as minhas *irmãs* e o meu *irmão*, proteger quem eu amava contra a dura realidade da vida da máfia às vezes tornava difícil obedecer.

Pensei que Luca entenderia, pensei que o nosso amor poderia enfrentar qualquer coisa.

Luca não era um homem que algum dia se permitiu confiar nem amar ninguém… até eu aparecer. Talvez ele sempre tivesse sido cauteloso com seus sentimentos.

Talvez ele sempre tenha esperado por algo que provaria que sua cautela era devida.

E eu lhe concedi isso.

*

LUCA

Matteo e eu aprendemos muitas lições do nosso pai sádico, todas tinham o objetivo de nos fortalecer e nos deixar impiedosos para as missões que se esperavam de nós. Eu odiava aquele homem, odiei-o a minha vida inteira, e odiei que ele estivesse certo sobre uma lição que eu queria que estivesse errado.

O amor é uma fraqueza, Luca. Ele pôs os homens mais fortes de joelhos. As

mulheres são fracas, e nos fazer acreditar que podemos amá-las é sua forma de nos manipular porque é a única maneira de elas terem poder. Não deixe uma mulher deter esse poder sobre você. Você será Capo. Um Capo não pode se permitir uma fraqueza.

Aria me fez acreditar que essas palavras eram mentirosas.

Com seus sorrisos doces, seus olhos inocentes e uma beleza incomparável, ela me atraiu e eu caí em sua armadilha. Eu ainda me lembraria daquela merda de dia.

— Você é uma pessoa boa, Aria. É inocente. Eu te empurrei para isso. — Aria havia levado um tiro por mim, arriscou sua vida para salvar a minha. Minha vida, que valia bem menos que a dela.

Seus olhos azuis fixaram-se nos meus. Aqueles olhos, sempre cheios de tantos sentimentos que eu mal conseguia compreender.

— Você não fez nada, Luca. Eu nasci neste mundo. Escolhi permanecer neste mundo. Nascer em nosso mundo significa nascer com sangue nas mãos. Cada vez que respiramos, o pecado fica mais profundamente gravado em nossas peles.

Neguei. — Você não tem escolha. Não tem como fugir do nosso mundo. Também não teve escolha em se casar comigo. Se tivesse deixado aquele tiro me matar, teria pelo menos escapado do nosso casamento.

— Existem poucas coisas boas em nosso mundo, Luca, e quando se encontra uma, você se agarra a ela com toda a força. Você é uma dessas coisas boas na minha vida.

Como ela podia dizer algo assim? Matei tanta gente… e gostei de fazer isso. Se houver um Paraíso e um Inferno, não há dúvidas de onde eu terminarei.

— Eu não sou bom.

— Você não é mesmo um bom homem, mas é bom para mim. Eu me sinto segura em seus braços. Não sei por que, não sei nem por que eu te amo, mas amo, e isso não vai mudar.

Fechei os olhos perante o amor em seu olhar. Aria me amava. Ela já havia me dito isso. Eu não sabia como, depois de tudo o que ela me viu fazer, e isso nem era o pior. Eu ainda escondia um coisa dela.

— O amor é um risco em nosso mundo e uma fraqueza a que um Capo não pode se permitir — murmurei. Uma verdade na qual acreditei a vida inteira. Uma verdade pela qual eu vivia. Uma verdade que pensei levar para o túmulo.

— Eu sei — sussurrou ela, conformada.

Será que ela não sabia como eu me sentia? Será que não enxergava? Até Matteo sabia, embora eu tentasse esconder dele… de todos.

Encarei-a, meu peito apertou-se com os sentimentos que me assustavam pra cacete. Assustavam, mesmo que nada mais me assustasse. Eu havia sobrevivido à tortura e à dor excruciante, havia me torturado e infligido dor em mim mesmo, havia visto muitos morrerem, havia matado muitos deles, e aqui estava eu, com medo dos meus sentimentos.

— Mas eu não me importo, porque te amar é a única coisa pura na minha vida.

Aria congelou com os olhos marejando. Choro e súplica nunca amoleceram meu coração, mas com Aria isso se comunicava com uma parte minha que eu nem sabia que existia.

— Você me ama? — perguntou ela com os olhos cheios de esperança e incredulidade.

— Amo, mesmo que não devesse. Se meus inimigos soubessem o quanto você é importante para mim, fariam qualquer coisa para pôr as mãos em você, para me machucar através de você, para me controlar te ameaçando. A Bratva vai tentar de novo, outros também. Quando eu me tornei um Homem de Honra, jurei colocar a Famiglia em primeiro lugar, e reforcei o mesmo juramento quando me tornei um Capo dei Capi, embora soubesse que estava mentindo. Minha primeira escolha deveria sempre ser a Famiglia. Mas você é a minha primeira escolha, Aria. Incendiarei o mundo se for preciso. Vou matar, mutilar e fazer chantagens. Farei qualquer coisa por você. Talvez o amor seja um risco, mas é um risco que estou disposto a assumir e, como você disse, não é uma escolha. Nunca pensei que iria, nunca pensei que poderia amar alguém assim, mas eu me apaixonei por você. Resisti. Essa é a primeira batalha que não liguei de perder.

E, caralho, aquelas palavras eram verdadeiras. Eu pensei que fossem verdadeiras. Coloquei Aria em primeiro lugar, protegi-a, permiti-lhe coisas que a minha família condenava. Eu teria feito qualquer coisa por ela, e ela me traiu. Traiu meu amor e minha confiança.

Amor.

Uma fraqueza.

Uma fraqueza que eu não mais me permitiria.

Capítulo 1

Antes, ARIA

Mem ombro ainda doía esporadicamente quando mexia o braço muito rápido, mas o médico havia tirado os pontos ontem e me disse que a dor iria sumir logo. Toquei a cicatriz vermelha sob a minha clavícula. Ainda estava sensível. Minha primeira cicatriz.

Luca apareceu atrás de mim, bem mais alto que eu, e repousou as mãos levemente em meus ombros, olhos cinza enegrecidos pela raiva ao pousarem na cicatriz. Ele estava totalmente nu, igual a mim depois do nosso banho, mas seu corpo era coberto de inúmeras cicatrizes. Analisei seu rosto, me perguntando se talvez ele estivesse incomodado por eu não ser mais perfeita. Homens de Honra carregavam suas cicatrizes como prova de sua coragem… e não havia homem mais corajoso que Luca. Mas eu era uma mulher; uma mulher obtém o controle por sua beleza.

— O médico disse que vai sumir — sussurrei.

Luca levantou o olhar para o meu no espelho, unindo as sobrancelhas. Ele me girou e ergueu meu queixo.

— Aria, eu não estou nem aí se vai sumir ou não. O único motivo pelo qual sua cicatriz me incomoda é porque ela me lembra que você arriscou sua vida por um babaca como eu, e isso é realmente a última coisa que você deveria sequer pensar em fazer.

— Eu faria outra vez — falei sem hesitar.

Luca segurou minha cintura e me ergueu para a pia.

— Não — grunhiu, aproximando o rosto. Seus olhos queimavam de raiva, e outras pessoas teriam se encolhido diante da força daquele olhar. — Não, está me ouvindo? Isso é a porra de uma ordem.

— Você não pode me dar uma ordem desse tipo — falei com delicadeza.

Ele respirou fundo.

— Eu posso e dou. Como seu Capo e como seu marido. Você nunca mais vai arriscar sua vida por mim, Aria. Prometa.

Encarei-o. Talvez ele achasse fácil. Luca estava acostumado a controlar todo mundo ao seu redor, acostumado a ter seus homens obedecendo cada comando seu, só que até mesmo ele tinha que se dar conta de que algumas coisas estavam

fora do seu controle, de que até seu poder tinha limites.

— Aria, prometa. — falou com sua voz de Capo, a voz que fazia seus homens o seguirem e seus inimigos se acovardarem de medo.

Segurei seu pescoço, brincando com seus cabelos pretos, e rocei meus lábios nos dele.

— Não.

Ele estreitou os olhos. — Não?

— Não. Nunca ouviu essa palavra? — provoquei ao repetir o que lhe disse na noite do nosso casamento.

— Ah, ouço sempre — repetiu sua fala.

Sorri, porém, o rosto dele continuou obscuro.

— Aria, estou falando sério.

— Eu também, Luca. Eu protejo quem amo. Você vai ter que aceitar.

Ele balançou a cabeça.

— Não posso, porque você age sem pensar sempre que age por amor.

Dei de ombros. — Essa sou eu.

Ele descansou a testa na minha.

— Eu não vou te perder por causa disso.

— Você não vai me perder — sussurrei, a minha mão estava espalmada na tatuagem da *Famiglia* em seu peito.

Nascido no Sangue. Jurado com Sangue.

Eu posso não ter feito um juramento de sangue, mas o que me ligava a ele era mais forte do que qualquer juramento. Estava ligada pelo amor.

— Sempre estarei ao seu lado.

O olhar dele suavizou. — Vamos sair em lua de mel na semana que vem.

Fiquei surpresa.

— Sério? — perguntei, me animando. Estávamos casados há dois meses e nunca conversamos sobre uma lua de mel, no começo foi porque nosso casamento não era por amor, mas por conveniência, e, depois, porque pensei que Luca estava muito ocupado.

— E quanto à Bratva? Não vão atacar de novo?

O ataque à mansão Vitiello nos Hamptons há duas semanas custou a vida de vários dos homens de Luca e quase custou a minha. Perdi Umberto, meu guarda-

costas de infância, vi-o levar um tiro na cabeça, e escrever a carta para a viúva e os filhos dele partiu meu coração.

— Eles vão atacar novamente, mas não tão cedo. Precisam se recuperar depois de perder Vitali. Não posso ficar muito tempo longe, mas meus homens podem lidar com as coisas por uma semana sem mim. Matteo é quase tão respeitado quanto eu. Ele pode assumir por um tempo.

Não conseguia parar de sorrir. — Para onde vamos?

Luca me beijou antes de se endireitar, sorrindo. Era uma expressão reservada a mim, o que fazia meu coração inflar de amor.

— Meu pai tinha um iate no porto de Palermo, e agora é meu. Podemos passar uma semana no Mar Mediterrâneo.

Examinei seu rosto para ver se a morte do pai o incomodava, mas, embora o homem tivesse morrido há apenas algumas semanas, Luca não demonstrava nenhuma tristeza. Salvatore Vitiello foi um homem que incutia medo e nenhuma admiração nem carinho nas pessoas. Eu não o conhecia muito bem para ficar triste com sua morte e, se tivesse conhecido, com certeza também não ficaria.

— Seria incrível — falei por fim. Nunca fui à Sicília e adoraria ver o lugar de onde a família de Luca vinha.

— Já esteve na Itália? — perguntou.

— Só uma vez — falei com arrependimento. — Papai nos levou à Bolonha para o funeral do tio dele, mas só ficamos um dia lá antes de irmos para Turim e Milão. Foi lindo. Sempre quis voltar, mas papai estava ocupado demais sendo *Consigliere* e não nos permitia viajar sem ele.

— Então, está combinado — declarou ele. — Uma semana só para nós dois.

— Mal posso esperar — sussurrei, minha boca procurou a de Luca. Segurei-o mais forte quando sua língua deslizou para dentro da minha boca. Sua mão percorreu meu ombro, depois, a lateral do meu corpo e a minha coxa. Estremeci diante do gesto delicado.

Por causa da minha lesão, Luca estava sendo carinhoso quando fazíamos amor e, ainda assim, seu toque foi dolorosamente delicado ao abrir as minhas pernas e me acariciar com movimentos experientes. Fixei meu olhar no seu enquanto ele enfiava dois dedos em mim, antes de trocá-los pelo seu membro com a ponta cutucando minha abertura. Envolvi minhas pernas em sua cintura e o tomei, ainda maravilhada com a plenitude. Nossas bocas se movimentavam juntas e Luca empurrava em mim devagar. Dava para sentir seu membro todo conforme ele entrava e saía, e a tensão começou a espiralar no meu centro.

Luca afastou a boca e rosnou em meu ouvido:

— Goze para mim, amor.

Gemi quando ele projetou sua estocada para cima. Depois, sua boca voltou para a minha e sua língua me acariciou numa dança deliciosa. Ele cravou seus olhos cinza em mim. Não me tocou como costumava fazer, e eu movi a mão para alcançar entre nós dois e tocar meu clitóris, me pondo no limite, mas Luca tirou-a com cuidado.

— Vamos tentar te fazer gozar só com meu pau.

Nunca consegui gozar sem um atrito extra, mas estava disposta a tentar. Ele entrelaçou nossos dedos, apoiando na superfície de mármore. Empurrou em mim novamente no mesmo ângulo que antes, e eu ofeguei diante do prazer que vibrou no ponto sensível que ele atingiu. Arregalei os olhos ao contemplar seu olhar possessivo. Sempre que fazíamos amor, ele parecia me marcar novamente como sua. Luca era um dos homens mais possessivos que eu conhecia, e eu cresci em meio a Homens de Honra.

Ele atingiu o mesmo ponto e eu ofeguei. A sensação era extraordinária, mas eu não sabia bem quanto tempo demoraria para gozar dessa forma; no entanto, Luca não tinha pressa ao voltar para o mesmo ponto repetidamente com estocadas lentas e fortes.

— Está bom? — grunhiu ele, com o suor fazendo seu peitoral brilhar conforme ele bombeava em mim, empurrando minha bunda no balcão de mármore, mas me arrastando de volta com a mão para a beirada e me mantendo no lugar para a próxima estocada.

Umedeci meus lábios secos.

— Está — ofeguei quando o prazer disparou outra vez. Os dedos dos meus pés curvaram e minhas paredes internas começaram a contrair.

— Isso, amor — grunhiu Luca. — Goze para mim.

Ele lançou a língua entre meus lábios enquanto alcançava meu ponto sensível novamente e eu arqueei as costas, fechando os olhos apertado. Afastei-me da boca de Luca, minha cabeça caiu para trás enquanto gritava de alívio. Luca ficou tenso, metendo em mim com mais força antes de soltar um gemido gutural e gozar dentro de mim. Estremeci contra ele, meu orgasmo se intensificando à medida que seu membro se contorcia lá dentro.

Quando consegui falar novamente, sussurrei:

— Uau! Foi incrível.

Luca sorriu, seu olhar era dominante e satisfeito.

— Foi, sim. Amo você ter conseguido gozar só com meu pau.

Franzi a testa. — Isso não é normal? — Uma pontada de insegurança

escorregou junto com a minha voz. Luca e eu transávamos há mais de um mês, mas eu ainda estava longe de ser experiente.

Luca segurou meu rosto e se aproximou para me beijar.

— Você é tudo, menos normal, Aria. Em todos os aspectos. — Continuei franzindo a testa. Ele riu. — É uma coisa boa, acredite. Adoro você conseguir gozar assim. Muitas mulheres precisam ter o clitóris tocado e, mesmo assim, algumas não conseguem gozar durante o sexo.

— Ah — falei surpresa. Não conseguia imaginar que alguma mulher não conseguisse gozar durante o sexo com Luca, mas não queria pensar em outras mulheres com ele. Ele era só meu.

Luca me beijou mais uma vez antes de sair de dentro de mim devagar.

— É melhor eu preparar tudo para a nossa lua de mel.

Sorri. Se alguém tivesse me dito antes do meu casamento que eu seria absurdamente feliz com Luca, teria achado essa pessoa louca.

*

LUCA

Estava bem difícil focar na voz de Matteo. Eu só conseguia pensar em Aria e em todas as maneiras que eu queria fazê-la gozar em nossa lua de mel.

— Luca, por que não vai embora e nós paramos de fingir que você dá a mínima para o que estou falando? — falou Matteo sorrindo enquanto descansava na poltrona do meu escritório na Sphere, com uma perna jogada sobre o braço da poltrona.

Estreitei os olhos para ele.

— Eu estou ouvindo. Não precisa me perguntar sobre cada detalhezinho. Pode tomar suas próprias decisões, e terá a assistência de Romero. Não me ligue todos as porras dos dias com perguntas irritantes.

Ele balançou a cabeça. — Você é o Capo.

— E você, o *Consigliere*. Ficarei fora apenas por uma semana. Você consegue controlar nossa família por esse tempo. Nossos tios e primos ainda não arriscarão um ataque. Todos eles querem se tornar Capo. Não trabalharão juntos.

— Não estou preocupado que eles nos ataquem. Consigo controlar seus soldados e nossa família, mas não posso prometer que não vou acabar matando um ou dois deles.

Revirei os olhos. Matteo era muito esquentado.

— Então, pelo menos mate os encrenqueiros.

— Aria deve ter uma boceta milagrosa para te manter enfeitiçado desse jeito, ou será que ela faz um boquete como uma deusa?

Nem pensei. Avancei e o agarrei pelo pescoço, batendo-o contra o encosto. Seu corpo estava tenso e sua mão direita repousava em sua faca, à qual ele não puxou. Se fosse qualquer um, exceto eu, aquela faca teria sido enterrada bem fundo no peito. Soltei seu pescoço e afastei-me, respirando fundo, acalmando minha respiração enquanto olhava para o meu irmão que esfregava o local, com seus olhos castanhos perspicazes e cautelosos.

— Uau! — rosnou. Em sua pele, surgiam marcas vermelhas com o formato dos meus dedos. — Sempre me perguntei como nosso querido primo se sentiu quando você o estrangulou. Nunca pensei que você me daria um gostinho.

Não me desculpei. Passando a mão pelos cabelos, fui até o armário de bebidas ao lado da mesa e servi dois copos, depois levei-os para Matteo e entreguei um para ele antes de afundar na minha poltrona. Ele pegou e bebeu o *whiskey* emitindo um chiado. Ele havia se endireitado, mas ainda me observava.

— Acho que tive a minha resposta — falou.

— Para qual pergunta?

— O que seria preciso para você tentar me matar.

Franzi a testa. — Eu nunca vou te matar, Matteo. Você é sangue do meu sangue. Sabe que confio em você com a minha vida.

Matteo me deu aquele sorriso de tubarão.

— Luca, nós dois sabemos que isso não é verdade. Somos criminosos. Ambos mataríamos um ao outro se tivermos o incentivo certo. E o seu é Aria.

Não falei nada porque ele estava certo.

— Se alguns comentários obscenos já te fazem explodir desse jeito, sei bem o que aconteceria se eu chegasse a feri-la.

Apertei o copo com mais força, mas, desta vez, consegui permanecer sentado.

— Você não vai feri-la, então, a discussão é irrelevante. E você é meu irmão, Matteo. Você e Aria são os únicos com quem me importo.

Ele assentiu, então, a tensão se foi e ele se inclinou para dar um soco no meu ombro.

Eu deixei e sorri.

— Caralho, você sabe como me irritar.

— É o que eu faço de melhor — falou Matteo. Depois, num raro momento de

seriedade — Eu provavelmente teria feito o mesmo se você tivesse insultado Gianna.

Suspirei. Tentei esquecer que ele pediu a mão dela e que a festa de noivado seria em três semanas. Seria uma confusão. Todos sabiam disso, exceto Matteo. Ele ainda acreditava que se casar com a vaca ruiva seria uma aventura do caralho. Um passeio pelo fogo do inferno, com certeza.

Meu celular tocou e eu grunhi quando vi que era Nina, minha madrasta. Tentei ligar para ela para dizer que precisávamos do iate, mas ela não atendeu, e agora que finalmente retornou a minha ligação, senti o meu desprezo habitual aparecer.

Matteo olhou para a tela e se levantou.

— Não diga que mandei um oi. Vou indo cumprimentar os Subchefes e os Capitães.

Antes de sair, ele se olhou no espelho perto da porta e arrumou seus cabelos escuros até estar satisfeito. Revirei os olhos. Filho da puta vaidoso. Como se meus soldados ligassem se ele estava *bonito*.

Meu telefone continuou tocando. Falar com Nina e ter que ouvir meus tios a tarde toda… que puta perda de tempo quando se tem uma mulher maravilhosa esperando na cama. Atendi.

— Nina.

— Luca querido, você me ligou?

Querido? Nós dois sabíamos que não havia nenhum carinho entre nós. Eu a odiei desde o instante em que ela se casou com meu pai quando eu tinha só dez anos. Algumas vezes, quase senti pena quando meu pai sádico bateu nela, mas isso parou quando a vi descontar sua frustração nas empregadas. Ela era uma criatura traiçoeira, muitas mulheres em nossos círculos eram, ou porque elas não tinham outra maneira de se defender, ou porque estavam entediadas. Antes de conhecer Aria, me preocupava que ela escondesse uma personalidade feia por trás da aparência imaculada, mas ela é perfeita pra caralho por dentro e por fora. E eu estava muito feliz por isso, porque com uma mulher como Nina ao meu lado, as coisas teriam terminado mal.

— Preciso do iate do meu pai para daqui a quatro dias. Você terá que passar as próximas duas semanas na nossa casa de férias se não quiser voltar para Nova York — comuniquei.

— Estou numa viagem de turismo pela costa da Sardenha. Não pode esperar que eu volte porque você decidiu que precisa de férias — explodiu ela.

Tenho sido muito tolerante com ela desde a morte do meu pai há três semanas.

— Você vai fazer o que estou mandando, Nina. Agora o Capo sou eu e é melhor você se lembrar de que sou filho do meu pai, ou se esqueceu do que sou capaz?

Silêncio. Eu não gostava de machucar mulheres, mas logo depois que ela se casou com meu pai, peguei-a batendo em Matteo. Eu só tinha dez anos, mas já era do mesmo tamanho que ela e mais forte. Segurei-a pelo pescoço e, talvez, não teria soltado se meu pai não tivesse chegado na hora. Nina viu em meus olhos que eu era um assassino. Meu pai tinha batido nela até o dia da morte dele por tocar em seus filhos, mesmo ele tendo torturado Matteo e eu o tempo todo para nos tornar mais fortes. Um ano depois, eu matei um homem pela primeira vez, e seis anos depois disso estrangulei meu primo como quis fazer com Nina quando ela machucou meu irmão, e ela *sabia*.

— *Como você pode me pedir para voltar sabendo que ainda estou de luto?* — Ela acrescentou aquele vibrato irritante à sua voz como se estivesse prestes a chorar, o que, nós dois sabíamos, não estava.

— Não minta para mim — censurei. — Você odiava meu pai tanto quanto eu. Queria matá-lo você mesma, por isso, não finja que está triste por ele ter morrido. E não finja que não deixou algum marinheiro chave de cadeia te foder até cansar no iate do meu pai.

Nina limpou a garganta. Será que ela achava que eu não tinha contatos na Sicília? Meu tio-avô era o Capo da *Famiglia* de lá e, claro, um de seus homens ficava de olho nela para mim. Vi fotos dela com um marinheiro de vinte anos e o que eles fizeram no convés não parecia nada com luto. Ela estava com pouco mais de trinta anos e foi obrigada a se casar com meu pai quando tinha só dezenove, e eu não dava a mínima se ela fodesse por aí, contanto que não me causasse problemas.

— E, Nina, eu sou o Capo, posso resolver que você tem que se casar de novo. Existem bastantes homens a meu serviço que têm a mesma disposição que meu pai.

Ela respirou fundo. Eu não tinha nenhuma intenção de casá-la com mais ninguém. Independente do quanto eu a desprezasse, ela já havia sofrido o bastante sob o domínio do meu pai.

— *Você pode ficar com o iate, mas eu não vou voltar para Nova York* — falou baixinho.

— Por mim, você pode se mudar para a Itália, Nina. Não sinto sua falta, acredite. — Antes de desligar, acrescentei — E mande limpar cada centímetro do iate. Não quero encontrar nenhum vestígio das suas fodas em lugar algum, entendeu?

Ela engasgou, mas não esperei por uma resposta.

Depois da ligação de Nina, eu precisava daquela porra de férias, só que, primeiro, tinha que sobreviver a uma reunião com os Subchefes da *Famiglia*, dois dos quais eram meus tios, e outros dois, maridos das minhas tias. Saí do meu escritório e fui para a última porta nos fundos da Sphere.

Entrei. Todos já estavam reunidos em volta da mesa oval de madeira. A expressão de Matteo não era nada boa. Foi bom eu ter me juntado a eles senão ele logo mataria alguém.

Os homens se levantaram, inclusive Matteo, porque ele sabia como manter as aparências mesmo que nunca me tratasse como Capo quando estávamos sozinhos, mas o tio Gottardo demorou a se levantar de sua cadeira, provavelmente era seu jeito de demonstrar que não me respeitava.

Apontei para que voltassem a se sentar enquanto eu passeava meus olhos entre eles. Lá estavam o tio Ermano, o irmão mais novo do meu pai, que era o Subchefe de Atlanta, e meu tio Gottardo, que controlava a capital Washington em meu nome. Em frente a eles, estava o tio Durant, que controlava Pittsburg e era o marido da minha tia Crimella, e, ao lado dele, o tio Felix, marido da tia Egidia e Subchefe de Baltimore. Os Subchefes que controlavam Charleston, Norfolk, Boston e Filadélfia não eram meus parentes, pelo menos, não a ponto de serem considerados da família. Todos os homens estavam na faixa dos quarenta aos sessenta anos, com exceção de Matteo e eu. Meus tios pensavam que eu era jovem demais para ser Capo. Eles não falavam isso abertamente, mas eu sabia pelos olhares que trocavam, pelos esporádicos comentários provocadores.

— Temos muito a discutir. Sei que esta é apenas nossa segunda reunião e vocês têm que se acostumar com meu modo de lidar com as coisas, porém, tenho certeza de que podemos controlar a ameaça Russa se trabalharmos em união.

— No tempo do seu pai, a Bratva nunca teria ousado atacar a mansão Vitiello. Eles mostravam respeito — falou Gottardo. Seu olhar continha desprezo. Ele ainda me odiava por ter estrangulado seu filho seis anos atrás, mas meu primo teve o que mereceu por tentar matar Matteo e a mim com a intenção de melhorar sua posição. Se dependesse de mim, Gottardo teria compartilhado do mesmo destino. Eu ainda duvidava de que Gottardo não estivesse envolvido em nada disso. Meu pai acreditou em suas alegações de inocência por motivos inexplicáveis, contudo, eu não acreditava no homem. Se eu tivesse que fazer uma declaração de sangue para me estabelecer como Capo, começaria com ele.

— Meu pai foi atingido na cabeça por um tiro da Bratva. Como isso demonstra respeito? — perguntei com um tom de voz mortal conforme ia para a frente da mesa. Não me sentei, querendo que eles esticassem a porra dos pescoços para olhar para mim. Deixe-os ver quem controla essa cidade agora, *quem os controla*. Eu não estava nem aí se estavam felizes que eu era Capo com

apenas vinte e três anos. Mataria cada filho da puta nesta sala se isso significasse que eu continuaria no poder.

Matteo me lançou um sorriso. Ele pegou sua faca enquanto Gottardo estava falando e, neste momento, girava-a nas mãos, com os pés apoiados na mesa. Ele definitivamente gostaria de uma declaração de sangue.

Gottardo e meus outros tios lançaram-lhe olhares nervosos. Eles nunca teriam se tornado Subchefes se não fosse pelo meu pai. Era aos outros homens que conquistaram a posição que eu precisava convencer da minha capacidade, porque seus soldados os respeitavam.

— Você precisa mandar outra mensagem para eles — falou Gottardo bruscamente.

Dei a volta e parei ao lado de sua cadeira. Ele fez menção de se levantar, mas eu o empurrei de volta.

— Eu lhes mandei Vitali em pedacinhos, uma carta de advertência anexada ao seu pau capado. Acho que entenderam a mensagem. A questão é se *você* entendeu a mensagem de que eu sou seu Capo, Gottardo. — Ele teve que esticar o pescoço todo para trás para me olhar nos olhos. Depois, olhou para Ermano ao seu lado pedindo ajuda, e, então, para os meus outros tios. Nenhum deles se mexeu para ir em seu auxílio.

— Seria bom respeitar os mais velhos. Talvez os outros sejam muito medrosos para dizer em voz alta, mas você não deveria ter se tornado Capo. Você pode ser forte e cruel, mas é jovem demais — resmungou ele, tentando salvar seu orgulho.

Matteo tirou os pés da mesa e o sorriso sumiu.

— E, por obséquio, quem deveria ser Capo em vez de mim? Você, *tio*? — falei com a voz baixa. — Afinal, sua família tentou me impedir de me tornar Capo uma vez e seu filho pagou com um pescoço quebrado pela traição.

Gottardo se levantou num pulo e, desta vez, deixei. Ele apenas alcançava meu nariz, então, se achava que conseguiria me impressionar assim, era um puta idiota.

— Ele teria sido melhor Capo que você. Eu seria um Capo melhor. Você, assim como seu pai, não está apto para tal honra.

— Gottardo, agora você está falando merda e sabe disso — resmungou Durant, olhando nervosamente entre Matteo e eu.

Dei meu sorriso mais frio para Gottardo.

— Isso soa muito como um desrespeito ao juramento para mim. Eu sou seu Capo.

— Eu nunca fiz um juramento para *te* seguir.

Ermano segurou seu irmão e tentou empurrá-lo de volta na cadeira, mas Gottardo resistiu.

— Pelo amor de Deus, Gottardo, cala a boca. O que deu em você?

— Não — cuspiu ele. — Primeiro Salvatore, agora, ele. Não vou seguir as ordens de alguém que poderia ser meu filho. Se não fosse pelo pai, ele não seria Capo. Ele herdou o título, mas não o mérito.

— Se você não fosse da família, eu cortaria fora sua língua agora — declarou Matteo ao chegar atrás de mim.

Eu queria matar Gottardo naquele instante, queria estrangulá-lo como fiz com a porra do filho dele. Eu tinha cem por cento de certeza de que ele mandou o filho me matar anos atrás.

Olhei para cada um dos meus Subchefes.

— O quão rápido vocês podem convocar seus Capitães e soldados para uma reunião?

Mansueto, Subchefe da Filadélfia, levantou-se, apoiando o peso de seu corpo na bengala. Desde que teve o segundo infarto há três meses, ele se tornou uma sombra do homem que eu conhecia. Sua família era leal até os ossos. Se ele morresse, traria mais problemas. Filadélfia era importante e Cassio, seu filho, era apenas quatro anos mais velho que eu.

— Hoje à noite. No máximo amanhã de manhã.

Todos os outros homens concordaram, menos Gottardo, que me observava com desconfiança, e Ermano, que falou:

— Leva pelo menos quinze horas para vir de Atlanta de carro. E não sei se podemos trazer todos de avião tão rápido. Amanhã de manhã seria melhor se você também pretende envolver os soldados.

Matteo me olhou de forma questionadora, entretanto, encarei Gottardo.

— Amanhã de manhã, então. Chame todos. Amanhã farei todos os Homens de Honra da *Famiglia* fazerem o juramento a mim.

Gottardo zombou.

— O que te faz pensar que eles farão isso? Talvez queiram outro para Capo.

Assenti. — Permitirei quem quer que se julgue mais merecedor que eu a me desafiar. Você pode competir contra mim. Se conseguir o apoio da maioria dos soldados, eu renuncio.

Matteo olhou para mim como se eu tivesse enlouquecido, mas eu sabia que

este era o único modo de obrigar todas as vozes que duvidavam de mim por causa da minha idade a se calarem.

— Amanhã às 11h na usina abandonada Yonkers — ordenei. Meus homens trocaram olhares. Foi ali que ocorreu o último banho de sangue da história da *Famiglia*, e a imprensa chamou o local de Portal do Inferno. Sorri ironicamente para Gottardo. — Boa sorte, tio.

Virei-me e saí, deixando-os em choque. Estava farto dessa porra de reunião. Até ter todo o apoio da *Famiglia*, não fazia sentido discutir sobre a Bratva.

Matteo veio correndo atrás de mim.

— Luca, você é o Capo. Por que está arriscando tudo?

— Não estou — falei. — Meus homens jurarão lealdade a mim.

Matteo parou com uma mão no meu ombro.

— Você deveria ter cortado a garganta do tio Gottardo. Teria calado os duvidosos também. Nós não somos a porra do Senado nem nada disso. Não votamos para nosso Capo, Luca.

— Eu sou o Capo mais novo da história e preciso silenciar meus inimigos. Desta vez, vou lhes dar a oportunidade de falar.

— E tem certeza de que continuará sendo Capo amanhã? — perguntou Matteo tranquilamente.

— A *Famiglia* precisa de força. Precisa de uma mão violenta. Meus homens sabem disso. — E todo mundo sabia que não havia ninguém que pudesse lidar com a vingança com mais violência do que eu.

Matteo assentiu, depois, apertou meu ombro.

— Espero que esteja certo, porque se não estiver, as coisas ficarão sangrentas.

Encontrei seu olhar. — Eu nunca mais vou ceder às ordens de ninguém. Ou eu vou governar o Leste, ou vou morrer lutando.

— Eu sei. Então, se as coisas não saírem como planejadas, teremos que sair esfaqueando e atirando. E nós dois podemos morrer, e odeio dizer isso, mas eu realmente odiaria morrer antes de ter a chance de foder Gianna pelo menos uma vez.

Balancei a cabeça. — Talvez eu esteja te salvando de muitos problemas se fizer com que nos matem.

Ele sorriu maliciosamente.

— Eu gosto de problemas — falou ele, como se eu não soubesse disso. — Você vai contar sobre isso a Aria?

Parei. Eu precisava descobrir um jeito de mantê-la segura se as coisas piorassem. Havia muitos homens a meu serviço que adorariam colocar as mãos nela, e isso nunca iria acontecer.

— Não — falei. — Não quero que ela se preocupe comigo.

Capítulo 2

ARIA

Algo estava errado. Soube assim que Luca chegou em casa ontem à noite, e minhas suspeitas foram confirmadas na manhã seguinte, quando o vi colocar seus coldres para pistolas e facas. Duas facas presas à frente, duas nas costas com duas outras por baixo. Mais duas nas panturrilhas. Luca me pediu para me arrumar também, mas não disse o motivo. Ele não foi muito comunicativo com nenhum tipo de informação, mas deve ter acontecido alguma coisa ontem com seus Subchefes para ele convocar uma reunião com toda a *Famiglia*.

— Luca, estou começando a ficar preocupada — falei em voz baixa enquanto escovava meus cabelos, depois, coloquei a escova em cima da minha penteadeira no quarto.

— Não se preocupe — afirmou, pegando minha mão e me puxando para seu peito. — Este sou eu sendo superprotetor. Você vai passar a manhã com Romero. Ele vai ficar de olho em você.

— Estou preocupada com você, não comigo — falei com um olhar de desagrado.

Sua expressão suavizou, entretanto, ele sorriu com ar superior.

— Sou difícil de matar.

Estremeci. — Alguém vai tentar te matar hoje?

Ele me deu um beijo na boca, me segurou com mais força, chegando ao ponto de dor, antes de se afastar. Segurando a minha mão, me levou para o andar de baixo onde Romero esperava, parecendo tão preocupado quanto eu. Depressa, ele disfarçou suas emoções quando me viu, mas já era tarde demais.

— Luca — sussurrei. — O que está acontecendo? Pensei que fosse apenas uma reunião da *Famiglia*.

Romero e Luca trocaram olhares, e Romero assentiu, depois, foi para a porta de entrada.

Luca segurou meu rosto, protegendo-nos com seu corpo da vista de Romero. Procurei consolo em seus olhos, mas ele me excluiu. O medo apertou meu peito e lágrimas encheram meus olhos. Talvez ele tentasse me proteger da realidade da vida da máfia, só que eu era filha do *Consigliere* da Outfit. A máfia estava no meu sangue. Conhecia suas regras, seu povo. Um novo Capo significava mudança no poder.

Luca balançou a cabeça.

— Não — grunhiu. — Nada de lágrimas.

Pisquei e respirei fundo.

— Você vai voltar para mim. — Foi mais uma pergunta do que uma afirmação.

Uma determinação sombria preencheu o semblante de Luca.

— Sempre. Mesmo que eu tenha que abater mil homens para isso.

Bom Deus. Eu acreditei nele. Ele me deu outro beijo, tentou recuar, mas segurei-me em sua cintura com mais força.

— Aria — falou baixinho, mas não o soltei. Luca fez um sinal para Romero e, um segundo depois, Romero segurava meus braços e me arrancava cuidadosamente de Luca. Após um último olhar, Luca saiu do apartamento. As portas do elevador se fecharam atrás de suas costas fortes.

— Vamos, Aria — falou Romero num tom gentil, me soltando. — É melhor irmos também.

— Ele está em perigo? É porque ele é um Capo jovem?

Romero balançou a cabeça.

— Luca não quer que você saiba dos detalhes. Não me pergunte o que não posso te responder.

*

LUCA

A usina Yonkers, com sua fachada de tijolos marrom-avermelhados despontava perto do rio Hudson, uma relíquia do passado em ruínas… como meus tios.

— O Portal para o Inferno — resmungou Matteo num sussurro enquanto estacionávamos perto da entrada. A redondeza abandonada da central elétrica estava lotada de carros.

Portal para o Inferno… A imprensa deu recentemente este nome para a construção por causa das guerras de gangues, mas o último banho de sangue verdadeiro foi organizado pela *Famiglia*, e talvez outro ocorresse hoje. Romero ia levar Aria para dar um passeio pela cidade. Eu não a queria na cobertura nem na mansão se as coisas ficassem intensas. Se Matteo e eu morrêssemos, Romero a levaria para Chicago. A Outfit a protegeria.

As duas chaminés se erguiam no céu parecendo canhões. Com alguma sorte, as armas amarradas ao meu peito não entrariam em ação hoje. Matteo e eu atravessamos os portões que rangiam, passamos pelos canos consumidos pela ferrugem, e entramos no salão principal do edifício no alto da catedral. Centenas de homens viraram para mim quando passei por eles. A parte da frente estava composta pelos soldados de Nova York e Boston, soldados com os quais trabalhei várias vezes ao longo dos anos, mas, nas fileiras atrás deles, vi rostos menos conhecidos: soldados de Washington e Atlanta, de Cleveland e Filadélfia, e das outras cidades da Costa Leste sob meu comando. Alguns deles nunca haviam me visto pessoalmente, apenas escutado as histórias e visto as fotografias da imprensa. Um burburinho passou por ali enquanto eles me encaravam. Eu não escolhi um terno de três peças para a ocasião como meu pai e os Capos antes dele teriam feito. Eu estava vestido com uma camisa social cinza-escuro justa, com as mangas arregaçadas, mostrando os músculos os quais me esforcei para ter.

Não escolhi uma das plataformas altas, que permitiam uma vista impressionante do salão, para o meu discurso. A distância teria diminuído o efeito que o meu tamanho tem sobre as pessoas. Queria que meus homens me vissem de perto, principalmente aqueles que não haviam me visto antes. Pulei numa plataforma baixa de concreto com parafusos enferrujados remanescentes antes de me voltar à *Famiglia* reunida. Matteo continuava ao lado. Tê-lo aqui em cima comigo teria dado a entender que eu precisava de seu reforço, mas hoje eu precisava mostrar aos meus homens que podia lidar com qualquer coisa por conta própria.

Levantei a mão e meus homens se calaram imediatamente. Gottardo, que estava bem ali na frente, olhou para mim com um desprezo mal dissimulado.

— Obrigado por atenderem ao meu chamado — irrompi. — Sei que os Capos antes de mim nunca convocaram uma reunião desta proporção, mas os tempos estão mudando e, enquanto somos presos às nossas tradições e regras, às quais sempre honrei, algumas coisas precisam ser mudadas. Precisamos nos adaptar para que a *Famiglia* continue forte, para que possamos enfrentar futuras ameaças e sair mais fortes.

A maioria dos soldados mais novos assentiu e até muitos dos mais antigos, porém, alguns rostos permaneceram céticos, entre eles, dos meus tios Gottardo e Ermano.

— Como meu sinal de respeito por vocês, convoquei esta reunião para que possam expressar suas preocupações antes de jurar lealdade a mim.

Sussurros de surpresa.

Fiz um gesto para Gottardo, que imediatamente se endireitou.

— Para lhes mostrar que estou falando sério, vou permitir que um dos meus críticos tome a palavra agora, meu tio Gottardo Vitiello, subchefe da *Famiglia* de Washington. Alguns de vocês já devem ter ouvido falar nele.

Não consegui resistir ao golpe. Gottardo sempre foi mais de falar do que de fazer. Duvidava que muitos deles já o tivessem visto fora de seu escritório.

Gottardo se aproximou e subiu na plataforma com certa dificuldade. Já fazia um tempo desde sua última briga, como comprovava a pança aparecendo por baixo do seu terno. Ele me deu um aceno de reconhecimento quase imperceptível e mais uma vez me perguntei se deveria ter seguido o conselho de Matteo e cortado a garganta do homem, mas ele era da família e eu, no mínimo, tinha que fingir que me importava com isso.

Gottardo limpou a garganta e abriu largamente os braços.

— Não quero faltar com o respeito. Quem me conhece, sabe que sou a favor do respeito. — começou ele, e eu tive que evitar revirar os olhos. Ele era a favor de falar mal das pessoas pelas costas. Isso não tinha nada a ver com respeito.

— Mas algumas coisas precisam ser ditas pelo bem da *Famiglia*. Precisamos de uma mão forte, uma mão experiente para nos guiar. Luca é forte, mas é jovem demais, inexperiente demais.

Alguns sussurros abismados surgiram. Minha expressão não revelava nada. Se meus homens pensassem que as palavras de Gottardo me impactavam, poderiam considerá-las verdadeiras.

— Nós temos muitos Subchefes capazes com décadas de experiência. Um deles pode se tornar Capo até Luca ficar mais velho.

Besteira do caralho. Assim que renunciasse, Gottardo, meus outros tios e seus filhos garantiriam que eu continuasse no mesmo lugar, provavelmente com uma faca nas minhas costas.

Levantei a mão novamente.

— Que nome incute respeito na Outfit? A vingança de quem a Bratva teme quando pensam em nos atacar? Sou membro da *Famiglia* há doze anos. Matei cerca de duzentos inimigos. É o meu nome que eles sussurram com medo. O Vice. Eles me temem porque meus atos falam mais alto do que a minha idade, porque sou capaz de fazer o que tem que ser feito, independentemente do quão sangrento, perigoso ou cruel seja. Você é mais velho, tio Gottardo, é verdade, mas de quantas lutas participou? Quantos homens já torturou? Quantos inimigos já matou? Você é *velho*. E isso é o que te salva hoje. Não vou te matar por falar contra seu Capo porque eu respeito os mais velhos. Eu os respeito contanto que me respeitem, então, da próxima vez que pensar em se rebelar, nem a sua idade, nem seu status de tio me impedirá de enfiar a minha faca no seu coração. —

Foquei nas centenas de homens abaixo de mim. — Os que lutaram ao meu lado sabem por que sou o Capo que a *Famiglia* precisa neste momento. Sei lutar, diferente de muitos Capos anteriores que passavam o tempo escondidos atrás de suas mesas e de seus guarda-costas. Mas posso agir com diplomacia, como a minha união com a filha de Rocco Scuderi deve ter provado.

— Nós não queremos a puta da Outfit na *Famiglia*! — gritou uma voz grossa.

Meus olhos giraram na direção de onde o grito havia vindo. Matteo me lançou seu sorriso destorcido pra caralho. Portal para o Inferno. Está noite haveria sangue.

— Quem disse isso? — perguntei.

Alguns homens se viraram para a minha direita. Foquei neles. Havia um babaca alto que eu não conhecia, provavelmente um dos homens de Gottardo, que olhou para mim.

— Quem? — urrei.

— Fui eu — admitiu ele com a voz firme.

Saltei da plataforma e caminhei em direção a ele no meio da multidão. Matteo vinha logo atrás de mim. Meus homens olhavam para mim com respeito e fascínio. A maioria deles era muito mais baixa que eu e, quando parei bem na frente do babaca que falou de Aria, ele também teve que inclinar a cabeça ligeiramente, mesmo tendo 1,90m. Eu sabia o que parecia para a maioria das pessoas: como se fosse o diabo surgindo do inferno.

— Prefiro saber o nome dos homens que eu mato, por isso, qual o seu nome?

— Giovanni — respondeu, tentando soar inabalado, mas não conseguiu. O suor cobria seu lábio superior e sua mão repousava na arma em sua cintura.

— Giovanni — repeti com o meu tom de voz mais mortal, aproximando-me ainda mais, e meus olhos lhe diziam o que o aguardava.

Ele recuou um passo, apenas um, mas todos viram.

Alarguei meu sorriso.

— Do que chamou a minha esposa?

Seu olhar tremia.

— Ela foi um pagamento para a trégua. É uma puta. — E logo acrescentou — Não sou o único que pensa assim.

— É mesmo? — perguntei, deixando meu olhar furioso deslizar sobre os homens por ali, a maioria era soldado de Gottardo. Nenhum deles confirmou o que Giovanni falou, mas dava para imaginar o que Gottardo lhes dissera. — Talvez eles te ajudem, Giovanni. Espero que alguns deles o faça para eu poder

trinchá-los também.

Giovanni estremeceu, segurando o cabo da arma. Minha mão voou para frente, fechando-se em seu pescoço, e joguei-o no chão, meti o joelho no peito dele para prendê-lo. Ele estava sufocando conforme meus dedos lhe cortavam o oxigênio. Olhei nos olhos dele, saboreando o pânico contido enquanto lutava contra a morte. Sua luta tornou-se espasmódica enquanto ele se arqueava e se contorcia, mas eu não aliviei. Estendi a mão para Matteo.

— Faca.

Eu tinha a minha, porém, custaria um esforço considerável para tirá-la da minha panturrilha ou do coldre traseiro com aquele babaca se contorcendo embaixo de mim. Matteo me entregou sua faca de esfolar preferida, com uma lâmina de carvão curta e afiada, feita para atravessar a carne como se fosse manteiga. Giovanni arregalou os olhos, de medo e pela falta de oxigênio.

Pouco antes de perder a consciência, soltei seu pescoço e ele abriu a boca para engolir ar. Encaixei minha mão no meio de sua mandíbula para mantê-la aberta, depois, levei a faca até sua língua. Ele mordeu, gritando roucamente, mas a lâmina cortou sua carne. A dor passou pelos meus dedos por causa de seu maxilar cerrado, mas já senti piores. Larguei a faca e peguei a língua pela metade, depois, rasguei-a com um puxão violento. Ele revirou os olhos quando o sangue encheu sua boca. E caiu para o lado, se contraindo. Em breve, morreria de hemorragia ou sufocado pelo próprio sangue.

A língua pegajosa ainda estava na minha mão, dei uma volta em círculo para mostrar aos meus homens que via a todos, então, deixei cair o pedaço inútil de carne no chão antes de voltar para a frente, minha mão e antebraço estavam cobertos de sangue. Pulei na plataforma e encarei a multidão, sem me incomodar em me limpar. Deixei-os ver o sangue, mas a maioria dos olhos estava fixo no meu rosto, e um respeito doentio distorceu suas feições.

— Minha esposa é uma mulher digna, *minha mulher*, e matarei qualquer um que se atrever a desrespeitá-la. — Esperava que isso encerrasse o assunto de uma vez por todas.

Matteo sorriu para mim enquanto segurava a faca cheia de sangue que eu larguei. Acenei para ele, que falou:

— Agora que demos um jeito na língua rebelde de Giovanni, está na hora de jurar lealdade ao seu Capo. Aqueles de vocês que ainda acham que Luca não serve para ser Capo, podem dar um passo à frente e não fazer o juramento. A decisão é sua. — Ele mostrou-lhes os dentes e limpou a lâmina na perna da calça.

Ninguém deu o passo para frente, e quando Matteo pôs a mão sobre o coração e começou a recitar nosso juramento, “Nascido no sangue, jurado com sangue”,

a multidão uniu-se a ele. Respirei fundo, assistindo aos meus homens enquanto eles olhavam para mim. Eu havia silenciado as críticas por ora, assustei-os para se calarem, mas eles não ficariam assim para sempre. No entanto, por enquanto, eu era o Capo, um Capo mais forte do que meu pai foi porque dei aos meus soldados a sensação de terem me escolhido. Mais tarde, quando desci, peguei a toalha que Matteo me entregou para limpar a mão antes de aceitar os cumprimentos dos meus soldados e apertar suas mãos.

Meus homens buscavam proximidade, principalmente os que nunca haviam se encontrado comigo antes. Eles apenas haviam falado de mim, e, agora, poderiam falar *comigo*. Dei-lhes o que estavam procurando. Conversas, tapinhas nos ombros.

Mansueto, Subchefe da Filadélfia, que se apoiava numa bengala, se aproximou de mim depois, acompanhado de seu filho, Cassio. Apertei a mão de Mansueto, depois, a de Cassio.

— Sua esposa traz esplendor e luz a Nova York. Em quase setenta anos, nunca vi uma beleza como a dela. Trégua ou não, você é abençoado em tê-la em sua cama.

Fiquei tenso.

— Pai — alertou Cassio, enviando-me um olhar de desculpa.

Mansueto sorriu e acenou.

— Protetor como deve ser. Eu sou um homem velho. Não ligue para mim.

Eu sabia que Aria era linda. Se tivesse nascido antigamente, teria sido uma rainha, dada a um rei por sua magnificência, e, mesmo agora, ela era destinada ao palco, a ser admirada por milhões. Ela seria o sonho erótico de milhões de adolescentes, assombraria as fantasias de milhões de homens casados que não conseguiriam se divertir com as figuras de suas próprias esposas… se ela não fosse a minha esposa. Mas eu era um babaca possessivo, e era por isso que ela sempre seria só minha. Cada pedacinho dela.

— Sei que hoje não é um bom dia, mas preciso discutir minha sucessão com você — falou Mansueto.

Cassio comprimiu os lábios.

— Você não vai morrer hoje, pai.

— Mas talvez morra amanhã — falou Mansueto.

Olhei para Cassio.

— Você vai assumir o lugar do seu pai.

Cassio inclinou a cabeça.

— Se você der permissão. Eu sou jovem.

Eu sorri com ironia.

— Não tão jovem quanto eu. A *Famiglia* precisa de sangue novo. — Virei-me para Mansueto. — Sem ofensa.

— Não me ofendi. Existem certas forças na *Famiglia* que nos atrasam. Mas tenho fé de que você vai cortar o problema pela raiz.

O olhar de Mansueto foi para o centro do salão onde Giovanni sangrava até a morte. Ninguém foi em seu auxílio.

— Vou, sim.

*

ARIA

Romero e eu estávamos rodando de carro por Nova York há quase duas horas. Eu estava começando a ficar agitada e Romero segurava o volante com mais força a cada instante que passava. Esta não era uma simples reunião da *Famiglia*, senão Luca não teria posto em prática esse tipo de precaução. Meu olhar foi atraído para o Edifício Flatiron quando passamos por ele no trânsito, tentando me distrair do meu pânico crescente… em vão.

— Luca é forte, Aria — garantiu-me Romero mais uma vez, porém, suas palavras não silenciaram meus medos. Ele conseguiu despentear completamente seu cabelo castanho-escuro de tanto passar as mãos nele, e, em troca, seu sinal evidente de nervosismo me deixou ainda mais nervosa.

Duas horas.

E se ele não voltasse para mim?

O telefone celular de Romero tocou e ele o pegou, seus olhos correram pela tela antes de voltarem para o para-brisa, e a tensão foi embora. Ele sorriu.

— Está tudo bem. Podemos ir para casa.

Eu desabei no banco, coloquei a mão na boca ao fechar os olhos e lutar contra lágrimas de alívio. Quando os abri novamente, Romero me observava com uma pontada de surpresa, entretanto, ele voltou a olhar para frente.

— Por quê? — perguntei baixinho. — Por que você está surpreso?

— Poucas pessoas achavam que você lidaria bem com o casamento com Luca. Muitas pensavam que você comemoraria sua morte — falou com cuidado.

— E o que você pensa? — perguntei.

Ele deu de ombros.

— Romero, acho que mereço a verdade.

— Quando eu te vi pela primeira vez, quando você tinha apenas quinze anos, senti pena de você. Não me entenda mal. Respeito Luca mais do que qualquer outra pessoa. Ele é o meu Capo, mas lutei ao lado dele durante anos. Sei o que sua vida faz com as pessoas, vi o que Salvatore Vitiello fez com Luca e Matteo. Luca nasceu e foi criado para ser Capo.

— Eu sei o que ele é — afirmei. — E o amo.

Romero sorriu de leve, seus olhos castanhos eram doces.

— Eu sei. Quando você tomou aquele tiro por ele isso ficou bem claro, mas ainda me surpreende algumas vezes.

— A mim também — admiti com uma risadinha, porque alguns meses atrás eu ainda era uma das pessoas que achavam que me tornar uma jovem viúva seria a melhor coisa que poderia me acontecer.

— Ele fará qualquer coisa por você, sabia?

Franzi a testa.

— Não se prejudicar a *Famiglia*.

Romero contorceu os lábios num sorriso irônico, porém, não falou nada.

*

A obscuridade pairava nos olhos de Luca quando ele voltou da reunião com a *Famiglia*, no final da tarde. No sofá da sala de estar, eu lia uma revista de viagem que destacava o sul da Itália, mas corri para ele no segundo em que Romero desapareceu dentro do elevador, joguei os braços em sua cintura e enterrei o rosto em seu peito. Ele cheirava a sangue, mas por baixo disso estava o reconfortante cheiro almiscarado de Luca. Ele me segurou por alguns segundos até eu me afastar para olhar em seu rosto.

— Você está bem? — perguntei-lhe aflita.

Ele não disse nada, apenas acariciou meus cabelos. Sorrindo, peguei sua mão e a levei aos meus lábios, beijando seus dedos. Quando os afastei, reparei no sangue seco que estava nas linhas finas entre eles. Enrijeci antes de conseguir controlar minha reação. Já tinha visto sangue antes. Nas camisas de Luca e em seu corpo, e em cada centímetro do chão da mansão depois do ataque da Bratva, mas isso era inesperado.

Luca fez uma careta e retirou a mão.

Olhei-o nos olhos.

— O que aconteceu? — Quando ficou claro que ele estava relutante em me contar, segurei novamente sua mão para lhe mostrar que um pouquinho de sangue não me incomodava e me aproximei dele. — Conte-me, por favor. Pode confiar em mim.

— Não quero te manchar com os horrores da minha vida.

— Seus horrores não me assustam. Estou aqui para te ajudar a lidar com eles.

Ele não pareceu convencido, mas respondeu mesmo assim.

— Tive que fazer uma declaração de sangue na reunião hoje.

— Declaração de sangue — repeti. Já tinha ouvido o termo antes. — Você matou um dos seus soldados?

Ele levantou a outra mão e levou até o meu rosto, descendo pelo meu pescoço, depois, no meu ombro.

— Tão inocente — sussurrou sombriamente.

Fiz um bico.

— Não sou mais tão inocente assim, graças a você. — A intenção era soar de forma sexual, para aliviar o clima, mas Luca assentiu, com os olhos brilhando de remorso.

— Ainda me lembro da primeira vez em que te vi. Porra, você era uma criança.

— Eu não era tão nova assim, Luca — contradisse-o. — E você é apenas cinco anos mais velho que eu. Você faz parecer que é um velho repugnante.

— Inclusive em nosso casamento você ainda tinha aquela inocência infantil. Era resguardada, protegida. Você era pura e eu, nada perto disso. Talvez eu não seja tão mais velho que você, mas já fiz tanta coisa, já vi tanta coisa.

Eu não sabia ao certo se ele estava falando das coisas que fez como Homem de Honra ou como solteiro cobiçado. Sabia que ele já tinha tido muitas mulheres. Uma olhada na imprensa e isso ficava muito claro. E não sabia muito bem onde ele queria chegar com aquelas palavras.

— Você nunca pareceu se incomodar com a minha falta de experiência…

— Não me incomodo. Sabe o quanto sou possessivo. Teria que ter matado todos os homens com quem você esteve no passado, então, é bom ser o único.

Soltei um suspiro de irritação, mas dava para sentir que seu humor estava se elevando ligeiramente.

— Com quantas mulheres você já dormiu? A sua primeira vez foi quando você tinha treze anos, então, foram dez anos antes de nos casarmos. — Estive

me perguntando sobre isso há um tempo, mesmo sem ter certeza se queria saber a resposta, só que eu sabia que isso distrairia Luca de quaisquer demônios que a reunião tenha invocado.

O semblante de Luca se fechou.

— Isso não é importante. É passado.

— Mas eu gostaria de saber.

— Não importa se foram cem ou mil antes de você, porque agora só existe você, Aria — afirmou Luca.

Suspirei. Ele provavelmente tinha razão, mas eu não podia deixar isso pra lá tão facilmente.

— Mil? — perguntei, arregalando os olhos.

Ele sorriu maliciosamente.

— Boa tentativa. Vamos apenas dizer que eu me aproveitava do que aparecia.

— E se aproveitou bastante — terminei.

— Não é importante — murmurou antes de me beijar. Eu sabia que não deveria ser, só que eu não podia evitar imaginar se um homem que estava acostumado a ficar com tantas mulheres podia algum dia sossegar com uma só, principalmente uma que aprendeu tudo que sabia sobre sexo com ele.

Capítulo 3

ARIA

O sol dos meados de outubro aqueceu minha pele quando desembarcamos do nosso jato particular no aeroporto de Palermo. Enquanto o clima em Nova York era cinzento e chuvoso, o brilho do sol e o calor nos saudaram na Sicília.

Inclinei o rosto para cima, desfrutando do toque dos raios do sol na minha pele. Em preparação para o clima mais quente, coloquei meu vestido maxi laranja com efeito *ombré* e o cinto dourado acentuando minha cintura, bem como minhas rasteirinhas douradas preferidas.

Luca apertou minha mão com força e eu lhe lancei um olhar, encontrando-o com uma carranca ameaçadora para o nosso piloto que estava me secando. Dei um puxão em sua mão e ele olhou para mim, desfazendo a carranca.

— Você é bonita demais.

— Claro — respondi rindo. — Vamos. Quero ver o iate. — Isso, e queria ir para longe do piloto antes que Luca resolvesse reduzir alguns membros dele.

Um motorista nos esperava ao lado de um *Maserati* SUV branco quando saímos do aeroporto.

— Ele é um soldado da *Famiglia* siciliana. Meu tio-avô é Capo.

Arregalei os olhos.

— Ah, sério? Vocês já se encontraram alguma vez?

— Duas vezes. Ele não foi ao funeral do meu pai porque estava colocando um marcapasso na época, está na casa dos setenta anos, então, em algum momento, Alessandro, seu neto, irá assumir.

— Não vai ser o filho?

— Está morto. Assassinado pela Camorra. Eles comandam Nápoles e Campânia.

— Ah. E quanto à Camorra nos Estados Unidos?

— Eles se mantêm no Oeste. Benedetto Falcone é louco de pedra.

Chegamos ao carro. Nosso motorista, uma cara alto com mais ou menos a mesma idade de Luca, de cabelos e barba escuros, apertou a mão de Luca e se apresentou como Alessandro, em italiano. Luca pareceu surpreso, depois falou em italiano fluente.

— Eu não te reconheci. Já faz um tempo. Não esperava que meu tio-avô mandasse o próprio neto para me receber.

Alessandro inclinou a cabeça.

— É um sinal de respeito, Luca, como Homens de Honra. — Ele se virou para mim e seus olhos percorreram meu corpo, claramente surpreso, antes de encontrar meu olhar e falar comigo num inglês com sotaque. — É uma honra conhecer a mulher com os cabelos dourados que trouxe trégua entre a Outfit e a *Famiglia*.

Eu quase bufei.

O olhar atento de Luca repousava no outro homem.

— Que também é minha esposa.

Fiquei irritada por eles falarem em inglês comigo, esperando que eu fosse incapaz de falar italiano. Eu podia ser famosa por minha beleza, mas tinha terminado a escola como a melhor da turma e poderia ter entrado para qualquer faculdade da *Ivy League* que quisesse se não fosse quem era.

Sorri apesar da minha irritação e falei num italiano impecável:

— Eu não trouxe a trégua, Luca trouxe, porque ele é o melhor Capo que Nova York já viu.

Os dois homens me encararam perplexos e eu ergui as sobrancelhas para Luca. A admiração brilhou em seu olhar antes que ele voltasse sua atenção a Alessandro.

— Meu tio-avô espera uma visita hoje?

O alívio se instalou em meu corpo quando Alessandro balançou a cabeça em negação.

— Ele sabe que você vai querer aproveitar a lua de mel com sua esposa. Mas, antes de voltar para Nova York, ele gostaria de um encontro.

— Com certeza — respondeu Luca.

Entramos no carro depois que Alessandro ajudou Luca a carregar nossas bagagens no porta-malas. Luca e eu nos sentamos atrás, com o que Alessandro não pareceu se importar. Eu desconfiava de que Luca queria ficar de olho no outro homem, então, fiquei contente quando Alessandro nos deixou no porto e foi embora. Luca puxou nossas duas malas pelo extenso deque em direção a um iate preto e branco… e não era pequeno como eu esperava. Luca me ajudou a subir no barco, depois, ergueu nossas bagagens no convés.

— Você sabe pilotar essa coisa? — perguntei.

Luca sorriu. — Sei. É como dirigir um carro.

Eu duvidava disso.

Ele me levou até o convés inferior, que era a expressão do chique luxuoso, com partes do teto feitas de vidro para permitir uma visão do céu. A mobília, as paredes e os carpetes variavam do branco ao creme, com alguns elementos de madeira mais escura. A área de descanso e a mesa de refeições foram feitas para pelo menos oito pessoas. Luca continuou se movendo até chegarmos ao quarto principal, com sua própria suíte. A cama *king-size* tinha um dossel cor de creme e espelhos na cabeceira, bem como no topo do dossel. Caminhei em direção a ela e olhei para os espelhos, meio envergonhada, meio curiosa.

Luca me observava com os braços cruzados e uma expressão faminta.

— Mal posso esperar para ver seu lindo corpo de todos os ângulos quando estiver dentro de você.

Meu rosto inflamou. Eu não tinha certeza se gostava da ideia de ser vista desse jeito, e, pior, de ver a mim mesma.

Luca veio até mim e acariciou meu rosto.

— Ainda inocente.

Franzi a testa. Não era bem isso. Eu só não estava entusiasmada em ter meu corpo apresentado em todos os ângulos desfavoráveis possíveis.

— Não tenho certeza se preciso ver tanto de mim mesma.

Luca riu.

— Não me diga que você é insegura, Aria. Caralho. Eu quase matei o piloto, o pessoal de terra e Alessandro por causa dos olhares deles e você se sente insegura em relação ao seu corpo. — Ele fez um gesto em minha direção.

— Só porque os outros não veem minhas imperfeições não significa que eu não veja.

Ele riu outra vez.

— Toda perfeita, Aria, acredite. Já vi muitas mulheres nuas e todas elas dariam um rim para ter metade da sua beleza.

— Você tem que dizer isso porque é meu marido — falei, mas estava começando a relaxar apesar dos espelhos. O que importava se eu não estava feliz com a minha aparência, contanto que Luca me achasse bonita?

Ele tocou minha cintura e se abaixou para meu ouvido:

— Eu não tenho que fazer coisa nenhuma. É a verdade. Agora, venha, antes que eu te jogue na cama e te mostre o quanto você é sexy pra caralho para mim.

Eu teria ficado perfeitamente bem com isso, mas o segui até o convés superior

e, depois, para a cabine de piloto elevada.

— Uau — falei.

Luca sorriu.

— Espere um segundo. Tenho que soltar as amarras.

Quando ele voltou alguns minutos depois, se pôs atrás do volante e deu partida no motor. Assisti fascinada enquanto ele apertava os botões e checava todos os tipos de telas que eu não fazia noção do que eram. O rosto de Luca ficou concentrado ao conduzir o iate para fora do porto rumo ao mar aberto.

— Podemos parar praticamente em qualquer lugar que quisermos e termos o lugar só para nós dois.

Eu gostei da ideia, gostei muito, principalmente da ideia de ter Luca só para mim.

*

LUCA

Dava para notar que Aria estava tão animada quanto eu com a perspectiva de ter o oceano e as praias desertas só para nós. Eu queria foder Aria na praia, no mar, no convés e embaixo daquele espelho. Tudo isso seria a primeira vez para Aria, o que deixava meu pau mais duro só de pensar.

Ela enrugou a testa.

— E quanto à comida?

Talvez nossas mentes não passeassem pelos mesmos caminhos sujos. Tive que reprimir um sorriso.

— Pedi à minha família que estocasse nossa geladeira e os armários com comida.

— Quer dizer que precisamos cozinhar?

A preocupação da Aria levou-me ao limite. Soltei uma gargalhada. Aria tinha tanto talento para a cozinha quanto eu. Ela definitivamente não era como as esposas italianas de antigamente.

— Vamos morrer de fome ou ter uma intoxicação alimentar — disse ela balançando a cabeça.

— Vamos dar um jeito, e, mesmo assim, eu só tenho fome de uma coisa — falei com a voz baixa, puxando Aria para mim.

— Por enquanto. Veremos como você vai se sentir depois de alguns dias sem

comida decente. — Ela se pressionou ao meu corpo, seus seios macios esfregaram-se nas minhas costelas e eu resolvi encontrar logo um ancoradouro. Quando chegamos a uma pequena enseada, ancorei o iate antes de Aria e eu irmos para a cozinha. Preparamos uma salada verde e enchemos nossos pratos com ciabatta, queijo pecorino, azeitonas e presunto de Parma antes de irmos para o convés, sentar nos móveis de descanso e observar o pôr do sol sobre o oceano.

Aria suspirou.

— Isso é incrível!

A vista mais incrível de todas era o halo dourado que o sol poente criou sobre a cabeça de Aria. Ela pôs um pedaço de pão na boca, engoliu em seco insegura.

— Você está com uma cara estranha.

Balancei a cabeça e comi algumas fatias de presunto. Por fim, minha fome por comida foi substituída por outra, então, pousei o prato e me inclinei para frente, deslizando minha mão por baixo do vestido dela. Os lábios de Aria se curvaram quando ela colocou outro pedacinho de queijo na boca. Ela ainda sentia vergonha de me seduzir, mas raramente ainda desviava os olhos. Subi a mão até a curva suave do seu joelho. Seus olhos escanearam as falésias ao redor.

— Somos só nós — garanti-lhe. Eu não arriscaria que ninguém visse o que era privilégio só meu. Ela pousou o prato e escorregou mais para perto, permitindo minha mão alcançar ainda mais em cima. Aceitei o convite e deslizei a mão entre suas coxas, meus dedos acariciaram sua pele macia. Ela suspirou suavemente, seus olhos cheios de necessidade enquanto se apoiava nos braços, com a cabeça inclinada e os cabelos caindo como seda dourada em seus ombros, roçando no couro da espreguiçadeira. Linda pra caralho para descrever.

Subi um pouco mais e rocei em suas dobras molhadas. Ergui as sobrancelhas.

— Sem calcinha? — rosnei e meu pau se contraiu.

Mesmo ao escurecer pude ver o rubor de Aria.

— Livrei-me dela antes do jantar.

Gemi. Caralho, ela estava ficando melhor nisso. Esfreguei o topo do meu polegar no clitóris e ela se pressionou em mim contorcendo o quadril. Com a minha mão livre, levantei seu vestido, revelando suas pernas esbeltas e sua boceta. Abaixei-me em um joelho e segurei sua bunda antes de puxá-la para minha boca ansiosa.

Aria gemeu.

— Isso, por favor — miou e, porra, quase gozei na calça. Ela ainda era pura, assim, para ela falar qualquer coisa era fantástico pra caralho. Eu sabia que ela adorava quando eu a lambia e eu adorava isso tanto quanto ela. Eu raramente

caía de boca em mulheres no passado, preferia fodê-las com força ou que elas chupassem meu pau, mas ter a boceta de Aria na minha boca era o paraíso. Nunca me esqueci do espanto em sua cara quando a chupei pela primeira vez.

Eu a venerava com meus lábios e minha língua, e esperava até que ela estivesse prestes a gozar antes de enfiar um dedo dentro dela. Era desse jeito que ela preferia. Um dedo apenas para levá-la ao limite enquanto eu chupava seu clitóris e, como de costume, era recompensado com seu grito de prazer e seus fluidos doces. Caralho. Eu adorava o gosto dela.

Quando sua respiração acalmou, afastei-me e beijei seu joelho antes de me endireitar. Aria olhou para mim com olhos de luxúria.

— Tire esse vestido, *principessa.* Me deixa ver o seu corpo perfeito.

Ela se levantou, tirou o vestido pela cabeça e o largou no chão, ficando completamente nua. Que tipo de imperfeição ela via? Não havia nenhuma.

Envolvi sua cintura e a puxei para mais perto para saborear seus mamilos antes de soltá-la e tirar rapidamente minhas roupas. Ela fechou a mão em volta do meu pau, porém, balancei a cabeça.

— Quero te foder, Aria. Fique de joelhos no sofá.

Ela hesitou, entretanto, fez o que pedi.

Posicionei-a para que ela ficasse de quatro na minha frente. Ainda não havíamos experimentado essa posição. Ela já tinha ficado inclinada num sofá, mas isso era novidade e eu adorava a vista que tinha da bunda dela.

Eu me coloquei sobre Aria quando percebi a tensão na coluna dela e senti sua boceta apertar contra a ponta do meu pau. Sem saber o que causou sua reação, acariciei suas costas, mas ela não relaxou. Estava tensa demais para que eu entrasse nela sem lhe causar dor.

— Aria? — chamei. Meu saco estava prestes a explodir.

Ela não reagiu, mas, agora, seus ombros caíram e sua respiração mudou. Ela estava chorando? Envolvi sua cintura, levantei-a e virei-a. Os olhos dela fixaram-se em mim. Ela não estava chorando, mas sua expressão deixava claro que estava chateada com alguma coisa.

— Desculpe — falou baixinho. — Podemos tentar outra posição?

— Primeiro me diga por que você ficou tensa. Qual o problema de ficar de quatro?

Ela abaixou o olhar, o que era um péssimo sinal.

— Fez eu me lembrar do dia em que te vi com Grace.

Caralho. Eu me senti o maior babaca do planeta, me abaixei e levantei o

queixo dela. Ela encontrou meus olhos, parecendo vulnerável pra caralho.

— Aria, eu já te disse que ela é coisa do passado. Não há nenhuma outra mulher na minha vida. Só você.

— Eu sei. Não sei por que não consigo esquecer isso.

Eu não tinha certeza do que fazer com a dor dela, então, a beijei. Recuando, sussurrei:

— Vamos entrar. Vou fazer amor com você na cama. — Quando ela hesitou, segurei seu rosto com as duas mãos e aproximei o meu. — Você é a única mulher com quem já fiz amor, Aria. — Se meus soldados me ouvissem agora, eu teria que fazer outra declaração ainda mais sangrenta para recuperar o respeito deles.

No entanto, quando a expressão de Aria suavizou, não me arrependi do que falei. Ela me seguiu no convés inferior até o nosso quarto. Estava calada e, quando a fiz deitar de costas na cama e passei os dedos em sua boceta, deu para perceber que não estava tão excitada quanto antes. Seus olhos estavam fechados, ou por causa do espelho, ou porque ela estava tentando esconder seus sentimentos de mim. Deitei-me ao lado dela e acariciei seu rosto. Ela abriu os olhos e a dor tinha ido embora, então, ficou tímida com o espelho. Com isso eu podia lidar.

Acenei para o espelho acima de nós e ela seguiu meu olhar. Seu corpo delicado parecia frágil em comparação ao meu; sua pele pálida, perfeita demais contra minhas cicatrizes e músculos rígidos. Seus olhos focaram na pequena cicatriz em seu ombro. Com certeza, Aria se incomodaria com uma pequeno defeito em seu corpo… o que não era nenhuma porra de defeito, porque era a prova do seu amor. Eu comecei a distraí-la e a reacender sua excitação. Segurei seu seio com uma mão, encaixei um mamilo entre o indicador e o dedo médio, deslizando para cima e para baixo. Aria abaixou o olhar.

— Não, *principessa*. Quero que você assista minhas mãos cultuando seu corpo.

Ela ergueu os olhos e não os tirou mais do espelho. Sua respiração ficou presa quando minha mão passeou mais para baixo.

— Abra as pernas — mandei, e ela obedeceu. Abri suas dobras com o polegar e o dedo do meio, deixando seu clitóris exposto. Ela arqueou os quadris, eu pressionei meu indicador e comecei a massagear em pequenos círculos. Seus lábios abriram quando ela balançou a pélvis. Logo estava tão pronta quanto antes. Recuei e subi no meio de suas pernas antes de puxá-la para mais perto, abrindo-as ainda mais e levantando sua bunda. Seus olhos ainda estavam focados no espelho e eu poderia ter gozado apenas por causa do olhar de necessidade e fascínio em seu rosto.

— Isso, amor, veja meu pau exigir sua boceta.

Ela estremeceu de desejo quando encostei a ponta do meu pau em sua abertura e escorreguei para dentro do seu canal apertado. Seu corpo me acolheu, cedendo à pressão, e a visão do meu pau enterrado bem no fundo dela fez meu saco apertar. Segurei seus quadris enquanto empurrava dentro dela num ritmo lento. Tenho sido lento e delicado com ela desde o tiro, e não me importava, mas hoje eu queria mais. Mesmo assim, depois da reação de Aria no convés, não quis pressioná-la.

*

ARIA

Luca fazendo amor comigo… nunca nada foi melhor do que isso, mas dava para ver a fome em seus olhos, a contração controlada de sua boca dizendo que ele precisava de mais, e eu estava muito pronta para isso. Enquanto eu amava seu lado mais leve, gostava igualmente da sua obscuridade, do seu lado mais duro durante o sexo. Enterrei os calcanhares no seu traseiro, encontrando seu olhar no espelho.

— Mais — sibilei, e ele obedeceu imediatamente, caindo para frente, apoiando seu peso nas mãos, seus olhos eram possessivos e famintos ao cravarem em mim, e, então, ele meteu com mais força dentro de mim.

Meus olhos encontraram o espelho novamente e ele ofegou.

— Sim, *principessa*. Olhe.

E assim eu fiz. Não poderia ter desviado o olhar nem se tentasse. Luca era magnífico e assisti-lo se apropriar de mim me excitava como nunca nada jamais me excitou. Os músculos em suas costas se movimentavam lindamente sob sua pele bronzeada e seu traseiro redondo se retesava a cada estocada. Ele era tão forte e poderoso. Todo másculo, todo alfa, todo meu.

Ele meteu com mais força dentro de mim, mais fundo, atingindo o ponto que eu nem conhecia antes dele, e gritei ao gozar. Luca abaixou os cotovelos, empurrando com mais força, me afundando na cama. Sua respiração ficou mais pesada e ele gemeu. Sua bunda retesou, seu ombro flexionou quando ele gozou dentro de mim, e eu quase gozei de novo ao vê-lo desse jeito nos espelhos. Como pude pensar que prestaria atenção ao meu corpo quando podia ver Luca? Corri as mãos sobre seus músculos, descendo até seu traseiro firme, maravilhada por este homem ser meu, e não apenas seu corpo, mas também seu coração. O passado não importava mais, muito menos a Grace. Eu não lhe daria o poder de estragar outro segundo da minha lua de mel.

Luca travou em cima de mim e enterrou o rosto nos meus cabelos, mas quando levantou o olhar, pude ver uma pergunta não formulada neles.

— Eu estou bem — falei. Depois, com a voz baixa: — Adorei o espelho.

Luca riu, um som sombrio do fundo do seu peito. — Eu sabia.

Ele saiu de dentro de mim e me puxou contra si. Este era um bom começo para a nossa lua de mel.

*

No dia seguinte, saímos cedo em direção a um vilarejo de pescadores que ficava infestado de turistas nos meses de verão, mas era calmo e pitoresco durante o resto do ano. Fomos à procura de uma pequena cafeteria para tomar o café da manhã já que nossa tentativa de fazer panquecas foi uma decepção total. Famintos, acomodamo-nos numa mesinha redonda perto do porto. Luca era enorme em comparação à cadeira de madeira e eu tive que segurar uma risada, mas ele estava relaxado. Mais relaxado do que se permitia ficar em casa. Claro que tinha uma arma presa na panturrilha e uma faca no coldre em seu peito, e era por isso que ele vestia uma blusa preta apesar do calor. Era menos aceitável mostrar armas por aqui, então, Luca teve que se adaptar. Pedi um capuccino e biscoitos, ainda que os nativos normalmente guardassem essas guloseimas para a tarde. Depois disso, Luca e eu passeamos pela orla sob olhares curiosos dos nativos e turistas.

— Venha, vamos voltar para o barco. Prefiro nossa privacidade.

Tive que concordar. Luca e eu simplesmente atraíamos muita atenção, o que tinha mais a ver com o fato de que Luca parecia um jogador de futebol americano profissional dado seu tamanho.

Luca encontrou outra enseada deserta para nós. Meus olhos vagaram pela água cristalina em direção à praia intocada em forma de meia-lua. Luca estendeu um *snorkel* e uma máscara de mergulho.

— O que acha de um mergulho?

Surpresa, peguei os dois.

— Nunca fiz *snorkel* antes.

— Vai fazer agora.

Já estávamos com nosso equipamento de mergulho, então, só tivemos que colocar a máscara e o *snorkel*. Não pude evitar um sorriso ao ver Luca vestido daquele jeito.

— Não achava que fizesse o tipo que pratica *snorkel*. Afinal, não dá para levar armas para dentro d’água.

Ele ergueu as sobrancelhas e levantou um coldre de panturrilha com uma faca curvada antes de prendê-la em sua perna. Claro que ele levaria uma arma.

Ele me cutucou em direção à plataforma no final do iate. Sentei-me na beirada e deslizei devagar para dentro da água. Nunca nadei tão longe e fiquei preocupada que não ver o chão sob meus pés fosse me deixar nervosa, só que quando Luca se juntou a mim veio com ele uma sensação de segurança. Luca me protegeria. Ele devia ser o predador mais perigoso nessas águas. Reprimi um sorriso diante do pensamento. No instante em que coloquei a cabeça debaixo d'água e vi o que havia ali – peixe e, mais fundo, formações rochosas fascinantes – esqueci minhas preocupações. Luca e eu mergulhamos por quase uma hora, ele sempre perto de mim, protetor como sempre.

Em seguida, Luca e eu jantamos antes de ele nos levar à praia em um barco inflável. Ele estendeu um cobertor na areia e eu me joguei em cima do objeto enquanto Luca pegava o champanhe da bolsa térmica e se acomodava ao meu lado. A maresia estava presa em meu nariz.

Ele encheu duas taças e me entregou uma. Brindamos e nos beijamos antes de darmos um gole. Fui me acostumando ao sabor com o passar dos anos e tive que aprender a apreciar o gosto amargo e as bolhas explodindo na minha língua. Luca me abraçou pela cintura com um braço, me puxando contra si, enquanto assistíamos ao sol se pôr no mar em tons de rosa e laranja.

— Nunca imaginei que seria assim — admiti num sussurro.

Luca se virou para mim.

— O que, exatamente?

— Nós dois, nosso casamento — falei. — Nos três anos até o casamento, imaginei como você me trataria. Ouvia as histórias de Umberto sobre suas lutas, sobre como você estrangulou um homem, como matou a primeira vez aos onze anos… e eu só conseguia pensar que não sobreviveria se você fosse o homem que ele e todo mundo descrevia.

Calei-me, meus olhos atentos às ondas. Meus medos ainda estavam frescos na minha mente, ainda preenchiam minhas noites três meses atrás e, agora, eu estava sentada ao lado de Luca com champanhe, sentindo-me mais segura do que jamais me senti na vida. Luca me observava com uma atenção redobrada, mas não me interrompeu quando continuei:

— Nosso pai nos batia de vez em quando, mais em Gianna do que em mim e em Lily, mas fiquei preocupada que você fizesse pior. — A mão de Luca ficou tensa na minha cintura, porém, prossegui. — É verdade que eu era protegida, mas as mulheres conversavam e o que ouvi muitas delas falando sobre como os Homens de Honra tratavam suas esposas me apavorava… e estes homens nem eram chamados de "O Vice". Sei que não estamos casados há muito tempo, mas

se você continuar me tratando como agora, serei mais feliz do que pensei ser possível. Sei que posso me considerar sortuda. Sei disso sempre que outra mulher me oferece palavras de consolo e me lança olhares de compaixão porque sou sua esposa.

Enfim, encontrei seu olhar. As sombras brincavam em suas feições marcantes, mas seus olhos pareciam incendiar de emoção.

— Por que você não é o monstro que todos temem quando está comigo?

Ele não respondeu, apenas respirou fundo. Esperei, querendo que ele me respondesse.

— Porque não quero ser. Quero que esta parte da minha vida seja boa, pura. O resto da minha vida sempre foi cheia de violência e morte. A crueldade corre na minha veia e sou, com prazer, o monstro que eles temem sempre que não estou com você porque é a minha natureza e eu gosto disso, só que não com você, nunca com você, Aria, eu juro.

Inclinei a cabeça.

— É possível? Jurar algo assim?

Ele pensou sobre isso por alguns segundos antes de murmurar:

— É, sim, a menos que você faça algo tão imperdoável que eu surte.

— E então…? — instiguei.

Luca emitiu um som gutural baixo e roçou os lábios na minha têmpora.

— Não vai chegar a isso.

Assenti e dei outro gole no champanhe.

— Seu pai chegou a levantar a mão para você depois do nosso noivado? — sussurrou Luca sombriamente.

Hesitei.

Era só dessa resposta que Luca precisava e ele ficou rígido.

— Eu o avisei para não encostar em você.

Toquei seu antebraço.

— Isso é passado, Luca. Não deixe que estrague o presente.

Deu para notar que ele estava relutante em deixar isso para trás, e eu resolvi seguir meu próprio conselho. Esvaziei a minha taça, pousei-a, depois, me desprendi de Luca e me levantei. Tirei o vestido e larguei-o na areia ao lado de Luca, que me observava com ansiedade. A única luz vinha dos faróis do nosso iate e da pequena lanterna solar que Luca pôs no cobertor. A brisa fez meus

cabelos voarem quando sorri para Luca. Ele se levantou e tirou a roupa, uma arrepio de excitação passou por mim diante da visão de sua nudez. Ele se aproximou e se abaixou para me beijar. Minhas mãos passearam pelo seu peito e pelo abdômen tanquinho enquanto a dele descia pelas minhas costas para segurar a minha bunda. Logo, minha necessidade em sentir Luca dentro de mim afogou todo o resto quando ele me manipulou com dedos fortes e experientes. Seu membro cutucava insistentemente a minha barriga. Eu recuei, sem ar, recuperando o fôlego antes de falar:

— Quero tentar aquela posição outra vez.

Luca assentiu, mas deu para perceber que ele estava apreensivo quando voltamos para o cobertor. Virei de costas para ele e fiquei de quatro. Meu estômago contorcia de nervoso. Por alguma razão, preocupei-me que esta posição, mais do que qualquer outra, fizesse Luca me comparar a suas amantes anteriores. Vi como ele fodia Grace, com quanta força ela o deixava possuí-la, quão descontrolado ele estava. Às vezes, meu corpo ainda se contraía quando eu não queria que ele o fizesse e, às vezes, novas posições me traziam desconforto.

Luca acariciou minhas costas, o gesto foi tão reverencial que relaxei sob seu toque. Ele encostou em mim, mas não entrou. Em vez disso, levou a mão à frente e começou a me acariciar. Gemi e recuei um pouco para que a ponta do pau de Luca entrasse. Ele soltou um suspiro antes de ir mais fundo e, quando me preencheu completamente, percebi por que ele preferia a posição. Ele estava mais fundo do que nunca e eu tive que respirar devagar por causa da nova sensação. Tive a impressão de estar muito estendida. Luca agarrou meus quadris e retirou lentamente antes de meter de novo no mesmo compasso. Ele encontrou um ritmo lento e gentil, e pouco a pouco meu corpo começou a se acostumar a este ângulo. Luca não acelerou e, apesar da pontada de dor que causava, movimentei meus quadris com mais rapidez para encontrar suas estocadas e lhe mostrar que ele não precisava se conter. No entanto, seus dedos apertaram minha cintura, me contendo.

— Não, amor — grunhiu ele. — Você ainda está tensa comigo dentro de você.

— Não ligo — escapou. — Pode ir mais rápido.

Luca se inclinou para frente, entrando ainda mais fundo, e eu prendi a respiração quando ele encostou o peito nas minhas costas.

— Não, não posso. Não sem te machucar.

— Quero que você tenha prazer.

— Não vou ter prazer nenhum te causando dor, acredite — falou com a voz rouca. — Temos a vida inteira para experimentar todas as posições. Não se pressione porque acha que precisa cumprir certas expectativas, porque você ultrapassa todas elas no que me diz respeito.

Ele saiu de dentro de mim. Meu suspiro de protesto cessou quando Luca me virou e me ergueu em seu colo.

— Monte em mim. Quero olhar para sua cara.

Analisando seu olhar, descobri que ele estava falando sério e sorri ao me abaixar em seu membro. Nossos olhares ficaram travados conforme eu balançava os quadris, e o prazer disparou no meu centro, até quando a tensão se acumulou em níveis impossíveis, cavalguei em Luca num ritmo lento. Seus suspiros ficaram mais profundos quando ele se grudou à minha cintura, então, meu orgasmo ondulou pelo meu corpo, e Luca ficou tenso embaixo de mim, jogando a cabeça para trás ao gozar dentro. Beijei seu pescoço, sentindo sua pulsação contra meus lábios. Dei uma mordidinha e o pau de Luca se contraiu dentro de mim quando ele grunhiu. Sorri contra sua pele. *Meu.*

*

Nossos dias no iate passaram rápido demais, e quando o deixamos no porto de Harbor em nosso último dia, fiquei melancólica.

Luca pareceu notar.

— Voltaremos na primavera, prometo.

Sorri agradecida.

Ainda tínhamos que fazer uma visita ao tio-avô de Luca antes de podermos voltar a Nova York, e deu para ver que o comportamento de Luca mudou quando entramos no carro de Alessandro, que foi nos buscar no porto. Luca estava de volta ao modo Capo, de volta ao modo alerta. Agora, não havia nada de suave nem gentil em sua expressão. Às vezes, quando eu via os olhares que ele lançava às outras pessoas, lembrava-me dos meus medos do passado, e senti um alívio imenso por serem apenas isso: lembranças.

— *Aproveitaram a lua-de-mel?* — perguntou Alessandro, desta vez sem se importar com o inglês. Ele estava jogando conversa fora, mas deu para notar que não estava muito a fim disso.

— *Aproveitamos, sim, obrigada* — falei. Alessandro olhou para Luca pelo espelho retrovisor como se estivesse surpreso por Luca não ter respondido. Pensei que a pergunta tivesse sido direcionada a nós dois.

— Tem algum motivo para o meu tio-avô querer conversar comigo além de reavivar os laços familiares? — *Luca foi direto ao assunto.*

— *Ele vai te explicar* — disse Alessandro numa voz entrecortada, e os olhares que eles compartilharam me deu um arrepio na espinha. O ar pareceu ficar denso com a posição dominante deles. Era como estar trancada numa jaula com dois

lobos alfas.

Chegamos a uma mansão trinta minutos depois. Ela me lembrava das vilas que vi na Toscana com suas fachadas e colunas cor de creme. A família de Luca colocara uma mesa extensa no jardim antes da entrada principal. Fui recebida por um monte de mulheres com beijos e abraços e olhares de admiração para os meus cabelos. Todas elas tinham os cabelos pretos como os de Luca. Como sempre, eu me destaquei. Imediatamente, Luca se aproximou de um senhor alto de bigode. Seu tio-avô. E, depois de um instante, também fui até eles para cumprimentar o Capo da *Famiglia* siciliana. Seus olhos escuros me contemplaram, demorando em meus cabelos como sempre acontecia, depois, ele sorriu.

— *Você deve ser o orgulho da Outfit.*

— *Agora, faço parte da Famiglia, mas obrigada* — respondi, mostrando-lhe meu sorriso vitorioso para suavizar minha objeção.

Ele riu, um som rouco, depois, pegou um charuto. Ofereceu um a Luca, que aceitou. Reprimi um tremor. Odiava o cheiro daquilo.

— Me chame de Adalberto. Posso te chamar de Aria? — Adalberto olhou para Luca, buscando o seu consentimento. Luca inclinou a cabeça.

Claro que a minha opinião não lhes interessava.

— Por que não vai ajudar as minhas filhas e netas a preparar a nossa refeição? — *falou Adalberto.*

Luca contorceu a boca, mas eu duvidei que alguém além de mim tenha reparado.

— *É, Aria, por que não vai?*

O comentário mordaz não saiu da minha boca. Mais tarde, quando estivéssemos a sós, faria Luca pagar.

Segui as mulheres para uma cozinha imensa e esperei que elas me dessem uma tarefa com a qual eu pudesse lidar. Havia várias panelas em cima do fogão e um cordeiro inteiro pendurado em um gancho no teto, já sem a pele, com os olhos mortos me encarando. Logo me vi cercada por italianas tagarelas, que falavam tão rápido que até tive dificuldade em entender todas as palavras que falavam, e comecei a preparar as alcachofras. Nunca havia visto ninguém preparando isso e não fazia nenhuma ideia de como fazer. Quando minha ignorância se tornou óbvia, Livia, a irmã caçula de Alessandro, que tinha apenas doze anos, pegou a faca da minha mão e me mostrou como fazer e logo depois assumiu inteiramente, quando minha incompetência estragou dois vegetais. No fim, foi me dada a tarefa de mexer a sopa em uma das panelas. As mulheres foram gentis apesar da minha inutilidade, mas deu para perceber que ficaram

surpresas por eu não saber cozinhar.

— *Acho que os homens na América não esperam que as esposas cozinhem.* — Quem falou foi uma das irmãs de Adalberto, uma matrona na casa dos quarenta. Eu duvidava que a maior parte dos italianos esperava que as esposas fossem perfeitas cozinheiras, mas estas eram mulheres da máfia e a máfia estava presa no passado.

— *Olhe para esse cabelo… quem se importa se ela cozinha?* — falou Livia, ficando corada quando sorri para ela. Seu comentário foi recebido com uma onda de acenos. O papel de loira burra não me caía bem, porém, eu sabia que elas não queriam ser más. Todos sabiam que Luca não havia se casado comigo pela minha inteligência. Nem ele nem eu tivemos escolha no assunto.

Mais tarde, quando servimos a comida pronta para os homens e Adalberto perguntou como me saí, as mulheres elogiaram minhas habilidades. Apenas Luca sabia que era uma mentira descarada. Nunca seria uma boa cozinheira nem nada perto disso. Deu para ver pelo aperto em seus olhos que sua conversa com Adalberto e Alessandro, que estava sentado com eles, mas evitava o olhar de Luca, deve tê-lo preocupado.

Depois, quando finalmente estávamos sozinhos em nosso avião, tive a oportunidade de lhe perguntar sobre isso.

— As coisas estão ficando difíceis para a *Famiglia* por aqui. Meu tio-avô perguntou se eu acolheria Alessandro e as irmãs se as coisas saíssem do controle.

— E você vai?

— Claro. Somos família. A honra me conduz, só que Alessandro está destinado a se tornar Capo. Ele não se curvará facilmente ao meu comando. Espero que não chegue a esse ponto. — Sua expressão mudou de preocupação para algo mais relaxado. — Ouvi dizer que você se transformou numa chef de cozinha do nada. Posso esperar jantares sofisticados daqui para frente?

— Claro — falei suavemente. — Você sabe o quanto Marianna gosta de fazer de tudo.

Luca riu. Nossa governanta era uma salvadora no que dizia respeito à comida. Frequentemente, ela preparava várias refeições com antecedência e as colocava em potes de plástico na nossa geladeira para não morrermos de fome.

— Você é uma dona de casa terrível.

Bufei. — Não fui criada para ser dona de casa. Fui criada para ser uma esposa-troféu. — As palavras deixaram um gosto amargo na minha boca, porém, era verdade e eu precisava assumir isso.

Luca balançou a cabeça, seus olhos eram reverentes ao passearem pelo meu

corpo.

— Você nasceu para ser rainha.

Capítulo 4

LUCA

Os dias se passaram rápido depois do nosso retorno a Nova York e logo novembro chegou, e com ele a porra da festa de noivado de Matteo e Gianna. A garota nem tentava esconder que não queria se casar com Matteo.

Se dependesse de mim, teria deixado Scuderi casá-la com qualquer velho nojento que ele tivesse escolhido para ela antes de Matteo bancar a porra do herói e pedir sua mão.

Ela traria problemas para Nova York e fiquei contente por ainda faltar mais de seis meses para o casamento porque problemas adicionais eram a última coisa de que eu precisava no momento.

Dante entrou na mansão com Scuderi e Fabiano, que tinha nove anos e vinha atrás deles como um cachorrinho perdido. Gianna e Liliana haviam chegado mais cedo com a mãe e subiram imediatamente para se arrumarem para as comemorações. Nenhuma das mulheres se sentia confortável perto de mim.

Dante e Scuderi não passariam a noite sob meu teto. Eles preferiram um hotel próximo, e eu fiquei aliviado pra caralho. Talvez nossos pais tivessem concordado com uma trégua, mas Dante e eu não confiávamos um no outro. Eu não o queria debaixo do mesmo teto que Aria. Não que ele tivesse algum interesse nela. Ele ainda não havia substituído seu pai, Fiore Cavallaro, oficialmente como Chefe, mas todos sabiam que ele já estava comandando o show em Chicago.

— Eu ainda não consigo suportar a cara de merda deles — resmungou Matteo. — Scuderi, principalmente, me faz querer melhorar sua cara com a minha faca.

Talvez algum dia, mas não hoje.

Fui até eles e estendi a mão para Dante como mandava a tradição.

— Dante — falei com neutralidade, que era o tom mais amigável que eu conseguia manter. — Soube que ficou noivo recentemente. Meus parabéns.

Dante inclinou a cabeça.

— O casamento não será um grande evento como foi o seu com Aria.

— Mesmo assim, ficaremos honrados em comparecer. — Evidente que recebemos um convite e éramos obrigados a ir, mesmo que não desse a mínima

se Dante se casava ou não.

Dante inclinou a cabeça, seu olhar era frio e desconfiado. Apertei a mão de Scuderi depois e com um pouco mais de força do que o necessário, lembrando o que Aria me falou na Sicília, que ele havia batido nela depois do nosso noivado, mesmo após eu ter lhe dito que ela era minha.

Suas sobrancelhas uniram-se.

— Luca.

Soltei sua mão.

— Rocco.

— Onde está Aria?

— Ela está falando com o serviço de buffet sobre algumas mudanças de última hora, mas aparecerá a qualquer instante.

— Romero ainda é o guarda-costas dela? Nunca entendi como você deixa um homem atraente na mesma faixa etária dela protegê-la. Eu não permitiria à minha esposa uma oportunidade dessas.

Assim que essa trégua estivesse acabada, eu o caçaria e lhe mostraria como é se afogar no próprio sangue. Sorri friamente, minha voz estava inflexível.

— Meus homens sabem que ela é minha. Ninguém ousaria olhar de forma inadequada para ela. Homens como seu sobrinho Raffaele seriam esfolados em Nova York, a pele deixada secando para fazer um lindo tapete para o meu escritório.

O rosto de Scuderi ficou vermelho.

Dante apenas me olhou com a mesma frieza de sempre.

— Acredito que nós viemos para comemorar um noivado, não esfolar ninguém. — Seus olhos diziam que ele preferiria o último.

Inclinei a cabeça.

— Claro. Queremos aprofundar nossos laços, certo?

— Certo — falou Dante, e o silêncio se seguiu.

Além de mim, Matteo parecia que apenas estava esperando por um sinal meu para sacar de suas facas e esculpir um sorriso em seus pescoços.

Meus olhos foram para a pequena figura atrás de Scuderi que nos observava com imensos olhos azuis, os mesmos olhos de Aria.

— Fabiano — falei, tentando suavizar minha voz, mas só consegui um pouco.

Ele olhou para cima, para o pai, que lhe deu um aceno forçado antes de

Fabiano dar um passo para frente e estender a mão. Eu apertei-a, depois, a criança estreitou os olhos.

— Onde estão Gianna e Lily?

O protecionismo soava em sua jovem voz, e eu tive que reprimir um sorriso.

— Ele as enterrou no quintal — falou Matteo sorrindo.

Fabiano estremeceu e eu fechei a cara para Matteo.

— Elas estão lá em cima — disse a Fabiano e apertei levemente um pouco mais sua mão, enviando-lhe um olhar de advertência. Ele ainda era uma criança, mas eu não toleraria sua insolência no meu próprio território.

Ele abaixou o olhar e eu o soltei.

— Não estou te dizendo nada que você já não saiba, mas terá que colocar Gianna nos eixos. Ela precisa de uma mão forte — manifestou Scuderi, e o sorriso de resposta de Matteo me enviou um alerta máximo.

Dante se esticou. Três anos de trégua. Quanto tempo mais?

A porta abriu e Romero entrou, verificando se o clima estava tranquilo antes de permitir que Aria entrasse. Suas sobrancelhas uniram-se quando percebeu a tensão entre nós, então, ele estendeu o braço para barrar a passagem de Aria. Claro que ela não aceitaria isso, seus olhos se voltaram para o irmão.

Ela passou embaixo do braço de Romero.

— Fabi! — gritou ela, abrindo um sorriso ao correr em nossa direção. Ela se jogou em cima do irmão e o abraçou com força. A felicidade descontrolada em seu rosto tirou qualquer pensamento violento que eu nutria. Ela se afastou, analisando o irmão. — Você cresceu mais. Quando vai parar?

— Quando eu for tão grande quanto Luca — afirmou Fabiano.

E Aria deu aquela risada que parecia sinos tocando e que eu amava pra caralho mais do que qualquer coisa.

— Então, teremos que te dar muito o que comer. — Ela ergueu o olhar para mim, tão cheio de felicidade e amor que eu tive dificuldade em não demonstrar nenhuma emoção. Sua expressão murchou ligeiramente antes de perceber a presença de Dante e de seu pai. Educação e elegância assumiram seu semblante ao se aproximar do pai e beijá-lo no rosto. — Papai.

Depois, ela se virou para Dante. Pela tensão em seus ombros, pude perceber que ele a assustava, e aquela visão foi o bastante para me fazer querer avançar, mas a mão de Matteo no meu antebraço, um alerta silencioso, me deteve. Lancei-lhe um olhar. Agora, ele tinha que me impedir de quebrar a trégua, sério?

Dante deve ter percebido algo do que estava em meus pensamentos, porque

estreitou os olhos ligeiramente antes de pegar a mão de Aria e beijá-la. Ele a soltou depressa e ela recuou. Ela veio para o meu lado e eu coloquei a mão em sua cintura. *Minha.*

— O bolo já chegou? — perguntou ela. — O serviço de buffet disse que não conseguiram falar com a confeitaria e ninguém atendeu quando tentei ligar.

Olhei para ela. Eu nem sabia que havíamos encomendado bolo.

Ela suspirou. — Acho melhor Romero me levar lá. — Ela se virou para olhar para o irmão. — Por que você não vem comigo?

Reprimi um sorriso. Aria havia se dado conta do clima tenso e quis seu irmão longe disso.

Fabiano olhou para o pai, que gesticulou para ele.

— Você só está atrapalhando mesmo.

Aria abraçou o irmão de forma protetora com um braço, endurecendo o olhar.

— Venha. — Ela levantou o olhar para o meu. — Se Gianna e Lily perguntarem por mim, por favor, diga que já volto. — Ela me deu um breve sorriso, mas não me beijou. Haveria tempo para isso quando estivéssemos a sós.

— Devo admitir que Aria parece surpreendentemente relaxada perto de você. Dada sua reputação, pensei que ela ficaria temerosa na sua frente — falou Scuderi. — Mas creio que algumas reputações são enganosas.

— Não existe espaço para o medo num casamento — declarou Dante, e eu senti algo parecido com respeito por ele.

*

Várias horas haviam se passado e minhas suspeitas foram confirmadas quando Gianna causou uma cena, deixando sua relutância em se casar evidentemente clara para qualquer um que tivesse a infelicidade de estar por perto.

Matteo levou a sério. Ele era o mestre dos jogos e ela seria sua vitória final, pelo menos era o que ele achava. Eu desconfiava de que a ruiva não apenas faria da vida dele um inferno, mas também a minha. Eu só podia esperar que ela não arrastasse Aria para o problema porque, quando dizia respeito aos irmãos, Aria perdia todo o senso de instinto de sobrevivência.

*

— O que você vai fazer em relação à festa? — perguntou Matteo.

Fiz uma careta. Tinha adiado a decisão até agora. Sempre que Aria perguntava

o que iríamos fazer no réveillon, eu fingia que ainda não havia decidido, mas era uma mentira do caralho. Como todos os anos, fui convidado para o evento social em Nova York: a festa de réveillon do Senador Parker. A *Famiglia* vinha trabalhando junto com ele há muitos anos e era esperado que eu comparecesse já que era o Capo atual.

— Eu vou e você também.

— E Aria?

Esse seria um problema maior. Ela era minha esposa e claro que todos esperavam que ela também fosse, e eu a queria ao meu lado… se não fosse o caso de Grace também estar lá. Eu não a via desde que Aria me pegou com ela, e obriguei o Senador a mandar a filha para a Inglaterra, mas ela voltaria para a festa, como era esperado.

— Ela vai conosco.

— Isso traz a possibilidade de um escândalo — resmungou Matteo.

Como se eu não soubesse disso. Não que eu me importasse com um escândalo, mas me importava com os sentimentos de Aria.

— Tem certeza de que Grace não vai fazer uma cena? Você nunca deu o fora nela.

— Nunca dei o fora nela porque não estava namorando. Eu fodia ela… e outras mulheres. — Claro que outro motivo por eu não a ver de novo era que eu queria matá-la por pagar ao Rick para colocar sedativo na bebida de Aria. Se ela não fosse uma mulher e, mais importante, a filha de um Senador, teria metido uma bala na cabeça dela.

— Grace pode não concordar.

— Eu não estou nem aí. É melhor ela manter a boca fechada e tratar Aria com o devido respeito, senão, vou fazê-la se arrepender.

Naquela noite, quando Aria e eu nos deitamos na cama, eu finalmente abordei o assunto que estive evitando.

— Fomos convidados para uma festa de réveillon.

Aria levantou a cabeça do meu peito, intrigada.

— Certo. E você só descobriu isso cinco dias antes da festa?

Balancei a cabeça. — Já tem um tempo que eu sei.

Ela se sentou e olhou confusa para mim.

— E não me contou… por quê?

— A festa é do Senador Parker.

Aria enrijeceu e começou a sair da cama, mas segurei-a pela cintura.

— Por favor — sussurrou. — Me solta.

Eu a soltei. Aquele sussurro partido foi a porra de um tiro no meu coração. Ela saiu da cama e foi até a janela de parede inteira com vista para Manhattan, me deixando a visão de suas costas nuas. Saí da cama, fui até ela e parei logo atrás. Seu rosto estava refletido na janela, mas seu olhar estava distante, como se ela não visse o que estava bem à sua frente. Eu podia imaginar muito bem que lembranças ela revivia.

Repousei as mãos em seus quadris e o queixo no alto da sua cabeça.

— Aria…

— Grace estará lá — falou baixinho e, finalmente, ergueu os olhos para os meus na janela.

— Sim.

Ela assentiu bruscamente, depois, tentou se livrar das minhas mãos, mas desta vez não a deixei escapar de mim novamente.

— Não — grunhi, apertando sua cintura com mais força. — Não faça isso parecer mais importante do que é.

A raiva cruzou seu rosto e ela me surpreendeu ao dar uma cotovelada na minha costela. Soltei-a em choque. Ela girou nos calcanhares com fúria nos olhos.

— Mais importante do que é?

Ela espalmou meu peito e empurrou com força. Tive que engolir um sorriso. Isso teria mandado a mensagem errada. Quando vi o anúncio de lágrimas em seus olhos, meu divertimento acabou.

— Aria, eu não estou nem aí para Grace, acredite. Não importa se ela estará ou não na festa.

— Se não importa, por que escondeu a festa de mim por tanto tempo?

— Porque eu sabia como você reagiria… e estava certo — falei.

Ela franziu a testa.

— Venha — falei, pegando a mão dela e puxando-a para a cama. Ela me seguiu e voltou para baixo do cobertor. Eu me juntei a ela e a coloquei em cima de mim, porém, seu corpo não relaxou como costumava acontecer.

— Ela vai tentar esfregar na minha cara que você me traiu.

Acariciei suas costas macias.

— Já te falei. Ela é uma porra de uma ratazana tentando humilhar uma rainha. Ignore.

Aria suspirou. — Não sei se consigo.

— Você é a princesa da máfia, Aria. Foi criada para homens valentes como eu. Pode enfrentar uma puta miserável como a Grace.

Aria inclinou a cabeça.

— Se pensa tão baixo dela, por que ficava com ela?

— Não é como se eu a namorasse. Ela era uma foda ocasional.

— Não consigo imaginar transar com alguém por quem não tenho sentimentos. Eu só fiz amor. — A voz dela era um suspiro suave.

Passei os dedos em suas costas.

— Antes de você eu só trepava, Aria. Não me importava com nenhuma daquelas mulheres.

— Mas se você não consegue suportar a presença delas, não era difícil ficar com elas depois do sexo?

Franzi a testa. — Eu não ficava depois.

Os olhos de Aria encheram-se de incredulidade.

— Você dormia com elas e saía logo depois de acabar?

— Eu *fodia* e ia embora, sim. Por que ficaria?

Ela me encarou como se não fosse possível entender o meu raciocínio.

— Mas… não ficava abraçado? Nunca quis intimidade?

Eu ri. — Ah, *principessa*, você faz uma ideia errada de mim. Você foi a única que viu esta versão minha.

Ela se apoiou no meu peito e olhou para mim.

— Mas comigo você gosta?

Ela ainda tinha que perguntar?

— Não — murmurei. — Eu adoro.

Seus lábios curvaram-se num lindo sorriso, depois, ela me beijou suavemente. *Como se alguém sequer pudesse competir com Aria.*

*

Matteo parecia ter visto o passarinho verde. Com seu interesse doentio por problemas, ele provavelmente terminaria gostando de estar casado com Gianna,

no fim das contas. Felizmente, ele não se casaria com ela até o verão, então, ainda não precisava aguentar suas brigas irritantes.

— Espero que tenha uma gostosa para mim na festa. Preciso de uma boa foda — falou Matteo.

— No que me diz respeito, pode ficar com Grace. Ela paga um boquete como uma profissional — murmurei.

Matteo pareceu pensar nisso.

— Não sei se quero seus restos. Você não se importaria?

Bufei. — Eu não estou nem aí, acredite.

— Ela vai dar em cima de você, Luca.

Esperava de verdade que ela não fizesse isso, mas temia que Matteo estivesse certo. Feri o orgulho de Grace. Ela era uma pirralha mimada que estava acostumada a conseguir o que queria, e eu fui o primeiro homem que não a bajulei. Eu ainda queria tê-la matado depois do que fez com Aria na Sphere, mas meu pai proibiu, e nossas conexões com o Senador Parker eram importantes demais.

Eu estava prestes a falar alguma coisa quando Aria saiu do quarto, e qualquer pensamento lógico escapou da minha mente. Ela usava um vestido dourado longo que ondulava em volta de suas pernas. Era sem mangas com uma gola alta enfeitada com joias. Seus cabelos loiro-dourados caíam em curvas onduladas em volta do seu rosto. Agora ela parecia uma rainha.

Matteo assobiou baixo.

— Grace vai ter um chilique.

Aria deslizou pela escada e eu fui em sua direção, estendendo a mão. Ela a segurou com um leve sorriso. Seu olhar era de nervoso.

— Você está linda, *principessa*.

— Está, sim — confirmou Matteo.

Aria corou e eu apertei sua mão levemente para tranquilizá-la.

*

Quando chegamos à casa do Senador Parker, a mão de Aria estava tensa na minha, mas seu rosto não refletia sua instabilidade. Ela estava majestosa e elegante quando a conduzi para dentro da casa de campo.

E, então, avistei Grace e, pior, ela me viu.

O Senador Parker me lançou um olhar de desculpa e o irmão de Grace até

tentou levá-la embora, porém, ela veio desfilando até a gente. Estava toda produzida. Um minivestido de lantejoulas douradas apertado que terminava no alto de suas coxas e deixava pouco para a imaginação. Seu decote era baixo, mostrando seu peito imponente.

Aria enrijeceu e eu me virei para ela. Aria em seu vestido bem menos revelador estava muito mais sexy do que Grace jamais estaria. Aria era uma rainha e Grace não era digna de respirar o mesmo ar que ela.

— Luca — falou Grace docemente, e inclinou-se para frente como se estivesse pensando em me abraçar, mas a cara feia que fiz a fez recuar. — Aria — disse ela franzindo os lábios.

— Preciso falar com você — falou o irmão dela ao agarrar seu braço e praticamente arrastá-la para longe. Talvez ele tivesse visto o quanto eu queria acabar com sua irmã, sendo mulher ou não.

Aria relaxou ao meu lado, mas os primeiros convidados logo se juntaram a nós, então, não tive a chance de perguntar se ela estava bem. Grace tentou chamar a minha atenção várias vezes durante a noite, mas não olhei para ela e o irmão ficou atento à sua localização, garantindo que ela não se aproximasse novamente.

Grace ficou visivelmente frustrada com a minha falta de interesse e, numa última tentativa de conseguir uma reação minha, foi até Matteo, que flertava com a filha de outro político. Ela lhe deu seu melhor olhar sensual, inclinando-se perto dele. Matteo sorriu maliciosamente, mas seus olhos me encontraram acima da cabeça de Grace.

Ergui as sobrancelhas para ele. *Tente a sorte com ela.*

Ele sussurrou algo no ouvido dela, envolveu-a pela cintura e agarrou sua bunda. Antes de levá-lo dali, ela me lançou um olhar fulminante. Será que realmente achava que eu dava a mínima? Se achava que podia me ganhar chupando o pau do meu irmão, então, ela era mais idiota do que eu imaginava.

— Por favor, me diga que não é o que parece — sussurrou Aria, parecendo enjoada.

Apertei sua cintura.

— Matteo está prestes a receber o melhor boquete da vida dele. — Logo depois, me dei conta de como isso soou.

Aria ruborizou e enrijeceu ao meu lado, mas não tive a chance de suavizar as minhas palavras porque o dono de uma cadeia de restaurantes que nós protegíamos apareceu e me prendeu numa conversa. O rosto de Aria parecia ter sido esculpido em pedra pelo resto da noite, e eu poderia ter batido em mim mesmo pela minha falta de consideração. Aria ficou ao meu lado, mantendo as

aparências, mas não olhou para mim uma única vez.

Quase uma hora depois, Matteo voltou para a festa, seus cabelos estavam despenteados e tinha um sorriso satisfeito no rosto. Ele veio até nós quando meu último interlocutor saiu, e eu lhe dei um olhar de advertência, mas claro que Matteo, babaca como era, ignorou.

— Agora entendo por que você a manteve por perto por tanto tempo. Cacete, aquela mulher não tem ânsia de vômito.

Isso, e ela dava o cu, mas Aria não precisava saber disso.

Ela enrijeceu, empalidecendo. Matteo olhou para ela, depois, de volta para mim, suas sobrancelhas escuras subiam em sua testa. Lancei-lhe um olhar mortal.

— Com licença. Preciso retocar a maquiagem — disse Aria num tom formal, afastando-se de mim.

Eu a teria parado se o pai de Grace não tivesse vindo naquele momento e eu não podia arriscar uma cena em público. Aria se virou e saiu andando com a cabeça erguida. Eu poderia ter matado Matteo.

*

ARIA

Tive dificuldade em respirar ao me dirigir para onde ficavam os banheiros. Por sorte, ninguém tentou me deter. Não sei se teria conseguido manter as aparências se alguém tivesse tentado. Assim que entrei no banheiro, soltei um suspiro trêmulo. Lavei as mãos porque não poderia molhar o rosto sem estragar a maquiagem. Levantei o rosto e encarei meu reflexo no espelho. Eu não era vaidosa, mas sabia que as pessoas me achavam bonita. Durante toda a minha vida, recebi elogios pela minha beleza e, mesmo assim, o destaque às habilidades de Grace me fizeram perceber que isso não seria o suficiente para segurar Luca.

Ele te ama.

Fechei os olhos e contei até dez, até sentir a força necessária para voltar à festa. Grace era passado.

Saí do banheiro e enrijeci quando vi Grace esperando por mim no corredor. Ela sorriu, mas seu sorriso era falso.

Resistindo ao impulso de abaixar o olhar, encontrei diretamente o dela. Ela chegou mais perto, envolvendo-me com seu perfume exageradamente doce. Com seus saltos altos, estava bem mais alta do que eu, mas estiquei a coluna.

— Tinha a esperança de ter outra oportunidade de conversar com você. No seu casamento, não tive muito tempo.

Ele vai te foder com sangue. Foi o que ela me disse, e alimentou meu medo. Ela não era tão mais velha do que eu, talvez tivesse vinte anos, porém, tinha uma mundo de experiências que eu não tinha.

— Talvez você ache que Luca esteja satisfeito com o que você pode lhe dar — começou ela num tom de voz baixo. — Só que eu o conheço há dois anos e ele nunca sossega. Eu fui a única mulher para quem ele voltou durante todo esse tempo, porque lhe dava o que ele precisava.

Dois anos? Mesmo que ele tivesse outras mulheres naquela época, por que mantê-la por perto?

O sorriso de Grace se alargou.

— Eu o deixei realizar todos os fetiches que você nem conseguiria imaginar, Aria. Você não parece disposta a meter o pau dele no seu cu frígido e arrogante.

Foi o bastante. Dei um passo em sua direção, aproximando-nos, e estreitei o olhar para ela. Eu fui criada no mundo da máfia. Cresci em meio a predadores. Já enfiei uma faca num membro da Bratva. Se Grace achava que a deixaria me intimidar novamente, estava redondamente enganada.

— Você vai ficar longe dele — falei baixo, porém, firme. — O único motivo pelo qual ele usou a sua bunda foi porque não queria olhar para a sua cara. Você sempre foi e sempre será substituível. Uma entre muitas. Você não significa nada para ele. Certamente é mais barata do que uma puta. — Odiei que a sordidez dela tenha despertado a minha agressividade, mas não dava mais para aguentar.

Ela ergueu a mão para me bater quando uma sombra pairou sobre nós, e a mão forte de Luca agarrou o pulso dela. Ele a empurrou para longe de mim de forma que ela colidiu com a parede, mas não a soltou. Com isso, ela se retraiu e se acovardou sob a força do olhar dele. Ele parecia mortífero.

— Ela não vale a pena — sussurrei, implorando.

Sua boca formou um sorriso cruel, que nunca havia visto nele, ao soltar o pulso de Grace.

— Você nunca mais vai dirigir a palavra a Aria. Não vai chegar perto dela, senão verá um lado meu ao qual poucos sobreviveram.

— Luca, por favor — implorou ela, segurando o braço dele, e eu enrijeci. — Faço qualquer coisa por você. Eu te amo.

Ele se livrou dela com nojo.

— Não me toque, sua puta. Meu irmão acabou de gozar na sua boca, você acha mesmo que eu quero suas mãos sujas em mim?

Ele se virou para mim e um pouco da raiva foi embora, mas Grace ainda não tinha acabado. Ela contraiu o rosto ao nivelar seu olhar com o meu.

— Queria que aquele cara na boate do Luca tivesse te estuprado quando paguei a ele. Aposto que com os sedativos em seu sangue foi a primeira vez que você conseguiu colocar o pau de Luca todo na sua boceta. Deve ter sido a única vez que ele gostou de te comer.

Perdi o ar, mas meu espanto durou apenas um segundo porque Luca pegou a faca em seu terno. Eu não fui rápida o bastante. Ele se virou e avançou em Grace, jogando-a contra a parede, e encostou a lâmina no pescoço dela. A fúria no rosto dele me parou apenas por um segundo, depois, corri para ele e segurei seu braço, tentando puxá-lo para baixo, mas ele resistiu, era forte demais para mim. Seus olhos cheios de ódio não saíram de cima de Grace enquanto ele segurava a faca contra a pele dela. Eu não ligava muito para Grace, mas se Luca a matasse aqui, o Senador Parker chamaria a polícia, e nem todos recebiam dinheiro da *Famiglia*.

— Luca, por favor — murmurei.

— Escute aqui, Grace. Você vai sair de Nova York de novo e não vai voltar. Só vou falar uma vez: você nunca mais vai ameaçar a minha esposa, senão, será a primeira mulher que vou esfolar viva. Isso é uma promessa. — Ele bateu no peito com o cabo da faca, bem onde ficava a tatuagem da *Famiglia*. Seu olhar me fez tremer, e Grace enfim se deu conta de que ele estava falando sério. Ela ficou pálida ao assentir. — E agora, você vai para a porra do seu quarto e não vai aparecer até a festa acabar. — Ele a soltou e ela saiu correndo pelo corredor onde devia ficar seu quarto.

Luca virou-se para mim, embainhando a faca, os vestígios do monstro ainda estavam em seu semblante.

Exalei.

— Meu Deus, até eu fiquei com medo de você. Você consegue ser assustador.

Outro pedaço do monstro caiu, sua expressão suavizou ao me encarar.

— Já me disseram isso.

Cheguei um pouco mais perto dele e coloquei a mão em seu peito. Não havia sentido punir Luca por algo que Grace falou ou fez. Eu já o havia perdoado por seu deslize há muito tempo. Ao meu toque, o que restava da obscuridade de Luca foi embora e seus olhos encheram-se de calor.

— Não dê atenção a nada do que ela diz, Aria. Ela prospera em despeito e mentiras.

— Dois anos? — perguntei baixinho.

Luca balançou a cabeça.

— Ela foi uma de muitas, Aria. Só voltava para ela porque… — Ele se deteve.

— Por causa da garganta profunda dela — resmunguei.

— Aria — falou Luca quase nervoso, pegando minha mão e colocando-a em seu peito, sobre o coração. — Nunca quis ninguém mais do que quero você, e não é porque tenho que imaginar minhas tias nuas para não acabar gozando assim que seus lábios perfeitos abocanham meu pau, embora também seja por isso, mas é porque você me faz rir, porque você é gentil e sempre que olho para você, sinto algo que nunca senti antes: paz.

Engoli em seco.

Matteo escolheu este momento para adentrar o corredor.

— Já é quase meia-noite. Os pombinhos deveriam voltar.

Ele estreitou os olhos ao perceber o jeito que nos olhávamos.

Sorri de leve para Luca para lhe mostrar que estava tudo bem, e ele pegou a minha mão e me levou de volta para a festa. Fomos embora logo depois da meia-noite. Luca estava no limite, e ficar mais um pouco só iria aumentar o risco de ele perder a cabeça.

Voltamos juntos para a cobertura para brindar novamente o Ano Novo sem as dúzias de olhares curiosos na gente.

Matteo e eu pegamos as taças e uma garrafa de champanhe e fomos para o terraço, enquanto Luca buscava petiscos. Fogos de artifício ainda eram vistos ao longe no céu. Matteo abriu a garrafa e serviu champanhe nas três taças antes de me entregar uma. Seus olhos escuros foram perspicazes ao me encararem.

— Grace te encurralou na festa.

Não falei nada, mas assenti de leve ao dar um gole no champanhe. Depois, quando tive certeza de que a minha voz não sairia estranha, falei provocativamente:

— Fiquei sabendo que não fui a única a quem ela encurralou.

Matteo sorriu.

— Mais que isso — falou sugestivamente.

Assenti, voltando a olhar para o horizonte.

— Acredite, falta de ânsia de vômito nenhuma jamais fez Luca olhar para Grace com qualquer coisa parecida com a porra da adoração que dá vontade de vomitar que ele devota a você quando acha que ninguém está olhando — disse

Matteo com seu sorriso característico. — Meu irmão está perdidamente apaixonado por você e, para ser sincero, quero dar para Gianna as mesmas drogas que você deu para ele para ela me olhar do mesmo jeito quando estivermos casados.

Soltei uma gargalhada e o champanhe voou da minha boca para a camisa de Matteo. Ele olhou para baixo, depois, de volta para mim com as sobrancelhas erguidas.

— Isso foi incrivelmente sexy… não é de se espantar que Luca não consiga ficar longe de você.

— Tenho meus momentos — falei com um sorriso envergonhado.

— O que foi sexy? — perguntou Luca bruscamente ao aparecer com uma bandeja lotada de pães, queijos e azeitonas. Ele empurrou-a para Matteo, que piscou para mim.

— Modo marido possessivo ativado.

Luca envolveu minha cintura.

— Matteo, acho que você já me irritou o suficiente por uma noite. Não precisa gastar toda a sua munição hoje.

— Eu nunca esgoto minha munição, Luca — afirmou Matteo sorrindo e balançando as sobrancelhas.

Encostei-me em Luca, sentindo meu rosto esquentar pela vergonha e pelos efeitos do champanhe. Luca suspirou, mas quando olhou para mim, dava para notar que estava mais feliz agora do que durante o resto do dia.

— E esse olhar é a minha deixa para sair e encontrar alguém em quem usar minha munição — resmungou Matteo, virando o champanhe.

O olhar de Luca demonstrou hesitação. Todos os anos eles passavam o réveillon juntos, e me dei conta de que eu também havia mudado as coisas entre eles.

— Não, fique. — Estendi a mão e agarrei a camisa de Matteo porque não consegui segurar seu braço, e puxei metade dela para fora de sua calça. Soltei-o imediatamente.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Luca, você pode dizer à sua esposa para não arrancar as roupas do meu corpo, por favor? Está me enviando sinais confusos.

Caí na gargalhada e Luca beijou a minha têmpora, depois, empurrou o irmão.

— Vai sonhando.

Eu sorri. — Como foi o último réveillon de vocês?

Matteo esfregou a nuca, olhando para Luca, que lhe enviou um olhar de advertência. Dei outro gole no champanhe.

— Presumo que isso signifique que havia mulheres envolvidas.

— Algumas, sim — disse Matteo com uma piscadela.

— Ao mesmo tempo?

— Matteo estava bêbado demais para se lembrar — afirmou Luca, e eu revirei os olhos, mas resolvi deixar passar.

— Nunca cheguei a ver fotos antigas de vocês quando eram crianças.

Matteo sorriu.

— Vamos ver se conseguimos mudar isso. — Ele voltou para dentro e começou a procurar nos armários.

Luca suspirou. — Ele é um pé no saco.

Toquei seu braço e ele franziu a testa, mas não falou nada. Talvez Luca achasse que nunca amou ninguém antes de mim, mas mesmo que não se desse conta disso, ele amava o irmão.

— Vamos — falei. — Quero te ver quando era pequeno.

— Nunca fui pequeno — contestou Luca ao me seguir para a sala.

Matteo segurava um álbum de fotos antigas, e eu me sentei ao lado dele no sofá. Luca se jogou ao meu lado, fazendo careta para a primeira foto. Era dele com Matteo, aos cinco e três anos, usando terno. Luca já era alto, mas magricela ainda, e seu rosto já continha uma dureza que um menino naquela idade não deveria mostrar. Matteo segurava a mão do irmão.

— Vocês estão de mãos dadas — falei sorrindo.

Luca grunhiu. Virei a página e tanto Luca quanto Matteo ficaram tensos. A foto os mostrava vestindo os mesmos ternos da anterior, ao lado de uma mulher com longos cabelos escuros. Ela olhava para a câmera com a expressão mais sem esperança que já vi. Quase dava para sentir seu desespero. A mãe de Luca se matou quando ele tinha apenas nove anos, e ao ver a expressão dela, não fiquei surpresa. Virei as páginas depressa, até encontrar uma foto de Luca na adolescência com o bigode mais horrível que já vi.

— Tinha me esquecido do seu porno-bigode! — falou Matteo rindo.

— Porno-bigode? — repeti, erguendo as sobrancelhas para Matteo. Luca olhava para o irmão.

— Porque muitos atores pornô tinham bigodes assim.

Dei outro gole no champanhe embora já estivesse quase bêbada.

— Eu tinha quatorze anos e achava que isso me faria parecer adulto — resmungou Luca e virou a página para uma foto dele num iate apenas com uma calção de banho. O bigode não existia mais e ele já era todo musculoso, embora não devesse ter mais do que dezesseis anos.

Deixei meus olhos vagarem por ele, apreciando-o, e Luca sorriu. Mal podia esperar para ficarmos a sós.

Capítulo 5

ARIA

Não voltamos a falar sobre o incidente da festa de réveillon e, alguns dias depois, tivemos que ir para o casamento de Dante em Chicago.

Minha prima Valentina estava absolutamente deslumbrante em seu vestido de noiva creme com lantejoulas. A festa do casamento não foi um grande acontecimento como a nossa, mas, ainda assim, cerca de duzentas pessoas da Outfit e da *Famiglia* compareceram. Sorri ao assistir Dante e Valentina em sua primeira dança. O salão de baile do hotel havia sido decorado com rosas cor-de-rosa e avermelhadas, e o clima estava praticamente tranquilo.

Luca apertou meu quadril.

— Você não estava tão feliz assim na nossa dança.

Eu ri. — Eu tinha pavor de você. — Val não parecia ter medo de Dante, porém, ela era cinco anos mais velha que eu e já tinha sido casada. Acho que a consumação do casamento não a aterrorizava tanto.

Quando a pista de dança foi aberta para os convidados, Luca me puxou para seus braços e me conduziu ao ritmo da música. Ainda me surpreendia o fato de ele conseguir dançar apesar do seu peso. Eu sorri para ele, que acariciou minhas costas nuas com o polegar, a única demonstração pública de afeto que provavelmente se permitiria. Ele continuava cauteloso, mas eu não me importava, porque nunca continha seu afeto quando estávamos sozinhos, e só isso importava.

Como esperado, tive que dançar com Dante, e Luca, com Val. Já havia dançado com Dante antes e quase não fiquei tensa quando ele pegou a minha mão, no entanto, quando me puxou contra si e tocou as minhas costas nuas, estremeci com o gesto tão íntimo. Ele também ficou tenso diante da falta de barreira entre nossas peles. Este era o problema com vestidos de frente única. Meu rosto ardeu quando encontrei seu olhar.

Ele me deu um leve sorriso.

— Desculpe-me — disse ele formalmente.

— Não tem como evitar. A menos que mova a mão para um local inapropriadamente baixo, não tem como alcançar o tecido — falei, esperando amenizar o clima.

Um sinal mínimo de diversão apareceu no rosto de Dante.

— Se eu fizer isso, seu marido vai cuspir sangue.

Segui seu olhar. Luca continuava lançando olhares possessivos em minha direção enquanto dançava com Val. Embora Val parecesse perfeitamente bem com Dante, ela aparentava estar totalmente tensa com Luca.

— Val estava mais feliz dançando com você — falei sorrindo. Dante apertou os dedos nas minhas costas e seu semblante obscureceu. Possessivo e dominante, não muito diferente de Luca quando se tratava disso.

Matteo tomou o lugar de Luca e Dante me soltou. Recusei uma dança com um soldado da Outfit dando uma desculpa rápida, pois não queria testar a paciência de Luca e precisava de alguma coisa para beber e de um tempo da dominância possessiva ao meu redor, entretanto, Val riu alto para algo que Matteo falou. Eles dançavam mais perto do que o apropriado. Luca estreitou os olhos para o irmão, mas não era com ele que eu estava preocupada. Dante tinha uma expressão em seu olhar que eu conhecia de Luca.

Ignorando a minha sede, corri para a pista de dança e parei ao lado de Matteo e Val.

— Matteo, por que não dança comigo agora?

Os olhos de Val foram de mim para o marido e, então, ela se deu conta e se afastou de Matteo, que lhe sorriu antes de segurar a minha mão e me puxar contra si.

Ofeguei por causa do impacto contra seu peito musculoso. Meu olhar indignado o fez alargar o sorriso, e ele espalmou as minhas costas sem hesitar. Ele e Gianna se matariam, isso era certo.

Tudo era um jogo para Matteo, ele prosperava em provocação e caos. Com qualquer um além dele, eu me preocuparia com a reação de Luca, mas já que era Matteo, relaxei em seus braços e o deixei nos girar pela pista de dança.

Gianna estava parada ao lado, de cara feia, quando Matteo piscou para ela ao passar. Enfiei as unhas no ombro dele, chamando sua atenção de volta para mim.

— Não a machuque. — Saiu mais brusco do que pretendia, praticamente uma ordem.

A expressão de Matteo se tornou cautelosa.

— Senão?

Apertei a mão dele e suavizei meu tom.

— Ou nunca a conquistará. Ela pode dar uma de forte, mas cresceu protegida como eu. Trate-a com bondade, por favor. — Ele era irmão de Luca e eu estava bem ciente de que a bondade não era seu forte, mas se Luca podia ser bom comigo, então, eu tinha esperança de que Matteo poderia agir da mesma forma

com Gianna.

— Não tenho intenção nenhuma de machucar Gianna a menos que ela goste desse tipo de fetiche.

Revirei os olhos, mas quando ele olhou novamente para Gianna, pude notar que seu olhar continha algo caloroso. O dela, não. Ela parecia preferir cortar as mãos fora a se casar com ele. Isso me preocupava.

*

LUCA

Virei-me e toquei a cama procurando por Aria, mas encontrei um lençol vazio. Abri os olhos e me sentei em busca do relógio na mesa de cabeceira. Eram apenas 6h30 da manhã de um domingo e havíamos voltado tarde de Chicago. Onde ela estava? Por que não estava mais dormindo?

O fato de eu não ter notado que ela saiu da cama mostrava o quanto o meu sono era profundo ao lado dela. Caralho.

Levantei-me da cama e peguei a minha *Beretta*, enfiando-a na calça de moletom. Quando cheguei ao patamar do primeiro andar, o som de Aria cantarolando alcançou meus ouvidos. Desci os degraus e encontrei Aria em nossa cozinha americana, descalça e vestindo uma camisola de cetim. Os balcões e o chão estavam cobertos de pó branco, assim como Aria, seus cabelos loiros presos no alto de sua cabeça num coque bagunçado.

O cheiro de queimado era nítido.

— O que está acontecendo?

Aria gritou e se virou com uma mão no coração e os olhos arregalados. A ponta do nariz dela e suas bochechas também estavam cobertas de branco, e meus lábios curvaram-se diante da visão.

Um sorriso apareceu em seu rosto.

— Fiz um bolo para você. — Ela veio em minha direção. — Feliz aniversário, meu amor.

Porra, era o meu aniversário. Tinha me esquecido. Eu realmente não comemorava a data. Aria ficou na ponta dos pés e eu me inclinei, moldando nossos lábios. Senti o gosto de farinha em sua boca… então, o pó branco era isso. Recuei, deixando meus olhos avaliarem a bagunça.

— Não quero parecer cruel, mas experiências passadas comprovaram que não é uma boa ideia você estar na cozinha.

Ela comprimiu os lábios.

— Pratiquei com Marianna quando você não estava por perto.

— Você praticou?

— Queria que seu bolo de aniversário fosse perfeito — falou com suavidade.

Olhei para ela, depois, levantei a mão e tirei a farinha do seu rosto. A mancha em seu nariz teria que ficar. Estava linda pra caralho para descrever. Ela se afastou, pegou as luvas e abriu o forno. O bolo que tirou de lá não parecia tão ruim, embora estivesse no lado escuro.

— É um bolo de chocolate com recheio de *cream-cheese* — informou ao colocá-lo no balcão. Ela pegou uma faca e cortou dois pedaços, colocou-os em um prato, o pôs na minha frente e veio para o meu lado. — Espero que goste.

Peguei o garfo e tirei um pedaço do bolo, levando-o à minha boca, preparado para o pior, mas o bolo estava delicioso de verdade, quente e cheio de chocolate. Eu não era muito fã de doces, mas gostei deste porque foi Aria quem o fez para mim.

— E aí? — perguntou ela, com os olhos arregalados e preocupados.

— Delicioso.

Seu sorriso em resposta fez meu coração descompassar.

— Há quanto tempo você está acordada?

— Três horas?

Ergui as sobrancelhas.

— Não sabia que levava tanto tempo para fazer um bolo.

Ela corou.

— Bom, não leva, mas me levantei cedo para o caso de algo dar errado, e queimei os dois primeiros bolos… eles estão no lixo.

Eu ri, depois dei outra garfada. Meus olhos percorreram seu pescoço delicado até a ondulação suave dos seus seios.

Aria tocou meu peito, depois, passou as mãos lentamente pela minha barriga, e eu pousei o garfo no prato. Minha pele contraiu ao seu toque, meu pau acordou. Os olhos de Aria encontraram os meus quando ela tocou na *Beretta* no cós da minha calça, e eu retirei-a. Se fosse qualquer outra pessoa, meu corpo teria ficado em alerta máximo, mas com ela eu não sentia um pingo de desconforto. Ela encarou a minha pistola por um momento antes de colocá-la no balcão. Não consegui tirar os olhos do rosto dela. Ela deslizou as mão para dentro do meu cós e lentamente puxou minha calça para baixo. Soltei um

assobio quando roçou no meu pau. Ela ergueu os olhos e, caralho, pude sentir aquele olhar bem no meu pau.

E, então, ela se ajoelhou e eu quase gozei na hora. Ela olhou fixo nos meus olhos apesar do rubor espalhando-se em suas bochechas quando se inclinou para frente, abrindo aqueles lábios perfeitos e colocando a cabeça do meu pau em sua boca quente. Tive que me impedir de avançar, mas soltei seu coque e prendi seus cabelos nas minhas mãos enquanto ela levava meu pau mais fundo em sua boca. Porra, meu saco inchou ao ver a cena.

Ela sorriu com meu pau na boca e eu gemi, apertando mais ainda sua cabeça. Devagar, ela se afastou e segurou meu membro, depois lambeu-o da base até a ponta antes de passar aquela língua rosada ali em volta. Eu estremeci, gemendo.

— Caralho, Aria, você está me matando.

Ela cantarolou, parecendo orgulhosa pra cacete. *Aquela mulher. Só minha.*

Tive que puxar as rédeas algumas vezes como um adolescente excitado enquanto a sua boca cuidava do meu pau, mas quando Aria envolveu meu saco no momento em que a sua outra mão manipulava meu membro, e a cabeça atingiu o fundo da garganta dela, explodi. Agarrei o balcão quando o prazer me atingiu e esguichei dentro da sua boca. Ela teve dificuldade em engolir, então, recuei um pouco; meu pau estava contraindo. Com os olhos semiabertos, assisti-a se retirando, me soltando, e limpando a boca. Era nesse momento que ela ainda se sentia mais insegura. Abaixei-me, a peguei pelas axilas e a ergui para o balcão antes de tomar sua boca para um beijo, enfiando minha língua dentro dela, sentindo meu gosto nela, e me senti muito possessivo por causa disso.

Agarrando suas coxas, levantei-a e ela envolveu a minha cintura com as pernas. Se não fosse por toda aquela farinha, eu a teria fodido bem ali nos balcões. Em vez disso, virei com ela agarrada à minha cintura e fui em direção à escada. Ela não parou de me olhar enquanto eu a carregava escada acima e, com a boceta dela pressionada na minha barriga, meu pau se recuperou depressa. Caralho, dava para sentir o quanto ela estava molhada. Molhada por chupar meu pau.

— Isso deveria ser só para você — sussurrou ela, porém, seus olhos estavam repletos de necessidade.

— Isso é para mim, acredite, porque te dar prazer é a porra da melhor coisa nisso tudo.

Chegamos à nossa cama e me deixei cair para frente. Aria guinchou, mas segurei meu peso com as mãos, sorrindo para ela. Ela riu e bateu nas minhas costas.

— Você me assustou.

Abaixei-me totalmente e guiei meu pau para a sua entrada, encontrando-a pronta para mim, e deslizei para dentro dela devagar. Quando estava todo enterrado, apoiei-me nos cotovelos, juntando nossos corpos. Segurando a cabeça de Aria, beijei-a ao entrar e sair de dentro dela devagar.

Fazer amor. Não era algo que algum dia pensei em fazer, mas, caralho, com Aria eu não me cansava disso.

Não acelerei, nem as estocadas nem os beijos. Fiz questão de ir fundo a cada estocada, objetivando aquele local que fazia Aria se perder. Seus olhos estavam presos aos meus conforme ela suspirava e gemia; a admiração evidenciada em seu rosto lindo. Queria guiá-la para o limite apenas com meu pau de novo, e ela estava quase lá. Eu mesmo estava perto de gozar, embora tivesse ejaculado não muito tempo antes.

— Me beija — sussurrou ela, depois ofegou quando atingi fundo.

Tomei sua boca, devagar e gentil, então, ela arqueou as costas, suas paredes se fecharam ao meu redor e meu saco contraiu quando meu clímax me atingiu com tudo.

Em seguida, enterrei o nariz em seus cabelos ao recuperar o fôlego. Comecei a tomar impulso para levantar, contudo, Aria segurou meus ombros com mais força e eu fiquei em cima dela e ergui meu olhar ao seu.

Amor. O sentimento estava estampado por todo o seu rosto e parecia impossível ela me amar porque ninguém jamais amou. Eu nasci com crueldade nas veias, fui criado para destruir as pessoas.

— Parabéns, Luca — falou em voz baixa. — Nosso primeiro aniversário juntos.

— O primeiro de muitos — murmurei, porque independente de qualquer coisa, eu nunca a deixaria ir embora.

Aria sorriu.

— Você tem que abrir o seu presente.

Ergui as sobrancelhas. — Achei que este fosse meu presente.

— Sexo e bolo? — perguntou Aria indignada.

Ela começou a se balançar debaixo de mim e eu sorri, sem me mexer nem um centímetro.

— Luca — exclamou, mas eu a silenciei com outro beijo e ela relaxou sob mim. Por fim, minha curiosidade levou a melhor e eu saí de cima dela e me levantei, puxando-a junto comigo. — O que é?

Ela balançou a cabeça e me levou para fora do quarto até o andar de baixo,

depois, entrou em um dos quartos de hóspedes. Havia um pacote retangular, com cerca de 1,5x4,5m. Confuso, parei. Esperava uma bebida cara ou um relógio, como a maioria das esposas compra para os maridos, mas não fazia ideia do que poderia ser.

Aria puxou a minha mão e me levou para mais perto.

— Não vai abrir?

Soltei a mão dela e peguei o pacote. Era só um pouco espesso e não tão pesado quanto eu esperava.

Aria riu. — Não morde, pode confiar.

Rasguei o embrulho e congelei, surpreso. Era uma tela com arte em grafite. O fundo era o horizonte de Nova York e, na frente, o lema da *Famiglia* em letras vermelhas.

— Quando você me contou que gosta do grafite de Bansky e outros artistas, pensei que seria legal conseguir uma obra assim para o seu escritório na Sphere.

Encarei Aria. Ela mordeu o lábio. Pouco antes do Natal, caminhávamos por Nova York juntos e lhe mostrei meu grafite preferido, praticamente a única arte que eu gostava minimamente, mas não pensei que ela lembraria.

— Onde conseguiu isso?

— Romero e eu tentamos descobrir quem é Bansky, mas foi impossível, então, entrei em contato com alguns dos grafiteiros menos secretos na cidade e pedi para que criassem um quadro para mim. — Aria ficou calada. — Você não gostou? Pensei que algo pessoal seria melhor do que simplesmente comprar alguma coisa cara, como um relógio, principalmente porque parece que quem está comprando seus presentes é você mesmo, uma vez que o dinheiro é seu…

Caminhei cambaleante em direção a ela, segurei seu rosto e a beijei intensamente. Quando me afastei, ela me olhou confusa.

— O dinheiro é nosso, Aria, não meu. Tudo o que eu tenho também é seu.

— Então, eu praticamente sou o Capo — falou provocando, e eu ri.

— Você manda no meu coração, então, de alguma forma, é, sim.

Parei, porque me dei conta de que era verdade. Ninguém jamais teve poder sobre mim, não como Aria tinha, e era a coisa mais assustadora do mundo, porque ninguém nunca poderia descobrir isso.

— Então, você gostou do presente?

— Com toda a porra de certeza. É perfeito. Como vou chegar aos pés disso no seu aniversário?

Aria sorriu. — Você ainda tem um mês para pensar em alguma coisa.

— Ótimo — murmurei. — Sem pressão.

Seus olhos estavam iluminados de alegria.

— Você é grandinho, um mafioso durão, um notório *bad boy*… acho que consegue lidar com isso.

Eu me abaixei, minha voz era baixa e sombria:

— *Bad boy*, é?

Ela jogou os braços em volta do meu pescoço.

— Eu realmente não sei por que as pessoas têm medo de você… você é meio fofo.

Bufei porque ninguém nunca me chamou assim, e ninguém chamaria, se soubessem o que era bom.

— As pessoas têm medo de mim porque eu *sou* um *bad boy*, amor.

Mau nem começava a descrever.

Aria assentiu com um leve sorriso.

— Eu sei, e sabe do que mais? — Ela abaixou a voz. — Às vezes, no quarto, gosto quando você age como o *bad boy*.

Meu Deus, Aria. Beijei-a com força.

Aria sempre veria apenas meu lado inofensivo.

*

ARIA

— Merda! — O grito de Luca me fez acordar assustada. O colchão afundou sob seu peso e eu me virei para voltar a dormir. Luca estava se vestindo com o celular encaixado entre o ombro e o ouvido ao puxar a calça.

— Estarei aí em quinze minutos. Cacete!

Sentei-me preocupada. Luca largou o celular e vestiu uma camisa sobre o coldre, depois se virou para mim fazendo careta.

— Jogaram um coquetel Molotov em um dos prostíbulos da *Famiglia*. Duas prostitutas ficaram muito queimadas e toda a mobília incendiou. A polícia e os bombeiros estão lá. Tenho que ir para minimizar os danos.

Assenti lentamente, abafando minha decepção. Ele veio até mim, me deu um beijo rápido, depois, foi embora.

Mordi o lábio, afastando a minha dor. Era o meu aniversário.

Saí da cama, peguei meu telefone celular e vi a mensagem de Gianna. Assim que ela viu que eu estava *online*, meu telefone tocou. Depois de falar com Gianna, Fabiano e Lily, me senti melhor e me arrumei.

Sabia que Luca precisava cuidar dos negócios da *Famiglia* se quisesse ser um bom Capo, e, no entanto, eu me perguntei se ele havia se esquecido completamente do meu aniversário. Desci a escada, onde Romero estava sentado ao balcão. Ele sorriu ao me ver e se levantou.

— Feliz aniversário, Aria.

Retribuí com um sorriso trêmulo e sua expressão se suavizou ainda mais.

— Luca voltará assim que terminar.

Dei de ombros levemente e me servi um café. A solidão tomou conta de mim. Não tinha nenhuma amiga em Nova York. Como a esposa do Capo, as pessoas em nosso círculo não me tratavam como um ser humano normal e não dava para ter uma amizade sincera com ninguém de fora. Engolindo meus sentimentos, dei um gole no café.

O sinal do elevador soou e Romero entrou na minha frente, mas relaxou quando Marianna veio trazendo um bolo. Seus cabelos grisalhos estavam presos com uma rede como de costume, e seu vestido, esticado sobre seu corpo rechonchudo e seus seios fartos. Seu rosto maternal mostrava um amplo sorriso e, ao pousar o bolo, ela puxou-me em um abraço apertado.

— Feliz aniversário, *bambina*. Fiz um bolo de amêndoas para você. Luca me disse que é o seu preferido. — Ela franziu a testa para Romero. — Aliás, onde ele está?

— Negócios — disse Romero simplesmente.

Marianna não fez mais nenhuma pergunta.

— Luca te pediu para fazer o bolo?

— Pediu. — Marianna cortou três pedaços do bolo, depois, pegou os pratos e entregou um para Romero, um para mim e ficou com o outro. Nós comemos e eu tive que admitir que o bolo foi a melhor coisa que comi há muito tempo. Marianna era uma deusa na cozinha.

Marianna tocou meu rosto.

— Você parece triste. Por que não sai e se diverte um pouco com Romero?

Eu queria passar o dia com Luca, mas já que isso não iria acontecer, concordei. Romero me levou para almoçar fora em um bom restaurante e, em seguida, dei uma de esposa-troféu e gastei milhares de dólares na *Century21*,

minha loja de departamentos preferida em Manhattan. Voltamos para a cobertura depois de um jantar rápido num pequeno bistrô. Não me incomodei em tirar as roupas novas das sacolas; em vez disso, peguei um cobertor de lã e um livro e fui para o terraço, onde me aconcheguei na cadeira. Romero não se juntou a mim, provavelmente percebendo meu mau humor. Deixei meu olhar vagar pelo horizonte, algumas lágrimas desceram e puxei as pernas para cima e abracei-as com força.

O barulho da porta abrindo levou meu olhar para as portas de vidro e Luca saiu para o terraço, seu semblante ficou contorcido pelo arrependimento quando seus olhos pousaram em meu rosto. Logo enxuguei as lágrimas e me levantei, mas Luca me pegou e me beijou.

— Feliz aniversário, *principessa*. Queria ter podido passar o dia com você.

— Romero me manteve ocupada — falei dando de ombros levemente.

Luca balançou a cabeça.

— Não é o bastante.

Ele me carregou para dentro do apartamento e subiu para o nosso quarto. Meus olhos pousaram na cama. Em cima dela, havia um buquê de rosas brancas e um pacote. Sorri e beijei o pescoço de Luca antes de ele me colocar no chão. Cheirei as rosas, peguei o pacote e o desembrulhei. Dentro dele havia uma caixa de veludo vermelho, que eu abri. Uma pulseira em barra de ouro rosa em cima de uma almofada cinza. Dezenove diamantes cravados na superfície ouro rosa lisa.

— Vire-a — falou Luca em voz baixa.

Eu virei e vi algumas palavras gravadas na parte de dentro da pulseira.

Na hora mais escura, você é a minha luz.

Engoli em seco e olhei para os olhos calorosos de Luca. Ele segurou sua camisa, tirando-a, e se virou. Congelei ao ver a nova tatuagem em sua omoplata, espelhando a tatuagem da *Famiglia*. Sua pele ainda estava avermelhada.

Li as letras pretas intrincadas: Irei onde você for, não importa quão sombrio seja o caminho.

As palavras que falei para o Luca logo depois do nosso casamento. Ele se lembrava. Respirei fundo, comprimindo os lábios, mas não chorar era uma batalha perdida. Suas duas tatuagens em ambos os lados do seu coração. Luca se virou e se aproximou de mim, limpando minhas lágrimas. Ele pôs a mão na tatuagem da *Famiglia* sobre seu coração.

— Meu juramento vem em primeiro lugar, mas as palavras nas minhas costas significam mais.

Engoli em seco. Ele não deveria dizer algo assim. Para um Homem de Honra, a *Famiglia* vinha em primeiro lugar, ainda mais para um Capo. Assenti, colocando meus lábios sobre os dele.

— Estas palavras nas suas costas… eu falei sério, Luca. Vou te seguir para onde for. Sua obscuridade não me assusta. Eu amo você, sua força e lealdade, sua ternura e proteção. Amo seu lado gentil, mas amo sua obscuridade do mesmo jeito. Eu vou te amar na sua hora mais sombria, vou te amar até quando você estiver fraco e, se precisar que eu seja sua luz, serei. Eu amo cada parte sua, Luca.

Ele me prendeu ao seu peito e eu o segurei apertado. Seu amor era o melhor presente de todos.

*

Estávamos em abril quando Lily e Gianna vieram fazer uma visita. Assim que vi Gianna, soube que estava acontecendo alguma coisa, mas não tivemos a oportunidade de conversar até uma noite em que Luca e Matteo saíram para tratar de negócios e Romero estava ocupado jogando Palavras Cruzadas com Lily.

— Você está tramando alguma coisa, não está? — perguntei a ela enquanto apreciávamos a vista de Nova York do terraço.

Gianna demorou para responder e isso não era normal para ela.

— Não posso fazer isso, Aria. Quero ir embora. Sair deste mundo. Sair do meu casamento arranjado. Apenas ir embora.

Eu havia desconfiado algo deste tipo, mas agora que ela falava em voz alta, a preocupação e o medo me atingiram.

— Você quer fugir?

— Quero.

— Tem certeza?

Gianna me lançou um olhar. Não havia nenhum pingo de dúvida em sua expressão.

— Absoluta. Desde que a Bratva atacou a mansão e eu vi do que Matteo é capaz, soube que tinha que fugir.

— Não é só Matteo, você sabe disso, não? Ele não é pior do que qualquer outro Homem de Honra. — Matteo podia ser engraçado e encantador. Eu tinha certeza de que Gianna e ele podiam ser felizes se ela se permitisse deixá-lo entrar, mas eu a conhecia, sabia como ela podia ser teimosa. Ela não me deixaria convencê-la a dar uma chance a Matteo.

— E isso torna tudo ainda pior. Eu sei muito bem que todos os homens em nosso meio são capazes de coisas horríveis e, algum dia, até Fabi será, e eu odeio isso, odeio cada segundo em que estou presa a este mundo perturbado.

— Pensei que você e Matteo estivessem se dando bem. Vocês nem tentaram arrancar a cabeça um do outro hoje.

— Ele está tentando me manipular. Você não percebeu o quanto foi fácil para ele fazer Lily esquecer seu nervosismo em sua presença?

— Poderia ser pior. A maioria dos homens não teria te perdoado por dar tanto trabalho, mas ele realmente parece gostar de você. — Eu não sei se Luca teria me deixado brincar com ele desse jeito.

— Você está do lado dele?

Eu não tinha intenção nenhuma de escolher lados.

— Não estou do lado dele. Só estou tentando te mostrar uma alternativa para a fuga.

— Por quê? Você sabe que eu nunca quis esta vida. Por que está tentando me fazer ficar?

Segurei seu pulso, ficando furiosa.

— Porque eu não quero te perder, Gianna.

— Você não vai me perder.

— Vou, sim. Logo que você fugir, não poderemos mais nem nos ver de novo, talvez nem mesmo conversar a menos que descubramos um jeito de fazer isso sem arriscar que a máfia te rastreie.

— Eu sei — sussurrou Gianna. — Você poderia vir comigo.

Antigamente, eu com frequência me ressentia da gaiola dourada em que fui criada e, mesmo agora, às vezes, eu me perguntava como seria vagar por Nova York sem Romero, ir à faculdade e viver a vida sob minhas próprias regras.

— Não posso.

Ela me deu as costas.

— Porque você ama Luca.

Havia uma pontada de reprovação em sua voz, mas eu não iria defender meus sentimentos. Amar Luca era algo pelo qual eu nunca me sentiria mal.

— Amo, mas não é só por isso. Também não posso deixar Fabi e Lily para trás, e fiz as pazes com esta vida. É tudo o que sempre conheci. E estou bem com isto.

— Você acha que os estou abandonando se eu for embora?

— Eles entenderão. Nem todos estão preparados para uma vida neste mundo. Você sempre quis uma vida normal e eles ainda terão a mim. Você tem que pensar em si mesma. Eu só quero que seja feliz.

— Acho que não consigo ser feliz aqui.

— Porque você não quer se casar com um assassino, porque não consegue viver como Matteo vive.

— Não — falou baixinho. — Porque consigo me ver estando bem com isto.

Encarei-a. — O que isto tem de errado? — Eu sabia o que Luca era, do que ele era capaz. Sabia que ele não mudaria e eu não queria que mudasse, porque amava o homem que ele era agora.

— Você está bem com o que Luca faz? Nunca se deita à noite se sentindo culpada por estar casada com um homem como ele?

— Nós vimos de uma família de homens como ele. Você quer que eu me sinta culpada?

— Não, mas pessoas normais sentiriam culpa. Não consegue ver o quanto nós somos um caos? Eu não quero ser assim. Não quero passar a minha vida com um homem que esquarteja seus inimigos.

Luca sempre disse que eu era pura e inocente, só que eu não era, não pelos padrões normais.

— Desculpe. Não quis te deixar mal. Eu só... sei que preciso arriscar. Tenho que tentar me livrar de tudo isso e ter uma vida sem toda essa violência e princípios imorais. Vou me arrepender para sempre se não tentar.

— Você sabe que nunca poderá voltar, não há volta uma vez que você sai. Mesmo se Matteo te perdoar por insultá-lo desse jeito, a Outfit ficaria responsável pela sua punição até o casamento. E fugir da máfia é traição.

— Eu sei.

— A Outfit pune a traição com a morte. Como você não é um Homem de Honra, eles podem decidir facilitar com você e te jogar em uma das casas de prostituição ou te casar com alguém muito pior que Matteo.

— Eu sei.

Segurei Gianna pelo ombro porque não achava que ela sabia.

— Sabe mesmo? Poucas pessoas arriscam fugir da máfia e existe um motivo para isso. A maioria é pega.

— A maioria, mas não todas.

— Você alguma vez já ouviu sobre alguém que escapou da máfia com sucesso?

— Não, mas duvido que alguém nos contaria sobre isso. Nem Papai, nem Matteo nem Luca têm nenhum interesse em colocar ideias nas nossas cabeças.

Deixei cair as minhas mãos, suspirando.

— Você está mesmo determinada a prosseguir com isso.

— Estou.

— Tudo bem — falei, porque sabia que não havia nada que eu pudesse fazer para que Gianna mudasse de ideia e não queria que ela começasse a guardar segredos de mim. — Você não pode fazer isso sozinha. Se quiser ter qualquer chance de conseguir, precisará da minha ajuda.

— Não — disse ela. — Posso fazer isso sozinha.

— Se eu te ajudar a fugir, estarei traindo a *Cosa Nostra* e também o meu marido — sussurrei. Luca veria isso como traição. Ele foi criado com a convicção de que sua palavra seria lei e que não seguir seu comando seria traição.

— Você está certa. E não posso te deixar correr esse risco.

Segurei sua mão.

— Não, eu vou te ajudar. Sou sua única opção. E se alguém pode fazer isso, é você. Você nunca quis fazer parte de nada disso.

— Aria, você mesma disse, o que vou fazer é traição e a máfia lida duramente com as pessoas que a traem. Luca não faz o tipo misericordioso.

— Luca não vai me machucar. — Gianna parecia duvidar disso, mas eu sabia que aquelas palavras eram verdadeiras, e não só porque ele tatuou o que falei em sua pele. — Não vai. Se Salvatore Vitiello ainda estivesse vivo, as coisas seriam diferentes. Eu estaria sob sua jurisdição, mas Luca é o Capo e não vai me punir.

— Talvez seus homens não lhe deixem alternativa. Ele é um Capo recente e se parecer fraco, seus homens podem se revoltar. Luca não vai arriscar seu poder por você. A *Famiglia* vem em primeiro lugar para os Homens de Honra.

— Confie em mim — falei.

— Eu confio em você. É em Luca que não confio.

— E se pensar bem, eu não estaria traindo a *Famiglia* de verdade. Você ainda faz parte da Outfit até se casar com Matteo. Isso significa que estaria traindo a Outfit, mas não sou ligada a eles, então, não posso traí-los.

— De qualquer forma, Luca pode não ver dessa maneira. Mesmo que você

não esteja traindo a *Famiglia*, ainda age pelas costas dele. Sem falar que Matteo provavelmente moverá céus e terras para me encontrar.

— Verdade. Ele vai te caçar.

— Uma hora vai acabar perdendo o interesse.

Sabendo da obsessão de Matteo pela minha irmã, duvidava disso.

— Talvez, mas eu não contaria com isso. Precisamos nos assegurar de que ele não te encontre.

— Aria, eu não deveria ter vindo com isso até você. Você não pode se envolver.

— Não tente me convencer a não participar disso. Eu me sentiria culpada se não pudesse te ajudar e você fosse pega — falei para ela.

— E eu vou me sentir culpada se você tiver problemas por me ajudar.

— Eu vou te ajudar. Ponto final.

Capítulo 6

Um mês depois, LUCA

— A Sphere ainda está indo muito bem, mas a Pergola está chegando perto. Apesar da tentativa dos russos de criar problemas, ainda estamos ganhando muito dinheiro com as nossas boates. E a Pergola será a boate mais badalada da cidade no ano que vem, posso sentir — falou Matteo ao verificar os lucros do mês passado das nossas boates.

Eu não estava nem aí se éramos donos das boates mais badaladas da cidade. Nosso negócio principal eram as drogas, e os números no meu laptop me diziam que não estávamos vendendo tanto quanto poderíamos.

— A heroína está reduzindo. Essas novas drogas sintéticas são o que as pessoas querem. — falei. — Precisamos garantir que nosso distribuidor entregue a tempo. Não estou nem aí se os laboratórios estão produzindo o mais rápido possível. Não é rápido o bastante. Faça uma visita a ele.

Matteo curvou os lábios numa porra de sorriso sinistro.

— Farei.

Balancei a cabeça, sorrindo do meu jeito.

— Seu doente do caralho.

— Os iguais se reconhecem.

Meu telefone tocou. Tirei-o do bolso e olhei para a tela. *Romero*.

— O que foi, Romero?

— *Sandro está desmaiado na cozinha. Aria e Gianna sumiram.*

Meus batimentos cardíacos dobraram. *Os russos.*

— Repita isso.

Fechei o laptop e me estiquei na cadeira. Os olhos de Matteo inclinaram-se para mim, a vigilância baniu o seu sorriso.

— *Ele foi drogado e amarrado com fita. Um dos carros desapareceu. Gianna e Aria devem ter arrumados umas roupas porque estão faltando algumas no armário. Não há nenhum sinal de agressão. Elas devem ter fugido.*

Fugido? Meus olhos encontraram a arte em grafite que Aria me deu quatro meses atrás, que estava pendurada na parede atrás da minha mesa.

— O que está acontecendo? — perguntou Matteo, fechando o laptop e colocando-o de lado.

Levantei-me. A fúria estava fervendo sob minha pele… e outro sentimento também. Um sentimento fraco ao qual eu não daria espaço. Um sentimento com o qual nunca me incomodei até Aria, e agora ela tinha ido embora. Ela *foi embora*, porra.

— Romero encontrou Sandro drogado e amarrado no chão da cobertura. Aria e Gianna sumiram.

Matteo se levantou devagar.

— Você está de sacanagem.

Fui para cima dele, com uma raiva do caralho que me queimava por dentro. Raiva e preocupação. Preocupação porque minha esposa tinha ido embora. Aria fugiu. *Fugiu de mim*.

— Você acha que eu brincaria com uma coisa dessas?

— Pensei que Aria estivesse apaixonada por você — falou Matteo maliciosamente.

Meus dedos coçaram para se fechar em volta do seu pescoço. Para quebrar alguma coisa. Caralho, foi tão bom quando estrangulei um cara da última vez. Mas *Matteo* não me traiu. Eu deveria querer machucar a minha esposa por fugir de mim e, mesmo assim, não queria. Porra! Maldita Aria. Maldita por fazer eu me importar.

Saí do porão da Sphere num rompante. Alguns dos meus homens que estavam no bar me olharam com curiosidade. Outros se levantaram como se fossem se juntar a mim em qualquer cruzada em que eu estivesse. Mas eu não podia arriscar que eles descobrissem que a minha própria esposa tinha fugido, que eu não consegui nem controlar a mulher ao meu lado.

Amor: a raiz da fraqueza. Era disso que a porra do nosso pai chamava. Eu não gostava do homem, *odiava*-o com todas as fibras do meu ser, mas talvez ele estivesse certo quanto a isso. Aria estava me transformando num idiota e eu permiti que ela fizesse isso.

Matteo vinha logo atrás de mim.

Se ele não quisesse a porra da ruiva, nada disso teria acontecido. Com certeza a porra toda foi ideia da Gianna.

— A culpa disso é de Gianna. Essa garota é a raiz de todos os problemas. Por que você não conseguiu ficar longe dela como eu mandei?

— Provavelmente pelo mesmo motivo que você deixou Aria brincar com você — resmungou Matteo.

Foda-se. Matteo era meu irmão. Se outros homens começassem a pensar do mesmo jeito, eu teria que fazer uma declaração de sangue… de novo. Tudo por causa de Aria. Entrei no meu carro e Matteo montou em sua moto e fomos encontrar com Romero.

Ele estava nos esperando na minha cobertura, perto de Sandro, que delirava. Aquele imbecil deveria ter ficado de olho em Aria e Gianna; em vez disso, deixou as duas mulheres inexperientes o derrubarem. Ele não me olhou nos olhos, e eu foquei em Romero antes de acabar matando aquele filho da puta inútil.

— Fale — foi só o que saiu da porra da minha garganta apertada.

— Dez mil dólares e dois passaportes sumiram. Parece que elas planejaram isso por um bom tempo.

Assenti, tentando disfarçar o que essa informação fez comigo. Aria disse que me amava. *Eu* disse que a amava, tratei-a tão bem quando sabia, nunca a machuquei, e agora, isso?

Irei onde você for, não importa quão sombrio seja o caminho.

Será que os últimos meses foram a porra de uma encenação? Mas ninguém podia ser tão boa atriz assim. Isso era coisa de Gianna. Culpa da porra da Gianna.

— Precisamos procurá-las — resmungou Matteo, como se eu não soubesse disso.

Olhei para ele.

— E onde você quer começar? Elas podem estar em qualquer lugar. Nem devem ter levado a porra do telefone celular com elas.

— Pode valer a pena tentar mesmo assim — sugeriu Romero em voz baixa.

Tentei me acalmar e pensar direito, em seguida, dei um aceno brusco, antes de tirar o meu telefone e abrir o aplicativo de rastreamento. E um segundo depois, o celular de Aria apareceu. Surpresa, depois alívio, seguido de suspeita recaíram sobre mim. Ela estava saindo da cidade, em direção ao norte.

— Acha que são elas? — Matteo olhou para o meu celular. — Elas são inteligentes demais para terem levado o celular junto.

— Talvez seja uma armadilha, mas é tudo o que temos neste momento — falei. Antes de Matteo e eu sairmos à procura de nossas mulheres, falei para Romero: — Ligue assim que tiver notícias.

*

ARIA

Dirigi por um longo tempo, primeiro em uma direção, depois, na oposta. Não tinha certeza se já tinham descoberto Sandro e sabiam que Gianna tinha fugido. Será que Luca achava que eu tinha ido embora com ela? Que tudo o que falei para ele era mentira? Eu não tinha certeza. Meu coração doeu ao pensar nisso. Luca não era um homem que confiava com facilidade… ou de forma alguma. Contudo, eu tinha sua confiança. Talvez não tivesse mais.

Olhei para o relógio no painel. O voo de Gianna para Schiphol tinha saído há quase uma hora. Eu precisava chegar em casa. Se meu celular foi rastreado, já deveriam estar no caminho errado, sem suspeitar que Gianna entrou num avião. Luca tentara me ligar várias vezes. Ele devia estar furioso.

Virei o carro e fui em direção a Manhattan, meu coração acelerava à medida que me aproximava de casa.

No momento em que entrei no estacionamento subterrâneo, o funcionário do prédio, que assistia tudo pelos monitores, já devia estar notificando a Luca sobre a minha localização.

Peguei o elevador para a nossa cobertura. Quando as portas abriram, Romero esperava por mim. Ele balançou a cabeça em reprovação, havia algo próximo à raiva em seu semblante. Ele nunca havia demonstrado raiva abertamente para comigo. Ele levantou o celular ao ouvido, mas não tirou os olhos de mim.

Não precisei perguntar para quem estava ligando. Passei por ele em direção às janelas e olhei para fora. Gianna estava em um voo para a liberdade. Ela pousaria em Amsterdam dentro de algumas horas, onde começaria uma nova vida. Longe disso tudo. Longe da máfia e de casamentos arranjados. Longe das gaiolas douradas e das regras criadas por homens.

Eu esperava que Gianna fosse inteligente o bastante para escapar dos seus perseguidores, porque eu não tinha um pingo de dúvida de que meu pai mandaria seus homens atrás dela. E eu desconfiava de que Matteo também não a deixaria escapar de suas mãos tão facilmente. Ela teria que encontrar alguém que pudesse lhe dar uma nova identidade. Neste país, ninguém iria contra a máfia, exceto a Bratva, e entrar em contato com eles seria colocar o último prego em nossos caixões. Mas, acima de tudo, eu esperava que Gianna encontrasse o que estava procurando.

— Luca, ela está aqui — disse, enfim, Romero. — Não, sozinha. Sim. Deixa comigo.

Romero veio até mim. Olhei por sobre o ombro para seu corpo alto.

— Não vou fugir. Não é necessário ficar dois passos atrás de mim para

assegurar-se disso — falei brincando.

Romero não sorriu. Ele deu mais um passo em minha direção, mais perto do que costumava chegar, seus olhos castanhos endureceram.

— Luca é o Capo. E é o melhor de todos. Porque governa sem misericórdia. Porque recompensa quem é leal. Porque protege os que merecem proteção.

Virei-me totalmente para ele, surpresa pela impetuosidade de suas palavras, e incerta do que ele faria com elas.

— Você o traiu. — Ele praticamente cuspiu as palavras em mim.

— Eu não…

Romero me interrompeu:

— Você agiu pelas costas dele e fugiu. Eu não estou nem aí. Em nosso mundo isso significa traição e você deveria saber disso, Aria.

Encarei-o trêmula. Será que Luca também via minhas ações desse modo?

— Se fosse qualquer outra pessoa, Luca não pensaria duas vezes em dar uma punição severa. Traição significa morte, tortura, no mínimo. Mas você tem certeza de que está segura — disse ele, e se inclinou, aproximando-se, e mais uma vez eu me lembrei de que aquele homem na minha frente era um assassino apesar de sua natureza descontraída. — Nunca se esqueça de que Luca ainda é um Capo que precisa manter a reputação na frente de seus homens. Não abuse da paciência dele. Não o obrigue a fazer algo de que nem você irá se recuperar.

Engoli em seco, olhando para a minha pulseira.

Na hora mais escura, você é a minha luz.

Romero não estava me ameaçando como pensei a princípio. Ele estava preocupado. Não pensei que fosse tão importante.

Não, isso não estava certo. Havia suspeitado do quão ruim seria se eu ajudasse Gianna a fugir, mas não consegui evitar. Ela era minha irmã e eu a amava.

A porta do quarto de hóspedes abriu e Sandro saiu cambaleante, sua camisa estava amassada para fora da calça. Ele parecia pálido e desorientado. Quando seus olhos pousaram em mim, a raiva cruzou seu rosto, depois, ele olhou para Romero ao meu lado e abaixou a cabeça. Eu feri seu orgulho, que era a pior vergonha possível para um Homem de Honra.

— Você está bem? — perguntei-lhe, sentindo-me mal por tê-lo drogado, só que ele não teria me deixado sair com Gianna.

Ele foi para o sofá e se sentou. Recostou-se devagar, mas não falou nada.

— Ele está mal? — perguntei a Romero quando se tornou claro que Sandro estava determinado a me ignorar.

Romero deu de ombros.

— O entorpecimento será o menor dos problemas. O erro dele vai lhe causar um problema maior, acredite. Luca não tolera incompetência.

Sandro se retraiu visivelmente.

— Luca não vai castigá-lo, vai? Preciso falar com ele…

— Não — falou Romero bruscamente. — Você deveria começar a pensar na sua sobrevivência. Tenha cuidado.

Calei a boca.

O elevador entrou em movimento. Meus olhos correram para o visor. Ele estava descendo para a garagem subterrânea. *Luca.*

Meu estômago contraiu. Eu estava nervosa. As palavras de Romero deixaram um impacto. Mas eu conhecia Luca. E ele me conhecia. Iria entender. Não o tinha contrariado. Apenas ajudei Gianna. Certo?

Percebi que isso poderia parecer diferente para quem está de fora. Meu Deus. O medo começou a borbulhar no meu estômago. Voltei-me para as janelas, precisando de tempo para controlar a minha cara.

Será que estraguei tudo?

O elevador parou no nosso andar e o som de Luca e Matteo em algum tipo de discussão me alcançou. Na janela dava para ver o corpo alto de Luca elevando-se sobre o irmão. Matteo era alto, mas Luca era… Luca. Majestoso. Seu olhar encontrou o meu no reflexo da janela.

Engoli em seco.

Ele seguia em minha direção, não falou nada. Eu estava prestes a me desculpar quando seus dedos fortes agarraram meu antebraço e ele me virou. Engoli um suspiro. Ele me segurava com força, embora eu soubesse que devia estar se contendo. Olhei para ele e estremeci. Seu rosto era uma máscara de raiva mal controlada. Ele ainda não falava nada, o que me fez perceber o quanto a situação era verdadeiramente ruim.

Matteo avançou em mim.

— Cadê Gianna?

Eu o ignorei, presa no olhar de Luca.

— Responda — falou Luca em voz baixa.

Tentei me livrar do seu aperto, mas ele não soltou. De repente, uma pontada

de raiva me atingiu. Ele estava mostrando seu poder na frente de todos, tentando agir todo machão e Capo.

— Ela foi embora — declarei.

— Ah, não diga — rosnou Matteo. — Não acha que sabemos disso? Mas para onde ela foi? Vocês saíram juntas, planejaram tudo juntas.

— Não sei. — Dei de ombros. — Decidimos que seria melhor se eu não soubesse.

— Mentira. — Matteo sorriu de forma cruel. — Você sabe exatamente onde ela está.

— Aria. — A voz de Luca estava inflexível ao chamar a minha atenção de volta para ele. — Até agora ninguém sabe sobre isso. Nem mesmo seu pai e a Outfit. Logo teremos que contar a eles que sua irmã fugiu sob a *minha* proteção.

Isso faria com que sua imagem fosse afetada. Ele era Capo. Queria parecer invencível. Eu odiava esses conflitos de poder. Por que os homens não podiam simplesmente deixar passar?

Comprimi os lábios.

Matteo grunhiu.

— Vou encontrá-la de qualquer jeito, se tiver que procurar em todas as boates de Nova York. Ela quer me provocar. Se eu a encontrar fodendo outro cara, ela vai se arrepender.

Fiquei com raiva.

— Você nunca irá encontrá-la. Ela está muito longe. E Gianna não vai voltar. Nunca.

— Muito longe — repetiu Matteo olhando para Luca. — Quer dizer que você sabe onde ela está.

Fiquei tensa. — Não importa. Eu não vou contar.

Sandro bufou.

O semblante de Luca obscureceu ainda mais. Matteo veio para bem perto de nós. Ele olhou para o irmão implorando.

— Precisamos encontrá-la. Não só porque a quero, mas porque isso vai refletir muito mal na *Famiglia*. — Matteo me analisou. Sua expressão me assustou. Eu tinha começado a gostar dele. Talvez eu tenha esquecido fácil demais o tipo de homem que ele era, o tipo de homem que ambos eram. — Precisamos arrancar o que ela sabe.

Engoli em seco. Eu estava prestes a repetir que não diria nada quando me dei

conta de para onde ele ia com seus argumentos.

— Se você não consegue fazer isso, Luca, deixe-me lidar com o assunto — ofereceu Matteo num murmúrio implorante. — Não acho que terei que machucá-la demais. Ela não está acostumada a resistir à dor.

Estremeci na mão de Luca. Meus olhos voaram de Matteo para Luca.

— Você não pode estar falando sério — sussurrei asperamente. Pude notar que Romero e Sandro assistiam com interesse.

— Silêncio — grunhiu Luca, e eu prendi o ar. Ele voltou a olhar para o irmão. — Eu sou seu Capo, Matteo. Vou resolver isso com a minha esposa. Você não vai encostar um dedo nela.

Matteo deu de ombros.

— Então, resolva, *Capo* — disse ele num tom desafiador. Ele estava desafiando descaradamente Luca como Capo? Estava enlouquecendo? Será que estava tão obcecado com Gianna a ponto de arriscar até o seu relacionamento com Luca?

Mas o que eu fiz? Também arrisquei meu relacionamento com Luca por Gianna. No entanto, eu tinha que acreditar que era diferente. Fiz o que fiz pelo amor que sinto pela minha irmã. Matteo queria Gianna por possessividade.

Luca me puxou para longe do irmão em direção à escada que levava para o segundo andar.

— Luca — comecei, porém, ele me apertou ainda mais em advertência e eu me calei. Todos nos observavam. O que precisava ser dito era algo somente entre mim e Luca.

Eu o segui para dentro do quarto, então, tentei novamente.

— Luca…

Ele bateu a porta do quarto ao entrarmos e me puxou com força contra si. O ar saiu dos meus pulmões por causa do impacto contra seu torso musculoso.

Se já não estivesse casada com Luca há meses, teria me acovardado diante de sua carranca, mas eu o amava e ele me amava. Eu tinha que confiar nisso.

— Onde está Gianna? — grunhiu.

Estremeci diante da corrente de fúria na voz dele.

— Eu não vou contar. Não importa o que faça.

Ele beijou meu pescoço, apoiando-me contra a porta fechada.

— Não diga isso.

Quando ele levantou a cabeça, sua expressão havia mudado. Ele ergueu suas barreiras, me deixando de fora, me encarou, depois, prendeu meus pulsos acima da minha cabeça, apertando-me de maneira quase dolorida. Eu me retraí. Um sorriso sem alegria curvou seus lábios. Seus olhos eram cautelosos como se estivesse me analisando novamente, como se estivesse tentando me avaliar. Calculista.

Senti um medo na boca do estômago. Medo do que ele faria. Mas, pior ainda, medo de perdê-lo. De ter perdido a confiança de um homem que nunca havia se permitido confiar em ninguém além de mim.

Luca assentiu. — Esse olhar em seus olhos. Já o vi milhares de vezes em outras pessoas, mas fazia tempo que não o via em você.

Seu polegar apertou meu pulso e eu pude sentir a minha pulsação martelando contra ele, mas não podia fazer nada quanto a isso.

— Eu sou um Capo jovem, Aria. Mais jovem do que a maioria dos Subchefes mais velhos gostam. Muitos me querem fora. Eles estão à espera de um sinal de fraqueza. — Ele inclinou a cabeça. Tentei vislumbrar além da máscara que ele havia colocado, mas pela primeira vez não consegui. — Não seja essa fraqueza.

Tentei me livrar do seu aperto, mas ele não se mexeu; era muito mais forte do que eu. Finalmente, estreitei os olhos para ele. Eu não era um dos seus soldados e, definitivamente, não era uma fraqueza.

— Eu não sou uma fraqueza. Me solte e pare de ser cruel.

— Não estou sendo cruel com você — grunhiu. — Você nunca presenciou meu lado cruel, Aria. Nunca viu nada parecido com isso. Se acha que isso é um ato meu de crueldade, então, você não me conhece mesmo. — Ele balançou a cabeça. — Você é uma fraqueza que não posso permitir. Seria fácil mudar isso. Sei que não demoraria muito para que você desistisse dos seus segredos. Não porque não quer guardá-los, mas porque sou bom demais em desmontar as pessoas. Eu poderia te desmontar muito fácil.

Durante os meses em que estivemos casados, ele tentou me manter fora dos negócios, mas eu não era idiota.

— Eu sei — sussurrei.

Você não teria nem que encostar a mão em mim para isso.

— Você não sabe, essa é a porra do problema. Já queimei, bati e cortei. Já estrangulei e afoguei pessoas. Já fiz todas as coisas horrendas com as quais você apenas teve pesadelos, Aria. O destino de Gianna está a menos de um minuto se eu tentar.

Por Deus, eu sabia. Já tinha visto do que ele era capaz quando tratava-se de

outras pessoas. Já vi o sangue, a escuridão e o brilho agitado em seus olhos. Eu sabia exatamente que tipo de homem ele era. Mas, valha-me Deus, eu o amava apesar de tudo. Amava mais do qualquer coisa neste mundo. Obriguei meu corpo a relaxar em seu aperto, embora fosse a coisa mais difícil que já fiz. Luca também sentiu e suas sobrancelhas uniram-se.

— Então, faça o que tem que fazer, Luca — sussurrei, e consegui falar sem hesitar porque sabia que, independentemente da raiva que ele estava sentindo, independentemente de quão sombrios os tempos fossem, ele nunca me machucaria. Eu confiava nele completamente.

Ele sorriu tristemente e se aproximou, seu polegar pressionou meu pulso outra vez.

— Isso trai seus verdadeiros sentimentos, Aria. Sei que está com medo.

Meu corpo te teme, mas não meu coração.

— Estou — admiti. — Mas não da dor e não de você. — Isso era mentira, a perspectiva da dor me assustava demais, e nós dois sabíamos disso, mas continuei. — A coisa que mais me dá medo é que você não vai mais confiar em mim, que eu estraguei a melhor coisa da minha vida, que magoei a pessoa que mais amo.

A expressão de Luca poderia ter derrubado mundos com sua intensidade. Ele me soltou como se estivesse queimando e se virou, depois, foi para o banheiro. Sabia que não deveria, mas o segui. Ele estava segurando a pia, encarando seu reflexo. Seus olhos cinza brilhavam de fúria. Quando ele me viu pelo espelho, levantou as mãos e arrancou a pia da parede.

— Dane-se, Aria. Dane-se a porra do seu amor. Dane-se tudo.

Ele soltou a pia e ela caiu quebrada no chão. Dei um passo na direção dele porque eu simplesmente não conseguia ficar longe.

— Você está me transformando na porra de um idiota — rosnou.

E logo estava sobre mim, alto e imponente. Ele segurou meus quadris e me levantou do chão, me ergueu contra a parede de azulejos. Seu corpo pressionou o meu e sua boca desabou na minha. Senti o gosto de sangue, sem saber ao certo se era meu ou dele, e não me importei. Sua língua reclamou a minha boca sem piedade, e eu retribuí o beijo. Seus dedos agarraram as minhas coxas dolorosamente ao me levantar. Ele levantou a minha saia e rasgou a minha calcinha. Ouvi-o abrindo o cinto e o zíper da calça, empurrou dentro de mim num único golpe duro. O meu suspiro foi engolido pela boca dele. Ele não esperou meu corpo se adaptar como costumava fazer; em vez disso, começou a meter rápido e com força, suas mãos agarrando a minha bunda, sua boca era impiedosa. E eu meu rendi completamente a ele. Agarrei-me ao seu pescoço, o

êxtase misturado com a dor conforme Luca me tomava mais forte do que nunca.

Ele ofegava, seus olhos estavam furiosos ao se aproximar do clímax. Ele parou de me beijar e apenas encarou meus olhos com o olhar mais intenso que já vi. Ele ainda me amava. Eu não o perdi.

E, em seguida, ficou tenso, seu pau expandiu dentro de mim e ele grunhiu, deixando a cabeça cair para frente. Enterrei o rosto no vão do seu pescoço e me permiti chorar ao me agarrar a ele e ouvir sua respiração forte e os batimentos instáveis do seu coração. Seu cheiro almiscarado tomou o meu nariz. Luca exalou bruscamente, seus músculos suavizaram sob as minhas mãos antes de ele me levantar com delicadeza e tirar devagar. Não pude deixar de me retrair. Estava dolorida. Luca me colocou no chão e nossos olhos se encontraram. Lentamente, seu olhar foi para baixo, para o seu pau, que estava com uma manchinha rosada. Não consegui descrever a expressão em seu rosto naquele momento. Arrependimento. Tristeza. Raiva. Ele caiu de joelhos e pôs o rosto na minha barriga.

— Caramba, Aria — rosnou ele. — Jurei nunca te machucar.

— Não é nada — declarei.

Ele balançou a cabeça e, por um momento, ficamos assim: seu rosto repousando em mim e minhas mãos em seus cabelos.

— Eu sou seu marido e seu Capo — falou por fim, antes de depositar um beijo sobre a pele macia da minha barriga, e seus olhos cinza encontraram os meus. — Nunca mais me traia novamente.

Isso foi uma ordem disfarçada de súplica. Existe um limite que seu amor por mim poderia aguentar; eu entendia isso agora. Ele era um predador, um monstro. Ele era meu.

— Não vou — prometi. E esperava conseguir manter essa promessa.

Capítulo 7

LUCA

Dei uma última olhada em Aria. Ela estava de costas para mim, nua dos pés à cabeça, exibindo cada centímetro daquela pele de porcelana perfeita que só eu podia tocar. Seus ombros e suas nádegas estavam vermelhos por causa da fricção nos azulejos quando a fodi.

Foda com raiva. Era algo que eu nunca quis fazer com Aria, mas algo explodiu dentro de mim e me odiei por isso. Odiei tê-la machucado, mesmo ela dizendo que não era nada. Eu tinha que protegê-la. Ela era minha, minha, caralho, até a porra do fim. Ela não fugiu e não iria fugir. Eu sabia disso agora.

Virando-me, abri a porta do quarto e desci a escada enquanto tirava o celular do bolso para ligar para alguns contatos no aeroporto. Não podia mais perder tempo. A notícia sobre o voo de Gianna se espalharia como fogo, e eu teria que garantir que isso não se transformasse em algo que eu não poderia controlar. Meus tios e os maridos das minhas tias estavam todos de olho na minha posição. Eles achavam que poderiam ser um Capo melhor. Gottardo dissera na minha cara. O único motivo pelo qual ninguém ainda tinha agido era que eles disputavam entre si, mas eu não podia contar que fosse ser assim para sempre. Talvez eles chegassem a um acordo em algum momento. Eu precisava ter certeza de que os meus homens fossem muito leais a mim para que não lhes dessem qualquer tipo de apoio. Não dava para aparentar fraqueza.

Matteo me encarou com raiva quando me viu.

— Não me diga que não conseguiu tirar nenhuma informação dela.

Fechei a cara para ele em resposta. Ele era meu irmão, mas estava começando a me emputecer, precisava parar com o desrespeito quando tivessem outras pessoas por perto.

— Eu só sei que Gianna pegou um avião no JFK. Aria não vai me contar nada, porém, em breve, nossos informantes vão me dizer para onde Gianna está indo.

— Ótimo — resmungou ele, seu olhar voltou para a porta do quarto antes de voltar a mim. Não gostei nem um pouco daquele olhar. — E depois? Aria sabe o plano de Gianna. Elas contam tudo uma para outra. O único modo de encontrar Gianna é através da sua esposa.

Romero e Sandro nos observavam, e eu avancei em Matteo.

— Ela não vai me contar nada.

O cretino tentou mesmo passar por mim e subir as escadas.

— Então, deixa eu dar uma palavrinha com ela.

Empurrei-o para trás, grunhindo.

— Você vai é ficar longe dela, Matteo. — Irmão ou não, se ele chegasse perto dela, se ele lhe arrancasse um fio de cabelo que fosse, eu acabaria com ele.

— *Você* a deixou roubar *seu* dinheiro, *seus* passaportes. Você a deixou atacar nossos homens. — Ele apontou para Sandro, que ainda nos encarava. — Você a deixou te fazer de idiota e te trair. Deveria querer puni-la. Você é o *Capo*.

Fiquei peito a peito com Matteo, por isso, ele teve que inclinar a cabeça para trás.

— Aria é minha esposa. Como eu lido com ela não é da sua conta. Eu te falei que Gianna era problema, mas você não quis ouvir. Você nunca deveria ter pedido a mão dela, só que você tinha que pensar com a cabeça de baixo — grunhi.

Ele saiu para o terraço. Melhor assim. Logo estaríamos apertando o pescoço um do outro.

Virando para os meus homens, disse a Sandro:

— Saia. Não tenho tempo para lidar com você agora. Nenhuma palavra sobre isso com ninguém. — Ele se levantou do sofá imediatamente, correu para o elevador e desapareceu, aliviado pra caralho por não ter levado um corretivo hoje. Em seguida, virei-me para Romero. — Ligue para Sami e descubra para onde Gianna está indo. — Romero deu um aceno breve, depois, pegou o celular e foi para a cozinha.

Suspirando, ergui meu celular ao ouvido, odiando o que precisava fazer agora. Depois de alguns toques Scuderi atendeu.

— *Luca, não estava esperando sua ligação*. — Havia uma pontada de desconfiança em sua voz de cuzão. E ele estava certo. Estragamos tudo. Eu estraguei tudo.

— Tenho más notícias. Gianna fugiu.

Fez-se silêncio do outro lado. Então, finalmente:

— *Fugiu?* — Scuderi parecia querer atravessar o telefone e me estrangular. — *Você jurou que a protegeria. Confiei em sua palavra. Em Chicago, a palavra de um Capo é válida.*

Vai se foder. Como se as coisas sempre ocorressem de acordo com os planos de Dante.

— A sua filha não é exatamente fácil de se vigiar, como você sabe muito bem. Não é a primeira vez que ela se comporta mal. — Tentei manter o tom de voz civilizado, afinal, foi um dos meus homens que fodeu com tudo ao se deixar drogar.

— *E quanto a Aria, ela ajudou a irmã?*

Ele não precisava saber que Aria estava envolvida. Já era bem ruim do jeito que estava. Não havia necessidade de alimentar o fogo.

— Não, ela não sabia de nada. Matteo vai imediatamente em busca de Gianna. Ela não vai ficar sumida por muito tempo.

— *Vou mandar dois dos meus homens com ele. Não confio em você para lidar com isso por conta própria.*

Tive que morder a língua para não o insultar. Precisávamos de paz entre a Outfit e a *Famiglia*.

— É compreensível, mas garanto que Matteo a encontrará. Ele está muito decidido a se casar com ela.

— *Ainda? Ela pode estar dando por aí enquanto falamos.*

Eu duvidava que Gianna usaria o voo para dar para um cara qualquer; ela estava ocupada tentando descobrir um jeito de estar sempre à nossa frente. Mas depois? Sim, ela abriria as pernas, sem dúvidas, mas isso não era problema meu.

Romero apareceu no meu campo de visão e sussurrou:

— Amsterdam. Schiphol.

— Sabemos que ela pegou um avião para Amsterdam. É para onde Matteo irá no próximo voo.

— *Vou providenciar para que meus homens estejam lá o quanto antes. Dante não ficará contente com isso. Posso te jurar. Isso terá que ser discutido detalhadamente.*

Eu não estava nem aí para Dante. A minha preocupação era com Nova York, com a *Famiglia*.

— Claro. — Desliguei, abafando o impulso de jogar meu telefone na parede. Em vez disso, usei-o para agendar Matteo no próximo voo. Era o pior momento para perder meu melhor soldado. Tudo por causa de Gianna e Aria. Um nova onda de fúria cega me atravessou, e eu pensei mesmo que perderia a cabeça, mas precisava manter a calma e o controle. Eu era o Capo.

Fui para fora e parei ao lado de Matteo, que estava apoiado no balaústre com uma expressão determinada no rosto. Ele iria capturar Gianna. Era apenas uma questão de tempo.

— Liguei para Scuderi. Ele está furioso e, claro, nos culpa.

— Claro — disse ele calmamente.

— Ele está mandando dois de seus homens atrás de Gianna.

Ele ainda não olhava para mim, ainda estava puto porque poupei Aria. Como se ele, algum dia, torturaria Gianna para conseguir informação. Nós éramos assassinos, talvez até sádicos, mas definitivamente não em relação às mulheres com as quais nos importávamos.

— Eu vou com eles — falou.

— Imaginei que fosse. Disse isso a Scuderi. Encontre com eles em Amsterdam.

Isso atraiu sua atenção. Ele se endireitou e se virou para mim.

— Amsterdam?

Assenti. — Fiquei sabendo que ela pegou um avião para Schiphol.

— Quando vou? — Ele estava entrando no modo caçador.

— Em quatro horas.

— Tenho que ir antes.

— Impossível. Tentei tudo o que podia.

— Merda! Gianna já terá ido quando eu chegar.

— Você a encontrará. É o melhor caçador que conheço. Ela não tem a mínima chance.

Ele tocou meu ombro.

— Você me deixa ir, mesmo precisando de mim aqui.

A *Famiglia* precisava dele. Eu precisava dele mais ainda. A Bratva era um pé no saco. Minha família traidora estava me pressionando.

— Você não será muito útil para mim se só consegue pensar em Gianna. — Até a minha confiança em Matteo tinha limites. Ele não precisava saber o quanto eu contava com seu apoio.

— Pode levar semanas — falou. — Não vou voltar até a ter apanhado.

— Eu sei. Se Aria tivesse fugido, eu faria o mesmo. — Eu a teria seguido até o fim do mundo. Eu não queria me casar, no entanto, Aria mudou tudo. Ela era a minha esposa e eu nunca a deixaria ir embora.

Ele assentiu.

— Vou tomar algumas providências para que lhe sejam entregues armas em

Amsterdam. Vou ver se consigo encontrar Rolfo para ele ligar para a família na Holanda. É melhor pegar o que vai precisar. Tem que estar no aeroporto em duas horas.

— É melhor dizer a Rolfo para conseguir a porra de um celular. O cara ainda está preso nos anos 1970.

— Ele tem quase setenta anos. Duvido que alguma coisa neste mundo o convença a usar um telefone celular. Vou dirigindo até o Roma. Ele estará jantando lá. Estarei de volta antes que você tenha que sair. — Dito isso, entrei. Ao passar, falei para Romero — Vou ficar fora por cerca de duas horas. Certifique-se de que Aria permaneça no apartamento.

— Pode deixar, chefe — falou ele quando entrei no elevador. Romero não deixaria ninguém o drogar.

*

ARIA

Eu estava cansada e sentia falta de Luca. Depois de um banho rápido, arrastei-me para a cama. Ainda estava dolorida, mas não me importava. Só queria que as coisas entre mim e Luca voltassem para como eram antes do dia de hoje. Ainda nem era tão tarde, apenas por volta das 19h, mas os eventos do dia foram esgotantes. Sentei-me quando a porta do quarto rangeu ao ser aberta. O movimento foi muito cuidadoso, muito silencioso para ser Luca. Saí da cama quando Matteo entrou no quarto e se voltou a mim.

Minha coluna enrijeceu.

— O que você está fazendo aqui? E onde está Romero? — Dei a volta na cama, mas parei no meio do caminho entre ela e a porta.

Os lábios de Matteo curvaram-se num sorriso perigoso.

— Ele está lá fora, atendendo o telefonema de Luca.

Por um momento, nenhum de nós se mexeu. Eu estava incerta do que fazer. Não queria gritar por ajuda para Romero… ainda. Até porque eu não tinha certeza se ele poderia me ouvir no terraço, e eu não queria exagerar. Se eu chamasse Romero agora, ele teria que contar a Luca sobre isso, e então, as coisas entre ele e Matteo ficariam estranhas. Eu não queria que isso acontecesse por minha causa. Já tinha feito muita besteira.

Ele veio para cima de mim e eu cambaleei para trás.

— Por que está aqui? — perguntei com uma calma forçada, mas não consegui suprimir o pequeno tremor na minha voz.

A frieza nos olhos de Matteo fez meu estômago contrair com um medo gelado.

— Vim conseguir a informação que Luca não foi capaz de obter. Nós dois sabemos que você planejou tudo com Gianna.

Ele se aproximou e eu me virei. Este não era Luca. Era Matteo, e ele era um homem em busca de sangue. Um homem que costumava conseguir o que queria, e Gianna era a única coisa que ele queria mais do que tudo. Corri em direção à mesa de cabeceira, alcançando a gaveta com a arma. Eu não sabia direito o que fazer com ela. Dificilmente conseguiria atirar em Mateo. Meus dedos tocaram no cabo quando as mãos de Matteo apertaram meus quadris. Fiquei suspensa no ar por um segundo antes de pousar de costas no colchão, o ar saiu dos meus pulmões num assobio. E logo ele estava em cima de mim e eu congelei. Nunca estive na cama com outra pessoa senão Luca. Comecei a tremer.

O olhar de Matteo era calculista ao prender meus pulsos na lateral do meu corpo com seu corpo sobre as minhas pernas.

— Talvez a dor não seja o que você mais teme — considerou com a voz baixa. Ele me contemplava como se eu fosse um meio para atingir um fim. Matteo nutria o mesmo monstro que Luca, mas o dele não ficava contido na minha presença.

Eu não tinha certeza do que eu temia mais neste momento. Matteo era muito importante, mas havia também o medo do que isso significava para o seu relacionamento com Luca. Eu duvidava que Luca perdoasse Matteo por isso; ele o mataria e, em troca, isso mataria Luca.

— Deixe-me ir antes que você faça alguma coisa da qual vá se arrepender — resmunguei com falsa valentia. Minha pele ficou toda arrepiada. Os olhos de Matteo captaram a minha reação. Seu calculismo calmo me assustou.

Ele ainda não tinha feito nada. Estava em conflito. Dava para ver em seu rosto. Eu precisava usar essa oportunidade. Matteo gostava de mim, talvez não o suficiente para detê-lo, mas ele amava Luca e Luca me amava.

— Eu só estive com Luca. Esta é a primeira vez que estou na cama com outra pessoa, Matteo — sussurrei.

Matteo soltou meus pulsos.

— Você é do Luca — falou baixinho. — Eu nunca te desonraria desse jeito. Nem mesmo sendo óbvio o quanto seria fácil conseguir as respostas que quero se fizesse isso. Aqui não é Vegas e eu não sou esse tipo de homem.

Ainda pairando sobre mim, ele pôs a mão nas costas e puxou uma de suas facas. Este não era Luca. Matteo não me amava. E já tinha ouvido suas histórias. Sabia o que ele podia fazer, o que ele gostava de fazer. Assim como Luca,

Matteo não conhecia a misericórdia, porém, não havia nenhum amor para me proteger.

— Não vou te contar onde ela está — menti, porque isso só podia ser uma mentira. Eu não era tão forte assim.

— Vai, sim — afirmou. A lâmina brilhou na luz fraca que entrava pelas janelas. — Ninguém pode guardar segredos quando está sob meu domínio.

— Se eu gritar, Romero estará aqui num segundo. Ele vai me proteger.

— Ele vai tentar. E quem disse que vou te dar a chance de gritar?

Ele levantou a bainha da minha camisola e eu comecei a espernear, não estava acostumada a outra pessoa ter tanta intimidade assim. Travei quando a ponta da lâmina tocou a pele abaixo do meu umbigo.

— Esta é uma área muito sensível. Muitas terminações nervosas. Até mesmo um cortezinho será muito doloroso.

— Matteo, por favor — sussurrei.

Grite – dizia uma voz insistente na minha cabeça, mas eu precisava dar outra chance, por Luca.

Ele ergueu os olhos da lâmina para o meu rosto.

— Sei que você está furioso porque Gianna fugiu. Está furioso comigo por ajudá-la. Sei que você faria qualquer coisa para tê-la de volta, mas Luca não vai te perdoar por isso.

— Ele vai me matar, como é o dever dele — resmungou Matteo.

Matteo e eu nos encaramos por um tempo porque nós dois sabíamos que era verdade. Ele levantou a lâmina devagar, porém, não a afastou totalmente. Ela ainda estava ali, ainda entre nós dois, ainda perto demais do meu corpo.

— Ele confia em você — falei.

Matteo olhou para baixo, para o jeito que estava em cima de mim. Meu medo começou a desaparecer, sabendo que as minhas palavras o haviam tocado. Eu poderia ter chorado de alívio.

A boca de Matteo afinou. — Isso é traição. Você é dele. Eu não deveria estar aqui.

Ele saiu de cima de mim e eu me sentei depressa e deslizei para trás da cama. Matteo me observava, uma pontada de arrependimento atravessou seu rosto e logo desapareceu.

— Nós somos monstros, Aria. Luca e eu. Sempre fomos. Sempre seremos. Não cometa o erro de se esquecer disso. Todos pensavam que ele iria te destruir,

que você cometeria suicídio semanas após seu casamento. Mas aqui estamos. Luca te tratar do jeito que trata é um presente que você deveria valorizar, e não espezinhar.

Ele se virou para sair.

— Não vou contar a ele sobre isso — apressei-me em dizer antes de ele abrir a porta.

Matteo me olhou por sobre o ombro, unindo as sobrancelhas escuras.

— Você deveria contar. O que eu fiz foi errado.

— Foi, sim, mas não vou contar — falei determinada — Não quero que ele te perca. — E nós dois sabíamos que isso aconteceria. Luca tentaria matar Matteo pelo que aconteceu hoje e, mesmo que não fosse até o fim, eles nunca mais seriam como são. Luca precisava de Matteo. Eu não tiraria isso dele.

Matteo inclinou a cabeça.

— Juro que nunca mais vou te ameaçar. — Ele não esperou pela minha resposta; pelo contrário, saiu e fechou a porta em silêncio.

Soltei o ar e coloquei a mão sobre meu coração que batia forte. Minhas mãos tremiam. Meu Deus.

*

Eu ainda estava abalada por causa do confronto com Matteo quando Luca voltou mais tarde naquela noite. Fiquei acordada lendo para me distrair de tudo o que aconteceu, entretanto, a minha mente continuava se desviando. Seus olhos ainda estavam cheios de raiva e decepção pelo que eu fiz quando ele se despiu e veio para a cama.

— Matteo está a caminho de Amsterdam neste momento. Ele pode ficar longe por semanas ou até meses até pegar a sua irmã — falou com um tom de voz tenso.

Meus dedos apertaram o livro à menção de Matteo.

— Você o viu antes de ele ir para o aeroporto?

— Não, ele já tinha ido quando voltei.

Mordi o lábio, tentada a pedir desculpa a Luca, mas sabia que teria feito outra vez, ajudado Gianna, e ele também sabia. Luca entrou debaixo das cobertas, seus olhos cinza estavam endurecidos ao analisarem meu rosto. Pousei o livro, e meus dedos ainda tremiam ligeiramente. Eles não tinham parado de tremer desde o confronto com Matteo.

Luca pegou a minha mão. Claro que ele iria perceber. Seus olhos suavizaram

quando levou meus dedos aos seus lábios e os beijou.

— Eu não deveria ter sido tão bruto com você hoje, mas, porra, Aria, você me encurralou.

— Eu sei — falei baixinho. — Só que eu nunca tive a intenção de te trair. Eu te amo, Luca.

Ele se inclinou, segurou meu pescoço e me puxou para si e me beijou. Sua língua deslizou para dentro da minha boca enquanto sua outra mão se movia por baixo da minha camisola, as pontas dos seus dedos tocaram levemente as minhas costelas até encontrarem meus mamilos, que endureceram sob seu toque. Ele se afastou.

— Tenho que me redimir com você por gozar primeiro — rosnou ele, e eu senti algo escorrer entre as minhas pernas diante do timbre baixo de sua voz e da fome em seus olhos.

Ele me ajudou a tirar a camisola, depois, a calcinha, enquanto seus olhos deixavam um rastro possessivo pelo meu corpo. Ele se deitou de costas, agarrou meus quadris e me ergueu para a sua barriga.

— Senta na minha cara, *principessa*. Quero sentir o seu gosto.

Meu corpo inundou de necessidade quando me arrastei para cima até ficar posicionada sobre o rosto dele. Ele desceu as mãos para os meus quadris e me segurou ali, impedindo-me de me abaixar na sua boca como meu corpo ansiava. Seus olhos no meu rosto, sua língua correndo pelas minhas dobras lentamente, mal me tocando, não o bastante. Ele recuou, sorrindo.

— Tão molhada para mim.

Abaixei a cabeça para encontrar seu olhar. Eu adorava olhar para ele tanto quanto ele adorava olhar para mim. Não havia nada mais sexy. Ele mergulhou a ponta da língua entre as minhas dobras e eu me contorci em seu controle, mas, mesmo assim não me permitiu abaixar o corpo.

— Luca — ofeguei.

Outra lambida longa e lenta no meu clitóris, seguida por uma leve cutucada da sua língua. Um gemido baixo escapou dos meus lábios, mas eu precisava de mais.

— Paciência — rosnou Luca contra minha carne quente, depois, continuou seus movimentos provocantes. Agarrei a cabeceira e me rendi à sua doce tortura. A cada movimento da sua língua, eu ficava mais excitada, e Luca sorriu ao deslizar a língua pela minha abertura, soltando um zumbido baixo ao me saborear. Então, finalmente, felizmente, ele afrouxou o aperto em meus quadris. Afundei, pressionando-me em sua boca. Seus lábios fecharam-se no meu clitóris

e ele chupou. Gritei e quase gozei, mas me contive, desejando prolongar a sensação. Seus dedos massageavam minha bunda enquanto eu me movia contra ele. Não sei por quanto tempo mais eu conseguiria me conter. Ia chegar lá depressa demais. Meus dedos contraíram, minhas costas esticaram e meu corpo explodiu com meu orgasmo. Arqueei as costas para trás e Luca me manteve no lugar, em sua boca. Balancei para frente, ofegando, me contraindo.

Através de olhos semicerrados, assisti sua língua me guiando pelo meu orgasmo com lambidas lentas. Seus olhos estavam cheios de necessidade, de fome por mim, e com uma pitada de raiva. Ele recuou e lambeu seu lábio superior.

— Não há nada melhor do que seus fluidos na minha boca — murmurou, e eu estremeci com os resquícios do meu orgasmo. — Outra rodada — disse ele antes de sua boca encostar de novo e continuar seus avanços. Eu ainda estava sensível, contudo, por trás disso, outro orgasmo se desenvolvia lentamente. Repousei a cabeça na cabeceira e me permiti mais alguns momentos para curtir a boca suave de Luca. Ele voltou a colocar a mão na minha cintura, e me ergueu de volta até eu ficar em cima de sua barriga antes de ele se levantar e se sentar encostado na cabeceira. Eu não precisei de incentivo. Posicionei-me sobre seu pau ereto até a ponta roçar na minha abertura, em seguida, tomei-o centímetro por centímetro até ele me preencher completamente. Nós dois gememos quando nossos corpos se conectaram. Inclinei-me para frente, meus lábios encontraram os de Luca, sentindo o meu gosto nele. Girei os quadris enquanto nossas línguas se acariciavam sem pressa.

O prazer estava se desenvolvendo dentro do meu íntimo. Eu me movimentei mais rápido, mais intensamente, roçando e rebolando, e Luca ergueu os quadris, reunindo meu impulso ao dele. Fechei os olhos conforme ele metia mais fundo dentro de mim a cada estocada.

— Linda pra caralho — grunhiu ao bombear dentro de mim, e os cantos da minha boca curvaram-se para cima e minhas pálpebras abriram. Espalmei seu peitoral musculoso, uma mão sobre a tatuagem da *Famiglia*, *sobre seu coração*.

— Irei onde você for, não importa quão sombrio seja o caminho — sussurrei.

Ele forçou o aperto nos meus quadris e os tendões em seu pescoço contraíram. Ele estava perto. Sua mão correu para a minha barriga, encontrou meu clitóris e pressionou, e eu gozei de novo, ele chegou ao clímax um segundo depois. Vi quando seus olhos fecharam e seus lábios abriram. Eu adorava a visão dele atingindo o orgasmo. Ele envolveu os braços em mim e me imprensou em seu peito, nossos corpos estavam grudentos de suor. Encostei o nariz no vão do pescoço dele, inalando seu cheiro almiscarado, esperando que estivéssemos bem. Seus dedos desceram pela minha coluna, depois, subiram novamente, e terminaram brincando com meu cabelo como tantas outras vezes. Matteo estava

certo. Eu precisava valorizar o amor de Luca, seu carinho, sua confiança. Nada disso era algo que ele dava abertamente, ou em algum momento, e, por mim, ele sempre teve bastante.

Capítulo 8

LUCA

Hoje, Arie e eu comemoramos nosso primeiro aniversário, porém, ao invés de passá-lo em nosso iate no Mediterrâneo, eu estava preso numa reunião em Nova York, tentando ser o *Capo* e o *Consigliere* num só, o que não estava dando certo. Eu mal tinha tempo para ela. Se ela me contasse onde Gianna está, poderíamos encurtar essa provação e Matteo poderia finalmente voltar, mas Aria se mantinha em silêncio.

— Isso é ridículo — falou tio Gottardo. — Matteo deveria estar aqui te ajudando, e não perseguindo a puta dele pela Europa.

— Posso lidar com os negócios sozinho, não se preocupe — falei bruscamente.

Meus olhos foram para Cassio, que representava o pai enquanto ele estava no hospital.

— Como está se saindo com a Bratva? Eles te deram trabalho de novo?

Houve um grande ataque da Bratva em nosso depósito de drogas um mês atrás.

— Desde que matei Sergej e o irmão dele, Jegor, não, mas tem um cartel mexicano tentando vender armas em nosso território.

Cassio lidava com as coisas na Filadélfia com brutalidade como eu fazia em Nova York. Estava na hora de ele assumir oficialmente como Subchefe, mas eu queria esperar até Matteo voltar antes de anunciar a mudança. Claro que eu não tinha como dizer quando Matteo voltaria. Gianna tinha conseguido escapar dele até agora.

Assenti. Nós estávamos com problemas com um novo cartel mexicano em Nova Jérsei também, mas, até agora, eram insignificantes demais para justificar um ataque.

— A Bratva não vai arriscar um ataque a Nova York tão cedo. Eu matei muitos soldados deles, mas acredito que podem focar em Atlanta ou Charleston a seguir.

Meu Subchefe concordou. Gesticulei para o tio Ermano, que comandava Atlanta, e ele começou seu relatório. Acomodei-me na cadeira, sabendo que seria uma noite longa.

Consegui estar de volta à casa por volta das 20h, e só porque encurtei mais um dos discursos do tio Gottardo. Romero me cumprimentou com um aceno, depois, desapareceu quando fui para fora, onde Aria estava deitada no sofá. Assim que a vi, minha irritação desapareceu. Não conseguia ficar chateado com ela nem mesmo ela sendo a fonte dos meus problemas.

Ela se levantou imediatamente e veio em minha direção, seu semblante estava repleto de culpa.

— Comprei sushi. Está na geladeira. Pensei que podíamos entrar na *Jacuzzi* um pouquinho. Você precisa relaxar.

Assenti e dei um beijo nela, me sentindo exausto pra caralho. Aria correu para dentro do apartamento e eu comecei a tirar a roupa, depois, entrei na água quente, gemendo conforme meus músculos tensos relaxavam. Os passos suaves de Aria me fizeram abrir os olhos. Ela trazia uma bandeja com uma garrafa de champanhe, duas taças e uma seleção de sushi, que colocou na borda da *Jacuzzi*. Assisti-a tirar o vestido e, apesar do meu cansaço, meu pau reagiu à visão do seu corpo nu como sempre acontecia. Ela entrou na água, encostou-se em mim e eu envolvi-a com um braço. Ela beijou meu pescoço antes de erguer o olhar para encontrar o meu, parecendo insegura.

— Nós estamos bem — falei para ela e acariciei seu braço com o polegar.

Ela acenou para o champanhe. Alcancei a garrafa e a abri, mesmo não estando no clima para comemorações. Eu estava feliz pra caralho pelo meu casamento com Aria, mas hoje foi um dia longo, um dia de merda, e eu queria que ele acabasse, independentemente de ser nosso aniversário.

Aria e eu bebemos o champanhe, depois, ela apanhou os hashis, pegou o sushi de enguia, meu preferido, e me entregou. Eu o peguei, saboreando o gosto, e senti mais um pouco da tensão indo embora. Quando acabamos de comer, Aria montou no meu colo e começou a massagear meus ombros. Recostei-me, fechando os olhos.

Aria se inclinou para sussurrar em meu ouvido.

— Por que não subimos para o nosso quarto para eu poder te fazer uma massagem completa?

— Parece um plano perfeito — falei em voz baixa. Aria se ergueu, a água escorria por aquele corpo perfeito, e eu me levantei e saí antes para ajudar Aria a sair da *Jacuzzi* também.

Depois de nos secarmos, fomos para o nosso quarto e Aria gesticulou para que eu me deitasse de bruços. Não foi preciso pedir duas vezes. Ela subiu em mim e se acomodou nas minhas costas, sua boceta macia estava encostada na minha pele. Com as pontas dos dedos, ela tracejou a tatuagem em meu ombro.

— Você já se arrependeu de tê-la feito? — perguntou num tom sutil.

— Não — falei sem hesitar.

Aria depositou um beijo na tatuagem antes de suas mãos começarem o trabalho, massageando para tirar a tensão dos meus ombros e pescoço.

— Isso é bom pra caralho — rosnei. Eu nem tinha me dado conta do quanto estava tenso.

Aria aplicou a medida certa de pressão nas minhas costas e pude me sentir relaxando ainda mais, meus membros foram se tornando pesados.

*

Acordei com o corpo macio de Aria encolhido contra o meu, e a luz do sol no meu rosto. Abri os olhos e gemi.

— Caralho.

As pálpebras de Aria agitaram-se, ela me olhou com aqueles lindos olhos azul-bebê.

— O que houve? — A voz dela ainda estava rouca.

— Caí no sono — resmunguei. — Você não só teve que passar a maior parte do nosso aniversário com Romero, como eu não te fodi como queria.

Os lábios dela se contorceram.

— Eu acho — começou ela, se apoiando no meu peito — que foi um final apropriado para o nosso primeiro ano de casamento. Afinal, você não conseguiu nada na nossa noite de núpcias, então, é justo que eu não tenha conseguido nada no nosso primeiro aniversário.

Eu ri. Aria sempre fazia eu me sentir melhor. Verdadeiramente uma luz na escuridão. Passei os dedos pelas costas dela, descendo até a bunda, depois, no meio de suas pernas, encontrando-a molhada.

— Talvez possamos começar nosso segundo ano com um sexo avassalador para definir o clima do futuro.

Aria sorriu, então, gemeu quando meus dedos roçaram seu clitóris.

— Parece perfeito.

*

ARIA

As coisas entre Luca e eu estavam de volta a como costumavam ser. Às vezes,

quando Matteo lhe mandava uma atualização de sua caçada, Luca ficava tenso perto de mim, mas isso só durava algumas horas. Eu não tinha certeza se ele sabia que eu podia seguir o avanço de Gianna através do blog de viagem que ela criou. Talvez ele suspeitasse que eu sabia de alguma coisa, mas já havia parado de me pressionar por informações.

Inspirei profundamente, amando o ar fresco da manhã. O Central Park era silencioso tão cedo num domingo, com exceção de algumas pessoas que corriam apesar do frio de dezembro. No verão, Luca e eu estávamos entre eles, mas no inverno eu preferia correr na esteira, embora acordássemos cedo para aproveitar uma caminhada matinal.

Luca apertou minha mão enluvada e meu olhar encontrou o dele.

— Um dólar pelos seus pensamentos — murmurou ele.

Sorri e parei.

— Só estou pensando no quanto eu amo que nós dois gostemos das manhãs e que tenhamos o Central Park quase só para nós. — Luca estava quase sempre trabalhando ultimamente. Sem Matteo ao seu lado, ele tinha que cuidar sozinho dos negócios. Eu só o tinha durante as primeiras horas da manhã e tarde da noite, mas só de manhã nós tínhamos tempo para conversar de verdade. As noites eram reservadas para fazer amor, porque Luca ficava estressado demais com os acontecimentos do dia para me dar mais do que intimidade física. A culpa era minha, claro. Matteo ainda estava longe porque não lhes contei onde Gianna estava.

Luca riu, o som baixo que me fazia querer encontrar um lugar onde pudéssemos ficar a sós.

— E pensar que eu costumava ficar na farra até de manhã cedo e agora acordo cedo desse jeito.

Meu sorriso fraquejou.

— Você se importa? Costumava ser o solteiro mais cobiçado da cidade, e agora… — parei.

Luca me puxou para perto dele e se abaixou até que seu hálito quente soprasse em meu rosto.

— Eu ficava fora a noite inteira, sempre à caça, sempre me movendo, porque não havia nada que me chamasse de volta para casa. Agora, tem você, e independente de onde eu esteja ou o que esteja fazendo, pensar que você está me esperando é a melhor coisa.

Meu corpo encheu de calor diante das suas palavras, mas uma leve preocupação me atormentava.

— E quanto às outras mulheres? — sussurrei. — Você tinha uma garota nova na cama todos os finais de semana e, agora, só tem a mim. — Já tinha visto como algumas corredoras olhavam para Luca. Reparei quantas mulheres mais novas, e até as mais velhas, olhavam para ele nos eventos sociais, como elas o despiam com o olhar. Seus encantos predatórios as atraíam. Ele era todo músculos, masculinidade e poder.

Luca balançou a cabeça.

— Por que eu iria querer outra pessoa, Aria? Não há mais ninguém que eu queira.

Segurei seu pescoço e puxei-o para mim, encostando os meus lábios nos dele.

— Eu te amo, Luca.

Seus olhos cinza suavizaram e aquela visão sempre me ganhava. Aquele olhar, aquele lado dele, ninguém via além de mim. Talvez Luca tenha sido o primeiro e único homem a ter meu corpo, mas eu era a primeira e única pessoa que tinha esta parte dele, seu lado doce, seu lado gentil. Era tudo meu.

Um zumbido nos separou.

Luca suspirou.

— Quem é agora?

Luca pegou o celular no casaco, depois, olhou para a tela e, pela sua expressão, soube imediatamente que era importante.

Congelei. — Luca?

Ele levantou o olhar.

— Mensagem de texto de Matteo.

Meu coração apertou. Engoli em seco.

— E?

— Ele a pegou.

Minha respiração deixou minha boca em uma nuvem de névoa.

— Gianna? — Como se pudesse ser outra pessoa.

Luca assentiu. Dava para notar que ele estava aliviado, mas não mostrava abertamente por minha causa. Aliviado porque Matteo finalmente voltaria para Nova York depois de seis meses caçando a minha irmã. Seis meses. Foi o tempo que Gianna viveu seu sonho.

Eu tinha arriscado muita coisa por Gianna: a confiança de Luca, meu casamento.

Mas foi tudo em vão. Matteo a capturara. Eu deveria estar péssima, mas não estava. Estava aliviada, igual a Luca, porque Gianna viria para Nova York. Enfim, eu iria vê-la. Era egoísta pensar assim porque sabia que não era o que ela queria. Ela queria viver uma vida longe da máfia. Ela e eu sempre fomos muito diferentes em relação a lidar com a obscuridade da vida na máfia. Ela queria ir embora e eu queria encontrar um lugar dentro daquela vida onde eu me sentisse segura e confortável. Eu encontrei, e esperava que Gianna também encontrasse seu próprio lugar. Então, a preocupação dominou meus pensamentos.

— O que acontece com ela agora? Onde eles estão? Ela está bem?

Luca levou a mão ao meu rosto gelado. A palma dele estava quente, mesmo na temperatura congelante.

— Aria, sua irmã ficará bem. Deixe-me ligar para Matteo.

Assenti. Eu teria adorado arrancar o celular de Luca e ligar para Matteo eu mesma, no entanto, desde nosso último encontro, eu não tinha certeza se seria a coisa certa a se fazer. Fiquei agradecida pelos meses que ele esteve longe, embora, ao mesmo tempo, desejava que Luca não tivesse que lidar com tudo por conta própria. Eu não sabia se algum dia conseguiria agir normalmente perto de Matteo novamente, mas tinha que tentar, senão Luca ficaria desconfiado.

Luca digitou o número de Matteo, esperou, mas nada aconteceu, e uma nova onda de preocupação me dominou.

— Por que ele não está atendendo? Ele não vai machucar Gianna, certo? Ela não fez nada de errado. Ela só queria ser livre. Ele vai trazê-la para Nova York, não vai? Ele não pode levá-la para o meu pai. Luca, por favor…

Luca envolveu a minha cintura e me puxou contra si, uma de suas mãos segurava o meu pescoço.

— Por algum motivo inexplicável, Matteo quer a sua irmã. Ele vai trazê-la para Nova York, confie em mim.

Eu confiava em Luca. Era em Matteo que eu não confiava. Ainda mais desde que ele me atacou, mas Luca não sabia disso, claro, e nunca saberia.

— Mas ele vai machucá-la?

Luca não disse nada e meu coração desabou.

— Venha, vamos voltar para casa. Eu desconfio de que teremos que voar para Chicago em breve para tranquilizar a porra do seu pai. — Ele pegou a minha mão e me guiou em direção à saída do parque. Não havia respondido à minha pergunta porque não podia.

Eu não conseguia parar de me preocupar com o que estava acontecendo com Gianna, e Luca percebeu; tentou ligar para Matteo várias vezes durante nossa

volta para casa, mas ele não atendeu. Quando o telefone de Luca tocou, eu poderia ter chorado de alívio, só que era o meu pai.

O rosto de Luca obscureceu ao escutá-lo.

— Vamos à Chicago para discutir o problema com você. Este não é um problema unicamente da Outfit. Gianna é noiva de Matteo. — Uma pausa. — Sim, ainda, até ele decidir que não a quer.

No instante em que Luca desligou, perguntei:

— O que ele falou?

— Ao que parece, Matteo encontrou a sua irmã com outro cara. Não preciso te dizer o quanto isso é ruim.

Virei para a janela, tentando manter a calma. Matteo veria isso como traição e, pior, como uma agressão à sua honra. Eu sabia como os homens em nosso mundo lidavam com esse tipo de coisa. Tremendo, voltei a olhar para Luca e toquei sua mão.

— Luca, por favor, você tem que garantir que Matteo não machuque Gianna.

Estacionamos na garagem e Luca balançou a cabeça.

— Ela é noiva dele. Não posso dizer a Matteo o que fazer com a mulher dele.

Estreitei o olhar. Ele sabia que eu odiava isso, mas sua expressão deixava uma mensagem clara: eu tinha que aceitar. Essas eram as regras da vida na máfia.

Segui Luca para fora do carro e seu braço forte em volta da minha cintura me estabilizou.

— Não se preocupe tanto.

Como eu poderia não me preocupar?

Então, finalmente quando chegamos em nosso apartamento, Matteo atendeu o telefone.

— Uma mensagem de texto dizendo “Eu a peguei” é tudo o que recebo? — vociferou Luca. Encostei-me a ele, querendo ouvir o que Matteo tinha a dizer, porém, Luca era muito alto e Matteo não falava alto o bastante para que eu ouvisse alguma coisa.

— O que ele está falando? — perguntei, o pânico oscilava na minha voz.

Luca revirou os olhos para algo que Matteo falou, depois resmungou:

— Com o quê? — Ele parou. — Não, não me conte. Eu não quero saber de porra nenhuma.

— Ele a machucou? — praticamente gritei, esperando que Matteo não me

ouvisse. Minha garganta estava apertada e meus olhos, marejados. Estava prestes a perder a cabeça. Luca percebeu quando seus olhos cinza se nivelaram aos meus.

Luca abaixou a voz.

— Ela está viva?

Estremeci contra ele, arregalando os olhos. Eu não havia considerado essa opção. Matteo não faria isso, faria?

Ele era um assassino e encontrou Gianna com outro homem.

Ai, meu Deus.

Luca apertou a minha mão.

— Vou tomar isso como um sim.

— Como Gianna está? Por favor, ela está bem? Preciso saber.

Luca assentiu.

— Gianna está bem — afirmou-me ele, depois falou para Matteo — Quando vocês voltarão?

— Ele vai trazer Gianna para Nova York? — perguntei.

Luca tirou minha mão delicadamente de seu braço e gesticulou para que eu ficasse onde estava. Depois, ele saiu para o terraço. Eu o segui, mas permaneci do lado de dentro, observando pelas janelas. Eu sabia que o estava deixando louco com a minha ansiedade, mas ele nunca gostou muito de Gianna. Ele a tolerava por minha causa, contudo, não derramaria uma lágrima se ela morresse.

Ele andava de um lado para o outro no terraço com suas sobrancelhas escuras unidas em reprovação. Balançou a cabeça, depois, abaixou o celular e me viu olhando para ele. Entrou.

— Sua irmã está bem, Aria. Matteo irá para Chicago com ela para tratar com seu pai.

— Nós também vamos, não é? — sussurrei.

Ele suspirou e segurou meu rosto.

— Vamos. Claro que vamos. Vamos com nosso jatinho. Vá arrumar a mala para o caso de termos que passar alguns dias em Chicago. — Assenti e estava prestes a me retirar, mas ele me manteve ali e se abaixou até seus lábios quase tocarem os meus. — Você precisa parar de proteger a sua irmã. Ela é adulta e terá que lidar com as consequências de suas decisões. Eu não quero ter que me preocupar com você além de com Matteo, *amor*. — Meu coração se agitou diante do tratamento. Luca não era de usar apelidos, mas sempre que ele me

chamava de *amor* ou de *principessa,* eu me sentia ainda mais especial.

— Não precisa se preocupar comigo — prometi. — Contanto que você esteja ao meu lado, consigo lidar com tudo.

— Sempre estarei ao seu lado, Aria… Isso eu te prometo.

Ele me beijou devagar e docemente, antes de permitir que eu subisse a escada.

*

Luca apertava a minha mão com força enquanto esperávamos pelo desembarque de Matteo e Gianna no aeroporto. Assim que eles apareceram, dei um puxão na mão de Luca e ele me soltou. Corri em direção a Gianna. Ela estava sendo obrigada a andar ao lado de Matteo, que a mantinha bem perto, entretanto, ela enfim teve permissão para correr em minha direção e colidimos dolorosamente. Abracei-a apertado, feliz por ela estar de volta inteira.

— Ai, Gianna, fiquei com tanto medo por você. Estou tão feliz que esteja aqui. — Não consegui conter as lágrimas.

Recuei para dar uma olhada nela. Custou um segundo olhar para reconhecê-la com os cabelos pintados. Castanhos. Eu não gostei disso.

— Você está bem? Eles te machucaram?

Gianna acariciou meus cabelos. Um gesto raro da parte dela, e isso reacendeu minha preocupação.

— Gianna? Matteo fez alguma coisa?

— Matteo não fez nada — disse Matteo num tom duro. Dei um pulo e meu olhar correu para ele. Quando seus olhos sombrios encontraram os meus, lutei contra o impulso de desviar o olhar por causa do medo que fervilhava dentro de mim. Pensei que tínhamos nos entendido, mas meu corpo pareceu discordar. As sobrancelhas de Matteo uniram-se quando ele me encarou, e eu desviei o olhar. Não precisava que Luca percebesse o clima tenso entre mim e o irmão.

— Não perguntei para você — falei em voz baixa.

Quando Luca chegou ao meu lado e cumprimentou Matteo com um tapinha no ombro, relaxei.

— Bom te ver de novo — disse ele, e pude notar que estava falando sério. Ele sentia saudades de Matteo, seu único confidente além de mim.

— Estou bem — garantiu Gianna quando voltei meu olhar preocupado a ela.

— O chefe está esperando — latiu Stan, um soldado da Outfit. — Vamos. Não é como se a puta merecesse uma festa de boas-vindas.

Suspirei. Não pude acreditar que ele realmente se atreveu a insultar Gianna desse jeito. Matteo puxou uma faca e lançou-a em Stan, que gritou quando a lâmina cortou sua orelha. Ele pôs uma mão no ferimento e a outra, na arma em sua cintura.

— Da próxima vez, a faca vai partir a porra do seu crânio se não ficar de boca fechada — censurou Matteo.

— Não queremos que isso termine mal, queremos? — perguntou Luca num tom de voz muito baixo, com as duas armas apontadas para os dois soldados da Outfit. — Seu chefe não gostaria disso. — Romero também mirava neles. Eles assentiram relutantemente.

Luca devolveu as armas para os coldres.

— Vamos.

O outro soldado pegou a faca que Matteo havia jogado e a devolveu para ele, que não tirava os olhos de Stan.

— Ela vai no carro com a gente — disse Stan.

Os lábios de Matteo curvaram-se num sorriso frio.

— Este é o seu último aviso. Pare de me irritar ou vou esculpir um sorriso na sua garganta.

O segundo soldado pegou a arma de Stan e o puxou para um carro preto da Outfit enquanto o resto de nós foi em direção a duas *BMWs*.

Segurei a mão de Gianna apertado, feliz por tê-la de volta. Eu sentia saudade da voz dela, até de seu linguajar vulgar. Gianna entrou no banco traseiro e eu ia junto com ela quando Luca segurou meu braço.

— Não. Quero que Matteo fique de olho em sua irmã.

Gianna revirou os olhos. Apertei a mão dela, depois a soltei e entrei no banco do carona ao lado de Luca, que iria dirigir. Esperava que as coisas voltassem aos seus lugares agora, no entanto, sabia que tínhamos uma longa estrada à nossa frente.

*

LUCA

Aria reluzia de felicidade por ter a irmã de volta, e Matteo parecia que ia ter a porra de uma ereção só de olhar para Gianna.

— Você provavelmente pularia do carro em movimento se eu te desse a chance — falou ele para a noiva.

— Não sou completamente louca. Você acha que eu arriscaria sair correndo desprotegida em Chicago, com os homens do meu pai lá fora querendo obviamente me ferir? — criticou Gianna.

Ela era um pé no saco e eu não estava contente por ter que tratar com a porra do Scuderi por causa dela.

— Então você confia em mim para te proteger, mas ainda não quer se casar comigo? — analisou Matteo.

Gianna respirou fundo.

— Você ainda que ir em frente com o casamento?

— Você poderia enfiar uma faca nas costas dele e ele ainda iria querer prosseguir com isso. Ele é uma porra de um cabeça dura — falei. Aria colocou a mão na minha coxa com um sorrisinho curvando seus lábios. Aquela visão diminuiu minha irritação com Matteo e Gianna.

— Eu não te cacei por seis meses para simplesmente desistir de você.

Depois de encontrá-la de sacanagem com outro cara, pensei que ele perderia o interesse nela, mas Matteo não era assim. A simples ideia de que outra pessoa pudesse tocar Aria, ver sua pele perfeita, fodê-la, me tirava do sério. Matteo perdoava muito mais fácil que eu. Eu teria esfolado o babaca que tocasse no que era meu. Não sabia ao certo o que faria com Aria se ela me sacaneasse, se ela me traísse desse jeito. Meu pulso acelerou só de pensar. Eu a amava mais do que qualquer outra coisa, mas não achava que poderia me controlar se ela fosse infiel.

As sobrancelhas loiras de Aria uniram-se. Ela apertou a minha coxa fazendo uma pergunta silenciosa. Ela me conhecia bem demais. Sorri de leve para ela, que relaxou. Meu pulso desacelerou. Não fazia sentido perder a cabeça por causa de algo que nunca iria acontecer. Aria era só minha.

*

Matteo realmente foi em frente, casando-se com Gianna. Claro que Scuderi entregou-a de bom grado. Ela estava arruinada em nosso meio. Em breve, a notícia de que ela estava fodendo pelo mundo seria a fofoca mais quente de Nova York e de Chicago. Ninguém iria querê-la, pelo menos, ninguém que valesse a pena. Se Matteo não concordasse em se casar com ela, Scuderi a teria dado para um soldado inferior ou pior. Ela tinha sorte por meu irmão ainda ser fortemente obcecado por ela. Eu esperava que ele não se arrependesse da sua decisão depois que a fodesse e satisfizesse qualquer que fosse seu desejo.

Mas, mais do que isso, eu esperava mesmo que ele descobrisse um jeito de mantê-la sob controle. As coisas em Nova York ficariam tensas agora que

Gianna era sua esposa. Eu só podia imaginar o que meus tios, tias e o resto da porra da família diria diante da decisão dele e, pior, da minha decisão. Afinal, eu permiti que ele se casasse com uma mulher perdida.

Que se foda! Ele estava quase comendo Gianna com os olhos, não tinha parado de olhar maliciosamente desde que embarcamos no avião em Chicago após o casamento, e ele ainda estava assim agora que chegamos em Nova York. Claro que Aria também havia reparado, e a tensão irradiava dela em ondas quando entramos no elevador do nosso edifício. Ela estava preocupada pela irmã, sempre preocupada. Dei um puxão na mão dela para tirar sua atenção do meu irmão e de sua irmã, mas ela não pareceu notar.

O elevador parou emitindo um sinal sonoro e as portas elegantes abriram-se. Matteo praticamente arrastou Gianna para o apartamento dele. Eu realmente esperava que ele controlasse sua raiva porque seria eu quem teria que lidar com a bagunça e com a minha esposa preocupada.

Aria deu um passo à frente como se fosse atrás deles. Segurei seu pulso e a puxei para mim.

— O que você está fazendo? — murmurei quando as portas do elevador se fecharam. Aria inclinou a cabeça para cima, seu rosto estava pálido de preocupação.

— Ele parece estar querendo sangue. Não acho que vá aceitar um “não” como resposta.

O elevador voltou a se movimentar.

— Claro que não, Aria. Depois do que a sua irmã fez, ela pode ficar feliz por ele não a ter matado. Ele tem o direito de tê-la na noite de núpcias, e ela fugiu e deixou outros homens terem o que é dele. Ele ainda querê-la é típico pra caralho da parte de Matteo.

Aria estremeceu.

— Ela não fez nada de horrível. Tentou viver a vida. Nada mais. Isso não dá a ele ou a ninguém o direito de tratá-la como uma puta que pode ser usada da maneira que quiserem — falou com firmeza.

Às vezes, eu esquecia o quanto Aria ainda era boa e inocente. Isso me excitava mais do que qualquer outra coisa. O elevador parou no nosso andar e eu a conduzi para a nossa cobertura, muito interessado em distrai-la de suas preocupações.

— Você sabe o quanto Matteo pode ser esquentado. Eu...

Ergui-a em meus braços e encostei os lábios em sua boca aberta, impedindo-a de dizer mais alguma coisa. Ela ofegou surpresa, depois se afastou, intrigada.

— Luca — falou indignada. — Estou falando sério. — Eu a carreguei para o nosso quarto no andar de cima.

— Eu sei — murmurei ao colocá-la em nossa cama. Fiquei em cima dela, que balançava a cabeça.

— Você está sendo impossível — disse ela, sua respiração acelerou quando passei as mãos em suas pernas esbeltas, depois, enganchei os dedos em sua calcinha e a puxei para baixo. — Não gosto quando você não me leva a sério — falou em voz baixa quando levantei a saia dela e abri suas pernas, deixando sua boceta perfeita exposta para mim.

Ela estava excitada, mas sua voz continha um pouco de tensão, então, deitei-me ao lado dela, beijando-a devagar antes de falar.

— Eu te levo a sério, Aria, mas você está preocupada com algo que não tenho como mudar. Não posso dizer a Matteo o que fazer. Eu sou seu Capo, sim, mas Gianna é a esposa dele e não posso interferir. Esta é uma das regras a que estou atado, e você sabe disso.

Seus olhos azuis mostraram constatação.

— Pare de pensar nisso. Sua irmã consegue aguentar. — Eu não tinha certeza se isso era verdade. Se Matteo realmente perdesse a cabeça com ela, não terminaria bem. Pelo que eu sabia, seus gostos não se desviavam para o lado bruto em se tratando de sexo, mas movido pelo ciúme e pela raiva como ele estava, as coisas podiam sair do controle.

Passei a mão pelo corpo dela e escorreguei para baixo da sua blusa, meus dedos roçaram em sua barriga e, então, a beijei de novo e, desta vez, ela se abriu, deixando sua língua encontrar a minha. Tirei a saia dela para ter livre acesso e movimentei a mão entre suas pernas. Meus dedos encontraram seu clitóris e desceram. Aria ainda estava preocupada. Ela não estava pronta como de costume, mas eu sabia como mudar isso. Enfiei um dedo dentro dela, suas paredes internas contraíram fortemente ao meu redor e pressionei meu polegar em seu clitóris. Ao definir um ritmo lento, intensifiquei nosso beijo, saboreando sua boca perfeita, e ela abriu as pernas largamente para mim, um gemido suave escapou de sua garganta. O rosto dela ruborizou de excitação, seus olhos estavam entreabertos, e tirei meu dedo com mais facilidade do seu canal lubrificado.

Adicionei um segundo dedo e ela me beijou ainda com mais vontade, movendo os quadris no ritmo dos meus dedos. Afastei-me de sua boca ansiosa.

— Eu amo te dedar. Tão quente, apertada e molhada. — Beijei-a. — Você gosta dos meus dedos dentro de você? Fodendo sua boceta perfeita? — Enfiei os dedos mais fundo, mexendo-os para atingir aquele ponto.

Aria soltou um gemido estremecido.

— Gosto — ofegou ela quando repeti o movimento. Meu pau estava duro pra caralho por vê-la. — Quero você dentro de mim, Luca.

Meu pau contraiu, querendo demais obedecer.

— Mais tarde — falei. Sentei-me para poder ver meus dedos deslizando para dentro e para fora daquelas dobras rosadas perfeitas. Caralho. Coloquei a outra mão por baixo da blusa dela, encontrando seu mamilo empinado e belisquei-o por cima do seu sutiã de renda. Aria gritou, fechando os olhos, enquanto seus quadris arqueavam para fora da cama. Suas paredes me apertaram, mas continuei fodendo-a com meus dedos enquanto ela tremia e gemia. Alguns fios dourados grudaram em seu rosto suado. Linda pra cacete. Toda minha. Eu era um babaca possessivo do caralho.

Diminuí o ritmo dos meus dedos conforme a respiração dela acalmava. Ela umedeceu os lábios, depois, virou aqueles lindos olhos azuis para mim. Sorri e tirei os dedos de dentro dela. Ela soltou um gemido suave, com os lábios abertos, e eu deslizei meus dedos cobertos com seus fluidos para dentro da sua boca. Ela os lambeu, com um olhar desafiador, e eu gemi. Meu pau contraiu. Eu ia gozar a qualquer segundo.

Aria agarrou meu pulso e tirou meus dedos, sorrindo timidamente.

— Tire a calça — falou.

Eu ri diante do seu tom de comando e saí da cama antes de me voltar para ela e abrir o cinto, o zíper da calça e tirá-la junto com a cueca. Meu pau se libertou, já com o pré-gozo pingando como se eu fosse a porra de um adolescente com tesão. Aquela mulher me excitava como nenhuma outra. Ela se arrastou para a beirada da cama, sorrindo maliciosamente. Não perdi tempo e me aproximei até minhas canelas baterem no colchão.

Ela segurou a base do meu pau e abriu aqueles lábios rosados, levando a ponta para dentro da sua boca quente. Minha mão voou para o pescoço dela, enrolando-se em seus cabelos compridos. Aria enfiou mais do meu membro em sua boca enquanto cuidava do meu mastro com a mão. Balancei os quadris, precisando que ela fosse mais rápida, porém, ela não me deixou ditar o ritmo. Sempre que eu empurrava mais fundo ou mais rápido, ela recuava, me deixando louco pra caralho. Os olhos dela brilhavam de malícia e vitória ao me prenderem em seu encanto.

— Aria — grunhi, intensificando o aperto em seu pescoço, mas ela ignorou meu tom de advertência, lambendo a minha ponta, me soltou e se afastou. — O que… — parei.

Ela se virou e ficou de quatro, apresentando-me sua bunda, sorriu para mim

por sobre o ombro e balançou os quadris. Eu não precisei de mais nenhum incentivo. Apertei sua cintura e me posicionei em sua abertura antes de meter nela. Fechei os olhos por causa da pressão deliciosa e do calor dela, e fiquei enterrado lá dentro por alguns segundos antes de retirar quase tudo e meter de novo.

Ela gemeu e eu empurrei ainda mais forte, minhas pernas batiam contra sua bunda firme. Devagar, ela se abaixou até os braços estarem esticados acima sua cabeça e seu rosto estar pressionado contra o travesseiro, permitindo que meu pau fosse ainda mais fundo. Diminuí o ritmo das minhas primeiras estocadas naquele novo ângulo, sabendo que o corpo dela sempre precisava de um momento para ceder naquela posição, e não queria que ela ficasse desconfortável. Quando ela começou a sincronizar as minhas estocadas, acelerei de novo, metendo forte e duro, adorando seus gemidos e suspiros sempre que atingia seu ponto sensível.

— Toque-se — mandei quando pude sentir que eu estava chegando lá. Aria deslizou um braço para baixo do seu corpo, e seus dedos relaram no meu saco quando ela começou a massagear seu clitóris. Seus gemidos estavam fora de controle e meu clímax se aproximava rápido. Meu saco contraía conforme eu metia dentro dela, e Aria arqueou a coluna, suas paredes internas fechavam-se no meu pau enquanto ela gritava ao gozar. Relaxei e gozei com força enquanto continuava metendo.

Por fim, travei, meu pau foi amolecendo e minha respiração desacelerando, enquanto acariciava as costas de Aria. Ela suspirou, relaxando sob meu carinho. Inclinei-me para frente e a beijei no rosto. Ela mexeu a cabeça para encontrar meu beijo com seus lábios macios. Saí de dentro dela e ela gemeu de novo.

Ri com o quanto Aria era sensível e responsiva. No início do nosso relacionamento, fiquei preocupado que não nos déssemos bem na cama. Ela era tímida e medrosa, e nossas primeiras vezes foram desconfortáveis pra caralho para ela, mas agora, ela sabia o que queria e o que eu queria, e isso era perfeito demais.

*

ARIA

Em seguida, enquanto estávamos deitados de conchinha na cama, perguntei:

— Você teria percebido se eu não te dissesse que era virgem?

Luca me olhou de maneira estranha.

— Teria sido difícil não perceber.

— Eu poderia ter conseguido esconder.

Luca beijou meu pescoço, rindo.

— Não. Acredite. — Ele se afastou, analisando meu rosto com aqueles olhos cinza. — Por que você está me perguntando isso?

Hesitei. Gianna não queria que ninguém soubesse, e se eu contasse a Luca, ele poderia deixar escapar. Gianna ficaria furiosa se Matteo descobrisse por minha culpa, mesmo eu ainda duvidando de que ela conseguisse esconder isso dele, e Luca apenas confirmou minha suspeita.

Luca riu e eu soube que ele havia descoberto sozinho. Ele me conhecia bem demais e era muito bom em ler as pessoas.

— Gianna?

Olhei para o lado, tentando pensar num jeito de despistá-lo.

Ele aproximou a cabeça, curvando os lábios num sorriso.

— Não me diga que ela não transou com ninguém enquanto estava fugindo.

Eu me aconcheguei nele e franzi a testa.

— Gianna não é tão má quando você acha, independente do temperamento dela.

O corpo de Luca vibrou contra o meu quando ele não resistiu a uma gargalhada. Aquela risada baixa e profunda sempre me dava arrepio na espinha e poucas pessoas já a tinham ouvido.

Seus olhos estavam entreabertos com sua diversão evidente e ele perguntou:

— Você está falando sério? Ela ainda é virgem?

— É — falei, mas meus olhos encontraram o despertador na mesinha de cabeceira, revelando que havia se passado duas horas desde que a vi pela última vez, retifiquei — Era. Não sei o estado atual das coisas.

Luca riu mais uma vez. De verdade, eu não sabia o que ele achava tão engraçado.

— Matteo terá uma surpresa. Inferno. Eu adoraria ver a cara dele quando descobrir.

Bati no peito dele.

— É sério. Estou preocupada que ele vá machucá-la.

— Claro que vai. Ele está esperando para fodê-la há meses e fará isso esta noite. Se ela não contar que ele é o primeiro, ele vai para cima dela como faria com qualquer outra mulher.

Luca estava fazendo um péssimo trabalho tentando diminuir minhas preocupações. Eu esperava de verdade que Gianna tivesse mudado de ideia e dito a Matteo que não tinha feito o que ele e todo mundo achava que ela tinha feito.

— Qual o sentido de fugir e arruinar a reputação se ela nem se divertiu? Sua irmã com certeza fodeu com tudo.

Eu me fiz a mesma pergunta. Gianna estava tão ansiosa para fugir, para tomar suas próprias decisões, para escapar das amarras de um casamento arranjado, mas, no fim, mal conseguiu alguma coisa com isso. Talvez ela devesse ter tentado aceitar o casamento com Matteo desde o início. Eu tinha medo de Matteo, mas sabia que ele teria tentado de tudo para conquistá-la. Agora, eu não tinha mais tanta certeza.

— Se eu tivesse feito o que Gianna fez, o que você teria feito?

O semblante de Luca obscureceu, porém, ele foi cauteloso para não me deixar ver a força total dos seus sentimentos, então, eu soube que era ruim. Ele tirou a alça da camisola do meu ombro direito.

— Você não fez — falou ao depositar um beijo no meu ombro. — Sou feliz por você sempre ter sido só minha. Cada centímetro do seu corpo sempre foi só meu, e isso nunca mudará.

Revirei os olhos diante da sua possessividade. Isso me excitou e irritou de maneira igual. Por ele ser Capo, a possessividade era esperada. Ele comandava a Costa Leste, comandava centenas de homens, praticamente era dono deles e do território; claro que também queria ser o meu dono, queria me controlar. Não era sempre tão fácil fazê-lo me ver como igual, fazê-lo confiar em mim, e não esperar uma obediência inquestionável. Era uma luta que eu ainda não tinha vencido completamente, mas estávamos no caminho certo.

O que me irritava mais do que a possessividade era que não respondesse à minha pergunta. Ele deslizou a língua pelo meu ombro, depois, subiu para a clavícula. Isso dificultava a minha concentração, mas eu estava determinada a não o deixar me distrair desse jeito outra vez.

— Pare de se preocupar com a sua irmã. Ela pode cuidar de si mesma. E Matteo sabe como fazer uma mulher gozar.

Ele não estava levando isso a sério… nem a mim. Eu me sentei, deixando Luca sem escolha a não ser parar com os beijos, e esperando que a posição superior me desse uma vantagem. Luca virou de costas, tranquilo, relaxando o braço na minha cintura. Eu sabia que seu humor não mudaria tão cedo.

— Não quero mais ficar em casa. Quero fazer alguma coisa. Quero ser útil.

Luca ergueu as sobrancelhas.

— Você é útil para mim.

— Como? — questionei.

Luca sorriu e isso foi a gota d'água. Soltei-me dele e saí da cama.

— Independente do que você pensa — resmunguei ao pegar meu roupão —, meu único objetivo na vida não é ser bonita e esquentar a sua cama.

Luca reagiu depressa, sentando-se com as pernas para fora da cama e passando o braço pela minha cintura para me puxar de volta para si. Tentei resistir, só que ele era forte demais. Deixei-o me puxar contra seu corpo, dessa forma, olhava para o seu rosto tenso, mas meu corpo não relaxou em seu abraço. Eu precisava que ele visse o quanto isso era importante para mim. Desde que Gianna fugiu, eu pensei muito. Sabia que entraria em depressão se ficasse enfurnada na cobertura.

— Aria, você é minha esposa. Quando se casou comigo, sabia que suas opções seriam limitadas. Esta vida sempre será uma gaiola dourada. Você precisa ficar protegida da Bratva e de outras ameaças.

— Se eu for para a faculdade, isso não representaria nenhum risco adicional, Luca. Até parece que a Bratva vai atacar o campus. O que você quer dizer é que prefere me ter onde eu não esteja cercada por outras pessoas, principalmente homens.

Os lábios de Luca estreitaram e os músculos do seu braço contraíram.

— Sim — falou com a voz baixa. — Não confio em homens perto de você. Todos os caras que enxergam vão querer um pedacinho de você. Você é linda pra caralho.

Seu elogio não contribuiu em nada para me tranquilizar. Ouvi essas palavras a minha vida inteira, de todos ao meu redor. Eu só era conhecida pela minha beleza. Era por isso que eu havia sido dada em casamento para Luca.

— Estou cercada por Romero, Sandro e outros homens o tempo todo.

— Eles são meus homens e sabem as consequências de encostar no que é meu — grunhiu ele, seus olhos estavam cheios de promessa de violência. — Eles nunca ousariam nem te olhar de soslaio, mas os caras de fora não estão presos às nossas regras. Eu os mataria por tocar em você como faria com meus homens, mas isso só aconteceria depois que o ato estivesse feito porque eles não sabem quem você é. Eles se arriscariam a te tocar.

— Sabe o que é engraçado? — prossegui, levando as mãos ao peito dele para empurrá-lo, só que, mais uma vez, ele não cedeu. — Você nunca, nenhuma vez, pensou na minha reação às investidas deles. Não, eu não estou nem aí se um Homem de Honra ou um cara de fora der em cima de mim, porque a *minha*

reação seria a mesma. Eu os rejeitaria e lhes diria que sou casada, porque sou fiel. Você tem contato com mulheres o tempo todo e eu não fico por aí preocupada com que você seja tocado por elas, mesmo eu tendo mais motivos para desconfiar de você, levando em consideração o que aconteceu com Grace.

Ele ficou tenso.

— Não é justo usar isso contra mim, Aria — murmurou ele. — Eu cometi um erro. Naquela época, nosso casamento só existia no papel, e eu nunca nem pensei em ninguém depois disso, só em você. Eu sou fiel. Nenhuma outra mulher jamais mudará isso.

Suspirei. Eu não deveria ter mencionado Grace. Ela trazia lembranças que eu não queria reviver e, como Luca disse, ela era coisa do passado. Luca nunca mais me deu motivos para duvidar de sua fidelidade.

— Por que você não consegue confiar em mim perto de outros homens?

— Eu confio em você, mas não neles. E, enquanto eu sou capaz de recusar as investidas, você é uma mulher pequena que não teria nenhuma chance contra um adversário do sexo masculino.

— Nós temos trabalhado nas minhas habilidades de autodefesa. Estou melhorando — falei, mas, na verdade, ainda tinha uma longo caminho antes de conseguir ser capaz de lutar contra um agressor com a metade do tamanho de Luca. Além disso, nos últimos seis meses, nós mal encontramos tempo para treinar, porque Luca esteve ocupado assumindo o trabalho de Matteo. — E nem todos os homens são ignorantes ao significado da palavra “não”.

— Um babaca é o suficiente — falou Luca.

— Romero poderia estar comigo, como quando vou correr ou fazer compras.

Luca procurou meu olhar.

— O que você gostaria de estudar, afinal de contas?

— Venho pensando nisso há um tempo. Precisa ser algo útil para a *Famiglia*. Eu não posso trabalhar no mundo lá fora. O único modo de ter um emprego seria se eu pudesse fazer parte dos nossos negócios e isso limita as minhas opções. Eu duvido que você ficaria contente se eu me tornasse uma química e produzisse nossas drogas.

Luca relaxou a boca e seu abraço se tornou menos como uma prisão.

— Isso, sem dúvida, seria interessante.

— Pensei que talvez eu pudesse me graduar em contabilidade. Assim, poderia fazer a nossa.

Luca assentiu lentamente.

— Uma contadora… isso é algo que até os membros antiquados da família poderiam aceitar.

— Isso quer dizer que tenho permissão para ir à faculdade?

Luca suspirou.

— Se isso te faz feliz, você pode se formar, mas Romero terá que estar ao seu lado o tempo todo, e não quero que a notícia de que você está frequentando a faculdade se espalhe. Você sabe como a minha família ainda desconfia da minha capacidade de ser Capo. Meu tio Gottardo acha que ele deveria assumir o trabalho e as minhas tias adorariam ver os maridos ou filhos na minha posição. Eu não posso matar todos eles, não sem ser provocado. Isso não me traria o respeito dos meus homens, então, terei que mantê-los em silêncio o máximo possível.

— Você não tem que contar para ninguém sobre a minha graduação. Romero não vai contar. Eu não preciso nem contar para Gianna agora se você estiver preocupado que ela deixe algo escapar.

Luca tirou o cabelo do meu rosto.

— Acho que é melhor assim. Sua irmã é uma bomba-relógio neste momento. Vamos deixar só Romero a par.

— Quer dizer que você vai mesmo me permitir fazer isso? Quando posso começar?

— Quando você quiser.

— O prazo de inscrição para o programa de negócios da Universidade de Nova York é 1º de janeiro. Eu poderia tentar fazer a minha inscrição até lá. Não sei se vou conseguir tudo o que preciso, mas posso tentar… — parei.

Luca me abaixou, assim, sentei-me em seu colo.

— Se quiser entrar na Universidade de Nova York, você vai entrar, Aria.

Joguei os braços em volta do seu pescoço e enterrei o rosto em seu ombro. Eu pensei que ele brigaria comigo por causa disso. Conseguir um diploma em Administração e me tornar uma contadora para a *Famiglia* não era o emprego dos meus sonhos. Se eu tivesse crescido em uma família diferente, poderia ter escolhido ser professora ou assistente social. Não tinha certeza, mas sabia que um diploma em Administração seria mais útil na minha posição. Quando me afastei, percebi uma pontada de preocupação na expressão de Luca antes de ele disfarçá-la e prometi a mim mesma que lhe mostraria que fazer alguma coisa fora da cobertura, me formar, não era um risco para o nosso casamento nem para a sua posição como Capo.

— Com seus cabelos e devido à nossa presença nos jornais, as pessoas podem

te reconhecer — falou Luca.

— E isso atrairia uma atenção desnecessária — concluí. — O que acha de eu usar peruca? Funcionou para Gianna.

Luca olhou intrigado.

— Vocês duas juntas são uma combinação perigosa.

Aproximei-me dele e dei um beijo em seus lábios tensos.

— Não se preocupe. Desta vez, você vai saber de tudo. Então, o que acha? Uma peruca? Quem sabe você não vai gostar mais de mim com os cabelos castanhos.

— Não — afirmou ele, enrolando uma mecha do meu cabelo em seus dedos compridos e fortes. — Seu cabelo é perfeito. São como fios de ouro, nada chega perto disso.

Eu ri. Sua obsessão com os meus cabelos era quase fofa. Perdi a conta do número de vezes que brincou com eles.

— Uma peruca pode funcionar. Por sorte, Romero é bom em ficar invisível e ele não tem aparecido aos olhares do público.

— Ainda faltam meses até eu começar a faculdade. Vamos descobrir um jeito até lá. Se me aceitarem.

— Irão — afirmou Luca sem um pingo de dúvida. Eu sabia que as minhas notas sempre foram excelentes, mas eu tinha a sensação de que ele daria um jeito de me fazer ser aceita mesmo se elas não fossem tão boas.

Capítulo 9

LUCA

— Estou com um mau pressentimento sobre hoje — falei ao dirigir para a casa do Bardoni.

Bardoni era próximo ao meu pai, um dos motivos por que Matteo e eu não conseguíamos suportar o babaca. Ele era meu Capitão, um não muito bom, e o filho dele, um covarde do caralho.

— Por causa de Gianna e Matteo? — perguntou Aria intrigada. — Sei que está preocupado porque ele tirou a tornozeleira eletrônica dela, mas ela não vai tentar nada hoje.

Eu não estava preocupado com isso. Desde que Matteo capturou Gianna algumas semanas atrás, ou eles estavam fodendo ou brigando. E as coisas têm estado tensas pra caralho na *Famiglia* porque meus tios não eram os únicos que achavam que tornar Gianna parte da *Famiglia* era uma má ideia. Eu compartilhava da opinião deles, porém, não podia falar isso abertamente, não só porque isso me faria parecer fraco por duvidar da minha decisão, mas também por causa de Matteo e Aria.

— Bardoni acha que o filho deveria ser o *Consigliere* e, por causa da decisão de Matteo em se casar com Gianna, alguns comandos da *Famiglia* concordam.

Aria mordeu o lábio.

— Odeio que você esteja tendo tantos problemas por causa da fuga de Gianna.

— Mais cedo ou mais tarde vou acabar silenciando os que ainda têm dúvidas, mas é um pé no saco — falei. Outra declaração de sangue seria inevitável em algum momento.

Aria deu uma risada quando estacionamos na entrada da casa de Bardoni.

— O que foi?

Segui seu olhar em direção a um gigantesco anjo esculpido em gelo que estava no jardim. O jardim inteiro brilhava em branco e dourado.

— Bardoni gosta de impressionar — resmunguei.

Aria ergueu uma sobrancelha clara e eu apertei sua mão de leve antes de sair do carro e deixar cair a expressão agradável.

Abri a porta do carro para Aria quando Matteo estacionou seu *Porsche* atrás

do meu *Aston Martin*.

Aria suspirou ao olhar para mim.

— O quê? — perguntei baixinho.

— Às vezes, sua expressão me dá medo. Prefiro o seu jeito entre quatro paredes.

Toquei suas costas. — Eu sei.

Meus olhos pousaram em Bardoni e em sua esposa. Ambos sorriam para nós, sorrisos falsos do caralho. Cutuquei Aria levemente e ela me seguiu em direção ao meu Capitão. Ele apertou a minha mão antes de pegar a de Aria e beijá-la. Ajudou-a a tirar o casaco, correndo o olhar para o peito dela por um momento muito breve. Nivelei meu olhar no dele e ele prontamente recuou e tornou sua atenção para Matteo e Gianna.

— Vamos — falei para Aria, tocando a pele exposta de suas costas, e a conduzi para a sala de estar. Meus olhos fizeram uma análise rápida dos convidados – a maioria era soldado de Nova York, mas reconheci alguns homens da Filadélfia, entre eles, Cassio. Enquanto eu ia em direção a ele com Aria ao meu lado, sussurrei — Aquele é Cassio Moretti.

— Filho de Mansueto Moretti, Subchefe da Filadélfia — terminou Aria com um sorriso. — Lembro dele do nosso casamento, Luca. Tenho boa memória. Conheço a maioria dos homens nesta sala… e das mulheres também.

Assenti. Às vezes, esqueço como Aria é inteligente, e havia visto suas notas quando preparei tudo para sua inscrição na Universidade de Nova York.

Cassio se esticou quando me viu e eu estendi a mão para apertar a dele. Depois, respeitosamente, seus olhos moveram-se para Aria.

— É uma honra encontrá-la novamente.

— A honra é toda minha, Cassio — disse ela com um sorriso sofisticado, olhando para o meu soldado. — Como vai a sua esposa? Soube que ela deu à luz o primeiro filho de vocês há alguns dias.

Eu havia me esquecido disso. Apertei de leve a mão de Aria para lhe mostrar a minha gratidão.

— Ela está se recuperando — respondeu Cassio, logo seus olhos voltaram para mim e eu percebi que ele tinha negócios a tratar.

Aria sorriu, captando a mensagem silenciosa.

— Vou conversar um pouco com a Sra. Bardoni. — Ela se virou e saiu, me dando uma visão deslumbrante de suas costas nuas.

Cassio limpou a garganta, olhando para mim, e eu finalmente parei de olhar

para Aria.

— A saúde do meu pai não está melhorando. Ele não pode mais cuidar dos negócios.

— Vou te anunciar como Subchefe da Filadélfia na nossa próxima reunião.

Cassio demonstrou surpresa.

— Pensei que talvez você fosse querer dar a posição para um dos seus primos para…

— Para quê? — perguntei num tom brusco.

Ele encontrou meu olhar.

— Para agradar a sua família.

Sorri sombriamente. — Minha família vai ceder ao meu comando se sabe o que é melhor para ela. Você é leal e eu prefiro recompensar a lealdade a favorecer alguém por causa do sangue.

De repente, Gianna apareceu ao meu lado e segurou meu braço. Nivelei meu olhar com o dela, pego desprevenido pela sua intimidade.

— Luca, você pode vir comigo um instante, por favor? — perguntou ela com o tom mais civilizado que jamais direcionou a mim. Meu corpo ficou totalmente alerta imediatamente.

— Com licença — desculpei-me com Cassio, que assentiu e se afastou.

Gianna não soltou meu braço ao me levar para fora da sala de estar.

— Que diabos está acontecendo? — perguntei desconfiado. Eu não confiava nem um pouco na ruiva.

— Matteo precisa da sua ajuda — sussurrou, seus olhos correram para uma porta no fim do corredor.

— Caralho — sussurrei. — Volte para a festa e encontre Aria e Romero antes que as pessoas desconfiem da gente sumindo juntos.

Ela comprimiu os lábios.

— Como se eu algum dia fosse dar uma rapidinha em você.

— Não se preocupe, a ideia de te foder me excita tanto quanto a você.

Dei as costas para ela e fui para a porta que ela indicou.

— Matteo? — grunhi, já perdendo a porra da paciência, embora nem soubesse o que tinha acontecido. Conhecendo Gianna e Matteo, não podia ser nada de bom.

Matteo abriu a porta e me puxou para dentro.

— O que você quer? Gianna não me disse nada... — comecei a falar quando avistei Bardoni atrás da mesa com a faca de Matteo enterrada embaixo do queixo. — Ai, caralho!

Matteo deu de ombros. — Bardoni teve um acidente.

Não dava para acreditar na porra da audácia dele. Ele matou um dos meus Capitães em sua casa, como se eu precisasse de mais problemas do que já tinha.

— Porra, Matteo, o que você fez?

— Se quer saber, acho ótimo que o bom e velho Sr. Bardoni tenha se matado — falou.

Dei a volta pelo corpo. Poucas pessoas se matavam enfiando uma faca no pescoço.

— Foi por causa de Gianna, não foi? Bardoni fez ou disse alguma coisa que te irritou e você perdeu a cabeça. Eu sabia que a garota só traria problemas.

E isso era o eufemismo do século. Droga!

— O babaca já estava em sua lista de morte há algum tempo. Ele andou causando algumas merdas. Você está contente por ele ter ido, admita. Nós discutimos inúmeras vezes sobre matá-lo. Decidi finalizar o ato.

— Claro que eu o queria morto, mas não na porra da sua própria casa na festa de Natal. Cacete, Matteo! Pelo menos uma vez você não pode pensar primeiro e atirar depois?

Percebi que ele queria fazer uma piada, provavelmente sobre ter esfaqueado Bardoni e não atirado nele, mas estreitei meus olhos e ele se calou.

— Vou chamar Romero. Ele está vigiando Aria e Gianna, mas precisaremos dele aqui para lidar com essa porra de confusão.

Liguei para Romero. Ele atendeu depois do primeiro toque:

— Qual o tamanho do problema?

Com certeza Romero sabia que alguma merda tinha acontecido.

— Venha ao escritório do Bardoni o mais rápido possível.

Quando Romero se juntou a nós alguns minutos depois e se deparou com a cena, ele olhou para Matteo.

— Você o matou?

— Por que tem que ter sido eu? — perguntou Matteo.

— Porque você é o louco — resmunguei. A insanidade dele não melhorou desde o casamento com Gianna. Virei-me para Romero. — Você consegue fazer

parecer como se Bardoni tivesse se suicidado?

Romero fez uma careta. — Poucas pessoas apunhalam-se até o cérebro.

— Sempre tem uma primeira vez para tudo — falou Matteo com uma porra de sorriso.

Olhei para ele.

— Ah, fala sério. Foi engraçado.

Tive que reprimir uma risada. Matteo era um louco do caralho.

— Procure por uma arma que poderia ter explodido a cabeça dele no escritório. Não preciso dos Bardoni no meu encalço agora. Quero que esse assunto seja resolvido discretamente — ordenei.

— Independente do que faremos parecer, os Bardoni irão suspeitar de algo. Não acreditarão que foi suicídio. Bardoni era um tremendo narcisista para tirar a própria vida — expôs Matteo.

— Talvez eu devesse colocar uma porra de uma tornozeleira eletrônica em você também — grunhi. — Você é uma bomba-relógio. — Fui eu quem sugeriu que ele colocasse aquela coisa em Gianna, mas, aparentemente, ele também precisava de mais supervisão.

Romero parou de procurar nas gavetas da mesa.

— Mesmo se os Bardoni suspeitarem de algo, não dirão em voz alta. Se não tiverem provas, não procurarão por vingança.

Matteo balançou a cabeça. — Não contaria com isso. Mas vamos nos certificar de que eles não tenham nenhuma chance de retaliação.

A faca de Matteo ainda estava enfiada na porra da cabeça de Bardoni. Se alguém entrasse na sala agora, teríamos que transformar esta festa de Natal num banho de sangue.

— É melhor tirar a sua faca da cabeça de Bardoni. Ninguém vai acreditar que foi suicídio com o seu punhal preso no queixo dele.

Matteo removeu cuidadosamente a faca e deu um pulo para trás antes que o sangue chegasse às suas roupas.

Romero tirou uma *Smith & Wesson* de alto calibre de uma gaveta no armário atrás da mesa.

— Isso deve servir.

Assenti. Sem dúvida, Romero era o meu melhor soldado. Eu sabia por que o escolhi para proteger Aria, o que me lembrava que, neste momento, ela estava desprotegida.

— Bom. Matteo e eu vamos voltar para a festa. Espere cerca de cinco minutos antes de explodir a cabeça dele, depois, dê o fora daqui. Com sorte, Matteo e eu chegaremos aqui primeiro e no tumulto ninguém vai perceber que você sumiu.

Romero já estava ocupado descobrindo o melhor ângulo para atirar em Bardoni e mal reagiu quando Luca e eu saímos do escritório discretamente e fechamos a porta. A ruiva irritante estava parada no final do corredor.

— Certifique-se de que ela não vai deixar nada escapar — resmunguei. — E nós dois teremos uma conversa sobre esse assunto mais tarde.

— Não se preocupe. Gianna sabe mentir se precisar.

Meu olhar moveu-se para Gianna.

— Ah, não duvido que saiba mentir perfeitamente se quiser, mas ela não é exatamente a pessoa mais confiável.

— Ela é minha esposa — grunhiu Matteo.

— Esse é o problema — falei, me afastando.

Aria segurava uma taça de vinho e seus olhos encheram-se de alívio quando me viu. Ela pediu licença de uma conversa com uma jovem que não consegui identificar e veio até mim. Segurei o braço dela, que me lançou uma olhar questionador.

Eu não podia lhe contar o que estava acontecendo com tantas pessoas por perto. Conduzi-a em direção à mesa do buffet, garantindo que gente suficiente nos visse.

— Luca — falou ela em voz baixa, tensa.

Balancei a cabeça de leve e, neste instante, soou um tiro alto. Fazendo o meu papel, tirei a *Beretta* e virei em direção ao barulho. O corpo de Aria estremeceu contra o meu e o medo cruzou seu semblante. Abaixei-me até seu ouvido:

— Fique aqui. Não é nada, confie em mim.

Corri para o escritório de Bardoni com os outros homens, empurrando alguns deles para ficar na frente. Matteo também veio correndo.

— O que está acontecendo? — gritou.

A esposa de Bardoni emitiu um gemido agudo quando viu o marido morto. Foi uma tentativa horrível de atuação.

Mais tarde, quando voltei para Aria e encontrei seu olhar preocupado, jurei a mim mesmo que Aria nunca me veria assim, porque eu sabia que a agonia dela seria real. Eu levava uma vida cheia de morte e não tinha exatamente medo de morrer, mas, desde que Aria entrou na minha vida, eu tinha outra pessoa para quem permanecer vivo.

*

As coisas foram mais tranquilas do que eu esperava depois do episódio de Bardoni. A esposa e a filha dele não pareciam sentir sua falta e o filho era um covarde chorão que nunca agiria por conta própria.

Óbvio que a festa de Natal de Bardoni não foi a última vez que Matteo fodeu com tudo.

Parceiros de negócios nos convidaram para a festa de Natal deles num galpão cinco dias antes do Natal, o que acabou virando um país das maravilhas de inverno com neve falsa e um bar esculpido em gelo. Matteo esteve com um péssimo humor a noite toda, naturalmente por causa de Gianna. Ela se recusava a ceder ao encanto dele.

Aria me lançou um olhar apaziguador.

— Vamos aproveitar o resto da noite.

Agora que eu havia mandado Matteo e Gianna embora, isso podia ser uma opção.

— Dança comigo? — pediu Aria com a expressão tranquila e cheia de esperança. Se não estivéssemos cercados por tanta gente, eu a teria beijado, porém, como estávamos, eu assenti e a puxei para mim. Ela suspirou de leve quando começamos a nos movimentar conforme a música.

— Será que a sua irmã algum dia vai aceitar estar casada com meu irmão? — perguntei baixinho.

Aria ergueu o olhar. — Eu não sei. Acho que ela gosta de verdade dele, mas não quer admitir.

— Por quê? Ela gosta tanto assim de deixar todo mundo infeliz?

Aria fez um biquinho, seus passos fraquejaram, porém, a estabilizei.

— Não é isso. Ela se sente culpada por gostar de um homem como Matteo.

Torci os lábios. — Um homem como Matteo?

— Gianna acha que terá sangue nas mãos se aceitar o lado sombrio de Matteo. Ela se sente culpada. Ela quer ser uma boa pessoa.

— E você? — murmurei.

As sobrancelhas de Aria uniram-se. Ela passou a mão pelas minhas costas até encostar na tatuagem em meu ombro.

— Você sabe que aceito todas as suas partes.

— Eu sei — falei, abaixando ainda mais a voz. — Mas se sente culpada por

isso?

— Culpada por te amar? Não, nunca — afirmou sem nenhum pingo de dúvida em sua voz, e meu peito encheu de amor pela mulher em meus braços. — Se isso fizer de mim uma pessoa ruim, não estou nem aí.

— Você é boa, Aria. Nada em você é ruim — afirmei num sussurro.

Ela me recompensou com um daqueles sorrisos e eu tive dificuldade em manter minha máscara severa.

— Acho que você é suspeito.

— Não sou. É preciso muita bondade para cancelar a minha escuridão.

Ela bufou, mas não tive a chance de falar mais nada porque meu celular começou a tocar.

— Caralho — resmunguei. Aria e eu saímos da pista de dança e olhei a tela. — Matteo — falei irritado. Aria me seguiu até um canto tranquilo do galpão.

Atendi a ligação sentindo meu corpo ferver.

— Não estou com disposição para falar com você, Matteo. Você agiu como o maior babaca esta noite.

Um soluço feminino ecoou no outro lado. Fiquei tenso e Aria se aproximou.

— Gianna? — perguntei com cuidado ao ir em direção à porta e sair. Aria quase não conseguiu acompanhar meu ritmo.

— O que houve? — perguntou ela.

— *Ele está morrendo* — disse Gianna.

Parei no meio do caminho.

— Do que você está falando? Passe para Matteo. — Minha respiração saiu da minha boca em nuvens por causa do frio escaldante, e Aria tremia ao meu lado.

— *Não posso, os russos nos atacaram. Tem muito sangue, Luca, sangue demais.*

Minha garganta fechou.

— Matteo está vivo?

Aria ofegou e se encostou a mim.

— Luca?

Balancei a cabeça e os olhos dela marejaram.

— Ligue para Romero e diga para ele levar Sandro.

Aria pegou seu celular, seguindo as minhas ordens.

— *Ele não está respirando. Estava há um segundo, mas não está mais* — sussurrou Gianna.

Se ele ainda estava respirando há pouco tempo, podia sobreviver. Matteo era um lutador. Aria acenou para mim e abaixou o telefone.

— Gianna, você precisa reanimá-lo. Logo estarei aí. Tenho suas coordenadas. Mas você tem que fazê-lo voltar a respirar, senão será tarde demais. — Gesticulei para que Aria me seguisse quando corri em direção ao meu carro. Ela veio rápido atrás de mim e nós entramos no meu *Aston Martin.* — Me dá seu telefone. Preciso rastrear o celular de Matteo — falei para ela, ainda com o meu celular no ouvido, mas Gianna estava calada no outro lado da linha. — Gianna? — chamei ao acelerar o motor. A estática estalou-me no ouvido e por um momento de parar o coração pensei que Gianna tivesse desligado. Esta era a oportunidade de ela fugir de uma vez por todas. Se Matteo morresse, ela estaria livre. Mas se ela o deixasse morrer para ser livre, nem mesmo o meu amor por Aria me impediria de caçá-la. — Eu sei que você sente como se Matteo tivesse te aprisionado, que ele arruinou a sua vida, mas não importa o que você pense, ele não fez o que fez para te fazer infeliz. Por algum motivo inexplicável, Matteo te ama. Não precisa acreditar em mim. Pode continuar odiando-o, mas não o deixe sozinho, não agora. Se você me ajudar a salvar a vida dele, eu te concedo a liberdade. Juro pela minha honra e pela minha vida. Aria está aqui. Ela é testemunha. Você terá dinheiro, uma nova identidade e até proteção contra a Outfit se quiser. Será tudo seu se você salvar a vida dele.

Espantada, Aria abriu a boca, seus olhos estavam arregalados e incrédulos, mas eu mantinha os olhos na rua, seguindo as direções do celular de Aria.

— *Tudo bem* — foi a resposta de Gianna.

Aquela vaca do caralho. Reprimi a minha fúria e foquei em salvar a vida do meu irmão.

— Você tem que fazer compressões no peito. Forte e rápido. Não se preocupe com quebrar as costelas dele. Pressione trinta vezes, respire duas. *Rápido.*

Pude sentir os olhos de Aria em mim o tempo todo.

— *Ele não está reagindo!* — gritou Gianna.

— Continue fazendo. — Houve silêncio do outro lado e minha garganta fechou ainda mais. Aria tocou em minha perna, mas não falou nada. — Chegaremos em dez minutos — consegui falar através do nó na minha garganta. — Como está Matteo?

Mais silêncio… e eu enrijeci.

— Gianna? Ainda está aí?

— *Estou. Matteo está respirando novamente.*

Fiquei aliviado e Aria apertou a minha coxa de leve. Ela soltou um suspiro trêmulo.

— Bom. Fique onde está — falei em voz baixa. Meus olhos foram atraídos para o espelho retrovisor onde pude ver o carro de Romero se aproximando.

— *Não se preocupe* — falou Gianna.

Assim que chegamos, vi o carro destruído. Pisei no freio, abri a porta e corri em direção a Matteo. Caí de joelhos ao lado dele e fiz uma análise rápida dos seus ferimentos. A cabeça dele estava coberta de sangue, mas, como Gianna havia falado, ele estava respirando. Romero e Sandro juntaram-se a mim.

— Liguei para o médico — informou Romero ao vir para o chão ao meu lado. Aria estava falando com Gianna, que ainda pairava ao lado de Matteo como se ela realmente se importasse se ele iria viver ou morrer. Desde que éramos pequenos, Matteo e eu protegíamos um ao outro; éramos nós contra o resto do mundo, contra um pai sádico, contra uma mãe que deixou seu desespero recair sobre nós, contra os inimigos que queriam nos ver mortos.

Olhei do meu irmão para Gianna. Só de olhar para a cara dela me fez querer matá-la. E pensar que tive que convencê-la a salvar a vida de Matteo…

— Leve-a daqui. Pegue meu carro e a leve para o nosso apartamento.

— Para onde vai levar Matteo? — Ela se atreveu a perguntar.

— Para o hospital. Isso é grave demais para o nosso médico — falei, tentando manter o controle na frente da Aria, mas dei meu sorriso mais frio a Gianna. — Não se preocupe. Vou honrar a minha promessa. Quando voltar ao apartamento, vamos tomar as providências necessárias para garantir a sua liberdade.

— Talvez Gianna queira ir ao hospital com Matteo — sugeriu Aria docemente enquanto Sandro e eu levantávamos Matteo do chão.

— Ela não quer. Ajude-a a pegar suas coisas do apartamento de Matteo para podermos resolver sua nova vida antes de meu irmão voltar para casa. — Eu não a queria nunca mais perto do meu irmão.

*

ARIA

Peguei algumas roupas no armário de Matteo mesmo sendo estranho remexer em suas roupas íntimas, e coloquei-as numa bolsa com algumas calças de moletom e blusas, assim como meias.

Depois, fui até o banheiro dele e peguei sua escova de dentes. Meus olhos permaneceram na escova de cabelos de Gianna, que ela não tinha levado consigo. Sandro a havia levado a um hotel. Ela aceitara o acordo de Luca. Eu não acreditava que sua decisão era definitiva. Vi como olhava para Matteo quando pensava que ninguém estava prestando atenção. Suspirando, virei-me e fui para o elevador.

Mesmo que ela mudasse de ideia, eu não achava que Luca algum dia a perdoaria. Ele se convenceu de que ela teria deixado Matteo morrer se não tivesse feito essa oferta. Eu raramente via tanto ódio nos olhos dele como quando ele olhou para Gianna ontem.

O elevador me levou de volta para a nossa cobertura. Luca estava sentado numa banqueta, havia um café no balcão à sua frente e seus olhos estavam atentos ao celular. Ele olhou para cima quando entrei, porém, a tensão não deixou seu semblante. Fui até ele, larguei a bolsa ao lado do bar e me posicionei entre suas pernas. Ele pousou o celular e segurou meu rosto.

— Onde ele está?

— No quarto de hóspedes grande — disse ele, parecendo exausto, com sombras sob os olhos.

— Ele logo voltará a te irritar — garanti-lhe.

Luca sorriu ironicamente.

— Ele já foi um pé no saco quando o busquei no hospital hoje.

Olhei-o nos olhos. — Nunca te vi tão preocupado quanto ontem.

Ele passou os dedos pelo meu pescoço, depois, tirou a gola do meu ombro, revelando a pequena cicatriz ali.

— Você não viu a minha cara quando levou o tiro.

— Você não me perdeu naquela época, e não vai perder Matteo.

Luca acariciou a minha cicatriz, depois, seus olhos cinza encontraram os meus, cheios de sentimentos.

— Você levou um tiro para salvar a minha vida, enquanto a sua irmã teria deixado meu irmão morrer para ter liberdade.

Não tentei defender Gianna, embora lá no fundo eu soubesse que ele estava errado. Luca inclinou-se e beijou a minha cicatriz, depois, meu pescoço, até sua boca reclamar os meus lábios. Seu telefone tocou e ele recuou com um suspiro, olhando para a tela. Era Sandro. Ele atendeu e escutou por um instante, depois assentiu:

— Estarei aí em quinze minutos. — Ele desligou, suspirando. — Preciso ir a

uma reunião com meus Capitães. Vamos planejar nossa vingança.

Fiquei surpresa. Ele costumava reter esse tipo de informação, e isso me mostrou o quanto estava abalado por causa de Matteo.

— Vou ficar de olho nele — falei com um sorriso tranquilizador.

Luca olhou intrigado.

— Tanto Romero quanto Sandro estão fora. Vou mandar Romero voltar assim que possível, mas pode levar uma hora. Não gosto da ideia de te deixar sozinha.

— Não vou estar sozinha. Matteo está aqui.

— Matteo está ferido e deve ter desmaiado de novo.

— Luca — falei com firmeza, tocando seu peito. — Ninguém pode entrar na cobertura sem um código, e Matteo ainda é mortal mesmo ferido. Ficarei bem até Romero voltar.

Luca se levantou e tirou uma de suas armas do coldre, depois a entregou a mim.

— Por precaução.

Não destaquei que não tinha muita prática em atirar. Ele me beijou antes de ir para o elevador, já levando o celular ao ouvido.

Assim que ele se foi, coloquei a arma na parte de trás da minha calça, depois, peguei a bolsa com as roupas de Matteo e fui para o quarto de hóspedes. Hesitei. Matteo e eu não ficamos sozinhos desde que ele me atacou há sete meses. Afastando as lembranças, virei a maçaneta e entrei em silêncio. Meus olhos pousaram na cama onde Matteo estava deitado de costas para mim. Ele estava coberto com mantas, apenas seus cabelos despenteados e emaranhados aparecendo.

Aliviada por ele estar dormindo, fui até o armário do outro lado da cama para guardar suas roupas. Abri a porta.

— Não acho que você precise dessa arma. Afinal, eu estou ferrado — falou Matteo.

Dei um grito, larguei a bolsa e me virei, bati as costas no guarda-roupas enquanto meus olhos voaram para a cama. Matteo se sentou, seus olhos castanhos estavam atentos apesar de inchados. Ele me encarou calado.

Ele estava vestido apenas com uma calça de moletom e seu torso, coberto de hematomas e cortes. Ele parecia ferrado, mas eu não relaxei. Endireitei-me apesar do meu pulso acelerado.

Ele suspirou. — Pode parar de ter medo de mim, Aria. Já te disse que nunca mais vou te ameaçar, muito menos te machucar, e falei sério.

Não estava com medo. Estava desconfiada.

— Trouxe algumas roupas para você.

Ele assentiu, depois, fez uma careta.

— Não precisa tirá-las da bolsa. Não vou ficar aqui para sempre. Pode sair agora.

Larguei a bolsa e fui para a porta, mas parei quando vi Matteo se levantando.

— O que você está fazendo?

— Indo dar uma mijada — resmungou, dando um passo em direção ao banheiro e se movimentando precariamente.

Corri até ele e passei um braço em sua cintura sem pensar duas vezes. Ele se apoiou pesadamente em mim por um segundo antes de se recompor, e tentou se endireitar, mas não o soltei. Eu não tinha certeza se sua tensão era porque ele não queria mostrar fraqueza na minha frente ou porque estava preocupado que sua proximidade me deixasse nervosa.

Seus olhos encontraram os meus e eu sustentei seu peso o melhor que pude.

— Só me larga na cama. Eu mijo na calça — resmungou ele com um sorriso torto.

Revirei os olhos. — Não seja ridículo, Matteo. Vou te ajudar a ir até o banheiro.

Ele não protestou e, juntos, conseguimos chegar ao banheiro. Ele era alto e pesado e eu me dei conta de que com Luca isso nunca teria funcionado.

Paramos bem ao lado do vaso sanitário.

— Você consegue fazer isso?

Matteo riu. — O que faria se eu dissesse que não? Você não pode segurar meu pau.

Corei e soltei-o com cuidado.

— Bem, você poderia sentar ao menos essa vez, ou vai ferir seu ego? — Ergui as sobrancelhas para ele.

Ele sorriu maliciosamente. Com os olhos inchados, o corpo e o rosto feridos e os cabelos emaranhados, isso não teve o efeito desejado.

— Nada é capaz de ferir meu ego como o ódio de Gianna. — Isso era para ter sido uma piada, mas captei uma pontada de amargura em sua voz.

Dei um passo para trás. — Vou te dar um pouco de privacidade. Chame se precisar da minha ajuda, certo?

Matteo não falou nada, mas colocou a mão na calça e eu tomei isso como a minha deixa para sair. Fechei a porta e hesitei por um segundo antes de me ocupar arrumando as roupas de Matteo no armário. Peguei uma blusa e uma calça de moletom limpa, e as coloquei na cama.

Decidida a encontrar um pouco de comida para Matteo, fui até a cozinha, peguei uma salada de macarrão pré-pronta e preparei um chá preto forte com muito açúcar antes de voltar para o quarto de hóspedes.

Matteo ainda estava no banheiro. Fiquei preocupada ao pousar a bandeja e fui em direção à porta. O barulho do chuveiro ligado fez meus olhos arregalarem. No estado em que Matteo estava, tomar banho parecia uma ideia especialmente ruim.

— Matteo? — chamei. Nada. Coloquei a mão na maçaneta e hesitei. Matteo devia estar nu e não só isso me deixava nervosa, mas eu sabia o quanto Luca era ridiculamente possessivo. Bati na porta com força. — Matteo?

Decidindo que isso não podia esperar, abri a porta e entrei. Matteo estava ajoelhado debaixo do chuveiro com as costas curvadas e as mãos espalmadas no chão. Eu o vi de perfil. Felizmente, do meu ponto de vista, suas partes íntimas estavam escondidas dos meus olhos. Ele estava coberto de cicatrizes, hematomas recentes e cortes, e o sangue escorria pelas suas costas, provavelmente do ferimento em sua cabeça.

Dei um passo hesitante para frente.

— Matteo?

Seus ombros e braços se retesaram.

— Saia — grunhiu.

— Consegue se levantar? — Não parecia que podia.

Matteo me lançou um olhar, seus olhos castanhos estavam endurecidos.

— Você não deveria estar aqui. Luca não vai gostar se você me vir nu.

Eu me irritei. — Ele vai gostar menos ainda se você se matar por acidente.

— Já sobrevivi a coisa pior.

Ignorando seu olhar, peguei uma toalha e me aproximei dele, fixando meu olhar em seu rosto.

Tive que me inclinar sobre ele para alcançar o chuveiro e desligar a água. Minha respiração ficou presa na garganta por causa da temperatura gélida. Será que ele estava tentando se dar um infarto? Quando consegui fechar a água da posição estranha em que estava, a parte da frente da minha roupa ficou encharcada e eu tremia.

Matteo me observava atentamente de sua posição, agachado no chão, e havia uma pontada de desconfiança em sua expressão. Parei. Assim como Luca, ele odiava mostrar fraqueza e eu não era alguém em quem ele confiava como Luca confiava em mim.

Peguei a toalha do chão, onde a havia deixado cair, e a entreguei para Matteo.

— Pode se cobrir?

Ele me surpreendeu ao não fazer um comentário engraçado quando aceitou a toalha e, constrangido, enrolou-a em sua cintura.

— Consegue se levantar?

Ele emitiu um som gutural baixo, uma mistura de gemido e risada, e ergueu uma sobrancelha.

— Acho que isso é um não — falei.

— Sou muito pesado para você, acredite. Me dê um segundo.

Esperei e assisti às suas costas movendo-se a cada respiração. Ele apoiou o braço no vidro do box, seus músculos flexionaram, e conseguiu levantar um joelho. Tentei ajudá-lo, mas ele balançou a cabeça.

— Não — falou asperamente, depois, com mais delicadeza —, não.

Dei um passo para trás. O corpo dele tremia quando apoiou um braço no joelho e o outro no box. Com um gemido baixo, ele se levantou, depois, cambaleou e caiu contra o vidro. A coisa vibrou como se fosse explodir. Dei um pulo para frente e encaixei meu ombro nas costelas de Matteo enquanto o segurava pela cintura.

Ele soltou um suspiro baixo.

— Não precisa me ajudar. Você não me deve nada.

— Eu quero te ajudar, e te devo boas maneiras — resmunguei, olhando para ele.

— Acho que fazer com que as mulheres Scuderi me odeiem deve ser meu talento especial.

— Eu não te odeio, Matteo — afirmei. — Nem Gianna.

Ele levantou a cabeça, assim, pude ver sua expressão e acenei em direção à porta.

— Se formos devagar, devo conseguir apoiar a maior parte do meu peso.

Demoramos vários minutos para chegar ao quarto quando Matteo ficou tenso de repente.

— Alguém entrou na cobertura — murmurou ele, cada músculo do seu corpo se retesou. Eu não tinha ouvido nada.

— Luca disse que Romero viria para cá.

— Presumo que isso signifique que não tenha ninguém de vigia neste momento.

Pisquei para ele, repentinamente preocupada. Os russos haviam conseguido entrar na mansão, então, quem disse que não conseguiriam entrar na nossa cobertura? A mão dele deslizou pelas minhas costas e, depois de um instante de choque, percebi o que ele estava fazendo: tirou a arma do cós da minha calça e mirou em direção à porta, erguendo-se no meu ombro.

— Fique atrás de mim.

— Você não consegue ficar de pé sozinho.

— Caralho, fique atrás de mim, Aria — rosnou Matteo, e eu recuei, entretanto, estreitei os olhos.

— Não.

Talvez ele teria me empurrado para trás dele, porém, naquele instante, Romero gritou:

— Aria? Onde você está?

A voz dele soou preocupada.

— Aqui! — gritei, e demorou apenas alguns segundos para Romero irromper no quarto com a arma na mão. Quando seus olhos pousaram em Matteo e em mim, ficou surpreso, e pôs a arma de volta no coldre.

— Matteo pensou que fosse uma boa ideia desmaiar no chuveiro — falei.

— Eu não desmaiei. Perdi o equilíbrio e caí — resmungou.

Romero veio em nossa direção e deslizou o braço por baixo da axila de Matteo. Suspirei baixo quando todo aquele peso saiu do meu ombro e me afastei.

— Assumo daqui. Por que não vai se trocar? — disse Romero.

Olhei para baixo. Minha blusa estava transparente por causa da água e dava para ver a renda branca do meu sutiã, mas também havia sangue no tecido.

Antes de sair do quarto, ouvi a voz de Matteo:

— Aria? — Voltei-me a ele. Romero o erguia para colocá-lo na cama. — Obrigado.

Eu sorri. — Disponha.

Sentindo-me esgotada, subi para o quarto principal. Tomei um longo banho

quente antes de vestir minha camisola de lã mais macia e me deitei na cama.

Fui acordada por uma mão quente na minha bochecha. O rosto de Luca pairava sobre mim enquanto ele me acariciava com o polegar. Pisquei.

— Que horas são?

— Tarde — murmurou ele.

— Ah — falei. — Devo ter caído no sono. Como está Matteo?

— Melhor — falou Luca com uma voz estranha. Olhei-o nos olhos. Ele me observava com um olhar que me deu um frio na barriga. — Ele me contou o que aconteceu.

— Tive que ajudá-lo — falei indignada. — Não estou nem aí se você está chateado por eu quase tê-lo visto por inteiro.

Luca soltou a risada mais suave e eu franzi a testa, confusa com seu humor. Ele deslizou a mão pela lateral do meu corpo e ajeitou a minha camisola, acomodando-se entre as minhas pernas, cobrindo-me com seu corpo quente. Quando a ponta do pau dele roçou no meu centro, soltei um suspiro de surpresa. Ele não entrou em mim, só me beijou.

Retribuí, relaxando sob seu calor e sua força. Logo, a língua de Luca na minha boca e seu corpo em cima de mim me deixaram úmida de excitação e ele finalmente meteu a cabeça do pau em mim. Seus olhos fixaram-se nos meus quando meteu o resto, e eu gemi diante da plenitude absoluta.

— Eu não te mereço, Aria.

Ele reivindicou a minha boca novamente antes que eu pudesse protestar e logo seus movimentos experientes fizeram eu me contorcer e ofegar, esquecendo qualquer palavra de objeção.

*

LUCA

Quatro meses depois...

Matteo corria atrás de Gianna em direção ao mar, o grito agudo dela soava alto. Aria me abraçou pela cintura, me olhando daquele jeito que dizia “eu te disse”. Eu não achava que Gianna voltaria para o meu irmão, mas ela, sim. Eles pareciam felizes juntos. Eu ainda não confiava na ruiva, nem um pouquinho, mas estava contente pelo bom humor de Matteo.

— Esperemos que ela não mude de ideia.

Aria balançou a cabeça.

— Veja bem, uma vez que vocês, homens da família Vitiello, entram em nossos corações, não há como escapar.

Seus olhos azuis brilharam pela diversão.

— Nunca tive a intenção de entrar em seu coração — admiti porque o amor nunca foi parte do negócio.

— Eu sei — disse ela dando de ombros, então, seu sorriso se tornou lúdico e meu pau contraiu. — Você só me queria pelas minhas loucas habilidades sexuais.

Gargalhei. Aria apertou a minha mão e me puxou para dentro da mansão.

*

Mais tarde naquele dia, Matteo e eu fizemos um churrasco no quintal. Eu virava as costelas de cordeiro enquanto Matteo pegava uma garrafa em nossa adega, Aria preparava uma salada, quem sabe, comível.

Gianna se aproximou da churrasqueira e eu ergui as sobrancelhas. Ela parecia ter algo a dizer e, geralmente, isso não era bom.

— Eu sei que você não gosta de mim — falou ela, parecendo realmente nervosa. Gianna nervosa? — Mas acho que devemos tentar nos dar bem por Aria e Matteo.

Ela me olhou fixamente. Eu ainda não era um admirador de Gianna, provavelmente nunca seria, mas ela estava certa. Aria e Matteo queriam que nós nos déssemos bem.

— Eu não gosto de você porque odeio o jeito como tratava Matteo.

Ela franziu a testa como se isso fosse uma puta surpresa.

— Certo.

— Mas estou começando a mudar meu pensamento — reconheci. Isso não era bem verdade, mas também não era uma mentira.

— Está?

Virei uma costela de cordeiro.

— Estou começando a achar que talvez Matteo estivesse certo e vocês dois não sejam a pior combinação. — Os dois eram esquentados e adoravam um conflito. Eles se mereciam.

— Obrigada? Você é muito ruim com elogios.

— Não estou acostumado a distribuí-los. E não diga ao meu irmão que eu disse que ele estava certo. Ele já é convencido o suficiente.

Matteo veio em nossa direção, seus braços estavam carregados de garrafas de vinho. Por um momento, a expressão dele enrijeceu quando viu Gianna ao meu lado. Ele me conhecia muito bem para perceber que eu não conseguia aguentá-la na maior parte do tempo, só que ele não precisava se preocupar. Aquela mulher estava segura porque era dele, independente do quanto ela fosse enervante.

— Ele é — concordou Gianna cheia de carinho. Forcei uma expressão menos fria e Gianna me deu um sorriso agradecido.

Matteo colocou as garrafas de vinho sobre a mesa antes de se juntar a nós e abraçar Gianna pela cintura.

— Sobre o que estão fofocando?

— Sobre você.

— É mesmo? — Matteo ergueu uma sobrancelha.

Aria voltava da cozinha carregando uma tigela e me olhou de forma questionadora ao se aconchegar em mim.

— O que está acontecendo?

— Seu marido e a minha mulher estão discutindo minhas muitas maravilhosas características — disse Matteo.

Gianna fuzilou Matteo com os olhos.

— Você é convencido demais.

— Admita, você ama que eu seja assim.

— É.

— Suas declarações de amor ainda me deixam de perna bamba — brincou ele.

— Sua presunção não é a única coisa que amo em você.

Era só uma questão de tempo antes desses dois desaparecerem para outra trepada.

— Preciso de um pouco de sangue de cordeiro para neutralizar essa amostra desagradável de gentileza — resmunguei. Aria sorriu para mim e eu apertei seu quadril.

Matteo levantou Gianna e girou com ela.

— Não tenho certeza se posso aguentar os dois juntos — falei revirando os olhos.

Aria sorriu. — Admita, você está feliz.

Hesitei. Eu estava feliz, mais feliz do que jamais estive em toda a minha vida.

Acenei para a tigela que Aria ainda segurava, tentando mudar de assunto.

— Como ficou a salada? Alguma chance de intoxicação alimentar?

Aria me lançou um olhar cúmplice.

Capítulo 10

ARIA

Peguei a peruca e a coloquei na minha cabeça. Demorei alguns minutos para fazê-la parecer natural.

Escolhi um penteado que nunca tive permissão para usar porque Luca nunca teria concordado que eu cortasse ou tingisse meus cabelos. A peruca era um corte curto, mais comprido na frente do que atrás, castanho escuro. Depois de passar nosso segundo aniversário em nosso iate no Mar Mediterrâneo, minha pele estava bronzeada o suficiente para que aquela cor de cabelos escuros não parecesse artificial apesar dos meus olhos azuis.

A peruca mudava totalmente meu aspecto, me fazendo parecer mais irritadiça, menos doce. Escolhi um jeans preto justo com uma blusa listrada preta e branca com tênis brancos. Não tinha nada a ver comigo. Este era o visual de uma estudante de faculdade e não de uma princesa da máfia. Sorri, ridiculamente feliz.

Saí do banheiro e fui para o quarto, onde Luca colocava uma camisa social preta.

Luca parou quando me viu, passeando o olhar pelo meu corpo.

Dei uma voltinha.

— E aí? O que acha?

— Esta não é você — falou.

— Eu sei. — Sorri. — Ninguém vai me reconhecer assim.

— Você parece feliz — expôs Luca em voz baixa enquanto atava o coldre no peito.

— Eu estou — admiti. Finalmente iria para a faculdade. Fingiria que sou uma mulher normal e não a esposa do Capo. Era estranho que eu estivesse prestes a ir para a faculdade enquanto Luca iria cuidar de quaisquer problemas que a *Famiglia* estivesse enfrentando.

Ele ainda estava tenso, por isso, fui até ele e toquei seu peito.

— Vai ficar tudo bem. Romero estará ao meu lado.

Luca assentiu. — Ele terá que manter certa distância de vez em quando para não chamar atenção. Você deve se misturar.

— Eu vou — falei.

Luca encostou na minha peruca, torcendo os lábios.

— Sinto falta dos seus cabelos.

— É só para a faculdade — assegurei-lhe. — Tenho pensado em como garantir que os caras mantenham a distância que você quer que eles mantenham.

O olhar de Luca estava atento.

— Romero pode fingir que é meu namorado. Ele é só dois anos mais velho que eu.

Luca não pareceu convencido.

— Como você faria isso? — Sua voz estava cheia de ciúmes.

— Poderíamos andar de mãos dadas. Isso seria suficiente porque, de qualquer forma, as pessoas sempre nos veriam juntos.

Luca assentiu. — Isso pode funcionar. E eu confio em Romero com você. Ele será respeitador.

Eu ri. — Ele vai se recusar a andar de mãos dadas comigo, acredite. — Parei. — Não fale com ele. Quero pegá-lo de surpresa mais tarde.

Luca sorriu. — Você é má. Romero é leal. Ele vai enlouquecer se você entrar em ação.

Revirei os olhos. — Vou pedir que ele finja, só isso. — Inclinei a cabeça. — Então, está tudo bem se eu segurar a mão de Romero… ou se ele passar o braço em meu ombro? — Eu queria ter certeza de que Luca conseguiria lidar com isso e que não fosse fazer da vida de Romero um inferno.

Luca me beijou com possessividade.

— Se fosse qualquer outra pessoa, não, mas Romero, tudo bem. Ele sabe que você é minha.

Todos em nosso mundo sabiam que eu era de Luca.

*

Eu não conseguia parar de encarar Romero. Ele parecia um aluno da faculdade vestido com um jeans escuro e uma blusa xadrez. As garotas iriam se jogar em cima dele. Ele nos levou em seu carro, um *Dodge Charger* cinza escuro.

Romero olhou para mim.

— Vou frequentar o máximo de aulas que puder com você. Nós almoçaremos

juntos e você não vai a lugar nenhum sem mim.

Suspirei. — Sim, eu sei. Somos praticamente unha e carne.

Ele estacionou o carro, depois, saiu, mas era tarde demais para abrir a porta para mim.

— Pare com isso — resmunguei. — Finja que você é meu namorado e não o meu guarda-costas.

Romero arregalou os olhos e balançou a cabeça, recuando respeitosamente.

Estendi a mão. — Acho que este é o melhor jeito de manter os homens afastados, Romero. Você é intimidante. Não seja covarde — provoquei, abanando os dedos para ele.

Ele olhou para eles como se fossem cobras venenosas prestes a dar o bote.

Resolvendo terminar logo com isso, fui até ele antes que ele tivesse a chance de recuar, peguei sua mão e o puxei para mim. Pego de surpresa, ele balançou para frente e se estabilizou com uma mão no meu quadril.

Meu Deus. A expressão em seu olhar me traria muitas horas sombrias no futuro. Eu ri e ele tirou a mão como se estivesse pegando fogo.

— Aria — murmurou implorando e puxou a minha mão, mas eu não soltei.

— Romero, acalme-se. As pessoas vão desconfiar se você se recusar a segurar a mão da sua namorada.

Seus olhos encheram-se de raiva e eu me senti culpada por fazê-lo achar que estava fazendo algo que Luca não aprovaria. Soltei sua mão.

Suspirei.

— Falei com Luca sobre isso. Ele acha uma boa ideia você fingir ser meu namorado para afastar os outros homens.

A surpresa baniu a raiva.

— Ele disse isso?

— Ligue para ele — insisti, e claro que ele ligou. Depois de receber o aval de Luca, ele relaxou visivelmente.

— Eu falei — resmunguei.

— Luca é o meu Capo — disse Romero com firmeza. — Não posso ir contra ele, principalmente quando você está envolvida.

— Eu sei — falei ficando frustrada. — Estou bem ciente de que sou uma propriedade do seu Capo.

— Você não é propriedade de Luca. Você é *dele*.

Eu não tinha muita certeza se havia alguma diferença e isso não me aborrecia tanto. Depois de dois anos de casamento, aceitei a possessividade de Luca. Romero estendeu a mão com um sorrisinho.

— Vamos, Aria.

Sorri para ele, decidindo que não deixaria nada estragar este dia para mim, e dei a mão para ele, depois, fomos para as salas de aula. Mesmo sem meus cabelos loiros, vários caras olhavam para mim. Eu não esperava por isso.

Romero enrijeceu.

— Se eles soubessem quem você é, não olhariam tão cheios de malícia.

— Eles não sabem e é exatamente isso o que nós queremos. — Olhei para eles. — Seus olhares mortais vão afugentá-los logo.

Ele riu. — Eu tenho que fazer o que Luca faria.

Meu peito ficou apertado. Às vezes, eu me perguntava como seria se Luca não fosse quem ele é e se eu não fosse quem sou. Se fôssemos pessoas normais, se pudéssemos passear por esses corredores juntos como um casal normal. Lágrimas fizeram meus olhos formigarem porque isso nunca iria acontecer. Luca nunca teve a oportunidade de ir para a faculdade. Desde o dia em que ele nasceu, seu caminho fora determinado, um caminho de escuridão, cheio de inimigos… mesmo entre nós mesmos.

— Você está bem? — perguntou Romero, parando alguns passos da nossa sala de aula, soltando a minha mão.

Balancei a cabeça. — Queria que Luca estivesse aqui.

— Estamos todos presos ao caminho a que fomos destinados.

Um grupo de garotos da minha idade passou pela gente, e um deles se virou e sorriu para mim. Fui atingida pela surpresa diante de seu flerte óbvio.

— Certo. Não gosto disso — grunhiu Romero.

— Então, mostre a ele que sou sua namorada. Confie em mim, eles vão me deixar em paz se lhes lançar aquele olhar. Eles são cheios de si, mas qualquer pessoa que enxergue pode dizer que você não é um homem com quem mexer.

Romero hesitou.

— Como você me trataria se eu fosse sua namorada?

Ele franziu a testa.

— Sem beijos — acrescentei depressa, corando.

— Acredite, Aria, eu nunca ousaria te beijar. Você é como se fosse a minha irmã mais nova.

Eu sorri, porque Romero era como um irmão mais velho que eu nunca tive.

Ele se aproximou e envolveu a minha cintura, descansando a mão levemente no meu quadril. Fiquei tensa diante da proximidade pouco familiar.

Romero me encarou, murmurando:

— Te incomoda?

— Não. Só não estou acostumada a ficar tão perto de alguém além de Luca — admiti, envergonhada.

Ele assentiu. — Eu sei. Pronta para entrar?

Respirei fundo e entramos juntos na minha primeira aula como aluna da faculdade e, conforme havia previsto, os caras se afastaram assim que me viram com Romero.

*

Eu estava toda boba enquanto voltávamos para casa. Mal podia esperar para contar a Luca sobre o meu dia. Pela primeira vez, eu tinha mais a contar para ele do que apenas sobre as minhas compras ou o livro que li.

O telefone de Romero tocou e ele atendeu depois de uma olhada na tela.

— Luca — falou.

Curiosa, virei-me.

Romero assentiu.

— Vamos. Sim, foi tudo bem.

— O que ele queria?

— Ele ainda está na Sphere. Quer que te leve até lá porque pretende te levar para treinar no nosso *dojo* quando ele acabar.

Arregalei os olhos. Já fazia muito tempo que Luca e eu não treinávamos, mas o fato de eu ir para a faculdade claramente o fez reconsiderar. Não era comum Luca mandar Romero me levar para a Sphere. Tirei minha peruca e alisei meus cabelos. Estavam mais rebeldes do que de costume.

Depois de pegar as roupas de academia, fomos para a Sphere e Romero estacionou o carro bem em frente à entrada. Desta vez, ele foi rápido o bastante para abrir a minha porta e eu olhei para ele antes de ir em direção à entrada. Ainda era de tardinha, por isso, a boate não estava aberta, mas Jorge vigiava a porta mesmo assim. Seu semblante sombrio registrou surpresa quando me viu, principalmente vestida com jeans e tênis. Eu não costumava me vestir assim. Contudo, ele não fez nenhum comentário.

Entramos na boate, passamos pela chapelaria, depois, chegamos ao salão principal. As cores dominantes eram o azul, o branco e o preto. O balcão do bar parecia ter sido esculpido em água congelada: um azul claro e florescente.

— Isso é novo — falei surpresa.

— Luca reformou recentemente. Para permanecer no topo, precisamos manter nossas boates atualizadas.

Meu olhar foi atraído para as plataformas com postes no meio.

— E as dançarinas de pole são absolutamente necessárias?

Romero deu de ombros.

— Elas deixam o público em êxtase.

Luca não havia mencionado que reformou a boate. Queria que ele compartilhasse mais da sua vida diária comigo. Já tinha falado com ele sobre isso, o fiz ver que, para que fôssemos totalmente parceiros, ele teria que me envolver mais e não me proteger de tudo relacionado à *Famiglia*. Talvez o fato de ele ter me chamado fosse um começo.

Romero me levou para os fundos da Sphere onde havia várias áreas privativas e, depois, até um tipo de escritório. Lembrei-me vagamente dele do dia do episódio do “boa-noite, Cinderela”. Luca e Matteo estavam sentados na beirada da mesa numa conversa séria. Luca olhou para mim quando entrei, seus olhos permaneceram nos meus cabelos e um olhar contente cruzou seu rosto.

— Gianna andou perguntando por você — anunciou Matteo em forma de saudação. A culpa por manter a faculdade em segredo fez meu estômago contrair, porém, Luca havia insistido em envolver o mínimo de pessoas possível pelo máximo de tempo possível. Ela descobriria logo, claro, porque nós costumávamos passar todos os dias juntas.

— Ele sabe — informou Luca.

— Você sabe que assim que Gianna descobrir que você está frequentando a faculdade, ela também vai querer ir — resmungou Matteo.

Dei de ombros. — Então, deixe-a ir. — Luca me lançou um olhar de advertência. Eu sabia que ele ainda não confiava em Gianna, mas isso era problema dele.

— Como foi? — perguntou Luca ao vir em minha direção e me puxar para si num beijo possessivo. Seu olhar foi para Romero, não para mim.

— Foi bem — falei. — Romero foi o namorado perfeito.

Luca riu.

— Pelo menos Aria se exibiu? — perguntou Matteo com um sorriso.

Romero riu.

Luca sorriu e abaixou seu olhar dominante para mim. *Minha*, era o que os seus olhos diziam.

*

Romero foi comigo e Luca para a academia, mas alguns outros soldados também estavam lá quando entramos no velho galpão.

Antes de me juntar a Luca no ringue, Romero sussurrou:

— Use a sua velocidade. Luca nunca poderá se mover tão rápido quanto você com esse corpinho.

Sorri para ele antes de subir no ringue. Luca não se incomodou em vestir uma camiseta e estava apenas com short de luta. Meu olhar percorreu seu tanquinho, seu peitoral, seus ombros largos. Olhando para ele, pensei em muitas coisas que eu preferia estar fazendo a lutar. O sorriso em resposta de Luca deixou claro que ele sabia exatamente em que eu estava pensando.

Nem minha velocidade foi o bastante para enganar Luca. Ele parecia adivinhar cada movimento e, quando caí de costas pelo que parecia a centésima vez com ele debruçado sobre mim, suspirei irritada. O olhar de Luca era dominante, porém, suave ao olhar para mim.

Então, ouvi um dos adolescentes, que estava fazendo supino, dizer algo como que ele também não se importaria de lutar comigo, e meu corpo ficou tenso com a expressão de Luca.

Ele se levantou e me puxou para si.

Foi como se um interruptor tivesse sido ligado ao encarar o grupo de três garotos. Eles deviam ter dezesseis ou dezessete anos e seus rostos brilharam de medo assim que perceberam que Luca os havia escutado.

Toquei de leve no pulso de Luca.

— Luca, são crianças.

Ignorando-me, ele olhou para os garotos.

— Eles são meus soldados.

Romero foi até o ringue e abriu as cordas para mim.

— Vamos, Aria. — Deixei-o me ajudar a sair do ringue de boxe.

Luca gesticulou para que os garotos se aproximassem.

— Mostrem suas tatuagens — ordenou.

Um após o outro, os garotos levantaram as blusas, revelando a tatuagem da *Famiglia* sobre o coração. Eles eram mais musculosos do que eu pensava.

Luca apontou para o mais alto e o garoto não hesitou em subir ao ringue mesmo parecendo que ia se urinar. Ele era alto, mas alcançava apenas o nariz de Luca.

— Ele não vai machucá-los, vai? — perguntei a Romero, que estava de braços cruzados e assistia sem pena.

— São soldados dele.

Como se isso respondesse à minha pergunta.

— Eles são crianças.

— Eles deixaram de ser crianças quando foram iniciados na *Famiglia*.

— Você queria lutar — falou Luca friamente. — Então, lute comigo, Demetrio.

O garoto hesitou por apenas um segundo antes de atacar. Luca se esquivou do ataque, agarrou o garoto e o atirou nas cordas. Demetrio tentou segurar a queda, mas Luca deu um soco nas costelas dele. O garoto caiu de joelhos ofegando dolorosamente, ainda assim, Luca não teve misericórdia. Ele segurou o garoto pelo pescoço e socou seu estômago. Demetrio caiu de joelhos, chiando. Luca foi para trás do garoto e passou o braço pelo pescoço dele com um olhar que me deu um arrepio na espinha. Estremeci quando ele apertou o gancho até a cabeça do garoto ficar vermelha. Romero me segurou pelo pulso porque eu fiz menção de interferir. Será que ele ia matar o garoto?

Luca recuou, relaxando o gancho e Demetrio caiu para frente, tossindo. Por vários segundos, ele ficou esparramado no chão do ringue, então, Luca estendeu a mão e Demetrio a pegou. Luca o colocou de pé e o soltou. O garoto saiu do ringue cambaleando. Luca apontou para o outro garoto:

— Orfeo.

O garoto abaixou a cabeça e subiu no ringue. Eu dei meia-volta e fui para o vestiário. Luca tinha que garantir que seus soldados o respeitassem, mas era difícil vê-lo agir daquele jeito. Eles eram meninos. Eu não era ingênua, sabia que os meninos em nosso mundo eram criados desde cedo para serem resistentes. Precisavam ser para se tornarem Homens de Honra, só que eu não conseguia evitar me perguntar se Luca também seria assim com um filho. Papai sempre foi duro com Fabi e eu duvidava que isso tivesse mudado desde que me mudei para Nova York.

Tomei um banho rápido, sempre ficava desconfortável no vestiário porque sabia que o estava bloqueando para todos os outros enquanto estivesse lá dentro.

Quando me vesti, a porta abriu. Não precisei olhar para saber quem era. Quando ergui os olhos, Luca estava na minha frente, com o peitoral coberto de suor e sangue, mas seu semblante havia perdido a brutalidade. Subi no banco de madeira entre nós para ficar na mesma altura que ele.

O olhar de Luca tremulava com perguntas. Passei os dedos de sua têmpora até seu pescoço, passando pela bochecha. Em um segundo, um monstro; no seguinte, um marido amoroso. Eu nunca iria entender o Luca.

Ele tocou minha cintura.

— Alguém precisa lhes ensinar uma lição. Eles são jovens, mas isso não os impedirá de serem mortos.

Não falei nada e as sobrancelhas de Luca uniram-se.

— Aria?

— Não consigo parar de me perguntar como você vai tratar seu filho algum dia.

Ele ficou tenso.

— Eu não quero filhos.

Arregalei os olhos. Nunca conversamos sobre filhos. Simplesmente presumi que algum dia nós os teríamos, afinal, Luca precisava gerar um herdeiro.

Ele balançou a cabeça.

— Neste momento — retificou. — Nem nos próximos dez anos.

Dez anos? Aí, eu estaria com trinta, ainda não seria velha, mas pensei que iríamos começar uma família mais cedo que isso.

— Ah — foi só o que consegui emitir.

Luca procurou meu olhar.

— Você quer filhos antes disso?

— Bem, não exatamente agora, mas quem sabe em cinco anos?

Ele não falou nada e eu decidi não insistir no assunto agora. Ainda poderíamos retornar a ele quando fosse a hora certa.

Capítulo 11

Sete Meses Depois, LUCA

— A outfit aumentou sua produção de LSD e ecstasy, e algumas de suas merdas chegaram ao nosso território. Não acredito que tenha sido por acidente — resmunguei ao apontar para o e-mail que Durant me enviou. Pittsburgh constituía o limite oeste do nosso território e havia relatado as inconsistências. Romero e Matteo concordaram ao olharem para o meu laptop.

O telefone de Aria tocou e eu olhei para onde ela estava, debruçada nos livros no canto do meu escritório na Sphere. Ela havia mudado as aulas de contabilidade de presenciais para *online*. As coisas estavam simplesmente muito tensas com a Bratva e a porra do Cartel Mexicano irritante para correr o risco.

Ela atendeu o celular e eu estava prestes a voltar a minha atenção para o meu laptop quando ela empalideceu. Levantei-me devagar.

— Estaremos aí o quanto antes, Lily.

Romero enrijeceu ao meu lado diante da menção do nome da irmã de Aria e eu lancei-lhe um olhar brusco antes de ir até Aria, que estava sentada congelada no sofá. Agachei em frente a ela e seus olhos marejados encontraram os meus.

— Sua mãe? — chutei. Ludevica Scuderi lutava uma batalha perdida contra o câncer há meses.

— Ela está morrendo. Não vai demorar muito. — Aria engoliu em seco, lutando para ficar calma.

— Vamos para lá imediatamente — falei, depois voltei-me para Romero. — Prepare tudo. Vou precisar que venha conosco. Alguém precisa proteger Gianna enquanto fico de olho em Aria.

Matteo ergueu uma sobrancelha.

— Você tem que ficar aqui para cuidar dos negócios e nós dois sabemos que vai terminar matando Scuderi caso se encontre com ele.

— Se ele machucar Gianna…

Levantei a mão.

— Não vai. Vou garantir isso, não se preocupe.

*

Gianna e o pai brigaram assim que se viram. Era inegável que Scuderi teria batido nela se eu não estivesse lá. Mas mesmo suas brigas constantes não me preocupavam tanto quanto os olhares que Romero lançava para Liliana sempre que ele achava que ninguém estava prestando atenção. Ele foi, tipo, a sombra constante dela durante todos os dias até a morte da mãe dela e, até mesmo, no funeral. Se eu não estivesse ocupado consolando Aria, poderia ter percebido para onde sua atenção estava direcionada.

*

ARIA

Lily passou o verão conosco em Nova York depois da morte da mamãe, e eu fiquei feliz por tê-la por perto, principalmente porque ela perdeu aquele ar desamparado depois de um tempo; voltou a ser a irmã inspiradora que eu conhecia. Eu deveria saber que Romero era o motivo disso, mas ignorei todos os sinais, esperando estar errada, até a realidade me dar um tapa na cara em um dia durante as férias em nossa mansão nos Hamptons.

Luca e eu estávamos a caminho do almoço em um pequeno bistrô ali perto quando ele recebeu uma ligação por causa de um incidente da Bratva e teve que sair da cidade sem mim. Voltei para a mansão para perguntar à minha irmã se ela queria almoçar comigo no lugar dele.

— Lily, eu… — congelei ao ver Romero em cima de Lily no sofá com a mão dentro da blusa dela. Romero recuou, com os braços pendurados na frente da região da virilha, mas eu tinha visto o volume.

Fechei a porta, agradecida por Luca não estar aqui para ver isto.

Lily logo tentou arrumar os cabelos, mas não havia nada que ela pudesse fazer com os lábios inchados.

— Não é o que parece — falou ela.

Ergui as sobrancelhas e olhei para Romero. Ele teve a decência de parecer culpado, como deveria.

— Era por isso que eu não te queria sozinho com ela, Romero. Sabia que isso iria acontecer!

— Você faz parecer como se eu não tivesse nada a ver com isso. Romero não fez nada sozinho — resmungou Lily, mas eu só conseguia olhar para Romero. Ele era homem. Mais uma garota, menos uma garota, não significava nada, mas para Lily, ser pega com um homem antes do casamento seria sua ruína. Ele *sabia* disso.

— Por que você voltou, afinal? Não deveria estar almoçando com o seu

marido? — perguntou Lily.

Não dava para acreditar nela. Será que não se dava conta em que tipo de situação ela estava metida? Em que tipo de situação eu estava metida por tê-los pego?

— Você está me culpando por isso? Luca recebeu uma ligação dizendo que havia um problema em uma das boates. Algo com um dos subchefes da Rússia, então, ele me deixou aqui na frente e foi direto para Nova York. Vocês têm sorte que ele não tenha entrado.

— Se você contar a Luca… — começou Romero, como se eu não soubesse o que iria acontecer se Luca descobrisse que Romero havia tocado na filha do *Consigliere* da Outfit, como se eu não soubesse o que iria acontecer a Romero por ter ido contra as ordens diretas de Luca.

— Eu não vou contar para ele — falei furiosa. — Sei o que ele terá que fazer se eu contar.

Romero ajudou Lily a se levantar e o olhar que eles trocaram partiu meu coração porque eu sabia que não podiam ficar juntos. Romero encontrou meu olhar.

— Ele é seu marido. Você lhe deve a verdade.

Meus órgãos reviraram porque ele estava certo, mas ele também sabia que eu não podia contar para Luca. Ele sabia que eu não podia condená-lo, nem a Lily. E, mais do que isso, eu não podia jogar esse peso em cima de Luca desse jeito. Sua família e a Bratva ainda estavam lhe trazendo bastante problema; ele não precisava do peso de ter que decidir o que fazer com Romero. Luca gostava de Romero, ele valorizava seu melhor soldado. Se descobrisse o que Romero fez, estaria de cara com uma decisão com a qual eu não queria sobrecarregá-lo.

Mesmo tendo alertado para que eles ficassem afastados um do outro, sabia que era tarde demais para isso…, mas tinha que esperar que as coisas se resolvessem milagrosamente.

*

Algumas semanas mais tarde, depois de papai chamar Lily de volta a Chicago, as coisas pioraram mesmo.

Gritos tiraram meus olhos das pastas com os lucros forjados da Pergola nos últimos meses. Luca deu um pulo da cadeira e saiu num rompante do escritório. Fui logo atrás dele.

Romero estava batendo em um dos outros soldados.

— Ei! O que está acontecendo aqui? — grunhiu Luca. Ele segurou os braços

de Romero e os puxou para trás das costas. — Que diabos você está fazendo, Romero? Acalme-se, porra.

Matteo se ajoelhou ao lado do soldado ferido, que estava sangrando pelos ferimentos na cabeça e no nariz. Agarrei com força as pastas com a contabilidade forjada. Se Romero estava tão nervoso assim, só podia significar uma coisa: Lily.

Matteo ajudou o soldado a se levantar e o mandou embora, mas eu mal prestei atenção neles.

Fui até Romero.

— Aconteceu alguma coisa com Lily?

— Pode me soltar agora — falou ele para Luca, que o soltou e depois virou-se para mim estreitando os olhos.

— Por que Romero saberia se tivesse algo de errado com Lily? — perguntou Luca com cuidado.

Eu não falei nada, mantendo os olhos em Romero, mas os de Luca permaneceram em mim.

— Seu pai arranjou um casamento com Benito Brasci para ela — murmurou Romero.

Perdi o ar.

— O quê? Ele nunca disse nada sobre estar procurando um marido para ela! — Olhei para Luca. — Ou ele comentou alguma coisa com você?

Luca ficou petrificado.

— Não, ele não comentou nada. Mas, neste momento, estou mais preocupado com o fato de que Romero sabe sobre isso antes de qualquer outra pessoa e que ele quase matou um dos meus homens por causa disso.

— Lily e eu tivemos um romance durante o verão — expôs Romero, e meu estômago revirou. Agora que ele havia admitido isso, Luca se daria conta de que eu estava sabendo.

Matteo assobiou baixo.

Luca falou na cara de Romero:

— Você não me disse não muito tempo atrás que não estava interessado nela? Que não teria porra de problema nenhum quando ela estivesse por perto? Eu me lembro muito bem dessa conversa e, agora, você me diz que estava tendo um *relacionamento* com Liliana pelas minhas costas o verão inteiro?

Luca parecia mortífero. Toquei em seu braço e me coloquei entre eles.

— Luca, por favor, não fique chateado com Romero. Ele e Lily não tinham intenção de causar nenhum mal. Eles se apaixonaram. Simplesmente aconteceu.

— E você sabia o tempo todo? — resmungou Luca. — Você sabia e não me contou? Não tivemos uma discussão sobre lealdade e confiança quando você ajudou Gianna a fugir?

Fiquei pálida. Ele estava certo. Para ele, esconder as coisas desse jeito era traição e não era como se eu não soubesse disso.

— Elas são minhas irmãs.

— E eu sou a porra do seu marido..

— Luca, ela não teve a intenção… — começou Romero.

Luca deu um soco no peito de Romero.

— Fique fora disso, caralho. Você tem sorte de eu não colocar uma bala na sua cabeça neste segundo por ir contra as minhas ordens.

— Ei, calma aí, Luca. Talvez não seja tão ruim quanto parece — disse Matteo me surpreendendo. Geralmente, era ele que colocava lenha na fogueira.

— Ah, desconfio que seja exatamente tão ruim quanto parece — murmurou Luca. Ele fixou o olhar em Romero. — Só me conte uma coisa: teremos problemas na noite de núpcias de Liliana?

— Lily não vai se casar com aquele cara. Ele não tem mais de cinquenta anos? É ridículo — falei.

— Tem mais de cinquenta e é um pedaço de merda — acrescentou Matteo.

Luca olhou para Romero.

— *Haverá* um maldito problema na noite de núpcias?

— Eu transei com Lily — respondeu ele calmamente. Estremeci diante da confissão.

Luca xingou.

— Por que você não pôde deixar seu pau dentro da calça? Não poderia pelo menos não ter cruzado o limite de realmente fodê-la?

— Não me arrependo — disse Romero. — Agora, mais do que nunca.

— Isso é uma confusão do caralho. Você tem noção do que acontece se Benito Brasci descobre que sua esposa não é virgem? Scuderi vai se dar conta de que isso aconteceu em Nova York e estaremos ferrados.

— Não acho que será um problema. Uma vez fiquei ao lado de Brasci no mictório. O pau do cara é minúsculo. Ele não pode esperar que haja algum

sangue no lençol com aquela salsichinha. Liliana provavelmente nem vai notar o pau dele dentro dela — ironizou Matteo.

Romero avançou em Matteo.

Em *Matteo.* Eles se encararam com as facas apontadas um para o outro.

— Chega! — urrou Luca separando-os. — Vou derrubá-los como cães raivosos se não se controlarem neste segundo.

— Foi ele que começou — falou Matteo. Ele estava com *aquela faísca* nos olhos. Aquela faísca que me fazia lembrar do que ele era. Do que ele e Luca eram. Às vezes, era fácil esquecer quando estávamos sentados à mesa de jantar como uma família normal.

— Você o provocou — manifestei. — O que você disse foi horrível.

Matteo revirou os olhos.

— Meu Deus, eu estava tentando deixar o clima mais leve.

— Sem sucesso — disse Luca friamente. — Agora, guardem as facas. Os dois.

Romero embainhou a faca e Matteo fez o mesmo.

— Eu não deveria ter te dado um soco — falou Romero por fim.

Matteo assentiu. — Eu deveria ficar calado de vez em quando.

— Mas ela não está grávida, está? — perguntou Luca depois de um tempo.

Romero balançou a cabeça.

— Então, quem sabe possamos sair disso ilesos. Pode ser que Brasci não perceba, e existem maneiras de fingir manchas de sangue no lençol — declarou Luca. Ele não olhou para mim, contudo, imaginei que ele estivesse pensando na nossa noite de núpcias, em como ele tirou sangue de si mesmo por mim e, agora, eu havia escondido um segredo dele outra vez. Eu sabia que ele não me contava tudo o que acontecia na *Famiglia*, mas isso era diferente. Ele guardava segredos para me proteger dos horrores do seu mundo. Eu guardava segredos para proteger as minhas irmãs.

— Ela não vai se casar com aquele homem — afirmou Romero.

Luca ergueu as sobrancelhas.

— Não vai, é? Você está pensando em impedir Scuderi? Quem sabe sequestrar Lily e se casar com ela?

Estava claro que Romero estava determinado a arriscar um confronto com Luca. Romero, que sempre foi leal, que era o melhor soldado de Luca. Tudo por causa de Lily. Ele devia amá-la.

Toquei o braço de Luca.

— Luca, por favor. Você pode conversar com meu pai?

— Conversar com ele e falar o quê? — grunhiu Luca, seus olhos cinza endureceram ao pousarem em mim. — Que o meu melhor soldado comeu a filha dele e a quer para si? Que quebrei a minha promessa de proteger Liliana e agora ela perdeu a porra da honra? Isso vai terminar *bem pra caralho.*

— Não, mas você poderia lhe dizer que Gianna e eu queremos nossa irmã em Nova York conosco e se ele não consideraria casá-la com alguém da *Famiglia*. Não precisa dizer com quem por enquanto. Isso nos daria tempo para pensar em alguma coisa.

— Não posso me envolver. Não é da minha conta. E se seu pai já prometeu Liliana a Brasci, ele não vai mudar de ideia. Isso faria com que sua imagem fosse afetada e ofenderia Brasci.

— Mas nós temos que fazer alguma coisa! — implorei, apertando-o mais.

— Não vou entrar em guerra por causa disso! — urrou Luca em resposta, livrando-se das minhas mãos ao se afastar.

Calei-me, surpresa com sua fúria intensa. Ela não era direcionada só a Romero, mas também a mim.

— Porra! — rosnou ele, voltando para o escritório.

Segui Luca. Desde que comecei a trabalhar na contabilidade, frequentemente usava a mesa de Luca quando ele estava fora ou até mesmo quando estava por ali. Fechei a porta. Luca se sentou em sua cadeira e me encarou com uma carranca.

Hesitei no meio da sala quando fui novamente confrontada pela sua fúria.

— Pensei que tínhamos concordado que você não guardaria mais nenhum segredo de mim. Não depois do que aconteceu com Gianna. Lembra-se da promessa que me fez?

Eu me lembrava. Dei a volta na mesa e parei em frente a Luca.

— Lembro. Eu esperava que as coisas se resolvessem sozinhas. Só queria que Lily fosse feliz. Romero e ela estão apaixonados. E isso é uma coisa linda. Uma coisa que eu não queria que fosse destruída. — Entrei no meio de suas pernas e espalmei seu peito quando ele se reclinou na cadeira para analisar meu rosto.

— Destruída por mim?

— Você é o Capo. Teria impedido Romero de ficar com Lily. Você tem que colocar a *Famiglia* em primeiro lugar, mas eu não.

Ele se esticou, assim, nossos rostos ficaram no mesmo nível. Seu olhar era

intenso.

— Você deveria colocar nosso casamento em primeiro lugar. E quando eu coloquei a *Famiglia* antes de você? Deveria, caramba, eu nem deveria te levar em consideração quando tomo decisões que têm a ver com a *Famiglia*, mas eu sempre faço isso e você sabe.

— Eu sei — sussurrei. — Não posso ter nenhum segredo? Eu não queria te sobrecarregar além de tudo o que está acontecendo… e não pensei que ela teria que se casar tão cedo.

— Quando se trata dos seus irmãos, você nunca pensa nas coisas até o fim. Você é sentimental demais.

— Você guardaria um segredo por Matteo, não guardaria?

— Não vire isso contra mim — falou em voz baixa.

Subi a mão pelo seu pescoço, até seus cabelos escuros. Ele não relaxou sob meu toque, mas também não se afastou, o que eu tomei como um bom sinal.

— Todo mundo tem segredos. Eu nunca escondi de você algo que tivesse a ver com o nosso relacionamento.

— Tem certeza de que consegue traçar um limite? — perguntou Luca.

Suspirei. — Sinto muito, Luca. É só o que eu posso dizer. Vamos dar um jeito de sair dessa confusão.

— A sua irmã vai se casar com Brasci e fingir ser virgem. É só o que resta a fazer. Nós não vamos dar um jeito em nada.

A manifestação de Luca não trouxe uma discussão, mas a ideia de deixar Lily levar a culpa não me caiu bem.

— Não podemos deixá-la se casar com aquele homem.

— Você se casou com um homem a quem temia porque era para o bem da Outfit, Gianna se casou com um homem que ela não queria e, agora, sua irmã Lily terá que fazer o mesmo.

— Não é a mesma coisa. Nossas idades são próximas e as de Gianna e Matteo também, e você e Matteo não são homens sádicos.

— Mas você não sabia disso antes de se casar comigo, Aria. Você tinha medo de mim como se eu fosse o demônio, estremecia ao meu toque, esperava que eu fosse te estuprar e te bater e, mesmo assim, você disse “sim”. Você fez o que era esperado porque sabe as regras do nosso mundo, e até sua irmã Gianna aceitou o destino dela depois daquele infortúnio. Você não pode proteger Lily deste mundo.

Encostei a minha testa na dele.

— Eu tinha medo de você, mas você provou que eu estava errada. Você me presenteou com algo que pensei ser impossível em nosso mundo — sussurrei. O olhar de Luca era penetrante e mais suave do que antes, porém, uma pontada de raiva permanecia. — Você me presenteou com amor e carinho e não há palavras para expressar o quanto eu me sinto verdadeiramente grata. Sei que ambos são raros em nosso mundo e não quero que você pense que subestimo seu amor ou sua confiança, porque não é assim. Sei que é uma honra que você seja assim comigo.

Calei-me e Luca também não falou nada, mas suas mãos foram para a minha cintura tocando-me levemente. Peguei uma de suas mãos e beijei a cicatriz em sua palma.

— Sou grata por essas mãos sempre me tratarem com carinho, uma vez que elas têm que executar tantos atos violentos.

Luca me puxou mais para perto, seus lábios encontraram os meus antes de ele recuar novamente e murmurar:

— Eu ainda estou furioso com você, mas gostei do que você falou.

Assenti. Eu sabia que ele me perdoaria porque, lá no fundo, ele compreendia que eu não o tinha contrariado. Só agi por preocupação com a minha irmã.

Capítulo 12

LUCA

No final de outubro, Aria e eu fomos convidados para jantar na casa de Dante dois dias antes de quando Liliana deveria se casar com Brasci. Até agora ninguém havia suspeitado de nada e eu só podia esperar que continuaria assim na noite do casamento.

Assim que colocamos os pés na casa de Dante, ficou óbvio que ele não estava muito feliz com a minha presença em sua casa e eu entendia. A esposa dele estava grávida e vulnerável e, em algum lugar da casa dormia sua filha indefesa. Mesmo que estivéssemos em paz, não significava que confiávamos um no outro. As coisas não tinham melhorado muito desde o começo da nossa trégua. Com exceção de não nos atacarmos, nós dificilmente trabalhamos juntos nos últimos anos e, se Liliana não conseguisse convencer Brasci de que ela é virgem, o resultado seria a guerra.

Aria e eu chegamos ao *hall* de entrada da mansão Cavallaro e meus olhos analisaram rapidamente o ambiente. Valentina estava em estágio avançado da gravidez. Ela abraçou Aria, depois, se virou para mim com um sorriso mais contido. Ela era uma mulher muito controlada, não tão controlada quanto Dante, mas isso ninguém era. Apesar do seu controle, ela não conseguiu esconder seu desconforto perto de mim. Dei um beijo em sua mão, poupando-a da decisão se deveria ou não me abraçar. O jeito com que aquele beijinho já deixou Dante tenso foi melhor do que se eu a tivesse abraçado.

Meus olhos correram para Aria. Se ela estivesse grávida, eu não deixaria Dante se aproximar dela, mas Aria não estava e eu era grato por isso. A vida estava muito perigosa no momento e eu não estava realmente preparado para ser pai.

— É um prazer recebê-los para jantar — falou Valentina com um leve sorriso.

Dante inclinou a cabeça, contudo, seus olhos mandavam uma mensagem bem diferente. Apertei com mais força a mão de Aria ao segui-los até a sala de jantar e nos acomodamos em volta da mesa posta. Dante e eu nos sentamos de frente um para o outro, e meus músculos contraíram por causa da sua expressão.

— Sua irmã será uma noiva deslumbrante — afirmou Valentina, tentando quebrar o silêncio tenso.

— Talvez isso a distraia do fato de que ela foi dada a um homem velho como se fosse um pedaço de carne — disse Aria com um olhar afiado em direção a

Dante.

Apertei a mão dela em advertência, porém, ela não desviou os olhos de Dante. Eu também não, porque queria me certificar de que saberia quando teria que sacar da minha arma.

— Seu pai quer o melhor para…

— Ele mesmo — Aria interrompeu Dante e eu a apertei com mais força. Ela se retraiu, mas, ainda assim, não parou. — Afinal, ele conseguiu uma ninfeta como noiva em troca de vender a minha irmã.

— Chega, Aria. — Minha voz saiu forte como uma chicotada.

Seus olhos finalmente me encontraram. Se estivéssemos sozinhos, ela poderia ter me enfrentado, mas estávamos em uma sala com Dante e ela sabia que eu precisava mostrar força na frente dele. Com relutância, abaixou os olhos, engolindo em seco. Depois de um tempo, ela se virou para Dante.

— Desculpe. Não quis faltar com o respeito.

Dante assentiu secamente. As empregadas apareceram com a comida na hora exata. Conseguimos seguir com o resto do jantar sem mais nenhum incidente, e Val e Aria logo começaram uma conversa tranquila sobre o sul da Itália, da qual Dante e eu podíamos participar sem nenhum risco de mais conflitos.

Meu celular vibrou no meu bolso e eu o peguei, olhando para a tela. Era Matteo. Ergui o telefone.

— Tenho que atender — anunciei e levantei-me da cadeira, caminhando para fora da sala de jantar, indo até o *hall* de entrada. Os olhos de Dante me seguiram. Claramente, ele não gostou da ideia de que eu estivesse andando pela casa dele sozinho, mas ele não tinha nenhum motivo para se preocupar. Se eu tivesse algo desleal em mente, não teria deixado Aria sozinha à mesa com ele.

— Matteo? O que foi?

— Estou preocupado com Romero. Parece que ele vai enlouquecer. Não sei se foi uma boa ideia trazê-lo para Chicago conosco.

Suspirei. — Eu sei. Certifique-se de que ele não faça nada estúpido.

— Não tenho certeza se sou o cara certo para o serviço.

— Eu não estou nem aí — resmunguei em voz baixa. — Estou ocupado aqui.

Desliguei, querendo voltar para Aria. Eu não gostava da ideia de ela estar sozinha com Dante e Val.

O movimento nas escadas me deixou tenso e me virei para ver a fonte, meu corpo entrava em alerta máximo. Parei com a mão na arma, depois, abaixei-a devagar quando vi um menininha no penúltimo degrau. Anna, a filha de Dante.

— Onde estão mamãe e papai? — sussurrou ela.

— Na sala de jantar — falei sem me mexer. Seus olhos verdes me analisaram da cabeça aos pés, e esperei que ela não começasse a chorar. Não achava que Dante esperaria uma explicação antes de tentar atirar em mim, e eu não estava ansioso de jeito nenhum para matá-lo na frente da filha.

— Quem é você? — perguntou de forma acusadora e eu tive que reprimir uma risada.

— Sou o marido de Aria, sua madrinha.

Um sorriso se abriu no rosto da menina e ela cambaleou para frente. Eu me mexi sem pensar e a impedi de cair ao segurar seu corpo com o braço e levantá-la. Ela não gritou como eu esperava. Em vez disso, passou os braços pelo meu pescoço.

— Aria está com a mamãe e o papai?

Assenti enquanto tentava colocá-la de volta no chão, mas ela se grudou em mim.

— Não! — protestou. — Me leva até Aria!

Olhei para a menina.

— Isso é uma ordem?

Ela assentiu bruscamente.

Suspirando, segurei-a com um braço enquanto voltava para a sala de jantar. Dante não iria gostar disso, mas se ela começasse a espernear por eu não fazer o que ela queria, as coisas ficariam ainda piores.

Assim que entrei na sala de jantar com a menina, Dante se levantou e seu olhar teria feito a maioria das pessoas correr.

— Ela desceu e quis que eu a trouxesse até Aria — falei com firmeza. Eu sabia que Dante era protetor. Caralho, eu provavelmente teria colocado uma bala na cabeça dele se estivéssemos em posições opostas.

Aria se levantou, provavelmente para vir até mim, mas Dante balançou a cabeça em negação e ela congelou.

Fui invadido pela fúria e tive um sério problema para conseguir me controlar. Desatei os braços de Anna e a coloquei no chão.

— Obrigada — agradeceu ela com um sorriso enorme antes de começar a correr em direção a Aria, alheia à tensão no ambiente.

Valentina segurava o braço de Dante e o puxou até ele finalmente voltar a se sentar em sua cadeira. Anna pulou em cima de Aria, que abraçou e beijou a

menina. Aria parecia eufórica pra caralho com aquela criança nos braços.

Aproximei-me devagar da mesa, ainda desconfiado de Dante, e seus olhos me diziam que ele compartilhava da sensação. Aria olhou para mim de um jeito significativo.

— Dante, talvez agora fosse uma boa hora para conversarmos em particular — falei num tom civilizado.

Dante assentiu e se levantou.

Val tocou brevemente o antebraço dele e eu captei o alerta em seu olhar. Aria também me implorava com o olhar para manter a calma.

Dante e eu saímos da sala e ele me levou para o jardim. O frio ajudou a limpar a minha mente.

— Tenho plena consciência de que você não gosta de mim perto da sua mulher e da sua filha — falei. — E eu também não gosto de você perto de Aria.

Dante inclinou a cabeça.

— Nós estamos em paz, no entanto, no passado, isso nem sempre impediu acidentes.

Ele devia estar se referindo à trégua entre a *Famiglia*, a Camorra e a Outfit, que foi quebrada pela Camorra ao assassinar a esposa do Chefe da Outfit. Isso aconteceu seis anos atrás, mas algumas coisas não eram esquecidas.

— Nós dois somos homens honrados, Dante. Você não gosta de mim e eu não gosto de você, entretanto, posso te garantir que a sua esposa e a sua filha estão seguras quanto a mim. Eu não corro atrás dos fracos.

Dante sorriu de boca fechada.

— Esse ainda seria o caso se a nossa trégua algum dia fosse quebrada?

— Eu poderia te perguntar a mesma coisa… Aria estaria segura se houvesse uma guerra entre nós?

Dante não falou nada, porque nós dois sabíamos que esta guerra era uma besta imprevisível.

— Ela estaria segura de certas coisas em meu território mesmo em tempos de guerra. Nenhuma mulher, inimiga ou não, terá algum dia que temer ser estuprada em meu território.

— Isso é algo que eu também posso garantir.

Nenhum de nós dois falou mais nada porque não havia mesmo mais nada a dizer. Eu sabia que os boatos na Outfit, de que queriam cancelar a trégua, tinham crescido, assim como na *Famiglia*. Era um ódio antigo que apenas fora

enterrado, mas não esquecido.

*

Quando eu era mais novo, fui a vários casamentos. Todos eles foram tensos em algum ponto, como se era esperado em casamentos arranjados, mas o casamento de Scuderi com a filha de Brasci foi o pior de todos. A garota era mais nova que Aria… o pai de Aria tinha mais de cinquenta anos. Era doentio mesmo para os nosso padrões. Mas isso por si só não teria me deixado tenso. Não, foi tudo graças a Romero e Lily. Eles sumiram depois da cerimônia. Não precisava ser um gênio para adivinhar o que estavam fazendo. Para o inferno com eles. Ela deveria se casar com Brasci amanhã!

— Eu não entendo. Ela é mais nova do que duas das filhas dele — falei acenando em direção a Scuderi e à sua esposa nova demais. Ele era todo sorrisos. Nenhuma surpresa. Ele iria tirar o cabaço de uma garota trinta anos mais nova.

— Algumas tradições são mais difíceis de mudar do que outras — falou Dante, mas percebi a pontada de reprovação pela escolha do seu *Consigliere*. Nós voltamos à civilidade, pelo menos na frente dos nossos homens reunidos. Isso lhes mandaria a mensagem errada. Brasci e Scuderi fizeram o acordo e sabiam muito bem que a influência de um Capo em relação aos assuntos familiares era bastante limitada.

— Ainda bem que Valentina e eu temos quase a mesma idade. Facilita encontrar assuntos para conversar — falou Dante.

Assenti. Ele se casou com uma mulher que já havia sido casada. Isso quebrou a tradição, no entanto, foi escolha dele. Não podia obrigar os outros a fazerem a mesma escolha. Se a escolha fosse só minha, já teria acabado com a tradição dos lençóis com sangue há muito tempo, mas eu tinha uma família que precisava agradar. Capo ou não, eu precisava do apoio deles. Comandar a Costa Leste não era tarefa de um homem só.

A atenção dele foi de mim para uma menina, talvez com doze ou treze anos, com os cabelos loiros iguais aos de Dante. Eu sempre me perguntava por que a Outfit tinha tantas pessoas loiras. Talvez fosse porque muitas famílias tinham origem em Gênova ou em Bolonha, no norte da Itália. A menina se aproximou. Ela mantinha um orgulho surpreendente para alguém tão jovem, mas não me olhou nos olhos, apenas fez uma breve reverência antes se voltar a Dante.

— Mamãe me disse para te chamar para dançarmos — falou ela numa voz melodiosa. Ruborizada, seus olhos correram para mim. Este deveria ser um de seus primeiros eventos sociais. Era óbvio que ela não estava acostumada com homens que não pertenciam à sua família. E eu sabia por que a mandaram aqui,

a irmã de Dante provavelmente percebeu a tensão implícita entre o irmão e eu.

Dante pôs a mão no ombro da menina.

— Esta é Serafina, minha sobrinha — apresentou-a. Sua voz continha um protecionismo evidente.

Ela encolheu os ombros e encontrou o meu olhar.

— É um prazer conhecê-lo, senhor.

Balancei a cabeça. — Não sou tão velho assim.

Dante estreitou os olhos e eu tive que deter um sorriso. Sua família era rigorosa com comportamentos respeitosos, mas esse exterior respeitoso era uma fachada, e ambos sabíamos disso. Dante nutria os mesmos demônios que eu.

— Se nos dá licença. — Ele não esperou pela minha resposta; em vez disso, conduziu a menina para longe e começou a dançar com ela.

Virei-me de costas para eles e vi Romero indo atrás de Lily. Será que ele já não tinha feito o bastante? Se os dois desaparecessem juntos no meio do casamento duas vezes, as coisas iriam parecer ruins pra caralho. Este era um encontro que eu não podia deixar acontecer… não na frente da Outfit reunida. Avancei e falei com Lily primeiro.

— Dance comigo — ordenei. Não era assim que eu costumava pedir a uma mulher para dançar, mas já estava perdendo a porra da paciência de novo. Ela arregalou os olhos, mas pegou a minha mão. Conduzi-a para uma parte da pista de dança com menos pessoas antes de puxá-la contra mim, mais perto do que o apropriado, mas não queria que ninguém escutasse nossa conversa.

Ela ficou tensa perto de mim e um leve rubor cobriu suas bochechas. Será que estava com vergonha porque eu sabia o que ela tinha feito? Eu não teria me importado se ela saísse dando por aí antes do casamento se não tivesse escolhido um dos meus soldados para desonrá-la. Isso era um puta problema, *o meu puta problema*.

— Você ainda vai em frente com este casamento? Você e Romero sumiram por um tempo.

— Sim. Eu vou me casar com Benito, não se preocupe — afirmou em voz baixa, mas seu corpo ficou rígido. Ela estava com medo. O rosto dela se assemelhava ao de Aria em algum aspecto, e ambas pressionavam o lábio inferior do mesmo jeito quanto estavam nervosas. Droga!

— Você não tem que ficar casada com ele para sempre — falei, porque sabia que Aria não pararia de se preocupar com ela nem por um segundo enquanto Lily estivesse casada com Brasci.

Lily balançou a cabeça de leve, seus olhos encontraram os meus.

— Papai nunca concordaria com um divórcio.

Ela estava certa. Scuderi nunca deu a mínima para a felicidade das filhas. Para ele, elas eram uma coisa com a qual negociar, um bem para usar como vantagem. Se tivessem um pai digno, ele nunca teria concordado em casar Aria comigo. Minha reputação me precedia e não teria lhe deixado dúvidas de que eu a destruiria.

— Existem outras maneiras de sair de um casamento além do divórcio. Às vezes, as pessoas morrem — falei, mas a resposta de Lily deixou claro que ela não entendeu meu pensamento.

— Ele não é tão velho assim.

Ergui uma sobrancelha. — Às vezes, as pessoas *morrem* de qualquer jeito.

As pernas dela fraquejaram, porém, movimentei-a junto comigo. Ela precisava praticar a cara de paisagem.

— Por que ele não pode morrer antes do casamento? — perguntou ela, implorando-me com o olhar, mas nem mesmo por Aria eu poderia fazer aquilo acontecer. Se eu deixasse Romero matar Brasci, o que ele faria com prazer, como se tornou aparente pelos olhares mortais que lançava para o velho filho da puta sempre que se sentia despercebido, haveria guerra.

— Isso pareceria suspeito. Espere alguns meses. O tempo vai passar rápido, acredite.

Ela estremeceu. — Aí, Romero não vai mais me querer.

Eu não podia discutir com isso. Não tinha certeza se Romero iria querer Lily depois de Brasci fodê-la durante meses. Isso era uma coisa difícil de digerir. Se ele a amava, poderia ser capaz de ignorar isso, mas eu não sabia a extensão dos sentimentos dele. Eu duvidava que ele teria tirado a virgindade de Lily se não nutrisse sentimentos por ela. Romero era muito digno para isso, mas, às vezes, os sentimentos mudavam.

— Também há bons homens na Outfit. Você vai encontrar uma nova felicidade. Você está fazendo o certo ao se casar com Benito. Está impedindo que uma guerra aconteça e protegendo Romero de si mesmo. É algo corajoso de se fazer — falei.

Isso não era um consolo para ela e eu sabia disso, mas eu era o Capo da *Famiglia* e não tinha a obrigação de proteger Lily, mesmo que a ideia não me caísse bem. Ela não merecia esse destino, só que em nossa vida muitas vezes nos davam cartas de merda.

Levei-a de volta para a mesa. Aria capturou meu olhar de onde estava, encostada na parede, numa conversa com Valentina.

Algo em minha expressão deve ter mostrado a Aria que eu não mudei de ideia em relação à sua irmã e Romero. Eu não podia arriscar tudo pelos sentimentos deles.

Romero agiu contra as minhas ordens diretas ao ir atrás de Lily. Eu não o ter punido severamente já era mais do que outros soldados teriam recebido de mim em troca. O rosto de Aria se encheu de resignação e decepção. Ela não tentaria discutir comigo novamente, mas eu sabia que não tinha gostado da minha decisão. Depois de sua primeira desculpa por esconder tudo de mim, ela tentou me convencer a ajudar a irmã, mas quando eu me recusei, recuou. Ela estava afastada e eu não havia feito nada para suavizar as coisas entre nós dois. Afinal, era eu quem tinha motivos para estar com raiva.

— Você e Aria estão casados há mais tempo que Dante e Valentina e, mesmo assim, eles estão indo para o segundo filho, e Aria ainda nem está grávida — falou Scuderi bruscamente ao vir até mim. Estávamos casados há mais de quatro anos e sabia que as pessoas na *Famiglia* se perguntavam quando Aria finalmente engravidaria, mas eu não tinha nenhuma intenção de me tornar pai tão cedo. Eu gostava de ter Aria só para mim e ela ainda era nova, tinha apenas vinte e dois anos. Ainda tínhamos muito tempo.

Estreitei os olhos para ele.

— Não é da sua conta. Você deveria se preocupar com a sua nova esposa agora.

— Ela estará grávida antes de Aria, posso te garantir — afirmou Scuderi com um olhar de soslaio nojento para a esposa, que estava em meio a garotas da idade dela.

Soldados da Outfit que eu não conhecia juntaram-se a nós e eu usei isso como desculpa para sair. Teria cortado fora a língua de Scuderi se conversasse com ele por mais tempo. Quando, e se, Aria e eu decidíssemos que era hora de começar uma família não era da conta dele nem de ninguém. Meu pai foi um puta pesadelo e eu não sabia se não havia me contagiado. Não sabia se queria sujeitar crianças àquele tipo de coisa. Em algum momento, eu poderia precisar gerar um herdeiro, mas definitivamente não seria tão cedo.

*

ARIA

Lily estava um espetáculo em seu vestido de noiva, uma visão que partiu meu coração em pedacinhos porque ela não podia se casar com o homem que amava.

— Você está linda — falei para ela ao arrumar o véu sobre seus ombros. Seu

rosto refletia tristeza ao encontrar meu olhar pelo espelho. Eu me senti do mesmo jeito no dia do meu casamento, estava apavorada e desesperada, mas, ao contrário de Lily, não tinha ninguém com quem quisesse me casar. O casamento de Lily não se revelaria uma bênção camuflada como foi o meu casamento com Luca. Não havia palavras de consolo que eu pudesse oferecer à minha irmã que não fossem soar falsas.

— Isso é uma merda — resmungou Gianna. Ela tocou no ombro de Lily. — Lily, dê o fora daqui. Deixe-nos te ajudar. De que serve ser casada com o Capo e o *Consigliere* da *Famiglia* se não podemos obrigá-los a começar uma guerra pela nossa irmãzinha? Você vai ser infeliz.

Gianna sabia que eu tinha tentado de tudo para convencer Luca, e ela também não parou de perturbar Matteo por causa disso, mas sem sucesso. Eu não podia agir pelas costas de Luca, não quando ele ainda estava magoado porque mantive o relacionamento de Lily e Romero em segredo. Era muito difícil cuidar da minha família como eu queria e não agir contra Luca.

— Luca disse que eu poderia me livrar de Benito daqui a alguns meses quando não parecer mais suspeito — sussurrou Lily.

Alguns meses? A simples ideia de ter que suportar o toque de Brasci me dava um arrepio da espinha de nojo e eu sabia que Lily se sentia da mesma forma.

Gianna bufou. — Ah, claro, e até lá como será? Meu Deus, Luca poderia ser mais babaca?

Luca era o Capo. Ele estava disposto a me colocar antes da *Famiglia*, mas era só isso. Ele não ajudaria Lily, independente do quanto eu implorasse.

— Você e Luca ainda estão brigados? — perguntou Lily.

— Não chamaria de briga. Estamos basicamente nos ignorando. Ele está com raiva de mim por manter segredo sobre você e Romero e eu estou puta com ele por te obrigar a casar com Brasci. — Embora “ignorar” não fosse bem a palavra. Nós conversamos e transamos, mas havia um entrave entre a gente, um muro invisível de decepção e mágoa.

— Ele não está me obrigando, Aria. Papai está. Luca está agindo como um Capo deveria agir. Isso não é da responsabilidade dele; a *Famiglia*, sim.

Eu sabia que ela estava certa, só não gostava disso. Não gostava de que nós, mulheres, sempre tivéssemos que pagar o preço para os homens continuarem no poder.

— Meu bom Deus, Romero realmente te contagiou. Por favor, me diga que você não acredita de verdade no que acabou de dizer — falou Gianna.

— Não vou deixar que todos vocês se arrisquem por mim.

Irritada, Gianna bateu na testa.

— Nós queremos correr o risco por você. Só que você tem que deixar.

Eu não sabia bem o que faria se Lily aceitasse. Tinha que contar a Luca se fôssemos ajudar Lily a fugir. Eu estava com muito medo de perdê-lo totalmente.

Alguém bateu à porta pouco depois, Maria, a garota com quem meu pai havia se casado, enfiou a cabeça lá dentro.

— Você precisa sair agora.

Ela desapareceu sem dizer mais nada. Estremeci ao pensar em papai casado com uma garota da idade de Lily. Era errado.

— Não acredito que papai está casado com ela — falou Gianna. — Eu não gosto dela, mas sinto pena. Papai é um canalha.

Lily cobriu o rosto com o véu.

— É melhor irmos logo.

— Lily — comecei a falar, sem ter certeza do que queria lhe dizer, de como melhorar essa situação; mas, antes que eu pudesse pronunciar outra palavra, ela ficou ereta, piscou, e caminhou para a porta. Do lado de fora, nosso pai já a esperava para conduzi-la até o altar. Lancei-lhe um olhar. Os dias em que o respeitava, ou mesmo o temia, se foram. Ele era a raiz da nossa infelicidade e eu nunca o perdoaria por isso.

Capítulo 13

ARIA

A festa do casamento passou como um borrão, e quando os primeiros gritos que pediam para o noivo levar a noiva para a cama começaram, me senti mal. Lily tentou parecer forte, porém, por trás daquela máscara, dava para ver o terror e o medo, e isso me destruiu. Matteo praticamente teve que conter Gianna para impedi-la de ir atrás da nossa irmã, eu, ao contrário, congelei.

Impotente. Não era a primeira vez que me sentia assim, mas hoje isso alcançou novos níveis.

— Vamos — falou Luca em voz baixa quando Brasci e Lily desapareceram no quarto. Sua mão estava quente quando segurou a minha, e eu permiti que ele me levasse para o nosso quarto na mansão do Brasci. Nós não deveríamos ter concordado com a sugestão do meu pai de passar a noite aqui. A porta bateu quando entramos e minha garganta fechou. Afastei-me de Luca e fui em direção à cama. Lembrei-me da nossa primeira noite juntos num quarto, nossa noite de núpcias.

Eu estava com medo de Luca, de consumar nosso casamento, mas Luca mostrou bondade, me tratou com respeito e se manteve assim desde quando nos casamos. Eu tive sorte.

Lily não teria tanta sorte. Brasci era um pedaço sórdido de merda, como Matteo bem havia colocado. Eu vi na cara dele. Sabia que o estupro ainda era comum em alguns casamentos em nosso mundo. Não era chamado por este nome porque nossas tradições antiquadas ainda viam o corpo da mulher como propriedade do marido, mas o ato era uma presença sombria na vida das mulheres. Gianna e eu tivemos sorte. Sempre pensei que Lily também teria. Estava errada.

Comecei a chorar por Lily e por Romero. Pelo amor impossível que eles tinham. Não deixei a minha mente vagar para o que poderia estar acontecendo no quarto no fim do corredor. Eu não podia suportar. Luca apareceu atrás de mim e pôs as mãos nos meus ombros, como havia feito na nossa noite de núpcias há mais de quatro anos. Naquela época, seu toque não me trouxe conforto, mas agora trazia.

— Aria — murmurou ele.

Seu tom gentil me fez chorar ainda mais forte e ele passou o braço pela minha cintura e me puxou contra si. Ele era quente e forte. Seus lábios roçaram no meu

rosto, que estava molhado pelas lágrimas.

— É injusto — sussurrei através da minha garganta fechada. — É quase como se toda a boa sorte tivesse sido concedida a mim e a Gianna e, agora, não sobrou nada para Lily.

Luca me virou para que ficasse de frente para ele e levantou a minha cabeça. Sua expressão era gentil.

— Não se culpe, Aria. Isso não tem nada a ver com sorte ou destino. A vida é injusta, as coisas são assim.

— Não — falei asperamente. — Não é assim para todo mundo. Não é assim para os homens. Você sentiu medo antes da nossa noite de núpcias? Não. Devia era estar excitado porque queria me ter.

Luca suspirou e secou as lágrimas do meu rosto.

— É, eu estava excitado, Aria, até o momento em que percebi que você estava apavorada, e você sabe disso.

— Eu sei — falei. — Só que Brasci não vai ligar por Lily estar apavorada. Nada irá impedi-lo de estuprá-la.

Luca se inclinou até nossas testas se tocarem.

— Porra, Aria. O que você quer que eu faça? Quer que eu arraste o babaca para fora daquele quarto e corte seu pescoço? Porque neste exato momento, eu quero fazer isso porque odeio te ver tão mal. A única coisa me impedindo é saber que arriscaria a sua vida. Se eu ou Romero matarmos Brasci, entraremos em guerra com a Outfit.

— Talvez não tenhamos que matá-lo — travei, me dando conta do quanto isso era idiota. Brasci não deixaria Lily sair do quarto. No mínimo, teríamos que apagá-lo e isso também levaria à guerra.

Levantei a cabeça e rocei os lábios nos de Luca. Suas sobrancelhas uniram-se.

— Por que isso?

Forcei um sorriso trêmulo.

— Por querer arriscar tudo por mim. Eu não te mereço.

Ele balançou a cabeça, mas o toque do celular o deteve de dizer qualquer coisa. Ele ergueu o celular ao ouvido e em seu rosto via-se choque, depois, raiva.

— Cacete, Romero! — rosnou. Afastei-me, meu pulso estava acelerado. — Deixa ver se entendi direito… você está no quarto com Lily e Benito?

Houve uma resposta do outro lado.

— Merda! — grunhiu Luca. Ele desligou e abaixou o telefone.

Então, virou-se para mim.

— Aconteceu alguma coisa com Lily? — sussurrei.

Ele me encarou.

— Ela e Romero começaram uma guerra com a Outfit!

*

LUCA

Aria olhava para mim sem entender.

— O que quer dizer? — Ela parecia assustada, mas devia ser pelos motivos errados. Aposto que sua preocupação era por irmã.

— Romero matou Brasci. Ele está agora com a sua irmã.

Aria não falou nada, porém, o alívio ficou estampado em seu rosto. Não a culpei. Ela só se importava com a segurança da irmã, não sabia o que aquilo significava, não sabia que Romero havia me obrigado a tomar uma decisão que eu nunca quis tomar.

— Teremos que ir nos encontrar com eles agora — falei para ela enquanto pegava as minhas armas e facas e as arrumava nos coldres no meu peito, nas costas e nas panturrilhas.

Aria me observava com uma preocupação crescente.

— Vamos ter que fugir, não é? Se Brasci está morto, Dante vai declarar guerra contra a gente.

Assenti brevemente e estendi a mão para ela. Essa era uma opção. A outra era mostrar a Dante que eu não aprovava as ações de Romero.

— Vamos. Precisamos nos apressar.

Ela colocou sua mãozinha na minha e eu a conduzi para fora do quarto, ao longo do corredor, para onde Liliana e Brasci deveriam passar a noite de núpcias.

Analisei os arredores e procurei ouvir algum barulho suspeito, mas só se escutava o som da música e de risadas distantes. A festa ainda seguia firme. Comprimi a boca. Sete anos. Foi o quanto conseguimos manter a paz entre a Outfit e a *Famiglia* e, esta noite, a rixa iria romper novamente, provavelmente pior do que antes. Dante era um homem orgulhoso e teria que revidar. Se alguém assassinasse um dos meus homens no meu território, eu o caçaria e o partiria em pedacinhos.

Aria estava surpreendentemente quieta ao meu lado. Talvez ela tivesse se dado conta do perigo da situação.

Bati na porta do quarto e Romero a abriu logo depois. Aria largou a minha mão e entrou correndo em direção à irmã, que estava encolhida na beirada da cama.

Romero encontrou meu olhar e nem tentou parecer arrependido. Pelo menos ele estava sendo honesto. Passei por ele, entrando no quarto.

— Meu Deus, Lily. O que aconteceu? Você está bem? — perguntou Aria, mas eu só tinha olhos para o cadáver no meio do quarto. Brasci estava deitado de lado com um abridor de cartas saindo de sua barriga. Cheguei mais perto e me abaixei para ver melhor. O abridor de cartas não foi o que matou Brasci. Havia uma faca bem abaixo das costelas dele, perfurando o coração. Como eu esperava, isso foi coisa de Romero.

Levantei o olhar para Liliana, que congelou.

— O que aconteceu aqui?

Ela olhou para Romero como se não soubesse bem que mentira contar. Não dava para acreditar neles.

— Eu quero a porra da verdade!

— Luca — repreendeu Aria. — Lily está evidentemente em choque. Dê um segundo a ela.

— Nós não temos a porra de um segundo. Estamos com um membro da Outfit morto num quarto. As coisas ficarão feias bem rápido.

Aria voltou-se para a irmã:

— Lily, você está bem?

— Estou bem. Ele não teve tempo de me machucar.

Eu não estava nem aí para nada disso. Estávamos com grandes problemas. Ao matar Brasci, Romero trouxe a ira da Outfit para cima da gente num momento em que já estávamos em guerra com a Bratva, sem falar de alguns cartéis mexicanos nos trazendo problemas em Atlanta, Charleston e até Nova Jérsei.

— Basta — grunhi, perdendo a porra da paciência com todos eles. Olhei para Romero. — Eu quero respostas. Lembre-se do seu juramento.

O olhar de Romero estava fixo. Ele sempre foi um bom soldado até este momento, só que isso não era uma cagada pequena. Só havia uma consequência lógica para o que ele fez hoje… e nós dois sabíamos disso.

— Sempre me lembro.

Apontei para Brasci.

— Não parece. Ou você está dizendo que Liliana fez isso sozinha?

Romero balançou a cabeça.

— Liliana é inocente. Benito ainda estava vivo quando cheguei. Ela o apunhalou com o abridor de cartas porque ele a agrediu. Foi legítima defesa da parte dela.

Certo. — Legítima defesa? — repeti. Duvidava que Brasci havia feito qualquer coisa que qualquer um nesta casa não esperava que ele fizesse. Essas eram as regras do nosso mundo. Estreitei os olhos para Liliana. — O que ele fez?

— Ele tentou abusar dela — respondeu Romero.

— Eu não perguntei para você! — rosnei. Aria tentou me acalmar com a mão no meu braço, mas eu não tinha intenção nenhuma de ficar calmo. Esta não era uma transgressão pequena. Liliana ter apunhalado Brasci teria causado problemas piores para ela porque havia negado algo que ele tinha direito como marido. — E se ele tentou consumar o casamento, ninguém nesta porra de casa verá isso como legítima defesa. Benito tinha direito sobre o corpo dela. Ele era seu marido, pelo amor de Deus!

Romero deu um passo à frente, mas parou. Olhei para ele, desafiando-o a atacar como ele queria. Isso tiraria essa porra de decisão das minhas mãos.

— Você não pode estar falando sério — falou Aria com olhos implorantes.

Ela, assim como eu, sabia o que era esperado numa noite de núpcias. Ninguém se importaria que Liliana não quisesse ter se casado com Brasci, que ela tenha brigado com ele. Não fui eu quem fez as regras, nem Dante, mas nenhum de nós dois tinha o poder de mudar uma tradição sem o apoio dos outros soldados e das famílias.

— Você sabe as regras, Aria. Estou declarando os fatos.

Aria balançou a cabeça.

— Eu não me importo. Um marido não tem o direito de estuprar sua esposa. Todos nesta casa deveriam concordar com isso!

Aria era delicada demais para este mundo, se importava demais, mas até mesmo ela sabia que a maioria das mulheres sofria abuso na noite de núpcias. No início, eu me arrependi algumas vezes por tê-la poupado no dia do nosso casamento, entretanto, depois me dei conta de que foi a melhor decisão da minha vida. Se eu machucasse Aria na nossa noite de núpcias, ela nunca teria me perdoado.

Romero foi até Liliana e a abraçou.

Amor. Meu pai sempre nos disse que era uma fraqueza e eu precisava admitir que ele estava certo. Ele me enfraqueceu, enfraqueceu Matteo e, agora, enfraquecia Romero e, consequentemente, enfraqueceria a *Famiglia*. Meus tios atacariam como abutres assim que a notícia sobre isso se espalhasse.

— Eu disse que isso terminaria em tragédia. Então, deixa eu adivinhar… Liliana apunhalou o marido, ligou para você, que terminou a porra do serviço para tê-la para si.

— Isso — falou Romero. — E para protegê-la. Se ele sobrevivesse teria culpado Liliana e ela teria sido punida severamente pela Outfit.

Não consegui evitar uma gargalhada.

— E agora ela não será? Eles a levarão a julgamento e não apenas a punirão severamente. Eles também nos acusarão de armar isso, aí, haverá um banho de sangue do caralho. Dante é um bloco de gelo, mas precisa mostrar força. Ele vai declarar guerra imediatamente. Tudo porque você não consegue controlar seu pau e seu coração.

— Como se você conseguisse. Você elimina qualquer um que tente tirar Aria de você — falou Romero.

Meus olhos correram para Aria. Seus olhos azuis preocupados prenderam-se aos meus. Eu incendiaria o mundo para proteger Aria. Se alguém tentasse levá-la, eu o mataria e a todos que ficassem no caminho.

— Só que Aria é a minha esposa. Há uma enorme diferença.

— Se dependesse de mim, Lily já seria minha esposa há meses.

Ele estava mesmo pensando em se casar com ela? Será que achava que iríamos sair desta casa com vida?

— Alguém vai pagar por isso. Como Capo da *Famiglia* de Nova York, eu preciso culpar Liliana e esperar que Dante acredite nisso e não comece uma guerra.

Aria forçou o aperto em meu braço, seus olhos estavam marejados.

— Você não pode fazer isso.

Romero caiu de joelhos na minha frente com os braços abertos.

— Vou levar toda a culpa por isso. Diga a todos que perdi a cabeça e vim atrás de Liliana porque eu a queria há meses. Matei Benito quando ele tentou defender Lily e a si mesmo, mas antes de eu conseguir estuprá-la, você percebeu que eu tinha sumido e foi me procurar. Assim, não haverá guerra entre a Outfit e Nova York, e Lily terá a chance de uma nova vida.

Ele estava falando sério, só que ninguém acreditaria nessa história. No

entanto, o fato de que ele sacrificaria a sua vida por Liliana mostrava o quanto ele levava essa garota a sério. O que as mulheres Scuderi tinham que nos deixavam loucos?

— Se essa é a história que você quer que todos acreditem, está faltando uma coisa — falou Luca.

Romero assentiu. — Eu darei a minha vida por isso. Atire.

— Não! — gritou Aria, mas livrei-me da mão dela e encarei o olhar determinado de Romero. Eu o conhecia durante a minha vida inteira. Nós curtimos juntos, ficamos bêbados juntos, lutamos e matamos juntos. Ao lado de Matteo, ele era o homem em quem eu mais confiava. Foi por isso que permiti que protegesse Aria. Eu sabia que ele nunca encostaria um dedo nela.

Liliana veio em nossa direção. O medo distorcia seu rosto. Medo de mim e da minha decisão. Eu estava acostumado com aquele olhar vindo das pessoas que me cercavam.

— Por favor — sussurrou, seus olhos me imploravam, esperando apelar para um lado que apenas Aria conseguia alcançar. — Por favor, não o mate. Farei qualquer coisa, por favor, não. Não posso viver sem ele.

Ela começou a chorar, porém, isso não me afetou como as lágrimas de Aria afetavam.

Romero se levantou e puxou Liliana.

— Não faça isso, Lily. Eu sou um soldado da *Famiglia*. Quebrei meu juramento de sempre colocar a *Famiglia* em primeiro lugar e tenho que aceitar a punição devida.

— Não ligo para juramento nenhum. Eu não quero te perder — falou Liliana.

Peguei a minha arma, precisando acabar com isso, mas Aria apareceu na minha frente e espalmou meu peito, uma mão sobre meu coração, apelando para a parte de mim que era sem vida antes dela… e, em momentos como este, eu queria que tivesse continuado assim.

Seus olhos fixaram-se nos meus.

— Luca, por favor, não puna Romero por proteger alguém que ele ama. Ele e Lily foram feitos um para o outro. Eu te imploro. — Suas mãos tremiam em mim e seus olhos me imploravam.

Eu sabia que deveria recusar seu pedido, mas odiava a ideia de perder Romero. Ele era uma das poucas pessoas em quem eu confiava. Sabia que levaria um tiro por mim e, mais importante, por Aria. Mas eu também sabia que ele nunca seria tão incondicionalmente leal como sempre foi porque agora seus sentimentos por Liliana sempre estariam no caminho.

Arranquei as mãos de Aria do meu peito, e a expressão dela desabou.

— Não posso basear as minhas decisões em sentimentos. Sou o Capo e tenho que tomar decisões em benefício da *Famiglia*.

Romero se aproximou de mim, pronto para aceitar meu veredito. Ele não imploraria. Seus olhos não julgavam a decisão que esperava de mim: uma sentença de morte.

Olhei nos olhos dele por um bom tempo e fiz a minha escolha.

— Você é o meu melhor soldado. A *Famiglia* precisa de você e eu não confio em mais ninguém com Aria como confio em você — falei ao colocar a mão no ombro dele, surpreendendo a mim mesmo tanto quanto a ele. — A guerra tem sido inevitável há algum tempo. Não vou acabar com a sua vida para adiá-la por mais alguns meses. Ficaremos juntos.

Romero relaxou. Ele não falou nada, mas pude ver que ele tentaria me recompensar por isso pelo resto da vida. Ele era um homem leal, um soldado que eu não queria perder.

— Claro que é possível que não consigamos sair desta casa com vida. Agora, estamos cercados pelo inimigo.

— A maioria dos convidados ou está bêbada ou dormindo. Poderíamos tentar sair de fininho. Quando derem pela falta de Benito amanhã de manhã, já estaremos de volta a Nova York — falou Romero.

Eu duvidava que tivéssemos tanta sorte. Peguei meu celular e tentei ligar para Matteo. Precisávamos descobrir um jeito de sair de Chicago, mas ele ignorou a minha ligação. Devia estar ocupado fodendo a esposa.

— Merda. Matteo não está atendendo a porra do telefone.

— Você acha que aconteceu alguma coisa com eles? — perguntou Aria.

— A única coisa acontecendo é que ele deve estar fodendo sua irmã até cansar neste momento, e está ignorando a porra do telefone — falei.

Romero e eu carregamos o corpo de Brasci para o banheiro antes de Liliana ir lá para dentro trocar o vestido de noiva rasgado.

Assim que Romero foi ajudá-la e Aria e eu ficamos sozinhos, ela veio até mim e me abraçou pela cintura, colando o rosto no meu peito.

— Obrigada, Luca! Muito obrigada. Não vou me esquecer disso. Não achei que fosse possível, mas, pelo que você fez hoje, eu te amo ainda mais. — Ela estremeceu ao levantar a cabeça, com lágrimas escorrendo pelo seu rosto. Eu as limpei. Caralho. Esta mulher tinha mais poder sobre mim do que qualquer um jamais teve, do que qualquer um jamais teria.

Romero voltou e Aria se afastou. Demonstrações públicas de afeto eram algo que eu precisava limitar, mesmo perto de Romero.

— Pronto — falou Romero.

— Isso é bom. Agora, vamos indo. Não quero arriscar ficar aqui nem mais um minuto do que o estritamente necessário. — Estendi a mão para Aria. Ela a pegou com um sorriso tenso e eu saquei da minha arma. Eu precisava tirá-la desta casa com vida não importa a que custo. Abri a porta e dei uma olhada no corredor. Estava deserto, mas a festa ainda seguia firme.

Fiz um sinal para Romero avisando que o caminho estava livre antes de escancarar a porta e sair, puxando Aria junto comigo.

Não cruzamos com ninguém pelo caminho enquanto íamos para o quarto de Matteo. Bati, mas, é claro, o idiota não abriu a porta. Ele devia estar com o pau enfiado na boceta de Gianna. Bati mais forte. Mais uma vez, ninguém reagiu. Aria me olhou preocupada e eu meti o punho na madeira o mais alto que poderia arriscar. E, enfim, Matteo abriu a porra da porta, vestido apenas com uma cueca boxer e ostentando uma ereção.

— Você não captou a mensagem de que eu não queria ser interrompido quando não atendi a porra do seu telefonema? — O olhar de Matteo foi para trás de mim e ele fez uma careta. — Estou com uma porra de um péssimo pressentimento.

Empurrei-o com força.

— Caralho, Matteo, quando eu ligar, atenda. Você precisa se vestir. Temos que ir embora agora.

— O que houve? — perguntou Gianna aparecendo atrás de Matteo vestindo um robe de cetim. Os lábios dela estavam inchados como se estivesse fazendo sexo oral em Matteo. — Merda, aconteceu algo ruim, não foi? O babaca te machucou? — Ela abraçou Lily. A mão de Aria estava tensa na minha.

— Ele está morto — expôs Liliana.

— Que bom — falou Gianna e deu um tapinha no ombro de Romero. — Foi você, não foi?

Romero sorriu de leve. — Sim, o que nos traz ao motivo da nossa pressa.

— Romero está certo. Precisamos sair desta casa antes que alguém se dê conta de que o noivo está morto — declarei, perdendo a porra da paciência.

— Eu teria apostado tudo que seria eu a começar uma guerra entre a Outfit e a *Famiglia*. Meus parabéns, Romero, por provar que estou errado pela primeira vez — falou Matteo, sorrindo.

— Eu também teria apostado nisso — falou Romero.

Todos teriam apostado nisso. Matteo era o louco. Romero sempre foi confiável, mas Liliana havia claramente mudado isso. Suspirei.

— Odeio interromper o papinho de vocês, mas precisamos dar o fora, caralho.

Matteo e Gianna se vestiram e saímos do quarto e continuamos nossa jornada pela casa. Cada músculo do meu corpo ficava tenso quando eu ouvia o mínimo barulho de pessoas cruzando o nosso caminho.

Descemos a segunda escadaria nos fundos da casa para o primeiro andar e fomos para a porta que levava para a garagem subterrânea. A maioria das casas nesta área tinha isso porque o espaço do lado de fora era limitado. Ouvimos barulho de passos vindos do corredor à esquerda da porta e meu corpo entrou no modo luta enquanto protegia Aria e levantava a arma. Matteo e Romero fizeram a mesma coisa. As coisas tinham corrido bem tranquilas até agora, mas já era. Mesmo com os silenciadores, um tiro criaria certo volume de barulho, principalmente se nossos agressores conseguissem dar um grito de alerta. Uma bala na cabeça era a única solução.

Meu dedo no gatilho endureceu quando um menino loiro dobrou o corredor. Caralho. No último segundo, me detive de atirar. Seu cabelo o salvou. Era Fabiano.

Aria perdeu o ar, sua mão tremia na minha. Ela teria corrido para ele se eu não a tivesse segurado. Fabiano arregalou os olhos parando de supetão e apontou a arma para nós. Ele ainda não havia sido totalmente iniciado, definitivamente ainda não havia matado ninguém e não era bom em esconder as emoções. Sua expressão demonstrava medo antes de ser substituída pela desconfiança.

Aria colocou a mão no meu braço, tentando forçá-lo para baixo, mas mantive a arma apontada para Fabiano. Ele era apenas uma criança, mas um tiro vindo dele era tão mortal quanto de qualquer outra pessoa.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou Fabiano com firmeza, parado ainda mais alto do que o normal e tentando parecer um homem. Com a arma e aquela expressão séria ele quase conseguia parecer mais do que um adolescente.

— Abaixe a arma — ordenei.

Fabiano riu, porém, parecia nervoso e seu olhar exibia medo. Ele teria que aprender a esconder melhor se quisesse sobreviver na Outfit… se ele sobrevivesse esta noite.

— Sem chance. Quero saber o que está acontecendo. — Os olhos dele moveram-se de Aria para Gianna e depois para Liliana.

— Por que você está andando por aí com uma arma? Não deveria estar na cama? — perguntou Aria e, prestes a dar um passo para frente, puxei-a de volta.

— Tenho funções de guarda — disse Fabiano com um pontada de orgulho.

— Mas você ainda nem foi iniciado — falou Lily confusa.

— Comecei o processo de iniciação há algumas semanas. Esta é a minha primeira tarefa — explicou Fabiano. A mão que segurava a arma começou a tremer ligeiramente. Ele não teria nenhuma chance contra nós, mesmo se não estivéssemos com armas apontadas para ele. Eu estaria ao seu lado para nocauteá-lo num piscar de olhos, e preferia esse cenário a matá-lo por causa da mulher ao meu lado.

— Papai lhe deu porque pensou que seria um primeiro serviço fácil, não é? Nada de ruim acontece em casamentos — disse Liliana com uma risada fraca.

— Ele me deu o serviço porque sabia que eu era responsável e capaz — disse Fabi, endireitando o ombro. Seus olhos correram novamente para mim, depois, para Matteo e Romero.

— Você não acha mesmo que pode matar nós três, acha? — perguntou Matteo com um sorriso distorcido.

Gianna o fuzilou com os olhos. — Cala a boca, Matteo.

— Posso tentar — falou Fabi.

Os dedos de Aria apertaram meu braço e seu olhar praticamente me incendiava.

— Fabiano — falei, tentando soar sensato, embora o tempo estivesse contra nós e eu só quisesse dar o fora. — Elas são suas irmãs. Você quer mesmo arriscar feri-las?

— Por que Lily está aqui? Por que ela não está com o marido? Quero saber o que está acontecendo. Por que estão tentando levá-la com vocês? Ela faz parte da Outfit, não de Nova York.

— Não posso ficar aqui, Fabi. Você lembra que me disse que eu não deveria me casar com Benito? Que não era certo? — clamou Liliana.

— Isso já faz muito tempo e você disse “sim” para ele hoje. Onde ele está, afinal?

Liliana olhou para Romero com uma expressão que até um menino de doze anos conseguia entender.

— Você o matou, não foi? — censurou Fabiano erguendo novamente a arma. — Isso foi algum tipo de armadilha para enfraquecer a Outfit? Papai sempre disse que vocês nos apunhalariam pelas costas algum dia.

Aria tentou ir até ele novamente, mas a empurrei para trás fuzilando-a com o olhar.

Ela estreitou o olhar. — Ele é meu irmão!

— Ele é um soldado da Outfit. — Talvez ela pensasse que, porque eu a colocava em primeiro lugar, os outros Homens de Honra também esqueceriam que sua primeira escolha deveria ser sempre a máfia.

— Fabi, a *Famiglia* não tentou enfraquecer a Outfit. Isso não tem a ver com poder. É tudo culpa minha. Benito tentou me machucar e eu o apunhalei. É por isso que eu preciso ir embora. Papai me castigaria, possivelmente até me mataria — falou Liliana num tom de voz delicado.

Fabiano recuou.

— Você matou seu marido? — Matteo me olhou por sobre a cabeça de Gianna. Ele estava esperando que eu atirasse e, se não fosse pelo corpo trêmulo de Aria ao meu lado, eu não teria hesitado.

— Eu não sabia mais o que fazer.

Fabiano apontou para Romero.

— E quanto a você e ele? Eu não sou idiota. Tem alguma coisa acontecendo entre vocês.

— Estamos juntos há algum tempo. Você sabe que eu nunca quis me casar com Benito, mas papai não me deu escolha.

— Então, você quer deixar Chicago e a Outfit por Nova York igual a Gianna e Aria. — Fabiano concluiu.

Liliana assentiu. — Eu preciso.

— Você poderia vir com a gente — sugeriu Aria. Seu olhar encontrou o meu, implorando.

Olhei para Fabiano.

— Você se tornaria parte da *Famiglia*. — A minha família não iria gostar disso e eu provavelmente teria que matar alguns para mostrar força.

Fabiano balançou a cabeça.

— Papai precisa de mim. Eu faço parte da Outfit. Fiz um juramento.

— Se você ainda não foi totalmente iniciado, não tem vínculo nenhum — falou Matteo. Era uma mentira do caralho. Matteo e eu mataríamos qualquer iniciado que resolvesse quebrar uma iniciação, sem falar em se juntar à Outfit.

— Não vou trair a Outfit.

Eu esperava essa resposta. Fabiano foi criado na Outfit, criado com a ciência de que um dia seguiria os passos do pai.

— Então, terá que nos impedir de ir embora. E não deixaremos que faça isso. Haverá sangue e você morrerá.

Fabiano encontrou meu olhar. — Eu sou um bom atirador.

E também estava apavorado.

— Acredito em você. Mas você é melhor do que nós três? Quer mesmo que sua irmã Lily seja castigada? Se obrigá-la a ficar, estará assinando sua sentença de morte.

O rosto dele mostrava conflito.

— Se eu deixar vocês irem e alguém descobrir, me matarão também. Eu poderia ter uma morte justa se tentasse impedi-los.

— Poderia e seria louvado por isso, mas estaria morto da mesma forma. Você quer morrer hoje? — Ele ainda era novo. A morte era mais aterrorizante para ele do que para nós. Ele ainda não havia ficado de frente a ela o bastante.

Fabiano abaixou a arma alguns centímetros. Eu duvidava que ele tivesse percebido.

— Ninguém tem que descobrir que você nos deixou ir. Você poderia tentar nos impedir, mas somos muitos — falou Romero.

— Eles pensarão que fiquei com medo e fugi e foi por isso que vocês escaparam.

Acenei para Romero. Dava para notar que ele estava nas nossas mãos.

— Não se você estiver ferido. Poderíamos atirar em seu braço. Este era para ser um primeiro serviço fácil, ninguém espera que você seja capaz de parar os melhores lutadores de Nova York. Ninguém vai levar a mal se você tomar um tiro.

Aria me encarou. — Você quer atirar no meu irmão?

— E se você o ferir gravemente? — perguntou Lily.

— Eu poderia atirar na espinha em seu queixo se quisesse, acho que consigo atingir um ponto isento de problemas em seu braço — falou Matteo. — E vamos nos arriscar não o matando, então, um ferimento no braço não é nada mesmo.

Eu os ignorei e foquei a minha atenção no garoto.

— O que você me diz, Fabiano?

Havia conflito em seu olhar, entretanto, ele abaixou a arma.

— Tudo bem. Mas terei que gritar por ajuda. Não posso esperar mais do que alguns minutos, senão eles desconfiarão.

Mantive a arma apontada para Fabiano. Romero e Matteo também.

— Alguns minutos serão o suficiente para irmos embora. Nós seremos seguidos assim que se derem conta do que está acontecendo, mas cinco minutos nos darão uma boa distância deles. Dante não é alguém que gosta de lutar em público, então, duvido que ele mandará seus homens para uma perseguição de carro. Ele nos atacará depois, quando imaginar ser o melhor modo de nos ferir.

*

Depois do falso tiroteio e de Matteo atirar no braço de Fabiano, saímos disparados em nossos carros alugados. Romero e Lily tomaram a frente no carro deles e o resto de nós entrou no outro carro. Matteo estava ao volante, Gianna ao seu lado, enquanto Aria e eu nos sentamos atrás. Olhei pela janela e, depois de alguns minutos, três carros pretos da Outfit começaram a nos perseguir.

— Abaixe-se — ordenei, e Aria obedeceu imediatamente, encolhendo-se no banco, cheia de preocupação e medo em seu rosto.

Abaixei a janela, preparando-me para atirar. Até este momento, os homens de Dante não haviam disparado nenhum tiro, provavelmente porque ainda estávamos numa área residencial. Nem ele nem eu precisávamos de atenção adicional da imprensa ou da polícia. Assim que entramos numa área industrial, segurei minha arma e comecei a atirar. Nossa janela estilhaçou e Aria gritou. Atirei mais uma vez e atingi o atirador na cabeça. Minha bala seguinte rasgou o pneu deles e o carro perdeu o controle. Os outros dois carros continuaram a perseguição, entretanto, diminuíram em algum momento. Dante deve ter dado a ordem para que eles recuassem. Ele atacaria em breve, depois de elaborar um plano em que poderia nos machucar mais. Caralho.

Quando tive certeza de que não seríamos atacados novamente, abaixei o olhar para onde Aria estava espremida no banco. Tirei os estilhaços do cabelo e do ombro dela e ela abriu os olhos, olhando para mim com confiança. Confiança de que eu a protegeria, mas, caramba, fazer isso havia se tornado mais difícil hoje.

— Você nunca mais vai poder voltar a Chicago — falei em voz baixa enquanto ela se sentava. — Nunca mais vai ver seu irmão.

Sua expressão contraiu e ela encostou-se a mim, enterrando o rosto no meu pescoço. Segurei-a enquanto ela chorava. Matteo me olhou pelo espelho retrovisor. Nós dois sabíamos que logo a merda seria jogada no ventilador e estaríamos com as mãos ocupadas controlando nossos tios e mantendo a Outfit fora do nosso território.

Amor. A raiz da fraqueza.

Caralho.

Aria levantou a cabeça novamente, aqueles olhos azul-bebê me atraindo como sempre.

Capítulo 14

ARIA

Luca ainda ficava tenso perto de mim, isso vinha acontecendo desde que ele descobriu que eu sabia sobre Lily e Romero e não lhe contei. Desde que Dante Cavallaro declarou guerra contra nós por causa disso, o humor de Luca não havia melhorado.

Ele nunca levantaria a mão para mim nem me insultaria, mas estava mais frio do que o normal. Ele me procurava à noite, ainda fazia amor comigo, mas havia uma barreira entre a gente. Não sabia direito como derrubá-la novamente.

Depois de voltarmos para a nossa cobertura após o casamento de Lily e Romero, coloquei a mão no peito dele, sobre o seu coração, olhando dentro de seus olhos cinza reservados.

— Luca, desculpe por não ter contado sobre Romero e Lily. Por favor, não fique chateado. Não consigo suportar isso. Eu preciso de você. Eu te amo. Só quis proteger Lily, não te trair.

O olhar dele suavizou ligeiramente.

— E eu preciso proteger você e a *Famiglia*, só que isso será mais difícil agora que estamos em guerra com a Outfit. Temos os russos e a Outfit contra nós e também há a Camorra em Las Vegas. Se eles também resolverem nos atacar ou, Deus me livre, trabalhar em conjunto com a Outfit, estaremos em perigo.

Eu estremeci.

— Há uma possibilidade real de isso acontecer?

— A Camorra não está muito forte nesse momento, mas isso pode mudar.

Desde que comecei a trabalhar na contabilidade da *Famiglia*, fiquei mais envolvida nos negócios, mas Luca ainda se certificava que eu só conhecesse uma parte muito pequena do mal.

— A maioria dos seus homens não te culpa por quebrar a trégua com a Outfit, certo? Eles são leais a você porque você é forte e capaz.

Luca sorriu sombriamente.

— Eles querem a guerra, mas não gostam do motivo pelo qual Dante declarou guerra contra nós. E o fato de eu ter tornado Romero Capitão também não foi recebido muito bem. Na maioria das vezes, ainda são apenas meus tios instigando a merda, mas se meus outros Subchefes decidirem ficar do lado deles,

terei que partir para uma matança pela qual realmente não estou ansioso.

Eu estremeci.

— Tenha cuidado.

*

Fazia seis semanas desde que a guerra foi declarada; seis semanas de nada além de silêncio de Chicago… de Fabi.

Eu estava preocupada com ele, não conseguia parar de me preocupar. A minha mente zumbia enquanto eu decorava a árvore de Natal na sala enorme da nossa mansão com Lily e Gianna. Este ano, passaríamos a maior parte da época natalina nos Hamptons. Luca nos queria fora de Nova York. As coisas estavam tensas lá neste momento porque todos temiam uma retaliação de Dante e da Outfit.

Ainda estávamos no início de dezembro, mas eu esperava que as decorações de Natal nos animassem.

Gianna olhou para mim.

— Você está muito quieta.

Suspirei. — Estou preocupada com Fabi. Agora que não posso mais falar com Val, não temos como descobrir como ele está.

— Val disse que acreditaram na história dele e não irão puni-lo. Ele vai ficar bem — afirmou Gianna. Eu me perguntava se ela realmente acreditava no que dizia.

— Não sabemos disso. Aquilo aconteceu há mais de um mês. Odeio que ele tenha que comemorar o Natal sem a gente. Antigamente, podíamos pelo menos visitá-lo em Chicago, mas este ano ele estará sozinho com o nosso pai e a nova esposa.

Papai nunca foi gentil com Fabi e, agora que ele tinha uma nova esposa, uma esposa jovem que poderia gerar mais herdeiros, eu me preocupava que ele estivesse menos inclinado a ser gentil com meu irmão caçula.

— Fabi está quase sendo iniciado na Outfit; comemorar o Natal sem a gente é o menor dos problemas — declarou Gianna. Ela parecia tão… blasé sobre tudo isso. Talvez porque Fabi fosse um menino. Ela achava que os homens em nosso mundo nasciam com sangue nas mãos.

— Ele ainda é uma criança. E não pudemos nem o parabenizar em seu aniversário. — Ele havia feito treze anos algumas semanas atrás e eu não pude falar com ele nem mandar um presente. Meu coração doía só de pensar.

Lily não disse nada. Ela ainda se culpava por tudo. Eu sabia que ela estava feliz sendo esposa de Romero. Isso ficava claro sempre que ela olhava para ele, mas, às vezes, tentava esconder sua felicidade da gente como se isso fosse melhorar nossa situação.

Gianna balançou a cabeça.

— Aria, você tem que aceitar o que não pode mudar. Tem que parar… e eu não acredito que estou mesmo dizendo isso, você tem que parar de contrariar as ordens do Luca.

Pisquei para ela. — É sério isso? Você fugiu… e eu te ajudei.

— Eu sei. Mas agora estou casada com Matteo, faço parte do clã Vitiello e, diferente de você, sei exatamente que tipo de homem é o meu marido. Só que você continua esquecendo o que Luca é.

— E o que ele é? — retruquei, virando para encará-la com olhos estreitados. Já fazia um tempo que Gianna e eu não brigávamos, mas estávamos todos no limite nestas últimas semanas.

— Um *Capo*. Um monstro. Um assassino.

— Matteo também é — interrompi. — E você continua ignorando as ordens dele. Vive provocando.

— É um jogo entre nós dois, Aria. Mas Luca não faz jogos. Ele é o Capo do Leste. E, por sua causa, o território dele está ameaçado. Ele vai fazer qualquer coisa para continuar sendo Capo. Está no sangue dele. No final, se ele tiver que escolher entre você e o poder, ele vai escolher o poder.

O ar deixou os meus pulmões. Lágrimas de raiva encheram meus olhos. Lily se pôs entre nós duas.

— Ei, parem com isso.

Eu desviei de Lily e me aproximei de Gianna, encontrando diretamente seu olhar.

Ouvi os homens entrando, mas não dei nenhuma atenção a eles.

*

LUCA

— Dante vai demorar para atacar. Ele é do tipo que planeja — falou Matteo mais uma vez, como se eu não soubesse disso. O problema era que eu não sabia quando ele iria atacar. Só podia esperar que Orazio, sendo cunhado de Dante, se envolvesse em quaisquer planos desde o início e nos avisasse cedo o suficiente.

— Ah, puta que pariu, não me olhe assim! — gritou Gianna.

Meus olhos encontraram Aria e Gianna encarando-se como se estivessem prestes a se agredirem a qualquer momento.

— Não podemos todos ser tão egoístas quanto você, Gianna — censurou Aria.

Matteo me olhou como se eu soubesse o que estava acontecendo. Elas costumavam ser inseparáveis. E eu nunca tinha ouvido Aria falar desse jeito com a irmã.

Gianna riu. — Pelo menos, eu não estou sendo burra, nem suicida.

— Não, suicida… você não é. Você sempre se certifica de estar protegida mesmo que isso signifique que outras pessoas se machuquem.

Gianna empalideceu. Eu não tinha certeza se Aria estava se referindo ao acidente de carro de Matteo ou a outra coisa, mas, o que quer que fosse, acertou em cheio.

— Pelo menos eu lutei contra este estilo de vida, enquanto você estava feliz sendo vendida para Luca como uma puta.

Silêncio.

Aria saiu correndo e eu fui atrás dela. Matteo cuidaria da própria esposa. Encontrei Aria em nosso quarto, trêmula, olhando pela janela. Coloquei as mãos em seus ombros.

— O que está acontecendo entre você e Gianna?

— Ela está sendo uma vaca — respondeu Aria com a voz embargada.

— Essa é a disposição natural dela.

Aria deu uma gargalhada e se virou para mim. Passei as mãos em seus cabelos e ela cedeu ao toque.

— Se alguém é puta, é ela.

Aria comprimiu os lábios.

— Ela não falou sério.

Eu ri. — Já voltou a defendê-la?

Os olhos de Aria cintilaram de necessidade e suas mãos deslizaram do meu peito até o cinto. Seu olhar estava fixo no meu e ela começou a desatar meu cinto.

— Eu preciso de você — sussurrou ela.

Não foi preciso pedir duas vezes. Tirei seu vestido enquanto Aria deixava cair

a minha calça. Quando meu pau finalmente se libertou, passei um braço pelas suas costas e segurei sua coxa com o outro, depois a ergui. Ela ofegou quando a abaixei no meu pau e seus músculos se fecharam ao meu redor. Apoiando suas costas contra a parede, beijei-a com força até ela relaxar antes de eu começar a empurrar dentro dela.

Tentei ficar com raiva dela por manter o caso de Romero e Lily alheio a mim, mas não consegui. Assim que vi seus olhos tão cheios de amor, meu coração amoleceu. Porra, meu coração sombrio e cruel sempre amolecia por aquela mulher.

Abaixei a boca para o seu pescoço e dei uma mordidinha, chupando-a, marcando-a. Minha. Minha para sempre, caralho.

Aria gritou quando atingi seu ponto G e o meu saco comprimiu com o som.

— Isso — grunhi antes de chupar um dos seus mamilos. Aria arqueou as costas e eu meti ainda mais forte dentro dela. Ela enterrou os dedos nos meus ombros conforme eu a fodia contra a parede.

— Luca! — gritou ela quando suas paredes internas se contraíram com força, expondo novamente seu pescoço elegante para mim. Deixei outra marca e seus espasmos se intensificaram, suas unhas arranhavam a minha pele, e eu gozei com um tremor violento. Encostei a testa na parede fria enquanto Aria enterrava o rosto no vão do meu pescoço. Sem tirar de dentro dela, carreguei-a para a nossa cama e nos deitei, eu em cima dela. Ela me abraçou apertado como se estivesse preocupada que eu fosse desaparecer.

Beijei-a, intrigado com a tristeza em seu rosto, mas, então, ela abriu os olhos e sorriu brevemente.

— Nós estamos bem?

Assenti, imaginando por que ela estava perguntando outra vez.

— Não estou chateado com você, Aria. Não dá para evitar quem a gente é.

Ela precisava ajudar as pessoas, principalmente os irmãos. Eu entendia isso. Se ela podia aceitar a minha escuridão, eu podia tentar aceitar que, de vez em quando, ela agia levada pela preocupação com os irmãos. Embora eu não gostasse disso.

Aria encostou o rosto no meu peito e respirou fundo. Ela estava sendo emotiva… até para os seus padrões. Talvez ela tenha percebido as minhas preocupações. E as coisas apenas piorariam. Daqui a três dias eu teria uma reunião com os meus Capitães e Subchefes, e desconfiava de que tio Gotttardo iria vir contra mim de novo. Eu não tinha certeza do quanto dividir com Aria e resolvi manter as informações no mínimo por enquanto, até ela voltar a ser ela mesma.

*

ARIA

O arrependimento pesava muito sobre meus ombros. Arrependimento por ter desabado na frente de Luca num momento tão crucial. Ele precisava que eu fosse forte por ele. E eu estava arrependida pela minha briga com Gianna hoje de manhã. Não nos falamos desde então, nem mesmo durante o jantar, e isso estava começando a me chatear, mas eu era orgulhosa demais para dar o primeiro passo.

Talvez tentasse amanhã depois que uma noite de sono nos acalmasse. Luca estava no banho. Ele teria que ir para Nova York de manhã cedo e provavelmente não voltaria por dias. Tinha uma reunião com a *Famiglia* – que foi tudo o que ele me disse, porque se preocupava com a minha saúde emocional.

Suspirando, peguei minha pílula anticoncepcional na gaveta e levei um susto ao constatar que havia me esquecido de tomar a pílula ontem… de novo. Ao longo dos últimos meses, também havia esquecido algumas vezes. Travei com o pacote nas mãos, contando os dias desde a minha última menstruação, porém, não conseguia me lembrar. Já tinha ficado sem menstruar antes, nos meses que antecederam o meu casamento com Luca, porque meu corpo não tolerava muito bem o estresse e o medo. Talvez fosse o mesmo caso dessa vez.

Meu celular vibrou na mesa de cabeceira e eu avancei nele quando reconheci o número. Levando o telefone ao ouvido, saí em silêncio do quarto e segui o corredor para um dos quartos de hóspedes vazios e me tranquei lá dentro.

— Fabi?

— *Aria* — falou Fabi com a voz rouca. Parecia que ele estava com dificuldade para respirar e meu coração apertou de medo.

— O que houve?

Uma pausa.

— *Nada* — desconversou. — *Queria ouvir a sua voz.*

— Está tudo bem? Você não parece bem.

— *Papai está furioso hoje. Ele tem estado sempre furioso desde que vocês se foram* — disse Fabi simplesmente, e eu pude imaginar do que ele estava falando.

Engoli em seco. — Posso falar novamente com Luca e pedir para que te acolha.

— *Não!* — ofegou Fabi. — *Isso é traição. Eu faço parte da Outfit. Não*

deveria estar conversando com você. Nós somos inimigos.

Respirei fundo.

— *Nós não somos!*

— *Preciso ir.*

— Fabi?

Fez-se silêncio do outro lado. Olhei para a tela. Fabi havia desligado. Comecei a tremer, abri a porta e voltei para o meu quarto em transe.

Luca ainda estava no banheiro quando me deitei na cama. O que eu poderia fazer? Falar com Luca não mudaria nada, ele já tinha o bastante com o que lidar, principalmente com a reunião iminente da *Famiglia*. Mas será que eu podia esconder isso dele?

Quando Luca saiu do banheiro, parecendo exausto e tenso, tomei a minha decisão. Teria que lidar com isso sozinha.

*

Luca me deu um beijo demorado antes de sair de manhã. Assim que ele se foi, eu me sentei e peguei meu laptop, checando os voos para Chicago. Considerei as minhas opções. Não podia demorar muito para que ninguém percebesse o meu desaparecimento. Teria que pegar o voo mais cedo disponível e voltar no último avião no mesmo dia. Hesitei, mordendo o lábio. Não podia usar minha conta conjunta com Luca. Se ele fosse verificá-la, perceberia algo de errado.

Meus dedos tremiam conforme eu me decidia. Eu era a contadora da *Famiglia* há quase um ano e cuidava de várias contas bancárias. *Traição.*

Só pegaria o dinheiro emprestado e devolveria assim que possível. Reservei rapidamente meus voos com a conta que usávamos para a Sphere, depois, encerrei a sessão. Em dois dias, eu iria para Chicago e, com sorte, voltaria com Fabi.

Agora, eu só precisava descobrir um jeito de sair da mansão sem ninguém perceber. Fui até o meu closet e vasculhei as gavetas de cima até encontrar a minha peruca castanha. Precisaria dela para passar despercebida em Chicago.

Meu pulso acelerou nas minhas veias diante do que eu estava prestes a fazer. Tinha dado um jeito de trazer Lily e Gianna comigo para Nova York. Agora, eu precisava salvar Fabi do nosso pai antes que ele conseguisse destruir meu irmãozinho.

Desci as escadas e encontrei Gianna e Lily sentadas à mesa. Não vi Sandro em lugar nenhum, nem os novos seguranças que Luca havia colocado no local nas últimas semanas. Romero, felizmente, estava em Nova York com Luca e

Matteo, já que esta era sua primeira reunião oficial como Capitão.

Sentei-me, e Gianna e eu dissemos ao mesmo tempo:

— Desculpe pelo que eu falei.

Nós nos encaramos por um segundo e, então, rimos. Lily soltou um suspiro de alívio. Lentamente, o sorriu se esvaiu do meu rosto.

Gianna fez uma careta.

— Ai, não. Não gosto da sua cara.

— O que houve? — perguntou Lily, pousando a xícara de café.

Peguei um biscoito de amêndoas e me servi um pouco de café, tentando organizar meus pensamentos. Quando estava prestes a dar uma mordida no doce, meu estômago se agitou e eu coloquei o prato na mesa. Estava muito nervosa para comer. Eu tinha a sensação de que iria vomitar se tentasse forçar qualquer coisa.

— Fala logo, Aria — resmungou Gianna. — Você está tramando alguma coisa.

— Fabi me ligou ontem — sussurrei.

Lily se contorceu na cadeira, arregalando os olhos.

— Ligou? — perguntou Gianna sem acreditar.

— Papai está dificultando as coisas para ele. Acho que está batendo ainda mais em Fabi do que antes.

— Canalha. Pensei que estar casado com aquela criança melhoraria seu humor.

— Não melhorou. Fabi estar sozinho com o nosso pai é nossa culpa. Tenho que tentar trazê-lo para Nova York comigo.

Gianna balançou a cabeça.

— Não me diga que você quer ir a Chicago.

— Aria — implorou Lily. — É perigoso demais. Você é a esposa do Capo.

— Eu sei — falei com firmeza. — Mas também sei que nunca vou me perdoar se não for ver Fabi e tentar ajudá-lo. Ele não merece ser deixado sozinho. Vou voar para Chicago e nada do que disserem vai me impedir.

Parei. — Vocês vão me ajudar?

Lily e Gianna trocaram olhares.

— Gianna, eu te ajudei a fugir, e Lily, guardei um segredo por você. Acho que não é muito pedir a ajuda de vocês.

— Não é que a gente não queira te ajudar, só estamos preocupadas — declarou Lily baixinho. — E deveríamos ir juntas para Chicago. Não acho que você deveria ir sozinha. Fabi não é responsabilidade só sua. Ele também é nosso irmão.

— Você sabe que não podemos desaparecer todas juntas — falei. — Isso atrairia muita atenção. Já vai ser bem difícil esconder o meu desaparecimento e vocês sabem disso.

Gianna estreitou o olhar.

— Você já tem um plano, não é?

Assenti e contei para elas o que tinha em mente.

Quando acabei, Gianna balançou a cabeça.

— Ou isso é genial ou insano, não consigo decidir.

— Vai dar certo, é só o que importa.

Lily mordeu o lábio inferior.

— Se você for pega, Luca vai ficar furioso.

— E mesmo que seus planos deem certo, como você vai explicar a aparição repentina de Fabi em Nova York? — perguntou Gianna.

— Vou dizer que Fabi fugiu de Chicago e veio para cá. Luca irá acolhê-lo.

Gianna se levantou e se sentou na cadeira ao meu lado, pegando as minhas mãos.

— Aria. Você não está fazendo uma coisa pequena. A *Famiglia* está em guerra com a Outfit. Luca vai perder a cabeça se descobrir que você foi para Chicago pelas costas dele.

— Essa guerra não é nossa! Por que deveríamos ficar longe do nosso próprio irmão só porque os Homens de Honra resolveram que se odeiam?

Gianna bufou. — Você se dá conta de que estas palavras são minhas?

— Mas Gianna está certa. Luca vai ficar furioso.

— Ele não vai descobrir. Ele não pode descobrir nunca. Vai morrer de preocupação se descobrir que fui até o território inimigo.

Capítulo 15

ARIA

Luca estava ligado à Famiglia de um jeito que eu nunca estaria. Eu era leal a Luca, mas ele tinha que entender que lealdade não era o mesmo que obediência inquestionável. Luca, Romero e Matteo ainda estavam ocupados em Nova York e, à tarde, a reunião da *Famiglia* seria encerrada. Isso manteria a todos muito ocupados.

Eu tinha quatro seguranças para evitar. Três deles estavam em diferentes lugares no jardim, apenas um estava na mansão conosco. Levantei-me às três da manhã, me vesti, fiz a mala e saí do quarto. Gianna e Lily me esperavam no corredor escuro.

— Prontas? — sussurrei.

Gianna emitiu um som evasivo.

— Sim — sussurrou Lily. — Vou fingir que estou tendo um pesadelo e grito o mais alto que conseguir, e quando os seguranças vierem correndo, Gianna vai aparecer e agir como uma vaca e falar para eles fazerem silêncio porque você não está se sentindo bem.

Eu sabia que, fazendo isso, só conseguiríamos nos livrar de dois seguranças. Um permaneceria perto da água porque era o local mais vulnerável na propriedade, já que não havia nenhum portão a ser ultrapassado. Eu só podia esperar que os outros estivessem distraídos o bastante para eu escapar. Eu tinha todos os códigos de segurança necessários porque Luca confiava em mim.

Abracei as minhas irmãs antes de sair andando pela casa. Sempre tinha um segurança sentado na área de convivência externa. Agachei e esperei pelo grito de Lily. Quando o ouvi, o primeiro segurança saiu correndo da sala de estar e subiu a escada, como esperado, e eu aproveitei o momento para descer a escada correndo e ir para ala oeste. Os gritos de Lily extinguiram-se lentamente quando digitei o código na fechadura da nossa porta dos fundos e saí. Coloquei meu gorro de lã e saí correndo pelo gramado, perto dos arbustos, em direção aos portões. O segurança tinha saído do seu lugar. Os portões eram altos, com arame farpado no topo e zumbiam por causa da eletricidade. Era o local menos provável para os intrusos atacaram, então, os seguranças o deixavam primeiro. Sorrindo, entrei com o segundo código no sistema. O portão piscou uma vez, eu passei por ele e reativei a trava.

Esses portões deveriam manter as pessoas fora, não nos trancar lá dentro. No

entanto, eu teria que pedir a Luca para intensificar a proteção nas redondezas assim que voltasse a Nova York. Sem perder tempo, desci a estrada sinuosa até chegar à esquina onde havia pedido um *Uber* para me pegar. Poderia até rir de alívio quando avistei os faróis do carro. Gianna e Lily cuidariam do resto. Os seguranças não verificariam o meu quarto a menos que tivessem motivos, e Luca não tinha nenhum para desconfiar, nem nenhuma outra pessoa. Todos confiavam em mim.

Deixei minha culpa de lado.

*

O avião mal tinha acabado de levantar voo quando a náusea me pegou. Nunca havia tido essa reação a um voo. Desafivelei o cinto de segurança depressa e corri para o banheiro. Vomitar num banheiro estreito de avião subiu para o topo da minha lista de "nunca fazer", porém, não conseguia manter a comida lá dentro. Assim que me inclinei sobre o vaso sanitário azul-acinzentado, meu estômago ejetou meu café da manhã. Dei descarga depressa e lavei as mãos e o rosto.

Eu ainda me sentia mal e, lentamente, uma constatação horrível se apoderou de mim. Minha menstruação ainda estava atrasada. A ligação de Fabi havia me distraído, mas agora tudo voltou. As pílulas não tomadas, o meu enjoo. Era um atraso de quase duas semanas.

Afundei encostada na parede, tentando lembrar quando tinha vindo a última vez. Nos primeiros anos depois da primeira menstruação, ela era bastante irregular, mas, desde que comecei a tomar a pílula, logo antes do meu casamento com Luca, isso havia mudado. Dois ou três dias de atraso ainda acontecia às vezes… mas quase duas semanas?

As coisas têm sido muito estressantes nos últimos meses por causa de Lily e Romero. Por quantas vezes me esqueci de tomar a pílula? Eu não tinha certeza. Não tinha contado. Deveria ter contado depois da ligação com Fabi.

Definitivamente algumas vezes, contudo, estive ocupada me preocupando com a minha irmã, com Luca, meu casamento e todas as outras coisas para dar muita atenção a isso.

Talvez eu estivesse tirando conclusões erradas. Poderia ser que eu estivesse ficando gripada ou que meu estômago estivesse reagindo ao estresse.

Sim, era isso.

Com a mão trêmula, abri a porta e voltei para o meu assento. A comissária de bordo me olhou com preocupação, porém, sorri brevemente para ela para mostrar que estava tudo bem. Eu não queria que fizessem um pouso de

emergência por pensar que eu estava muito doente.

De volta ao meu assento, fui dominada pela preocupação. Não conseguia parar de imaginar. E se eu estivesse grávida? Na última vez que Luca e eu discutimos o assunto, ele estava bem determinado a não querer filhos num futuro próximo. As coisas estavam perigosas demais para trazer um bebê a este mundo. Mas quando isso mudaria, principalmente agora que Dante havia declarado guerra contra nós? Esta guerra era ridícula.

Não fazia sentido me preparar para nada. Enjoo não queria dizer que eu estava grávida. Assim que eu voltasse a Nova York, poderia fazer um exame de gravidez e, aí, saberia melhor. Até lá, precisava focar na missão atual. Tinha que entrar em contato com Val, falar com ela para arrumar um encontro com Fabiano e tentar convencê-lo a vir comigo para Nova York. Só que a última parte eu não mencionaria a Val.

*

Era estranho estar de volta a Chicago. A cidade onde cresci não parecia mais o meu lar e não era por causa da guerra entre a *Famiglia* e a Outfit. Eu não era a mesma pessoa que costumava ser há mais de quatro anos quando fui para Nova York.

No entanto, apesar da guerra, a cidade não parecia nem um pouco diferente do que em qualquer outra visita. Tudo estava em paz. As pessoas estavam ansiosas para a época de Natal.

Meus cabelos estavam escondidos embaixo da peruca e tinha um lenço enrolado no pescoço. Felizmente, o inverno de Chicago justificava aquele tipo de traje, então, eu não chamaria atenção. Nem mesmo o meu grosso casaco de lã impedia o frio de cortar a minha pele.

Caminhei livremente pelas ruas, como não fazia há muito tempo. Era estimulante ser tão livre assim. Eu estava acostumada à gaiola dourada que era a minha vida. Eu amava Luca. Não conseguiria viver sem ele, mas, às vezes, queria ter mais liberdade. Sabia que havia limites para o que ele me permitiria fazer. Ele me ajudou com a faculdade por um tempo, algo que muitos poucos homens na posição dele teriam feito, mas, no fim das contas, ele e eu sempre estávamos limitados pelas regras da vida na máfia.

Esta era a primeira vez na vida que eu não tinha um guarda-costas no meu encalço. Observei os transeuntes, me perguntando como eles passavam os dias, como era ser livre do confinamento da máfia do qual eu nunca estive verdadeiramente livre, nem as minhas irmãs, nem mesmo Gianna quando estava fugindo porque sempre foi somente isso: fuga.

Nunca tive tanto ressentimento da vida na máfia quanto Gianna tinha, porém,

às vezes, eu ansiava por momentos de liberdade. A faculdade me deu uma amostra, mas sempre foi apenas isso: uma provinha. Eu nunca deixaria o meu mundo, não porque Luca não permitiria, embora isso também fosse verdade, mas porque era o único lugar a que eu pertencia verdadeiramente. Era o mundo que eu conhecia.

Esperava que Val não tivesse mudado sua rotina desde a última vez que conversamos pelo telefone. Eu havia cronometrado todo o meu plano em torno disso.

Esperei do outro lado do restaurante onde ela se encontrava com Bibiana para o *brunch* todas as quartas-feiras, com um copo de café para viagem nas minhas mãos enluvadas numa tentativa de continuar aquecida apesar das temperaturas congelantes. Fiquei aliviada quando uma limusine *Mercedes* com vidros escuros finalmente estacionou em frente ao restaurante e Val saiu, tão alta e majestosa como sempre, com sua barriga de grávida esticando o sobretudo. Ela devia estar entrando no nono mês. Será que eu estaria assim daqui a oito meses? Livrei-me do pensamento. Não era hora para sonhar acordada.

Val não estava sozinha. Ela segurava a mão de uma menininha, Anna, sua filha de três anos. Não pude evitar um sorriso, mas ele desapareceu quando me dei conta de que não a veria crescer, apesar de ser sua madrinha. Dois guarda-costas as seguiram para dentro do restaurante. Eu já os tinha visto, mas não sabia seus nomes.

Olhei para os dois lados da rua e atravessei depressa para o outro lado, direto para dentro do restaurante tipo bistrô. Eu não tinha uma reserva, mas esperava que me encaixassem. Aproximei-me do garçom, tirando meu gorro de lã, esperando que a peruca escondesse a minha identidade, mas tive que abaixar o lenço. Fiquei de costas para onde estavam as mesas. Sabia que os guarda-costas de Val estariam me observando porque entrei depois deles.

— Mesa para dois? — perguntou o garçom, um homem bem apessoado com menos de trinta anos.

— Sou só eu — falei e tirei o meu casaco, revelando um jeans escuro e uma blusa branca, assim, os guarda-costas de Val me veriam como uma mulher pequena, *uma ninguém*, sem armas, e me considerariam sem importância.

O garçom sorriu.

— Não me diga que você não tem quem te levaria para um *brunch*? Uma moça bonita como você não deveria comer sozinha.

Pisquei, levando um tempo para perceber que ele estava me paquerando. Nunca ninguém fez isso em Nova York. A maioria das pessoas conhecia o meu rosto e, embora oficialmente, Luca fosse apenas um empresário com um passado duvidoso, todos sabiam o que ele era de verdade. Sem falar que eu nunca ia a

lugar nenhum sem guarda-costas.

— Não tem ninguém — falei, me dando conta de quanto tempo fazia que Luca e eu não saíamos para jantar. Meu coração apertou de arrependimento. Quando voltasse, pediria a ele para fazer uma reserva no restaurante coreano onde ele me levou no nosso primeiro encontro de verdade.

— Venha comigo. Tenho uma mesa para você.

Arrisquei dar uma olhada por sobre meu ombro, mas, como esperado, os guarda-costas não estavam mais prestando atenção em mim. Eles estavam de olho em Val e na filha dela, apenas de vez em quando olhavam em direção a uma mesa com homens de terno à direita. Homens de Honra sempre viam apenas os homens como perigo.

Sentei-me na cadeira que o garçom me ofereceu e alisei a peruca, preocupada que ela pudesse ter saído do lugar por causa do gorro de lã que usava, mas tudo parecia direito. Depois de pedir um chá de hortelã para acalmar meu estômago e um omelete com abacate e torradas, fingi estar ocupada verificando meu celular enquanto arriscava um olhar esporádico em direção a Val. Bibiana chegou com a filha cerca de cinco minutos depois que eu me sentei. Eu ainda ficava admirada como ela parecia saudável desde que o marido foi assassinado.

O garçom trouxe o meu chá e a minha comida, mas continuava voltando para perguntar como eu estava e flertava mais. Fiquei um pouco irritada, já que tinha que focar em Val. Precisava avaliar o momento perfeito. Mal toquei na comida. Sempre amei abacate, mas uma simples mordida fez o meu enjoo aumentar e apenas um grande gole de chá me impediu de sair correndo para o banheiro.

Val e Bibiana riam de alguma coisa, sem prestar atenção em Anna por um instante e, então, me veio a ideia. Anna derramou uma bebida em si mesma e começou a chorar. Levantei-me rápido e fui para o banheiro feminino. Lá dentro, me escondi numa cabine para esperar. Meu coração martelou em meu peito quando ouvi o barulho da porta abrindo e, logo depois, de passos. Saltos altos.

— Está tudo bem, querida — cantarolou Val.

Sorri diante do amor em sua voz. Logo o choro da filha dela parou. Dei descarga e Val ficou em silêncio. Quando saí da cabine, ela, que estava enxugando o vestido da filha com um guardanapo, olhou para cima. Custou um segundo olhar em meu rosto para me reconhecer. Ela arregalou os olhos e deu uma olhada rápida nas cabines atrás de mim, esperando que eu não estivesse sozinha. Será que ela pensava que era uma armadilha?

Meu Deus. Eu era prima dela.

— Oi, Val — falei sorrindo.

Devagar, ela relaxou e sorriu em resposta, entretanto, franziu a testa.

— O que você está fazendo aqui?

Anna pareceu confusa. Ela era a Val todinha. Cabelos castanhos, mesmas feições, exceto pelos olhos azuis claros de Dante. Como seria meu filho com Luca? Pus a mão na minha barriga e me dei conta de que ficaria feliz se descobrisse que estava grávida.

Val seguiu a minha mão e eu a tirei depressa. Ela soltou a filha e veio até mim, me puxando para um abraço, mas sua barriga dificultava o ato. Quando ela se afastou, seu olhar era acolhedor.

— Que bom te ver de novo, mas você não deveria estar aqui. É perigoso demais.

— Tia Aria? — falou Anna com sua voz alta, finalmente me reconhecendo apesar da peruca.

Val se virou depressa e colocou um dedo sobre os lábios dela.

— Shh, Anna. Ninguém pode saber que Aria está aqui, certo? Ela está brincando de pique-esconde e nós não queremos que ela seja pega, não é?

— Não — concordou Anna assentindo rapidamente ao vir até mim.

Abaixei-me para ficar da mesma altura que ela e a abracei.

— Você está ficando maior a cada dia.

— Vou ser a irmã mais velha logo — falou orgulhosa.

— Eu sei. Tenho certeza de que será uma ótima irmã mais velha.

Ela concordou com mais entusiasmo ainda.

Bateram na porta e uma voz grossa masculina foi ouvida:

— Sra. Cavallaro, está tudo bem aí dentro?

— Está, me dê mais uns minutinhos, Enzo. Precisei tirar meu suéter para limpá-lo. Anna também o sujou.

Sorri, sabendo o que ela tinha feito. O guarda-costas não entraria se tivesse o risco de ver a esposa de Dante seminua.

Quando Val voltou a olhar para mim, despertei.

— Vim para ver Fabiano, Val. É o único motivo pelo qual estou aqui.

Ela me lançou um olhar apologético.

— Não temos muito tempo até que Enzo comece a desconfiar.

— Eu sei. Que tal nos encontrarmos esta noite?

— Vai ser difícil me livrar dos meus guarda-costas. Desde que engravidei

novamente e que a guerra foi declarada, Dante está mais cauteloso. — Depois de um momento, ela me lançou um olhar determinado. — Mas tenho certeza de que posso inventar alguma coisa.

Assenti. — Você pode providenciar que Fabi também esteja presente?

Enzo bateu novamente.

— Sra. Cavallaro?

Val revirou os olhos.

— Sim, já vou sair! — Ela parou. — Aria, não sei se vou conseguir trazê-lo, mas vou ver o que posso fazer. Vamos combinar às 17h em Santa Fé? — Val jogou água em sua blusa.

— Estarei lá.

Abracei as duas outra vez antes de voltar para a cabine e, logo depois, ouvi Val e Anna saírem do local. Esperei alguns minutos até outra cliente entrar, antes de sair do banheiro e voltar para a minha mesa. Val conversava com Bibiana como se nada tivesse acontecido. Ela havia se tornado uma boa atriz durante o casamento, mas eu também. Paguei a conta e saí do restaurante antes de os guarda-costas de Val me reconhecerem. O frio de Chicago me pegou conforme eu caminhava pelas ruas. Sabia aonde queria ir, para a minha antiga casa, para ver se Fabiano estava lá, mas esse era um risco que eu não podia assumir. Se meu pai me reconhecesse, ele me entregaria sem pensar duas vezes.

Precisava encontrar uma cafeteria onde pudesse esperar o meu encontro com Val mais tarde, mas, primeiro, compraria uma faca só por precaução.

Capítulo 16

ARIA

Cheguei em Santa Fé meia hora adiantada e escolhi uma mesa perto da janela para poder ver a rua. Eu confiava em Val, mas não era idiota. Ela era minha amiga, só que, mais do que isso, era a esposa de Dante. Não acreditava que ela lhe contaria sobre nosso encontro, mas preferi ter um cuidado extra.

O garçom me trouxe um chá. Deu para notar que ele achou estranho eu beber chá de hortelã no jantar, mas era a única coisa que eu conseguia engolir no momento. Fiquei meio tentada a entrar numa farmácia e comprar um teste de gravidez enquanto esperava pelo encontro, mas decidi não fazer isso.

Uma mulher grávida com um sobretudo preto chamou a minha atenção ao sair de um táxi. Ela correu em direção ao restaurante e logo depois Val apareceu lá dentro sem Fabiano, mas eu temia que seria assim. Ela me viu e fez um gesto para o garçom dizendo que se juntaria a mim.

Val sentou-se na minha frente à mesa.

— Aria — falou ela sorrindo suavemente, contudo, deu para notar que estava tensa.

Não havia trazido a filha. Claro que não. Esta guerra não era nossa, mas fazíamos parte dela. O garçom veio e anotou nosso pedido, retirando-se novamente.

— Val, Anna é tão linda. Sinto uma saudade absurda dela — falei. — Para quando é seu filho?

— Se ele resolver chegar na hora certa, será daqui a cerca de três semanas — respondeu sorrindo. — E quanto a você e Luca, vocês querem filhos?

Desviei o olhar e, sem pensar, minha mão foi para a minha barriga.

— Eu quero, só que Luca não vai trazer crianças para uma guerra.

Ela assentiu, porém, havia um olhar cúmplice em sua expressão.

— Era por isso que Dante não queria um segundo filho, mas nunca é um bom momento para trazer crianças para o nosso mundo. Nossos homens às vezes estão tão envolvidos com guerras do tráfico e jogos de poder que esquecem o que realmente importa.

— Família — terminei, e ela assentiu. Ficamos nos encarando. Isso já era mais informação do que nossos maridos provavelmente queriam que nós

compartilhássemos. Val deveria ser minha inimiga.

Como se ela também tivesse se lembrado disso, sem semblante contraiu.

— Por que você está aqui, Aria?

— Já te falei, por causa de Fabi. Estou preocupada com ele. É Natal e ele está sozinho.

Val não me contradisse, porque ela conhecia meu pai.

— Como ele está? — perguntei preocupada, lembrando-me da última ligação dele, que ainda cortava meu coração.

Val encolheu os ombros levemente.

— Ele ainda está no processo de iniciação. Pelo que posso perceber, parece estar fisicamente bem.

Roupas podiam esconder muitas coisas… nós duas sabíamos disso.

— Você acha que tem algum jeito de eu conseguir vê-lo?

Ela piscou incerta.

— Ele faz parte da Outfit. Não sei se é uma boa ideia.

Sua lealdade estava com Dante e, mesmo assim, ela estava aqui, mas sua amizade para comigo tinha limites.

— Só que ele também é meu irmão, meu sangue, Val. Eu praticamente o criei até ter que ir morar em Nova York. Quero protegê-lo como uma mãe faria com seu filho. — Eu não tinha certeza se isso era verdade, já que eu ainda não tinha filhos, mas sabia que Val entenderia. Ela tocou em sua barriga redonda, unindo as sobrancelhas.

— Esta guerra é tão desnecessária… — murmurou.

— Nossos maridos não concordam. Ou será que tem alguma maneira de convencer Dante a voltar com a trégua?

Val suspirou. — Orgulho e honra. Luca e Dante serão impedidos de estabelecer outra trégua. Nós duas sabemos que eles nunca gostaram muito um do outro.

— Queria que isso não fosse verdade — falei baixinho. Meus olhos foram atraídos para a entrada porque a porta abriu.

Congelei quando registrei o homem alto que entrou no restaurante. Cabelos loiros, olhar frio, vestindo um terno completo cinza.

Val seguiu meu olhar e empalideceu.

— Não falei nada para ele, Aria. Eu nunca faria…

Ele parou ao lado da nossa mesa. Dante Cavallaro.

— Ela não falou — confirmou ele num tom de voz perigoso que me deu um arrepio na espinha. Ele nivelou seus frios olhos azuis nos de Val. — Mas em tempos como estes, não vou te deixar ir a lugar nenhum sem o meu conhecimento.

— Você me rastreou — disse ela, olhando para baixo, para o seu celular, que estava na mesa.

— Sim, isso, e Enzo reconheceu um rosto familiar esta manhã durante seu *brunch* com Bibiana, mas ele não tinha certeza e, quando me mandou uma foto de Aria e eu mandei pegá-la, ela já havia desaparecido.

Enzo conseguiu tirar uma foto minha? Meu Deus, eu era uma idiota. Dante me assustou quando se sentou no mesmo banco em que eu estava, não no de Val. Fui obrigada a escorregar para o lado para lhe dar espaço para se sentar. Desse modo, ele não me deixava uma rota de fuga. Meus batimentos cardíacos dobraram.

Val arregalou os olhos e seu rosto encheu-se de preocupação. Preocupação por mim.

— Dante — invocou ela num tom de voz apaziguador.

— Vá lá para fora. Dois dos meus homens estão te esperando. Eles te levarão para casa.

— Dante — ela tentou novamente.

— Valentina — falou ele bruscamente, e o olhar que lançou para ela me deu arrepios. Repousei minhas mãos trêmulas no meu colo.

Ela se levantou devagar, com olhos apologéticos ao pousarem em mim.

— Obrigada por vir, Val — agradeci, tentando manter a voz calma, mas falhei miseravelmente.

Ela assentiu, depois se virou e saiu.

Dante virou o corpo em minha direção. Encontrei seu olhar, tentando esconder o quanto ele me assustava, mas, apesar de eu ter me tornado muito boa atriz, sabia que ele conseguia enxergar através de mim. A expressão dele não entregava nada. Será que eu poderia esperar por misericórdia? Por compaixão? Só que eu sabia a resposta para essa pergunta. Dante comandava a Outfit. Ele era como Luca em diversos aspectos.

— Vou chamar o garçom agora e pagar o jantar. Vamos nos levantar juntos, você vai se manter ao meu lado e vamos para o meu carro e entraremos nele — falou com uma voz sem emoção, seus olhos detinham um aviso claro.

Engoli em seco e assenti. Porque era só o que eu podia fazer. Não era como se eu tivesse alguma escolha. Forcei um sorriso quando o garçom veio. Dante pagou e se levantou. Ele pegou o meu casaco, que eu havia jogado em cima do encosto, e o estendeu para mim, seu rosto era uma máscara de educação. Seus olhos contavam uma história diferente.

Levantei-me e o deixei me ajudar a vestir o casaco. Estremeci quando suas mãos tocaram meus ombros e ele se aproximou, falando ao meu ouvido:

— Não tente correr nem fazer nada estúpido, Aria. Eu odiaria ter que te machucar.

Dei outro aceno de cabeça e ele soltou meus ombros, depois, segurou a minha mão. Fiquei ainda mais tensa, porém, o segui para fora em direção à sua *Mercedes*. Ele abriu a porta do carona para mim, seu olhar analisava os arredores enquanto eu entrava. Quando ele fechou a porta, soltei um suspiro trêmulo. Meu coração pulsava loucamente dentro do meu peito. Estávamos em guerra. Guerra.

E eu era a esposa do Capo e havia me permitido ser capturada pela Outfit.

Não entre em pânico.

Chicago já foi o meu lar um dia. Dante me conhece a vida inteira.

Dante não era conhecido por machucar mulheres, mas, e se ele me usasse como uma vantagem? Uma forte onda de enjoo tomou conta de mim e foi preciso toda a minha força de vontade para forçá-la a descer.

Dante entrou atrás do volante e pôs o carro na rua.

— Presumo que esteja sozinha. — Ele estava focado no tráfego, mas eu sabia que estava ciente de cada movimento meu.

— Estou — falei.

— Você não deveria ter vindo a Chicago — declarou ele ao olhar os espelhos retrovisores como se esperasse que alguém nos seguisse. Temi que ele estivesse certo. Luca estava certo: eu agia sem pensar quando dizia respeito aos meus irmãos.

Em algum momento, Dante desviou o carro para o lado, me assustando, e freou. Estávamos num local deserto perto dos trilhos. Ele não falou nada. Fechei os olhos. Este era um lugar onde ninguém me ouviria gritar, um lugar onde corpos poderiam ser desovados.

Apertei os dedos nos joelhos ao me lembrar da faca que eu havia comprado esta tarde na minha bolsa. Uma bolsa que estava entre meus pés na frente do banco. Só que para eu pegá-la, teria que me abaixar e abrir a bolsa. E para sair deste carro com vida depois de puxar uma faca para Dante, precisaria de um milagre.

Abri os olhos e olhei para baixo, para a minha bolsa. Luca e eu havíamos praticado legítima defesa ao longo dos anos e contra um homem inexperiente, eu poderia ter me defendido, mas Dante era o Chefe. Ele podia matar sem derramar uma gota de suor.

E, então, Dante estava sobre mim, alto e aterrorizante, seu braço roçou na minha coxa e eu me desvencilhei dele, batendo a cabeça na janela.

— Não — ofeguei.

Os olhos azuis de Dante encontraram os meus, a realização refletiu em seu rosto, porém, ele não se afastou imediatamente, ainda estava perto demais, como se esperasse por algo. Então, ele se endireitou, segurando a minha bolsa. Ele a pegou do meio das minhas pernas. Suspirei e enxuguei depressa uma lágrima traidora, esperando que a minha reação emocional não fosse por estar grávida. E se estivesse arriscando este bebê? Meu Deus, o que eu fiz?

Dante abriu a minha bolsa, tirou a faca e a colocou no compartimento lateral, depois, pôs a bolsa de volta aos meus pés.

Eu ainda estava encostada na janela com o pulso acelerado.

— Aria — começou Dante com firmeza, atraindo meu olhar para os seus olhos. Eles não estavam exatamente tranquilos, mas, pelo menos, haviam perdido um pouco do tom ameaçador. — Você é a esposa de Luca; uma guerra não vai mudar isso. E mesmo que não fosse esposa dele, não deveria temer que eu, ou ninguém mais em Chicago, fizesse *aquilo*. Eu juro.

— Obrigada, Dante — sussurrei. Endireitei-me no banco, envergonhada pelos meus atos.

— Não há necessidade de me agradecer por respeitar seu corpo.

— Então, o que você fará comigo?

Ele me encarou sem nenhum pingo de emoção.

— Suponho que a questão seja essa. Eu deveria te usar para punir Luca e a *Famiglia*.

Eu estremeci.

— Ou, no mínimo, te usar como vantagem para chantageá-lo.

Era o que eu temia.

— Luca é o Capo. E não vai colocar a *Famiglia* em risco.

Dante sorriu friamente. — Contudo, você é a esposa dele e eu vi o jeito que ele te olha. Só há uma coisa pela qual Luca arriscaria sua posição de Capo, e essa é você.

Ai, meu Deus, se Luca perder seu território ou a confiança dos seus homens por minha causa, ele nunca vai me perdoar.

— Acho que você está superestimando o meu valor. A primeira escolha de Luca sempre será a *Famiglia*.

Dante inclinou a cabeça, encarando-me como um bem.

— E eu acho que você está subestimando seu valor por um bom motivo.

— Não estou. Luca não arriscaria seu território. Você não o conhece tanto quanto eu.

— E esse é o problema. Se Luca não atender às nossas solicitações, terei que tentar convencê-lo.

— Me machucando — falei.

Ele assentiu. — Te machucando. Não sou muito a favor de causar dor em mulheres. — Entretanto, ele teria que fazer isso. — No entanto, a Outfit é onde mora a minha preocupação. — Ele disse isso como se tivesse feito sua escolha.

— Ainda tem Matteo e o resto da *Famiglia*. Luca tem que considerar a vontade de todos.

— Luca sabe como fazer as pessoas verem as coisas do jeito que quer que sejam vistas. Luca é o Capo mais forte que Nova York já teve há tempos. Seus homens o respeitam, mas eles não conhecem sua fraqueza.

Eu era a sua fraqueza.

Meus olhos arderam com as lágrimas. Nunca quis tornar Luca fraco, e precisava me certificar de que ele não aparentaria fraqueza na frente dos inimigos, porque era isso que Dante era. Respirei fundo.

— Luca vai fazer qualquer coisa para continuar sendo Capo. Está no sangue dele. Em última instância, se ele tiver que escolher entre mim e o poder, ele escolherá o poder, acredite. — Encontrei o olhar gélido de Dante e esperei que ele pudesse ver que as minhas palavras não eram mentira.

Dante não falou nada por um tempo, apenas me encarou.

— Pode ser. Mas talvez você só esteja tentando salvar a Luca e a si mesma. Talvez você perceba que estar aqui poderia significar o fim da *Famiglia*.

— Não importa o que você faça comigo, Luca não vai desistir do território dele. Luca não vai ceder a ninguém.

— Mas ele não vai recuar e te deixar ser torturada.

Eu me mexi no banco, arregalando os olhos em choque antes de conseguir disfarçar, e Dante curvou os lábios num sorriso.

Dane-se a máfia. Dane-se Dante e sua manipulação. Afastei meu pânico e falei com firmeza:

— Ele não vai fazer isso. Vai atacar Chicago e matar todos os homens. Ele mostrará força, não fraqueza. Luca é o homem mais impiedoso que eu conheço, Dante, e eu cresci conhecendo *você*. Não confunda sua possessividade com qualquer outra coisa. Eu sou posse dele e ele enfrentará sua cidade e seu lar para se vingar. — Tive que obrigar cada palavra a passar pelo nó na minha garganta, pelo meu medo. Eu precisava ser forte por Luca, não podia permitir que Dante me usasse contra ele. Eu faria qualquer coisa por Luca.

Dante se inclinou para frente com o olhar endurecido.

— E eu farei o mesmo com Nova York. Você cresceu vendo a minha máscara civilizada, Aria. Não a confunda com a minha verdadeira natureza. Luca carrega seu monstro por fora; eu mantenho o meu enterrado até precisar dele.

Eu não duvidava disso. Luca atacaria e Dante revidaria. Pessoas morreriam. Talvez as minhas irmãs, talvez Fabi. Talvez Luca. E eu não podia permitir isso. Analisei as minhas opções. Poderia tentar me matar, entretanto, Luca com certeza incendiaria Chicago. Poderia tentar implorar a Dante que me poupasse por eu ser mulher, mas sua expressão impiedosa me dava pouca esperança. Tentar seduzi-lo estava completamente fora de questão, não que ele me parecesse um homem que deixaria seus instintos básicos se sobreporem à lógica… e havia Val. Não que eu beijaria qualquer um além de Luca. Meu Deus, eu estava começando a enlouquecer. Meu estômago revirou e o enjoo desabou sobre mim com tanta força que alcancei a porta para sair, porém, ela estava fechada, é claro.

— Aria — disse Dante em advertência.

— Eu vou vomitar — ofeguei e ele olhou para a minha cara e destrancou o carro.

Saí cambaleando e corri para trás do carro, me debrucei e vomitei o chá e o muffin que comi à tarde. Apoiei-me no porta-malas da *Mercedes*, tentando recuperar o fôlego. A calça cinza de Dante apareceu na minha visão periférica, mas eu não fiquei com vergonha. Já tinha passado desse ponto. Lágrimas escorriam pelo meu rosto ao me grudar no carro.

— Toma — falou Dante em voz baixa, estendendo um lenço.

Peguei-o com um “obrigada” murmurado, e limpei a boca. Apoiando-me, levantei a cabeça e encontrei o olhar de Dante. Ele estava intrigado.

— Isso é medo ou alguma outra coisa? — perguntou.

Encarei seus olhos azuis. Dante era pai e Val estava grávida outra vez. Precisava confiar que isso me salvaria. Resolvi seguir com a verdade implacável.

— As duas coisas. Nunca tive tanto medo de você quanto hoje.

A expressão de Dante não mudou, mas isso não significava que as minhas palavras não tenham feito o mínimo efeito nele. Precisava ter a esperança de que sim.

— Mas não é isso — comecei, e hesitei. Admitir uma gravidez ou salvaria Luca e a mim, ou o condenaria junto com a *Famiglia*. — Estou grávida.

Os olhos de Dante voaram para a minha barriga.

— Você vai ter um filho de Luca?

Eu não tinha certeza, mas tudo apontava para isso. Endireitei-me apesar do enjoo e da tontura.

— Vou.

— Espero que você entenda que não posso acreditar no que diz — declarou Dante com a voz endurecida.

Pisquei. — O que quer dizer?

— Quero provas.

— Provas? — repeti. — E se o que estou dizendo for comprovado?

— Aí, eu decido. — O rosto de Dante era uma máscara impenetrável. — Volte para dentro do carro, Aria.

*

Dante me levou a uma farmácia, mas eu tive que ficar trancada no carro enquanto ele comprava um teste de gravidez. Eu estava começando a achar que havia cometido um enorme erro ao contar para Dante que estava grávida. Se o teste comprovasse a gravidez, ele teria ainda mais vantagem sobre Luca, e se o teste provasse que eu menti, ele ficaria menos inclinado a me poupar, de alguma forma. Às vezes, eu achava que podia jogar esses jogos de poder, porque via Luca e Matteo jogá-los, mas nossos homens tinham anos de experiência sobre nós.

Fechei os olhos e pus a mão na minha barriga lisa, sem saber o que esperar. Abri os olhos quando a porta abriu e Dante entrou. Os olhos dele foram para a minha mão na barriga e eu a tirei.

Ele estendeu o pacote e fechou a porta.

— Onde eu deveria fazer o teste?

— Não posso te levar a um local público qualquer. Odiaria encontrar alguém que te reconhecesse.

Porque isso o obrigaria a agir.

Ele tirou o carro do meio-fio e nos levou a um estacionamento abandonado perto da água.

— Aqui? — perguntei.

— Aqui. Não posso levar seu pudor em consideração. — Ele saiu do carro e eu o segui. Tremendo, olhei à minha volta.

— Esconda-se atrás da mala, vou esperar aqui. Se você fizer qualquer coisa para levantar suspeitas, eu vou ver, entendeu? — Dante estreitou os olhos para mim e deu um aceno breve, então, caminhei para trás do carro e abri o zíper do jeans. Dante ficou de costas para mim e eu abaixei a calça antes de me agachar e segurar o palito do teste sem jeito entre as pernas. Demorei um pouco para relaxar o bastante para urinar, mas Dante não falou nada.

Levantei-me, coloquei o teste em cima do porta-malas e me vesti.

— Pronto — anunciei.

Dante se virou, mexeu dentro do carro, depois, veio até mim e me entregou lenços de papel.

— Você é preparado — falei com uma risada amargurada.

— Normalmente, o que limpo com eles é sangue.

Olhei para ele. Será que estava tentando me intimidar ou apenas sendo honesto? Não conseguia decifrar, não o conhecia o suficiente para isso.

Esperamos o tempo que faltava em silêncio, até Dante acenar. Peguei o teste com as mãos trêmulas e abri a tampa.

Olhei para o teste e comecei a chorar.

Grávida.

Dante me observava em silêncio. Mostrei-lhe o teste, mas ele sabia. Mais silêncio se seguiu.

— Luca não sabe — afirmou Dante.

Assenti em confirmação. Segurei a beirada do carro. Eu estava esperando um filho de Luca. Um bebê. Olhei para baixo, para mim mesma, e um pavor, diferente de tudo que já senti, tomou conta de mim. Eu tinha vindo para Chicago, para o território inimigo, com o bebê de Luca dentro de mim. Eu era muito burra, burra demais.

— Aria. — A voz de Dante estava mais suave do que esteve durante toda a noite, eu olhei para ele, e, por vários segundos, nenhum de nós dois se mexeu. Não sabia bem o que fazer.

— Sei que você deve pensar na Outfit — sussurrei, mas ele me calou erguendo a mão.

— Eu vou te deixar ir. Luca é meu inimigo. Não acho que isso vá mudar tão cedo, mas você é uma mulher inocente e carrega o filho dele. Gostaria que ele fizesse o mesmo se Valentina chegasse a cair nas mãos dele, o que não vai acontecer. — Seus olhos brilharam de fúria. Protetor como Luca. Valentina era a fraqueza de Dante assim como eu era a de Luca.

Não tenho certeza do que Luca teria feito se estivesse no lugar de Dante. Queria acreditar que teria feito a mesma escolha.

— Mas, Aria, não confunda as coisas: se algum dia eu cruzar com Luca, vou matá-lo e não vai ser rápido.

Estremeci porque acreditava nele.

— Não conte a Luca sobre isso — ordenou ele.

— Não vou contar, acredite. — Se Luca ficasse sabendo sobre isso, ele enlouqueceria.

Ele assentiu secamente.

Dei um passinho em sua direção.

— Obrigada, Dante. Muito obrigada.

Outro aceno brusco. — Você já tem a passagem de avião?

— Tenho, meu avião sai em três horas.

— Vou te levar para o aeroporto.

Voltamos para dentro do carro e, novamente, minha mão foi de encontro à minha barriga, ainda sem conseguir acreditar que havia um serzinho crescendo dentro de mim. O resultado do nosso amor, meu e de Luca.

Dante estava tenso ao meu lado ao dirigir para o aeroporto. Ele parou em frente ao terminal de partida e se virou para mim com uma expressão predatória assumindo seu semblante.

— Nunca mais volte a Chicago, Aria. Desta vez, estou fazendo isso, mas, da próxima, farei o que for necessário para garantir que a Outfit vença esta guerra.

— Não pode haver paz novamente? Pelos seus filhos e pelos nossos. Por Fabi e todos os outros que sofrerão nesta guerra.

Dante sorriu friamente. — Se Luca entregar Romero e Liliana, e se pedir desculpas, aí, talvez, possa haver paz.

Luca não faria nenhuma dessas coisas e nós dois sabíamos disso. Dois homens que se odiavam e outros homens ansiosos para acabar uns com os outros

colocaram todos nós na escuridão, crianças e mulheres igualmente, e o meu filho nasceria neste mundo sombrio.

Nascido no Sangue. Jurado com Sangue. Entro com vida e só sairei depois da morte.

— Saia — falou Dante, e eu saí. Não olhei para trás ao entrar no aeroporto. Nunca mais veria Chicago, nunca mais veria Fabi. Coloquei a mão na barriga, buscando consolo. Tinha que confiar que Fabi era forte o bastante para sobreviver na Outfit. Não podia arriscar nada novamente, não com um bebê crescendo dentro de mim, não se eu quisesse proteger Luca e a nossa família.

Enquanto embarcava no avião, me perguntei outra vez se Luca teria feito o mesmo. Será que ele teria deixado Val ir embora?

*

LUCA

Meu controle estava por um fio enquanto ouvia meus homens. Matteo também parecia ter a plena intenção de aliviar os nossos tios do fardo da vida.

Tio Gottardo e tio Ermano pareciam estar numa discussão silenciosa, mas eu podia apostar que eles planejavam me destronar a portas fechadas. Ermano era um covarde e Gottardo era apenas ligeiramente melhor, mas, no fim, eles agiriam. Talvez Gottardo enviaria o filho legítimo que lhe restava para me matar.

— A guerra era inevitável — grunhi. — Vocês sabem disso tanto quanto eu. Não finjam que não estavam todos esperando por uma oportunidade para derramar o sangue da Outfit outra vez. — Meus Subchefes concordaram, assim como a maioria dos Capitães. Contudo, Gottardo e Ermano, não.

Meus olhos subiram para o teto alto da usina. Eu a escolhi para todas as reuniões dos meus Capitães e Subchefes nos últimos três anos para lembrá-los da minha declaração de sangue. Eu desconfiava de que a memória deles precisava ser refrescada.

Gottardo deu um soco na mesa, levando meu olhar de volta para ele, e empurrou a mão pacificadora de Ermano.

— Basta — resmungou ele. — Você arriscou muita coisa trazendo a Scuderi mais nova para cá e fazendo dele Capitão. — Gottardo acenou para Romero bufando com condescendência.

Romero ficou tenso em sua cadeira, porém, Gottardo voltou-se para mim.

— Tudo porque você deixou a Scuderi puta loira te comandar pelo pau.

Empurrei a enorme mesa e segurei meu tio pelo pescoço, erguendo-o de sua

cadeira e arremessando-a longe. Joguei-o contra a parede e fechei as mãos em seu pescoço, apertando o mais forte que pude. A cabeça dele ficou vermelha e os olhos esbugalhados. Ele enfiou as unhas em mim, me bateu e arranhou, mas não o soltei. Ninguém se atreveu a vir em sua ajuda enquanto ele lutava pela vida.

Encarei-o como havia feito muitos anos antes quando matei seu filho. Seus ossos cederam, furando a carótida e o esôfago. Ele sufocou, o sangue jorrava de sua boca. Tossindo, engasgou-se na porra do próprio sangue. Conforme ele ofegava, o sangue atingia meu rosto e minha camisa. Não aliviei até a luz deixar a porra dos olhos dele, depois, parei de apertar e deixei seu cadáver cair no chão aos meu pés. O local à minha volta entrou num silêncio mortal. Encarei meus homens. Minhas mãos, meu rosto e a minha camisa estavam cobertos de sangue e, pela expressão no rosto de Matteo, de choque e um deslumbramento doentio, sabia que era uma visão saída direto do inferno.

— Eu sou o Capo. Eu comando a Costa Leste. Eu comando vocês. Se alguém tem algum problema comigo, assuma e diga na porra da minha cara, e eu garanto uma morte rápida pra caralho. Mas juro pelo Céu e pelo Inferno que o jeito que estrangulei meu tio parecerá um final misericordioso para o próximo filho da puta que ousar insultar a minha mulher. Não vou tolerar nenhum tipo de desrespeito.

Muitos homens concordaram; outros pareciam ter cagado na calça. Eu não dava a mínima.

— Esta reunião está encerrada.

Gesticulei para os homens do meu tio e apontei para o filho dele, que não parecia particularmente triste com o fim do pai.

— Leve este cadáver para casa. Espero que você não compartilhe do destino de seu irmão e de seu pai algum dia.

Virei-me, de saco cheio dessa reunião. Matteo vinha logo atrás de mim enquanto eu saía da usina em direção ao meu *Aston Martin*.

Matteo se pôs à minha frente antes de eu conseguir me sentar atrás do volante.

— Acho que é melhor eu dirigir. Você não está muito são neste momento.

Empurrei as chaves para ele.

— Você acha? — resmunguei.

Ele foi para trás do carro no porta-malas, voltou logo depois e me estendeu uma camisa branca limpa.

— Talvez seja melhor você se trocar. Não quero ter que explicar isso para a polícia se formos parados. Nem todos eles estão na nossa folha de pagamento, lembra?

Tirei minha camisa e limpei o rosto e as mãos com ela, mas a mancha rosada ficou. Romero saiu depois de nós e entreguei a camisa para ele.

— Pode queimar isso?

Ele assentiu, seu olhar era de preocupação ao pegar a minha camisa. Eu não precisava da preocupação de ninguém. Eu estava bem.

Entrei no carro e Matteo foi para trás do volante. Seguimos em silêncio, mas ele continuava olhando para mim.

— Você está bem?

Eu fiz uma careta. — Já matei muita gente. Acha que ainda me importo?

— A última vez que estrangulou alguém, ficou um pouco descontrolado logo depois. De todo modo, você tem estado no limite, considerando tudo o que está acontecendo.

No limite era um jeito estranho de colocar. Desde que a guerra estourou, as vozes na *Famiglia* que me queriam fora haviam aumentado. Elas ainda eram minoria, mas tornavam a minha vida difícil. Talvez esta noite tenha silenciado alguns inimigos ou, talvez, tenha ganhado alguns novos. Ainda não dava para saber. Precisava substituir meus tios com Subchefes mais jovens, mais dignos de confiança. Já os tolerara por tempo o suficiente. Estava na hora de eles se aposentarem antes de eu precisar matar outro.

— Vamos voltar para as nossas esposas? Ou você precisa de mais tempo para se acalmar? — perguntou Matteo.

— Eu não preciso de tempo para me acalmar. Estou bem. Tudo o que eu quero é ter Aria nua embaixo de mim.

Matteo me lançou outro olhar. Eu raramente mencionava sexo com Aria. Odiava dividir sequer esse pedacinho de Aria com quem quer que fosse. Passamos o resto da viagem em silêncio. Normalmente, meu pulso desacelerava logo depois do assassinato, mas desta vez não foi assim. Quando estacionamos na entrada da mansão, eu ainda estava acelerado. Romero chegou pouco depois e entramos em casa juntos. Quando entramos na sala de estar, estava tudo em silêncio. As mulheres haviam colocado o restante das decorações de Natal. A árvore de Natal brilhava em vermelho e prateado. Eu precisava de um Natal em paz, mal podia esperar por alguns dias de tranquilidade com a minha verdadeira família.

Meu celular apitou, notificando um e-mail. Tirei-o do meu bolso traseiro. Era de um jornalista e o assunto dizia “Urgente”, seguido por cerca de uma dúzia de pontos de exclamação. Parei e abri o e-mail.

Recebi isso de um colega em Chicago e impedi que circulasse, ou pior,

virasse manchete.

Cliquei nas três fotos anexadas.

Capítulo 17

MATTEO

Sempre desconfiei que havia um ponto tanto para Luca quanto para mim em que a escuridão dentro de nós viria bem alto, tão alto que se espalharia e abafaria toda a luz, todas as coisas boas que restavam. Temia que este fosse o momento de Luca.

Impedi Romero de se aproximar de Luca espalmando seu peito. Romero franziu a testa, entretanto, ele olhou para Luca e ficou tenso. Eu também congelei de apreensão.

Luca e eu passamos a vida inteira juntos, passamos por coisas muito ruins, matamos e sofremos, rimos e brigamos. Eu nunca tinha sido verdadeiramente cauteloso com o meu irmão. Nem quando ele estrangulou nosso primo, nem quando ele me ameaçou por falar merda sobre Aria, mas, até agora, nunca havia visto aquele olhar em seu rosto.

Eu não tinha certeza do que o fez ficar com aquele olhar, mas sabia que só havia uma coisa com o poder de levá-lo ao chão, apenas uma coisa poderia destruir Luca, que poderia fazê-lo pirar de uma vez por todas. E era a única pessoa que pensei que o impediria de pirar.

— Luca? — chamei com cuidado.

Ele olhava fixamente para a foto na tela. Aproximei-me, e o que eu vi fez o sangue se esvair do meu rosto. Era a foto de Aria de mãos dadas com Dante. Demorei um pouco para entender o que estava vendo. Isso não fazia sentido nenhum. Romero também deu uma olhada na foto e ficou intrigado.

Claro que Gianna escolheu aquele momento para aparecer na sala vestindo nada além de uma camisola, mas parou ao nos ver. Os olhos dela correram de mim para Luca e o sorriso desapareceu de seu rosto.

— Onde está Aria? — perguntei bruscamente a ela.

— Não use esse tom comigo — murmurou ela, olhando mais uma vez para Luca, que ainda não havia movido nenhum músculo e que ainda encarava o celular, mas eu sabia que ele estava ouvindo.

— Gianna, onde diabos está Aria? Isso é sério — rosnei.

Lily apareceu atrás dela, mas Romero balançou a cabeça e fez um gesto para ela não chegar perto.

— Onde? — perguntou ele.

— Eu não sei — respondeu ela em voz baixa, mas era mentira. Romero sabia. Eu sabia. Luca sabia.

— Ela está em Chicago? — perguntei.

Gianna e Lily trocaram um olhar, porém, permaneceram caladas.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou Gianna.

E Luca tirou os olhos do telefone.

— Porra — resmunguei por causa da expressão nos olhos dele… me assustou pra caralho.

— Lily — começou Romero, só que ele não conseguiu terminar qualquer que fosse o aviso que queria dar.

— Vocês sabiam sobre isso? — perguntou Luca com uma voz que nunca havia ouvido dele: baixa, sombria, prestes a estilhaçar. Ele virou o telefone para que Gianna e Lily vissem a foto de Aria de mãos dadas com Dante, depois, clicou na foto seguinte mostrando Dante com as mãos no ombro de Aria, com a boca em sua orelha num gesto íntimo. E a seguinte era a pior: Aria num carro com Dante e ele debruçado sobre ela, de costas para a câmera, escondendo a maior parte do corpo dela. Não dava para ver seus rostos, porém, estavam próximos e o braço dele, entre as pernas dela.

Lily respirou fundo e, por algum motivo, isso foi a gota d’água. Luca urrou e arremessou o celular longe. Ele se estraçalhou na parede. Em seguida, pegou a árvore de Natal e a jogou no chão. Eu segurei Gianna pelo braço e a empurrei em direção à porta de entrada:

— Saia! Vá para o carro e me espere lá.

Gianna se recusou a sair, diferente de Lily, que permitiu que Romero a levasse para fora.

— Luca, deixe de ser burro. Aria nunca te trairia, seu babaca imbecil! — gritou Gianna.

Luca puxou uma faca e encarou a lâmina, seu peito e ombros arfavam, seu rosto era uma máscara de agonia aguda. Eu nunca o vira desse jeito. Nem mesmo quando nosso pai nos torturava com facas, isqueiros e agulhas.

Segurei o braço de Gianna e a tirei da casa, levando-a para o meu *Porsche*, sem me importar que ela estivesse descalça. Ela tentou se livrar de mim.

— Matteo, pare com isso. Ele está entendendo errado! — berrou.

Eu não ouvi. Precisava deixá-la em segurança, depois, voltar para Luca e tentar impedir que ele desmoronasse de um jeito assustador, tipo, assassino em

série. Empurrei-a para dentro do carro e travei as portas. Gianna batia nas janelas.

Romero havia trancado Lily no *Jeep* dele e me lançou um olhar preocupado.

— Aria não trairia — falou ele.

— Tem certeza? — resmunguei.

— Você precisa acalmá-lo antes que ele faça algo que não possa ser desfeito — disse Romero.

Assenti. — Vá embora.

— Vou pegar um quarto num hotel aqui perto. Ligue se precisar de mim.

Gianna começou a buzinar, me deixando louco, no entanto, eu não a deixaria sair do carro. Eu não a queria perto de Luca quando ele estava com aquele humor.

Respirando fundo, voltei para a mansão. Luca ainda segurava a faca em sua mão direita, mas, na esquerda, estava seu *iPad* e aquela expressão agoniada em seu rosto.

— Luca? — arrisquei.

Ele não reagiu. Eu me aproximei. Ele tinha aberto as fotos no *iPad* como se as ver em tamanho maior as tornasse menos reais.

— Você teve que lidar com um monte de merda hoje. Quem sabe não devesse tentar se acalmar antes de se deixar levar pela raiva?

Luca colocou o *iPad* na mesa da sala e foi para o armário de bebidas. Se ele não largasse logo aquela faca, eu iria considerar pegar a minha. Ele pegou um garrafa de *whiskey*, abriu-a com os dentes, cuspiu a tampa de rosca e deu um longo gole. Álcool não o deixaria menos perigoso.

— Saia — rosnou ele.

— Luca, você ama Aria.

Luca cambaleou em minha direção e eu precisei lutar contra o impulso de pegar uma arma.

— Amor! — Ele me encarou. — Você pode não ligar para Gianna fodendo por aí, mas eu ligo… eu não consigo suportar pensar em Aria fazendo isso… — sua voz ficou embargada e a fúria contorcia seu rosto. Gianna não ficou fodendo por aí, mas era inútil discutir com Luca e eu definitivamente não o deixaria provocar a minha fúria.

— Saia! — urrou. — Vá para a sua esposa e me deixe lidar com a minha!

Assenti e recuei. — Luca, algumas coisas não podem ser desfeitas — repeti o

que Romero me disse.

Luca virou de costas para mim, seus ombros tremiam de raiva e pior: coração partido. Com o primeiro ele podia lidar, mas o último, ele nunca teve que lidar com isso antes.

Só que eu não podia interferir, não sem arriscar uma briga com Luca, e hoje um de nós morreria. Eu podia estar disposto a morrer por Gianna e até por Luca, mas não por Aria, não quando ela poderia ter traído o meu irmão. Eu recuei com o peito apertado pra caralho. Não sabia se veria Luca de novo, não o Luca que eu conhecia, porque se ele ferisse Aria, nunca se recuperaria. Eu não tinha certeza se ele se recuperaria mesmo assim.

Gianna agarrou a minha camisa quando entrei atrás do volante.

— Matteo, seu babaca, me deixe falar com Luca!

— Não — vetei. Luca quase não suportava Gianna nos melhores dias e hoje ele estava em seu pior… e eu estive com ele nos piores momentos de sua vida.

— Então, me deixe ligar para Aria. Preciso alertá-la. Luca perdeu a cabeça. Ele vai matá-la se achar que ela o traiu. Ele é um babaca possessivo.

Luca não mataria Aria porque era um babaca possessivo. Ele a mataria porque ela o fez amar e confiar nela e depois o traiu, partiu a porra do coração dele. Dei partida no carro, mas Gianna empurrou meu braço.

— Cacete, Matteo!

— Eles terão que resolver isso.

— Resolver isso? O único jeito que Luca vai resolver isso é com a porra da faca dele. Matteo, eu juro, se você deixar seu irmão machucar Aria, a gente já era.

Lágrimas brilhavam em seus olhos, mas eu não iria interferir.

— Para eu deter Luca, teria que apagá-lo, e para conseguir fazer isso, teria que matá-lo. E isso é algo que você não pode me pedir, Gianna. Não quando a sua irmã atraiu isso para si mesma. Ela conhece Luca melhor do que ninguém.

— Ela não o traiu, Matteo — sussurrou Gianna desesperada. — Ela nunca faria isso. Ela ama Luca. E ele vai destruir tudo.

— Não — grunhi. — Aria destruiu tudo. Ela quebrou a confiança de Luca. Ela deveria ter pensado melhor. Luca não é uma pessoa que já amou ou confiou em alguém como ama e confia em Aria. Ela não deveria ter agido pelas costas dele.

Gianna balançou a cabeça.

— Ela não traiu. Não traiu. Ele tem que se dar conta disso. — Ela fechou os

olhos e soluçou de um jeito que partiu meu coração. Gianna não era de chorar e eu nunca havia ouvido um som como aquele vindo dela.

— Luca ama Aria mais do que a própria vida — falei. — Ele vai acabar com a própria vida antes de matá-la.

Para qualquer outra pessoa, essas palavras teriam sido uma mentira, mas Aria devia ser a única que partiria o coração do meu irmão e sairia ilesa no fim.

*

ARIA

Será que Luca ficaria feliz quando eu lhe contasse sobre o bebê? Ele não queria filhos ainda, mas eu esperava que aceitasse a minha gravidez. A parte mais difícil seria manter segredo sobre isso de Lily e Gianna até conseguir contar para Luca. Não sabia quando ele iria terminar os negócios em Nova York e quando voltaria para os Hamptons.

Não havia nenhum segurança por ali quando o taxista me deixou em frente aos portões. Digitei o código no teclado e entrei confusa. Pensei que teria que entrar na surdina, mas não havia ninguém por ali. A mansão também estava estranhamente silenciosa quando entrei e as cortinas da área de convivência estavam fechadas, impedindo a primeira luz da manhã de entrar. Todos deviam ter saído… mas, por quê?

A preocupação atingiu meu estômago.

— Lily? — chamei. — Gianna?

— Elas não estão aqui — surgiu um grunhido baixo de trás.

Luca.

Ele estava sentado no sofá no escuro. Procurei o interruptor e um brilho suave nos iluminou.

— Luca?

Meus olhos identificaram a árvore de Natal no chão, os enfeites estavam em pedacinhos e, perto deles, o celular quebrado de Luca. O que aconteceu aqui?

Será que aconteceu outro ataque da Bratva?

Meus olhos encontraram Luca sentado no sofá, vestido com uma camisa branca com as mangas arregaçadas. Seus cotovelos estavam apoiados nas suas coxas e ele olhava para alguma coisa ali embaixo. Ele não ergueu o olhar para mim.

Aproximei-me dele devagar, preocupada com seu comportamento estranho.

Seus ombros arfavam junto com a respiração como se ele tivesse corrido vários quilômetros. Parei ao lado dele e segui seu olhar para a tela preta do seu *iPad*.

— Um colaborador da imprensa entrou em contato comigo com fotos que deveriam virar manchete — falou com um tom de voz frio.

Ele não costumava usar aquela voz comigo.

— Fotos?

Luca tocou o *iPad*, que acendeu.

Eu respirei fundo.

A tela mostrava uma foto tirada por fora das janelas do restaurante que escolhi para o meu encontro com Val. Mas Val não estava lá.

Ela me mostrava com a mão de Dante nos meus ombros. Ele estava atrás de mim, com o rosto inclinado em minha direção, a boca perto da minha orelha como se estivesse sussurrando segredos, quando o que ele fazia era me alertar para não correr.

A foto seguinte era de Dante e eu saindo juntos do restaurante… de mãos dadas. Eu estava com o rosto abaixado, por isso, Luca não via o quanto eu estava tensa naquele momento.

Luca clicou na próxima foto.

Uma foto minha dentro de um carro com Dante e parecia que ele estava com a mão entre as minhas pernas… e não porque estava pegando a bolsa.

A bile subiu pela minha garganta.

Elas pareciam ruins.

Muito ruins. Elas pareceriam ruins para alguém que confiava um pouco nas pessoas, mas Luca era desconfiado e cauteloso. Para ele, essas fotos só poderiam levar a uma conclusão. Mas será que ele podia mesmo acreditar que eu tinha um caso com Dante? Meu Deus, ele deveria saber que não. Ele me conhecia.

— Luca — sussurrei, estendendo a mão para tocar em seu ombro, mas congelei quando ele levantou o olhar para o meu. Já havia visto essa expressão em seus olhos: selvagem e furiosa.

Eu queria correr para o mais longe possível.

Meus olhos piscaram para a garrafa vazia de *whiskey* ao seus pés. Luca a bebera quase toda. Um pouco do líquido âmbar havia respingado e manchou o carpete bege, mas também havia manchas mais escuras. Lentamente, meu olhar se moveu para as mãos dele, que seguravam uma faca. Uma de suas mãos segurava a lâmina com tanta força que o sangue estava pingando no carpete.

Eu sabia que *precisava* fugir, mas isso seria admitir um crime que não cometi. Eu não traí Luca, nunca faria isso. E as palavras que Luca me disse na noite do nosso casamento atravessaram a minha mente: *Seu pai nunca te ensinou a esconder o medo que você tem dos monstros? Eles te perseguem se você corre.*

— Está sangrando. Você se machucou — falei com uma voz tranquila, tentando chegar até ele. Precisava passar pelos demônios que o álcool e as fotos comprometedoras haviam invocado.

Seu rosto se contorceu de tanta raiva… eu recuei. Ele soltou a lâmina e mais sangue pingou de sua mão enquanto ele se endireitava.

Dei um passo para trás, não consegui me deter.

O braço com a faca pendia na lateral do seu corpo.

Obriguei-me a encontrar seu olhar novamente. Luca estava em algum lugar ali dentro. Por trás da raiva e do sofrimento, meu Luca estava ali.

— Luca, me escute, por favor. Não é o que parece.

— Quer dizer que você não deixou Cavallaro ter o que é meu? — urrou.

Então, ele estava em cima de mim, sua mão ensanguentada apertando meu antebraço. Ele ainda segurava a faca.

— Eu nunca faria isso! Você sempre será o único homem com quem quero estar. Fui até Chicago para encontrar Val e falar com Fabi. Mas Dante seguiu Val e quis conversar comigo. É só isso, eu juro.

— E do que vale seu juramento? Você já me traiu antes.

— Eu nunca menti para você. Nunca te enganei. Ajudei minhas irmãs e nem sempre te contei tudo, mas nunca menti para você. — Era ele que havia me traído e não era como se nunca guardasse um segredo de mim… como quando Matteo queria pedir a mão de Gianna.

O olhar dele parecia estar cravado em mim. Não havia apenas raiva nele, e o outro sentimento me preocupava mais, porque era agonia.

— Luca, você pode, por favor, largar essa faca? Está me deixando nervosa.

Seus olhos desceram para a lâmina coberta de sangue como se ele tivesse se esquecido completamente dela e a soltou sem nem hesitar, apesar do que achava que eu tinha feito. O aço bateu no chão, respingando ainda mais sangue. Então, seus olhos voltaram a subir. Ele me puxou bruscamente contra si e me beijou com violência, com *brutalidade*. Havia apenas raiva e desespero naquele beijo.

Eu sabia o que ele queria, do que precisava. E teria lhe dado com prazer se o teste não tivesse mudado tudo. Luca não queria me machucar, mas da última vez que estava tão furioso assim quando transamos, ele foi mais violento do que eu

poderia arriscar tão cedo nesta gravidez. Eu precisava proteger essa criança e Luca. Ele nunca se perdoaria se machucasse nosso bebê.

Suas mãos percorreram meu corpo avidamente e uma partezinha minha se sentiu estimulada diante da sensação, porém, afastei-me dele.

— Não! — Ele tentou me puxar para si. — Luca, pare! Eu não quero!

Seus lábios estavam a um centímetro dos meus e ele respirava com dificuldade, seus olhos eram como aço fundido.

— Você está me negando?

Engoli um comentário mordaz. Eu já o negara antes quando não me sentia bem ou não estava no clima e ele sempre respeitou a minha vontade. Sabia que estava bêbado, magoado e à beira de perder o controle. Ainda não havia me mostrado o quanto me amava. Ele havia matado a primeira vez aos onze anos, havia assassinado e torturado inúmeros mais, se autodenominava monstro impiedoso em muitas ocasiões. E eu sabia o que ele era. Com as outras pessoas.

— Engraçado você dizer que não transou com Dante e, mesmo assim, não conseguir suportar meu toque.

Meu Deus, ele achava que a minha recusa era uma admissão da minha traição?

— Não faça nada que vá se arrepender amanhã — falei em voz baixa, implorando com o olhar.

Seus lábios se curvaram num sorriso cruel. *Muito errado.*

— O que te faz pensar que me arrependeria de alguma coisa?

Eu sabia que iria porque o conhecia melhor do que qualquer um, melhor do que ele mesmo se conhecia.

— Nosso amor é importante demais.

— Amor — ele cuspiu a palavra. — O meu maior erro foi ter te amado. Não o cometerei novamente.

Amado? Pude sentir meu coração despedaçar ao ver sua expressão ameaçadora.

— Luca, por favor. — Encostei nele, mas ele me repeliu. Só havia uma raiva gélida em seus olhos.

— Por ser a minha esposa, você vai viver. Não espere mais do que isso. Está tudo acabado.

Não consegui entender o que ele estava dizendo. Fiquei olhando para ele, minha garganta fechou, meu coração martelava em meu peito. Por um instante,

ele hesitou, entretanto, virou-se e saiu, me deixando ali, em pé, sozinha.

Afundei no sofá, onde Luca estava sentado. O couro ainda estava quente. Toquei a minha barriga e chorei. Chorei porque posso ter destruído nosso amor. Luca ter se deixado me amar já fora um milagre. E se eu o tivesse perdido para sempre?

*

Eu ainda estava sentada no mesmo local quando Matteo entrou na sala cautelosamente algumas horas depois. Ele apertou o botão que abria as cortinas e a luz inundou a sala. Pisquei duas vezes, mas as minhas pálpebras pareciam ser feitas de chumbo. Tirei a mão da barriga devagar.

— Ele não te matou — falou Matteo. A voz dele não revelava seus sentimentos. Suas feições eram semelhantes às de Luca, porém, Matteo era o garoto propaganda bonito e Luca era todo linhas fortes e poder de atração bruto. Mas ele parecia o bastante com Luca para fazer meu coração arder de dor.

Ele caminhou em minha direção, seus olhos assimilaram minha roupa ensanguentada e o sangue no sofá e no chão.

— Você precisa de um médico?

— O sangue não é meu — sussurrei com uma voz rouca.

Matteo não falou nada por um tempo, apenas me encarou.

— Fazendo-o sangrar. Você é muito boa nisso para uma mulher.

Levantei o olhar para encontrar o dele. Meus olhos arderam com lágrimas por cair, mas não conseguia mais chorar. Havia chorado por horas. Levantei-me, minhas pernas tremiam. Segurei o braço de Matteo. Ele deixou, apenas me encarando sem nenhuma emoção.

— Matteo, eu não fiz nada. Juro pela minha vida. Juro pelo meu… — parei. Quase falei “bebê”. — Por favor, me ajude. Me ajude a fazer Luca enxergar a verdade.

— As fotos.

— As fotos me mostram num restaurante e num carro com Dante. Nós conversamos. Ele considerou me usar contra a *Famiglia* como uma vantagem. Só isso.

— Então, por que ele te libertou, Aria? Por quê?

Encarei Matteo. Eu não podia contar a ele sobre a criança se ainda nem tinha contado a Luca.

— Porque ele tem um grama de decência em seu corpo.

Seu lábios curvaram-se num sorriso sombrio.

— É mesmo?

— Ligue para Dante, ligue para Valentina. Eles te dirão o que eu te disse.

— Como se a palavra deles significasse alguma coisa. Eles são o inimigo. Você se lembra disso, não lembra?

— Então, procure a pessoa que tirou as fotos. Provavelmente essa pessoa tirou mais fotos que provam a minha inocência. Não é estranho Luca ter recebido apenas as fotos que fazem parecer que o traí? Talvez alguém queira enfraquecer Luca destruindo o nosso casamento. Talvez seja coisa da Outfit ou de alguém de dentro da *Famiglia*.

Deu para notar que Matteo estava ponderando isso.

— E você acha mesmo que Luca precisa de você para ser forte? Você acha que podem enfraquecer a *Famiglia* destruindo seu casamento com meu irmão?

Eu queria dizer que sim, mas não tinha mais certeza de nada. Estava muito abalada e confusa.

— Eu morreria por Luca com prazer — falei em vez disso. — Eu o amo mais do que tudo.

Exceto por essa criança crescendo dentro de mim. Nosso bebê.

— Então, talvez, você devesse pegar aquela faca e dar um fim na sua vida.

Fiquei surpresa.

— Você acha que ele fica melhor sem mim? Luca me ama.

Ou amava? Meu coração apertou por causa de uma dor tão aguda que quase desmaiei.

— Ele voltaria a ser o que era antes de você. Poderia ficar pior do que era. Ele seria o monstro que precisa ser para controlar Nova York. Qualquer partezinha dele que fosse capaz de amar, talvez você a tenha matado.

Assenti mecanicamente, minhas entranhas reviraram violentamente ao lutar por calma. Afastei-me da fúria de Matteo, incapaz de suportá-la porque sabia que ele tinha razão em estar com raiva. Luca não era um homem normal. Ele era o Capo. Foi criado para ser Capo e, por mim, ele arriscara tanta coisa, e agora achava que eu o tinha traído. Se algum dia eu conseguisse recuperar sua confiança, nunca mais faria nada sem ele, nem por Gianna, nem por Lily, nem por Fabi, nem por nada neste mundo.

— Você sabe que vi nosso pai enfiar uma agulha sob as unhas de Luca, vi-o cortar Luca com uma faca, vi-o bater em Luca tão forte que ele perdeu a consciência, mas apesar de tudo isso, nunca vi Luca demonstrar a agonia que

sentiu quando te viu com Dante.

Cobri a boca com a mão e solucei. Não podia aguentar a ideia de Luca estar tão magoado daquele jeito.

— Eu não traí — falei sufocada. — Se não acredita em mim, me torture. Você mesmo falou isso uma vez: se usar a faca em mim, não serei capaz de manter um segredo.

Matteo deu a volta para me encarar e balançou a cabeça.

— Não importa em quê eu acredito enquanto Luca achar que você o traiu.

Toquei seu antebraço.

— Por favor, Matteo, me ajude a provar a minha inocência. Por favor, não é só por mim.

— Mesmo que não o tenha traído, você agiu pelas costas dele. Foi visitar o território inimigo e arriscou não apenas a sua vida, mas a de Luca também. Ele teria acabado com a própria vida na frente de Dante para te salvar. Você chegou a pensar nisso quando se exibiu em Chicago?

— Eu só queria ver Fabi. É Natal — falei quase sem voz.

— É, bem, agora todos teremos um Natal maravilhoso graças a você.

A minha visão periférica escureceu. Senti que ia desmaiar. Não sabia se era por causa da gravidez, porque não comia nada há quase um dia ou porque meu coração estava parando. Oscilei e as minhas pernas dobraram.

— Porra — grunhiu Matteo e me segurou pelos braços, impedindo a minha queda. Ele me ajudou a sentar no sofá antes de se agachar na minha frente. Ele segurou meu queixo e inclinou a minha cabeça para cima para poder olhar em seus olhos duros e inflexíveis. — Você jura que não traiu Luca?

— Eu juro, Matteo. Eu nunca trairia Luca. Eu o amo. Não existe outro homem e nunca existirá.

Ele suspirou e soltou o meu queixo.

— Vou tentar pegar o fotógrafo que tirou as fotos e vou ter uma longa conversa com ele. Não será fácil. Não posso ir a Chicago e tem pouquíssimos homens que posso mandar para lá no meu lugar, mas talvez haja outra maneira. Mas, mesmo que eu pegue o cara e ele comprove a sua inocência, não posso prometer que Luca mude de ideia. O único motivo pelo qual ele acredita que você o traiu, para começo de conversa, é porque você agiu pelas costas dele. — Ele balançou a cabeça outra vez. — Caralho. — Alongou-se. — Tem certeza de que não quer ver o médico? Você está horrível.

— Tenho — respondi depressa. Não queria que o médico descobrisse que eu

estava grávida. Ele contaria a Luca, não era preso à confidencialidade médica como os outros.

— Agora vou soltar Gianna — falou Matteo suspirando.

— Soltar? — sussurrei.

— Eu a prendi no carro.

Enquanto ele saía, levou o celular ao ouvido:

— Romero? É, preciso que venha para cá.

Olhei para o carpete manchado de sangue. O sangue de Luca.

— Aria! — gritou Gianna, me fazendo dar um pulo, então, ela veio correndo em minha direção, com os cabelos despenteados e uma camisola meio rasgada como se tivesse brigado, e se atirou em mim, me abraçando tão apertado que mal consegui respirar. Ela tremia e algo molhou o meu pescoço.

Toquei sua nuca.

— Shh. Eu estou bem.

— Não está, não — sussurrou Gianna ao se afastar, seus olhos fizeram uma varredura em mim antes de se moverem para a bagunça no carpete. — Ele te machucou?

Balancei a cabeça em negação e meu coração apertou ainda mais.

— Achei que ele fosse te matar. Queria te avisar, mas o babaca do Matteo não deixou.

Parecia que uma parte de mim havia morrido, só que Luca nunca me mataria.

— Matteo tentou salvar o seu rabinho — falou Matteo para Gianna. — Enquanto algo impediu Luca de arrancar o pescoço de Aria, nada o impediria de fazer isso com você, acredite.

— Não estou falando com você — falou Gianna com brutalidade e, desta vez, não era um jogo.

Toquei sua perna.

— Ele quis te proteger. Por favor, não fique chateada com ele. Já é bem ruim eu ter acabado com o meu casamento, não quero ser responsável por outro.

— Luca vai mudar de ideia — falou ela, mas suas palavras não eram muito convincentes.

O som da porta de entrada abrindo e fechando me encheu de esperança, mas, quando Lily e Romero entraram, e não Luca, eu murchei. Lily também veio e me abraçou apertado, seus braços tremiam. Seus olhos estavam vermelhos de tanto

chorar. Eu me senti culpada.

— Estávamos tão preocupados com você — falou.

Ergui meu olhar para Romero, que estava de pé ao lado de Matteo e o ouvia, mas os olhos de Romero estavam em mim. Eles mostravam pena, não raiva como eu esperava, e, por alguma razão, isso deixava tudo pior.

Capítulo 18

MATTEO

Tentei ligar para Luca em seu segundo celular mais uma vez, porém, ele não atendeu. Onde diabos ele estava?

Meu olhar foi para Aria, Gianna e Lily.

Quando entrei na mansão quinze minutos antes e vi as marcas de mão com sangue na porta e as manchas de sangue no chão de mármore, tinha certeza de que encontraria Aria morta e, no final, Luca também, porque matá-la teria sido o seu fim, mas ela estava milagrosamente intacta.

Porra, Luca, cadê você?

Sem dúvida, ele estava atrás de sangue. E se estivesse a caminho de Chicago? E se estivesse tentando matar Dante por conta própria?

Porra!

Peguei meu segundo celular e liguei para Orazio e desliguei, esperando que ele me retornasse, caso não pudesse falar abertamente no momento. Demorou cinco minutos até ele retornar a ligação, e, neste momento, eu estava no meu carro indo para Nova York. Precisava encontrar Luca antes que ele se matasse ou fosse pego pela polícia matando outras pessoas.

— *Matteo, o que posso fazer por você?* — falou Orazio.

Nunca fiquei tão aliviado por Orazio ser nosso espião na Outfit. Ele vem trabalhando conosco há dois anos e nunca nos decepcionou.

— Caso Luca apareça em Chicago, certifique-se de nocauteá-lo antes que ele chegue perto de Dante.

— *Como é?* — resmungou Orazio. — *Do que está falando?*

— Não importa.

Orazio ficou calado. Ele não era mesmo um homem muito comunicativo.

— Preciso que encontre alguém para mim. É um fotógrafo. Te enviei um e-mail com os detalhes. Pegue-o o mais rápido possível e *pergunte* quem o pagou para tirar fotos de Dante e Aria.

— *Espera aí… o quê? Que fotos?*

— Leia a porra do meu e-mail. E quando acabar de interrogá-lo, leve-o para Nova York.

Silêncio.

— *Você quer que eu vá a Nova York?*

— Não é por muito tempo. Você vai voltar para Chicago assim que tiver entregado o fotógrafo.

— *Tudo bem* — falou Orazio, mas pude perceber uma pontada de hesitação em seu tom de voz.

— Você trabalha para nós há dois anos — lembrei-lhe. Se Dante descobrisse, nem o fato de Orazio ser irmão de Valentina lhe garantiria uma morte rápida.

Orazio entendeu a ameaça velada e desligou. Ele me traria aquele fotógrafo e, aí, eu teria uma longa e intensa conversa com o filho da puta.

*

Já era noite quando Demetrio me ligou, e atendi no fone de ouvido. Ele era nosso primo, meu e de Luca, filho do desgraçado do Gottardo.

— O que foi?

Eu ainda não tinha encontrado nenhum sinal de Luca e não podia envolver ninguém além de Romero na busca. Se a notícia sobre o que aconteceu se espalhasse, as coisas ficariam desagradáveis na *Famiglia*.

— *Alguém abateu todos os membros do CM de Jérsei.*

Meu pé relaxou no acelerador.

— Onde?

— *Na boate deles. Estou aqui. Orfeo e eu deveríamos encontrar o presidente deles para dar um aviso, mas alguém chegou na nossa frente.*

Caralho. — Estarei aí em meia hora.

Pisei no acelerador e me curvei na minha *Kawasaki*, ziguezagueando pelo tráfego a uma velocidade estonteante.

Assim que vi as caras de Orfeo e Demetrio, soube que era ruim. Eles eram Homens de Honra há cinco anos e já haviam visto muita merda. Eram bons soldados, eficientes e leais. Entrei na boate e meu nariz entupiu por causa do fedor. Sangue. Suor. Mijo. Merda.

Medo.

Meus olhos assimilaram a bagunça. Braços, pernas, pele e sangue para todos os lados.

— Como você sabe que são todos os membros?

— Contamos os corpos — respondeu Orfeo com uma careta.

— Eu não vejo nenhum corpo — resmunguei. Alguém tinha praticamente despedaçado todos os corpos. Avistei um machado ensanguentado no chão coberto de sangue e pedaços de carne.

— Contamos as cabeças — acrescentou Demetrio com um sorriso sarcástico, trocando um olhar com Orfeo.

As cabeças também estavam em péssimo estado, entretanto, ainda eram reconhecíveis como cabeças.

— Queime tudo. Não deixe sobrar nenhum vestígio — ordenei.

— Você não quer descobrir quem fez isso? — perguntou Orfeo.

— Não — rosnei. — Coloque fogo em tudo.

Eu sabia quem tinha feito aquilo, e precisava detê-lo antes que fizesse coisa pior.

— Caralho — exclamou Demetrio, com os olhos repletos de constatação. Ele e Orfeo trocaram outro olhar. Melhores amigos desde o nascimento. — Foi Luca, não foi?

Considerei as minhas opções. Luca precisava parecer forte. Se eu tentasse esconder seu envolvimento, as pessoas ficariam desconfiadas. Dei de ombros.

— Ele achou que isso mandaria uma boa mensagem aos outros CMs. Fotografe antes de queimar tudo e mande as fotos para todas as porras de cartéis mexicanos em nosso território que queiram gozar com a nossa pica.

Orfeo soltou uma risada descrente, uma mistura de nojo e respeito em seu rosto.

— Ele fez isso sozinho? Caralho, ele é o melhor.

Dei meia-volta e deixei-os com suas tarefas.

Onde diabos estava o meu irmão?

*

LUCA

Assisti à garota empinar sua bunda nua antes de girar no pole, seus olhos escuros estavam fixos aos meus, lábios pintados de vermelho flertando num largo sorriso. Ela foi ao chão e se rastejou em minha direção, seu top caído revelava seus grandes peitos falsos.

— Vejo que está dando uma olhada na nossa nova stripper — falou Matteo ao

sentar-se na poltrona ao meu lado. Ignorei-o quando a garota rolou de costas e puxou o top, revelando mamilos com piercing, os quais ela começou a torcer enquanto me fodia com os olhos. Eu poderia tê-la levado para um dos quartos no fundo da Pergola e fodê-la até cansar.

— Estou te procurando desde ontem — declarou Matteo, sua voz estava no limite.

Ele se inclinou para frente, obstruindo minha visão da garota. Estreitei os olhos para ele. Seus olhos castanhos analisaram meu rosto como se ele estivesse procurando por uma porra de tesouro escondido em algum lugar.

— Você parece calmo.

— Eu estou calmo — falei.

— Demetrio me contou que soube que alguém massacrou todos os membros do CM em Nova Jérsei. Lembra-se dos filhos da puta que achavam que podiam assumir o comércio de armas em Jérsei?

Eu assistia à garota por cima da cabeça de Matteo. Ela voltou para o pole e girou nele sem o top, balançando os peitos para cima e para baixo.

— Eu estive lá. Um banho de sangue completo. Pernas, braços e pele por todo lado. Dez mortos. — Matteo ergueu as sobrancelhas. — Eles foram cortados em pedacinhos. A maior parte do trabalho foi feita com um machado, mas alguns receberam um pouquinho de amor com uma faca de esfolar. — Ele se inclinou para frente e bateu na faca atada ao meu peito.

A dançarina subiu no pole e abriu as pernas amplamente em V. Matteo virou-se para ela.

— Por que você não dá o fora?

Ela arregalou os olhos e soltou o pole, correndo em direção aos vestiários. Meu olhar seguiu a bunda dela. Eu não fodia a bunda de ninguém desde Grace, há quatro anos.

— Será que tenho que ficar nu para você me ouvir?

Recostei-me na cadeira.

— Estou ouvindo.

— Presumo que você tenha feito aquilo.

— Os gritos e o sangue pareciam a porra do paraíso — murmurei.

Matteo balançou a cabeça.

— Porra, Luca. Você não vai ficar furioso comigo, não é? Na última vez que te vi… porra. E agora, você está calmo… isso é estranho mesmo para você.

— Eu sou calmo.

Matteo recostou em sua cadeira, deixando uma distância entre nós dois, e eu sabia que odiaria o que ele diria a seguir.

— Vi Aria na mansão ontem de manhã.

Meu coração ficou apertado pra caralho, mas mantive o semblante calmo.

— Ela vai ficar lá. Não vai voltar para Nova York. Sandro a está vigiando.

Matteo esfregou as têmporas.

— Luca, escute, eu sei que você não quer ouvir isso, mas não acho que Aria te traiu.

Levantei-me, meus olhos foram atraídos para a porta do vestiário onde a stripper havia desaparecido. Matteo empurrou meu peito, seus olhos ardiam de fúria.

— Puta que pariu, você vai parar com essa merda? Você está assustando até a mim e já te vi em seu pior. — Ele parou. — Embora eu tenha que admitir que o que você fez na boate talvez tenha sido a coisa mais doentia que já vi na vida.

— Você viu as fotos de Dante e Aria — pressionei, com a porra da garganta apertada. Cerrei os punhos, odiando que meu corpo estivesse me traindo.

— Elas não mostravam nada. Conversei com Orazio. Ele pegou o fotógrafo e vai trazê-lo para nós amanhã.

— Não posso receber Orazio agora. Precisamos dele como espião.

Matteo revirou os olhos.

— Eu sei, e ele vai voltar para Chicago. — Ele estava subindo na classificação desde que Valentina se casou com Dante. Como irmão dela, ele era nosso trunfo perfeito. — Você ouviu o que eu disse? Podemos falar com o fotógrafo amanhã. Orazio já o interrogou e foi como Aria disse, ela encontrou com Val, depois, Dante se juntou a elas e obrigou Aria a sair do restaurante com ele, mas amanhã você pode fazê-lo te contar a mesma coisa de novo se não acredita em mim.

Assenti, no entanto, fora isso, não reagi. Meu exterior era de pedra, mas não conseguia controlar a porra do meu interior. Eu me senti aliviado pra caralho, só que isso não importava mais. O dia de ontem havia me mostrado uma coisa: eu enfraqueci por causa de Aria. Ela era uma fraqueza, uma fraqueza que eu não podia me permitir como Capo.

— Então… você vai me ajudar a interrogar o babaca?

Eu sorri com ironia. — Claro.

Matteo franziu a testa. — Não tenho certeza se você está realmente entendendo o que estou te dizendo.

— Ah, estou, sim — falei em voz baixa. — Aria foi para Chicago pelas minhas costas. Isso é um fato. Ela não me traiu, quem se importa? — As palavras pareciam queimar a minha garganta. Era uma mentira do caralho. Até a ideia de Aria estar com outra pessoa além de mim era como uma punhalada no meu coração.

Uma fraqueza.

Nunca fui fraco na vida.

Aria era uma fraqueza, uma fraqueza que eu não podia me permitir.

Matteo balançou a cabeça.

— Que seja. Amanhã vamos falar com aquele fotógrafo. Talvez você fique mais tolerante depois disso.

*

Orazio acenou para mim quando apertei sua mão. Ele era apenas uns centímetros menor que eu. Era evidente que era parente de Valentina. Os mesmos olhos, a mesma cor de cabelo. Pelo menos ele não bajulava Dante.

Dante. Meu sangue ferveu só de pensar nele, nas mãos dele nos ombros de Aria, em sua boca perto da orelha dela e a porra do braço dele entre suas pernas.

Matteo me empurrou.

— Quer cair em si, pelo amor de Deus? Não posso deixar que você execute outra matança.

— Por que não? Tenho certeza de que vai calar muitos dos nossos inimigos.

Matteo balançou a cabeça antes de se voltar a Orazio, que estava escutando com um leve interesse.

— Onde está o babaca? — perguntou Matteo.

— No porta-malas. Mijou na calça. Foi por isso que não o quis no meu banco traseiro — expôs Orazio. Ele nos conduziu até a sua *BMW* e abriu o porta-malas. Um cara baixinho e gordo, com trinta e poucos anos estava encolhido lá dentro. Ele fedia a mijo, merda e suor. Com os olhos marejados, piscou para nós, sua boca estava tapada com fita.

Segurei-o pelo pescoço e o levantei para tirá-lo, empurrando-o ao chão. Atrás de nós, o prédio da antiga usina Yonkers se erguia ao céu.

Portal para o Inferno.

Sorri para o chorão no chão enquanto ele me olhava como se eu fosse o demônio.

— Então foi você quem tirou aquelas fotografias? — perguntei com um grunhido baixo quando me ajoelhei ao lado do homem, desembainhando a faca do coldre em meu peito. Tirei a fita para que ele pudesse falar, mas mais do que isso: para eu poder ouvir seus gritos.

Ele olhou para a lâmina com um horror escancarado.

— Por favor! Só fiz o que me pagaram para fazer. Não quis causar nenhum mal.

Meu sorriso ficou mais largo. Este era quem eu fui destinado a ser. Violento. Cruel. Impiedoso. Não a porra da bagunça emocional em que Aria me transformou.

Na maior parte das vezes, eu deixava Matteo conduzir a tortura porque ele era um mestre nisso. Ele adorava brincar com suas vítimas. Eu preferia matar. Não hoje. Orazio e Matteo ficaram afastados enquanto eu lidava com o fotógrafo. Ele já havia revelado há muito tempo seu último segredo quando enfiei a minha faca em seu coração de merda e concedi-lhe a morte. Depois disso, durante muito tempo houve silêncio enquanto eu tentava lidar com a minha fúria.

Dante havia deixado o fotógrafo tirar aquelas fotos e as enviou para mim porque sabia que Aria era a porra da minha fraqueza. Ele esperava que eu perdesse o controle, esperava que eu partisse para cima, talvez até atacasse Chicago. Eu não tinha certeza.

Orazio limpou a garganta.

— Ontem, também descobri que Gottardo e Ermano entraram em contato com Dante há algumas semanas para ajudá-lo a se livrar de você. Dante desconfiou deles, achou que era uma armadilha, mas na nossa reunião de ontem, Scuderi o encorajou a confiar neles.

— Gottardo e a porra do Ermano. Aqueles cuzões — sibilei, focando neles em vez de no fato de que a porra do Dante Cavallaro tentou me fazer acreditar que Aria tinha um caso com ele. Vai se foder!

Amor, uma puta fraqueza!

Matteo me observava com cuidado como se ele pensasse que eu arrancaria o pescoço de Orazio ou o dele só para matar alguém.

— Pelo menos são só eles e uns poucos soldados rasos. Nada com que não possamos lidar.

— Ah, nós vamos cuidar deles — falei. — Queria não ter dado uma morte rápida a Gottardo.

— Você o estrangulou, Luca. Existem maneiras mais tranquilas de morrer — falou Matteo.

Orazio ergueu as sobrancelhas em discreta curiosidade.

— Mais tranquila do que Ermano terá.

— Com certeza — concordou Matteo.

— Se não se importam, vou voltar para Chicago antes que alguém perceba que eu não estou lá — falou Orazio.

Assenti brevemente.

Ele trocou mais algumas palavras com Matteo antes de sair.

Matteo parou ao meu lado.

— Então, Aria não traiu.

— Devemos atacar esta noite. Quero eliminar a raiz do nosso problema o quanto antes. A família está cheia de traidores, sempre soube que Gottardo era um deles. E, agora, Ermano também. Esses dois sempre foram estúpidos.

Matteo fez uma careta.

— Luca, você ouviu o que eu disse?

Fiquei cara a cara com ele.

— Não se meta no meu casamento, Matteo, e é melhor se certificar que a sua própria esposa não te transforme num puta idiota.

Matteo não falou nada, e foi melhor assim porque eu estava sedento por sangue outra vez.

Naquela noite, Romero, Matteo e eu atacamos a casa de férias de Ermano nos Hamptons. Ermano deveria voltar para Atlanta pela manhã. Ele nunca voltaria. Orfeo e Demetrio estavam a caminho de capturar o outro filho legítimo de Gottardo. Sabia que Demetrio não encontraria problemas em lidar com o meio-irmão. Não havia nenhum amor entre aqueles dois.

Matei o primeiro soldado de Ermano torcendo seu pescoço antes que pudesse gritar um alerta e Matteo derrubou o segundo com a faca. Sem esperar para ver se Romero havia incapacitado o terceiro, subi as escadas correndo, dois degraus por vez. Uma porta abriu à minha direita e eu lancei a faca em direção à pessoa, desviando no último segundo, empalando a lâmina alguns centímetros acima da cabeça de uma garota. Ela abriu a boca para gritar e eu coloquei a mão em seus lábios. Ela se debateu quando envolvi meu braço em sua cintura e lutou arduamente quando me abaixei até o seu ouvido.

— Nenhum barulho. Nada vai acontecer a você, Kiara. — Ela piscou me

reconhecendo. — Onde está seu pai?

Minha prima apontou para a porta no final do corredor, seus braços estavam tomados por hematomas. Eu a soltei e ela olhou para mim com olhos arregalados, abraçando-se. Meus olhos identificaram os hematomas em sua clavícula e o seu rosto inchado. Ermano era irmão do meu pai por completo.

Matteo correu em minha direção e eu empurrei Kiara para ele, depois, fui sorrateiramente em direção à porta que ela havia indicado. Não era mentira. Ela não tinha motivos para mentir. Antes que eu pudesse abrir a porta, outra pessoa o fez. Sua esposa estava parada diante de mim. Ermano deve tê-la mandado investigar o barulho. Covarde do caralho.

Empurrei-a para o lado e mal consegui desviar de uma bala. Ermano estava escondido atrás da cama enorme e atirava em mim. Um estrondo pesado ecoou um segundo antes de eu me atirar no chão e empunhar a minha arma. Olhando por sobre meu ombro, vi sua esposa no chão, sangrando por um ferimento na cabeça. Ermano havia atirado na própria esposa por acidente, ou, talvez, de propósito… quem sabia o que se passava naquele caralho de mente louca? Eu não atiraria nele. Isso seria rápido demais.

Matteo se agachou no corredor e gesticulou para que eu continuasse abaixado.

Rastejei para perto da cama.

— O que você quer? — gritou Ermano.

— Saia, daí, você terá uma morte rápida — gritou Matteo. Como se isso fosse acontecer. Eu o partiria em pedacinhos: músculos, ossos e pele.

Rastejei para mais perto. Consegui ver os joelhos de Ermano pelo vão embaixo da cama. Mirei em sua rótula direita e atirei. Seu grito penetrante foi música para os meus ouvidos. Levantei-me do chão e, em dois passos largos, estava ao lado do meu tio, agarrando-o pelo pescoço e erguendo-o até estarmos olho no olho.

— Pode dar um beijo de despedida naquela morte rápida, tio — rosnei.

Duas horas depois, Matteo e eu deixamos a mansão. Romero cuidaria da brigada de limpeza. Quando nos aproximamos do *Porsche Cayenne* de Matteo, uma cabeça castanha despenteada despontou do banco traseiro.

— Caralho — resmungou Matteo. — Esqueci-me da Kiara.

Passei a mão na cabeça. — Qual a idade dela?

— Não faço ideia. Temos muitos primos. Doze?

Suspirando, abri a porta de trás e me inclinei, Kiara se afastou de mim e puxou as pernas contra o peito.

— Você tem quantos anos? — perguntei num tom de voz tão civilizado quanto consegui depois de fazer picadinho do pai dela.

Ela me olhava como se eu fosse matá-la.

Analisei o rosto de Kiara de perto, tentando me lembrar.

— Doze?

Ela engoliu em seco.

Fechei a porta e Matteo a trancou antes de me sentar no banco do carona.

— Para onde? — perguntou Matteo.

Ela era nossa prima e eu precisava garantir que ficasse em segurança, mas as minhas opções eram limitadas. Ela era muito novinha para se casar e a honra ditava que eu escolhesse a família, mas em quem poderia confiar? Tia Egidia e Felix, seu marido, em Baltimore, eram os mais decentes.

— Egidia. Até lá, vamos levá-la para Marianna e o marido.

— O que vai acontecer comigo? — sussurrou ela, por fim.

Ela ainda apertava as pernas contra o peito.

— Você vai ficar segura.

Matteo revirou os olhos.

— Ninguém vai te machucar, Kiara, muito menos Luca ou eu.

Fiquei contente quando deixamos nossa prima na casa de Marianna. O marido dela era um soldado leal e garantiria a segurança de Kiara até ela poder se mudar para a casa de tia Egidia.

Em seguida, Matteo dirigiu para o ponto de encontro que acordamos com Demetrio e Orfeo: a usina Yonkers. Angelo, o último filho legítimo de Gottardo, estava preso a uma cadeira.

Ele olhou fixamente quando me aproximei, depois, cuspiu nos pés do Demetrio.

— Você trouxe vergonha para o nosso nome. O filho de uma puta. Meu pai nunca deveria ter te acolhido em nossa casa.

— Acolhido? — sibilou Demetrio.

— Ele é meu — avisei antes que Demetrio pudesse enfiar uma faca em seu meio-irmão. Saquei da minha faca. — Vamos ver que tipo de segredos você esconde da gente, Angelo.

Depois desta noite, a *Famiglia* ficaria livre de traidores e pronta para enfrentar a guerra com a Outfit, e eu os lideraria com foco brutal sem as amarras do amor

me segurando. Não importa quanto tempo demore, não importa quantas vidas custem, eu derrotaria Dante Cavallaro… mesmo que isso me matasse.

Capítulo 19

ARIA

Romero ficou conosco na mansão praticamente o tempo todo nos dias seguintes em que Luca me deixou de coração partido. Eu sabia que ele e as minhas irmãs estavam preocupados comigo porque eu mal comia. Não era por falta de tentativas, mas o cheiro da maioria das comidas me deixava enjoada. Luca ficou em Nova York. Ele não me enviou qualquer mensagem durante três dias e eu mal conseguia suportar. Desde o nosso casamento, estive com ele praticamente todos os dias e sentia uma saudade absurda dele, não apenas à noite.

Acordei antes do nascer do sol, com frio, apesar dos dois cobertores que usei à noite. Saí da cama, peguei meu roupão e o joguei por cima da camisola antes de sair do meu quarto, descer e ir para o terraço. Tremendo, procurei pelas redondezas até meus olhos encontrarem Romero correndo e fazendo *burpees*, como fazia todas as manhãs. Gianna e Lily ainda estavam dormindo e poderiam continuar por várias horas.

Depois de alguns minutos, ele me viu e correu em minha direção, sua blusa estava colada ao seu peito suado.

— Aria, algum problema?

Soltei uma risada sufocada, olhando para ele, que assentiu.

— Ele vai voltar atrás — afirmou. — Ele sabe que você não o traiu. Matteo encontrou o fotógrafo e ele confirmou a sua história.

Eu sabia o que isso significava, sabia que um homem havia passado pelo inferno na Terra para provar a minha inocência, mas não senti culpa alguma. Eu me sentia vazia.

— Quando?

— Ontem.

Luca não havia entrado em contato comigo, então, ou ele ainda acreditava que eu o traí ou realmente não me amava mais.

Toquei a minha barriga e olhei para o mar.

— Ele precisa de tempo para se acalmar. O fato de você ter ido a Chicago pelas costas dele deixou cicatrizes, e aconteceu no pior momento possível. Luca está lidando com um monte de merda da família dele agora.

Suspirei, esperando que Romero estivesse certo, esperando que Luca fosse nos dar outra chance. Eu não conseguia imaginar uma vida sem ele ao meu lado.

— Preciso te pedir um favor — falei, por fim, e Romero ficou tenso.

— Aria, agora não é hora de fazer qualquer coisa que possa deixar Luca mais furioso.

— Eu sei. Não acha que não sei disso? — sussurrei com aspereza. — Só que ele não está falando comigo, disse que está farto de mim e eu não tenho tempo para esperar que ele me perdoe.

Romero franziu a testa.

— Por quê? O que precisa que eu faça?

— Preciso que me leve a um médico em Nova York. — Toquei mais uma vez a barriga e Romero seguiu o movimento.

Surpreso, ele se aproximou.

— Você está grávida?

— Foi esse o resultado do teste de gravidez. Foi por isso que Dante me soltou.

O rosto de Romero contraiu-se de ódio.

— Dante sabe que você está grávida? Desgraçado — falou contorcendo os lábios. — Você deveria contar a Luca.

— Não — falei com firmeza. — Não quando ele está furioso, não quando ele não quer nada comigo. Eu não quero que ele se sinta obrigado a voltar para mim por causa da criança. Quero que ele volte para mim porque quer. E ele não está raciocinando muito bem neste momento.

— Isso é verdade — concordou Romero lentamente. Pude perceber que ele estava escondendo alguma coisa. — Você não vai conseguir esconder isso para sempre.

Meu estômago contraiu.

— Você acha que ele vai ficar com raiva de mim por meses? — Sua expressão me deu a resposta que eu temia. Talvez eu o tivesse perdido de verdade.

Um homem que nunca havia dormido numa cama com outra pessoa, que nunca ficou perto de ninguém sem estar armado, nem mesmo do irmão, porque ele aprendeu desde muito cedo que confiança matava… ele confiara em mim e eu estraguei tudo.

— Se me deixar tomar um banho rápido, podemos ir agora mesmo — falou Romero enfim.

Demorei alguns segundos para processar suas palavras.

— Sim, por favor. Vou me arrumar.

Quarenta minutos depois, Romero e eu estávamos a caminho de Nova York. Gianna e Lily ainda dormiam quando saímos, e Sandro e dois outros seguranças ficariam de guarda.

Eu coloquei a minha peruca novamente para que as pessoas não me reconhecessem. Ninguém podia descobrir sobre a gravidez.

— Você vai contar para as suas irmãs? — perguntou Romero.

Hesitei. — Prefiro que isto fique entre nós por enquanto.

Romero me lançou um olhar conflitante, entretanto, concordou. Eu sabia que ele não gostava de esconder as coisas de Lily, mas muita coisa havia acontecido nos últimos dias e eu precisava de tempo para entender tudo sozinha antes de envolver outras pessoas.

Romero ficou na sala de espera quando segui a Dra. Brightley para dentro do consultório. Ela confirmou a minha gravidez e me disse que estava de seis semanas. Em seguida, quando saí e Romero me conduziu para o elevador, senti tanta falta de Luca que não consegui conter as lágrimas. Ele deveria ter estado lá comigo, deveria ter compartilhado deste momento de alegria comigo.

Romero tocou em meu ombro, porém, encostei-me nele, buscando conforto, e depois de um momento de hesitação, ele me abraçou.

— Aria, Luca vai voltar para você.

Eu queria acreditar nele, não queria nada mais do que isso. Assentindo, afastei-me e enxuguei os olhos, envergonhada pelo meu rompante. Mesmo que a ausência de Luca partisse meu coração, eu precisava ser forte pelo nosso bebê.

*

Eu estava nervosa. Era a primeira vez que veria Luca em três semanas. Não havíamos nos falado nem trocado mensagens. Eu lhe enviara algumas mensagens no início, entretanto, desisti quando ele as ignorou. Se ele precisava de espaço, eu lhe daria, mesmo que isso me matasse.

— Devíamos comemorar sem os homens — resmungou Gianna. — Eles só vão estragar tudo. — Ela estava falando de Luca e eu me preocupei que estivesse certa. Do jeito que as coisas estavam, como este Natal poderia ser qualquer coisa além de uma enorme confusão?

Saí do banho e tive que me segurar na bancada de mármore porque uma onda de tontura me atingiu. Eu estava de nove semanas e ainda não estava aparecendo, mas, mesmo assim, a gravidez comandava a minha vida. Já havia perdido 4,5 Kg nas últimas três semanas porque não conseguia segurar nenhuma

comida no estômago. A Dra. Brightley ainda não estava preocupada, já que o bebê se desenvolvia como deveria. Vesti minhas roupas íntimas e saí do banheiro para o quarto. Será que Luca dividiria a cama comigo esta noite?

— Porra, Aria — falou Gianna, comprimindo os lábios ao olhar para mim. — Você perdeu muito peso.

— Exagero seu — falei tranquilamente. Peguei o vestido de lã cor de creme e o coloquei. Ele costumava aderir às minhas curvas, mas agora estava largo.

Gianna olhou desconfiada. — Não me parece exagero.

— Não é nada — afirmei.

Gianna se aproximou.

— Você está pálida pra caralho. E essas olheiras… — Ela balançou a cabeça. — Sabe de uma coisa? Vamos usar só o mínimo de maquiagem. Deixe que ele veja o que está fazendo com você.

Eu estava cansada demais para protestar e a deixei aplicar um pingo de base e máscara.

— Vou matá-lo se ele te tratar feito merda. Eu juro. Vou meter uma das facas de Matteo na porra daquele coração cruel dele.

— Gianna — falei em advertência. — Fui eu que agi pelas costas dele.

— Você foi visitar nosso irmãozinho. Luca te traiu com Grace só porque você não quis transar, e não te contou quando Matteo pediu permissão ao nosso pai para se casar comigo. E aposto que mentiu para você sobre mais coisas das quais não sabemos, mas só porque você não o obedece como um cachorrinho comportado ele se sente traído. Orgulho estúpido dos Homens de Honra.

Queria que fosse apenas o orgulho detendo Luca, mas sabia que tinha mais coisa… era algo mais sombrio e mais poderoso.

Lily bateu e colocou a cabeça no vão da porta:

— O jantar está pronto. Marianna falou que podemos nos sentar.

— Ele está aqui? — perguntei, odiando o quanto a minha voz ficou embargada.

A expressão de Lily suavizou.

— Está. Ele e Matteo chegaram há quinze minutos. Estão lá embaixo com Romero.

Gianna se olhou no espelho. Ela também mal havia visto Matteo porque preferiu ficar comigo – ainda estava chateada com ele – enquanto ele estava em Nova York com Luca.

Eu me endireitei, esperando conseguir me manter calma. Minha gravidez estava me transformando num caos emocional.

Gianna apertou a minha mão e não soltou.

— Vamos, Aria. Você tem a gente. Nunca nada vai mudar isso. Eles têm a *Famiglia* e o juramento de sangue deles, mas nós somos irmãs, temos o mesmo sangue e estaremos ao seu lado até o fim dos dias.

Lily pegou a minha outra mão com um sorriso resoluto.

— Se você não conseguir ficar na presença dele, então, sairemos. Podemos jantar na cozinha. Apenas nós três.

Lutei contra as lágrimas.

— Não chore — ordenou Gianna. — Ele vai achar que é por causa dele. Não lhe dê tamanho poder.

Só que ele tinha tamanho poder sobre o meu coração, e não havia nada que eu pudesse fazer quanto a isso. Resisti ao impulso de tocar na minha barriga, prova de um amor perdido.

Engoli em seco e assenti.

— Vamos.

Saímos do quarto e seguimos o corredor em direção às escadas. Então, ouvi sua voz grossa, e apenas as minhas irmãs me mantiveram em movimento. O aperto de Gianna na minha mão se tornou esmagador quando descemos as escadas, aproximando-nos de sua voz. Chegamos à sala de jantar juntas e meus olhos se concentraram em Luca, parado ao lado de Matteo e Romero, parecendo calmo. Nenhum sinal de que as últimas três semanas o haviam afetado. Será que ele conseguiu seguir em frente tão rápido? Será que desligou o amor assim tão fácil?

Lily apertou a minha mão e Gianna enrijeceu ao meu lado.

— Ele que se foda, Aria. Que todos eles se fodam — sussurrou ela.

E eu estava determinada a seguir o seu conselho, entretanto, Luca virou a cabeça e olhou diretamente para mim e meu mundo desabou. Houve breves momentos de esperança naquelas semanas de desespero, seja porque eu tentei me convencer a acreditar que poderia viver sem Luca ou porque consegui me convencer de que ele voltaria atrás.

Agora, enquanto seus olhos cinza me encaravam como faziam com qualquer outra pessoa, me examinando friamente e sem um pingo de calor, as duas esperanças viraram pó.

*

LUCA

— Você não vai estragar este Natal para todos, vai? — perguntou Matteo.

Como se seu relacionamento com Gianna estivesse indo bem nestas últimas semanas. Ele vinha sendo a minha sombra em Nova York e Gianna se recusou a ir com ele. Eles mal agiam civilizadamente um com o outro.

Revirei os olhos.

— Não se preocupe. Aria é minha esposa no papel, mas é só isso. — Eu havia encerrado os meus sentimentos nas últimas três semanas e não tinha intenção alguma de mudar isso. Tinha coisas mais importantes com que me preocupar… como derrotar Dante e a Outfit junto com ele. Não era algo que podia conseguir em poucas semanas ou meses e, com certeza, não enquanto as minhas ações ainda eram impulsionadas pela fúria. Eu precisava bolar um plano que garantisse nosso sucesso de uma vez por todas.

Um movimento perto da porta atraiu a minha atenção e eu me virei em direção a ela, e uma surra de emoções me atingiu.

Aria, toda esbelta, elegante e cabelos loiros compridos, encontrava-se entre suas irmãs. Meus olhos permaneceram nas manchas escuras sob seus olhos, na forma como suas maçãs do rosto haviam se afiado, em como seu vestido pendia de seu corpo. A culpa desabou sobre mim, mas a subjuguei. Eu não tinha motivos para me sentir culpado. Era ela quem tinha me traído.

— Só no papel, só isso… seu cu — resmungou Matteo.

Arranquei meu olhar de Aria, me fazendo de aço. Fui para a mesa de jantar e sentei-me no lugar de sempre. Matteo sentou-se à minha frente, me encarando como se eu estivesse prestes a perder a cabeça. Se ele não parasse logo de me rondar constantemente, eu perderia a cabeça *com ele.*

Depois de um segundo de hesitação, Aria se sentou ao meu lado e seu cheiro floral doce penetrou no meu nariz.

Ela não me tocou e eu também não tentei tocá-la.

Gianna se sentou à minha frente com um olhar de ódio absoluto. Encarei-a de volta, dando-lhe a força total da minha cara de Capo e, ela acabou desviando o olhar. Estava farto de ser tolerante. Eu era o Capo e agiria como um.

Quando Romero e Lily também se sentaram, Marianna chegou com a nossa comida. Ela franziu os lábios, mas não falou nada. Comemos em silêncio por um tempo. Aria mal havia tocado em sua comida, nem bebido nenhuma gota do vinho. Suas mãos tremiam conforme ela segurava o garfo.

Eu não a deixaria me manipular para me fazer sentir culpado.

*

ARIA

Logo depois do jantar, eu tive que pedir licença e entrei em um dos banheiros de hóspedes para vomitar. Romero veio até mim alguns minutos depois. Eu estava ajoelhada no chão, apoiando os braços na tampa fechada do vaso sanitário, repousando o rosto neles.

Romero se agachou ao meu lado, com a voz suave:

— Conte a ele, Aria.

— Ele vai achar que quero usar a gravidez como uma forma de fazê-lo se sentir culpado para voltar para mim. Não vou fazer isso. Quero que ele volte por amor, Romero. — Minha voz ficou embargada e lágrimas rolaram dos meus olhos.

Romero me encarou calado. Desta vez, ele não me disse que Luca iria voltar atrás. Ele se endireitou e estendeu a mão. Deixei-o me levantar, lavei as mãos e enxaguei a boca.

De cabeça erguida, voltei para a sala, mas só encontrei Lily e Gianna, que estavam encolhidas juntas no sofá.

— Eles foram para o lounge beber *whiskey* — resmungou Gianna.

— Ah — falei em voz baixa.

Apesar do meu cansaço, fiquei na sala de estar o máximo que consegui, esperando que Luca se juntasse a nós, mas ele não apareceu e eu acabei subindo para o nosso quarto para me deitar. Eu não tinha certeza de quanto tempo havia se passado quando ouvi o ranger da porta. Virei-me e meus olhos encontraram a figura alta de Luca, e a esperança fez meu coração inchar.

— Luca? — sussurrei.

Ele não disse nada e eu acendi a luz. Ele remexia nas gavetas e pegou uma calça de moletom antes de se virar e sair.

— Você não vai ficar? — perguntei, odiando o quanto a minha voz estava trêmula.

Seus ombros se retesaram sob a camisa. Ele não se virou ao falar com uma voz dura:

— Não, mas posso te foder se é o que você quer.

Eu respirei fundo. — Não faça isso.

Sem dizer mais nada, ele saiu e, logo depois, apaguei as luzes com as mãos

trêmulas.

A vez seguinte em que ele falou comigo foi durante o café da manhã do outro dia, para me informar que a nossa presença seria exigida na festa de réveillon do Senador Parker. Ele voltou para Nova York depois disso.

Capítulo 20

ARIA

— Faça-me um favor e não vá — implorou Gianna. Estávamos procurando vestidos novos para a festa há quase duas horas e o meu enjoo se tornava cada vez pior. Eu sabia que Gianna e Lily estavam preocupadas, mas não podia contar a elas. Luca deveria saber primeiro, mas como isso iria acontecer?

Fiquei olhando os vestidos em exposição.

— Se Luca for sozinho, vão começar a fazer perguntas.

— Aria, por favor.

Olhei para a minha irmã por sobre o ombro. Algo em sua voz me preocupou.

— O que você não está me contando?

Gianna se aproximou de mim.

— Matteo mencionou que Grace estará lá.

Apertei o vestido que segurava.

— Pensei que ela estivesse na Inglaterra.

— E estava. Ela está casada com um rico empresário inglês, mas irá à festa.

Engoli em seco. — Posso lidar com ela.

Gianna agarrou meu braço.

— Aria, isso vai ficar feio. Não vá. Por favor.

Forcei um sorriso.

— Não se preocupe comigo. — Puxei um elegante vestido longo cor de creme, fui para o provador e o coloquei. Era justo e com um decote baixo nas costas. Analisei a minha barriga. Será que era óbvio que eu estava grávida?

A cabeça de Gianna despontou e eu enrijeci, mas ela apenas assobiou.

— Leve este. Você está estonteante. Deixe Luca ver o que está perdendo.

Nenhum vestido revelador convenceria Luca a me amar novamente. Não funcionava desse jeito.

*

Sandro buscou Gianna e eu na mansão e nos levou para Nova York, onde nos

encontramos com Luca e Matteo na garagem do nosso apartamento. Luca vestia um terno preto elegante, acentuando seus ombros largos e sua cintura fina.

Ele não piscou ao me ver naquele vestido. Estava inexpressivo e seus olhos congelaram meu interior com sua frieza. Sem dizer nada, entrei no banco do carona do carro dele. Seguimos em silêncio em direção à casa de Parker.

Antes de sairmos, Luca virou-se para mim, porém, em seus olhos não havia calor.

— Não queremos atrair atenção para nós mesmos, então, vamos agir civilizadamente. — Ele ergueu as sobrancelhas numa pergunta silenciosa e eu assenti.

Luca saiu e abriu a minha porta. Eu me preparei para o que iria acontecer, mas no instante em que a mão de Luca tocou as minhas costas nuas, todos os músculos do meu corpo ganharam vida com necessidade e desejo.

Os dedos de Luca ficaram tensos contra a minha pele e eu olhei para cima, apenas encontrando seu rosto completamente sem expressão. Ele me conduziu em direção à casa sem falar ou olhar para mim.

Gianna e Matteo já estavam lá, bebendo champanhe e conversando. Eles pareciam estar se dando bem novamente, ou talvez estivessem sendo civilizados em público como Luca e eu.

Luca me levou até eles e tirou a mão das minhas costas assim que chegamos.

— Vou pegar alguma coisa para bebermos. — Ele não esperou pela minha resposta e saiu.

Gianna fez uma careta para as costas dele antes de me lançar um sorriso encorajador. Tentei retribuir o sorriso, mas suas sobrancelhas uniram-se. Ela se aproximou e segurou o meu braço.

— Aria, não o deixe vencer. Não lhe dê tamanho poder sobre você — sussurrou ela asperamente.

Assenti e vesti minha máscara social, com a cabeça erguida. Luca não voltou e, quando olhei pelo salão, encontrei-o conversando com o Senador Parker. Foi quando a vi. Grace Parker. Alta, linda e vestida com um macacão justo que deixava pouco para a imaginação. Ela estava sozinha, sem nenhum marido inglês à vista. Lembrei-me de quando o peguei com ela, lembrei-me da sensação de decepção e dor, e eu ainda não o amava naquela época.

Luca a viu praticamente no mesmo momento que eu e não tirou os olhos dela. Era assim que ele queria me punir?

— Ele não ousaria — sibilou Gianna.

A resposta de Matteo surgiu através da névoa em meus olhos.

— Não vai.

Grace aproximou-se de Luca com um sorriso sexy e Luca sorriu. Lembrei-me daquele olhar das fotos que vi dele em seus dias de solteiro: como um homem que sabia o que tinha a oferecer e que aceitava o que as mulheres tinham a lhe dar.

Meu estômago contraiu muito forte e o enjoo tomou conta de mim. Virei-me e corri para o banheiro no fim do corredor. Mal consegui fechar a porta e alcançar o vaso sanitário antes de colocar tudo para fora, vomitando violentamente até nada mais restar no meu estômago. Gotas de suor cobriam a minha testa. Alcancei a descarga com as mãos trêmulas.

A batida suave de Gianna na porta surgiu alguns segundos depois.

— Aria, deixa eu entrar!

Olhei para o espelho e toquei a minha barriga.

— Aria, por favor, me deixa te ajudar.

Ela não podia me ajudar. Esta era uma batalha que eu tinha que lutar sozinha porque era uma luta contra o meu coração.

As palavras de Luca algumas semanas atrás brilharam na minha mente: *Está tudo acabado.*

Sim, estava.

*

LUCA

Grace me rodeava como um abutre. Ela havia se casado com algum filho da puta velho com milhões em sua conta bancária, mas agora me comia com os olhos como fazia antigamente.

— Já se cansou da sua esposa? Eu te disse que ela não conseguiria te satisfazer.

— Não fale dela — alertei. Ela parecia ter esquecido do aviso que dei na última vez.

Matteo ergueu as sobrancelhas para mim do outro lado do salão. Eu não via Aria nem Gianna em lugar nenhum e estava feliz pra caralho. Aria naquele vestido praticamente branco, como a porra de um fantasma, a porra de um anjo.

Uma fraqueza.

— Não estou aqui para conversar, não se preocupe — ronronou ela. Meus

olhos foram atraídos para o seu decote.

— Para que você está aqui então? — perguntei curvando os lábios.

— Para foder. — Ela sorriu. — Vamos, Luca.

Caminhei alguns passos atrás dela, com meus olhos em sua bunda naquela piada de macacão. Ela me levou para o seu antigo quarto, um quarto do qual eu tinha boas lembranças.

Grace fechou a porta e se virou para mim, umedecendo seus lábios vermelhos.

— Ah, senti saudade do seu pau dentro de mim, Luca — cantarolou ela ao se aproximar de mim e se inclinou para me beijar.

— Nada de beijos — grunhi, olhando para ela. Ela fez um biquinho, mas não tentou outra vez. Nunca gostei de beijá-la, agora, menos do que nunca.

Suas unhas compridas percorreram meu peitoral, depois desceram. Eu tive que lutar contra o impulso de empurrar sua mão para longe. Eu ainda não estava duro, nem perto disso. Na verdade, seu toque me enojava.

Seu rosto transparecia confusão, depois, ela sorriu audaciosamente.

— Bancando o difícil?

— Um de nós precisa fazer isso — resmunguei, odiando-a e a mim mesmo.

Ela corou, mas não deixou minha rispidez detê-la. Ela se ajoelhou, fazendo uma cara de inocente. Parecia falsa pra caralho. E causou em mim o efeito oposto ao que ela pretendia. Lembrei-me dos sorrisos inocentes de Aria, dos seus toques inocentes quando a fiz minha.

Aria.

Caralho.

Sempre Aria.

Então, lembrei a última vez em que ela me tomou em sua boca, seus lábios perfeitos, sua provocação. Eu adorava como ela ficara mais confiante em relação ao sexo com o passar dos anos. Eu amava seu cheiro, seu gosto, sua pele sedosa. Puta que pariu. Eu amava tudo que tinha a ver com ela, ainda a amava. Amava cada centímetro dela, mas, acima de tudo, sua risada e seus sorrisos, e o jeito que ela me olhava com amor e confiança.

Cambaleei para longe das mãos de Grace no meu zíper. Ela deixou a mão cair estreitando os olhos.

— O que foi agora? Não me diga que não consegue trair sua Aria certinha.

Segurei seu braço num aperto mortal.

— Não se atreva a insultá-la. Nem sequer pronuncie o nome dela. — Empurrei-a para longe de mim, com uma raiva do caralho por mal conseguir me controlar. Furioso comigo mesmo pela minha fraqueza, pelos meus sentimentos inúteis. Então, dei meia-volta e voltei para a festa.

Matteo estava ao meu lado num segundo:

— Essa foi uma rapidinha de verdade. — Sua voz estava estranha, mas eu não tinha paciência para analisar seu humor.

— Não consegui. Nem consegui deixá-la chupar o meu pau. Caralho. — Em que merda eu havia me transformado?

— Por causa de Aria.

Cerrei os punhos, desejando destruir alguma coisa, desejando matar e mutilar.

— Sou um puta fracote — falei em voz baixa.

— Fracote? — Matteo riu. — Luca, você matou uma boate cheia de motociclistas, fez pedacinhos de todos, torturou nosso tio por horas sem piscar e não sentiria um pingo de remorso se matasse cada filho da puta neste salão. Você não é um fracote por causa do que sente por Aria. Nosso pai era um babaca sádico e insano.

— Eu pareço um cachorro castrado.

Matteo grunhiu, faiscando.

— Você sabe que Aria nunca te traiu. Aquela mulher sempre pertenceu e sempre pertencerá só a você, Luca.

— Eu sei — grunhi. Puta que pariu, eu sabia que ela fora fiel, não apenas porque o fotógrafo confirmou sua história, mas também porque Aria não era assim. Ela não me trairia. Eu percebera isso depressa, mas ainda estava puto pra caralho com ela por agir pelas minhas costas e eu era orgulhoso pra caralho para pedir desculpas. — E, ao que parece, eu também não consigo traí-la.

— Ela te deu um chá de boceta.

Se fosse apenas isso. Ela tinha meu coração gelado num domínio implacável e eu não conseguia me livrar disso.

Meus olhos analisaram os convidados mais uma vez e finalmente encontrei Aria. Gianna estava ao lado dela, praticamente mantendo-a de pé. Aria parecia pálida e, então, seus olhos pousaram em mim, e eu soube que ela havia me visto saindo com Grace. Ela se endireitou e fixou seu olhar no meu.

Era isso. Meu jeito de me livrar da fraqueza que me tornava um alvo fácil para Dante.

— Peça desculpas — resmungou Matteo. — Pelo amor de Deus, Luca, se

desculpe com ela.

— Não — falei com firmeza. — Está tudo acabado.

Capítulo 21

ARIA

Vesti meu casaco mais grosso, um cachecol e luvas antes de sair para a varanda, então, desci a colina em direção à água. Assisti ao nascer do sol sobre o mar, inalando o ar frio. Estava parada ali há um bom tempo quando passos soaram atrás de mim. Virei-me esperando que fosse Gianna, mas, em vez dela, Matteo vinha em minha direção, vestido apenas com uma calça de moletom e uma blusa, apesar da temperatura congelante. Ele e eu não havíamos trocado mais do que algumas palavras nas últimas quatro semanas. Virei-me de novo para a água, sem saber se queria que ele perturbasse este momento de quase paz. Eu raramente dormia mais do que algumas horas à noite. Mas lhe devia um agradecimento.

Matteo parou ao meu lado.

— Obrigada — falei baixinho. — Por encontrar o fotógrafo mesmo que tenha sido em vão. — Quatro semanas e, lentamente, eu começava a me dar conta de que era isso. Que nunca mais teria o amor que subestimei.

— Três anos atrás você guardou um segredo meu de Luca — declarou Matteo com a voz rouca de sono. — Se não tivesse feito isso, eu não estaria aqui hoje.

Virei-me para ele e ergui a cabeça. Nunca conversamos sobre aquele dia no decorrer dos anos seguintes.

— Fiz isso por Luca — falei porque era verdade e nós dois sabíamos disso. Só de pronunciar seu nome senti queimar por dentro.

Matteo assentiu, seus olhos castanhos procuraram os meus.

— E eu também encontrei aquele fotógrafo por ele, porque ele precisa de você.

Sorri tristemente.

— As últimas quatro semanas provaram que você está errado. Luca vive a vida dele normalmente. Ele está livre novamente, livre para curtir e levar mulheres para a cama. — Meu Deus, essas palavras abriram um buraco no meu peito, e a minha garganta fechou ao ponto de eu ter certeza de que iria sufocar.

Até o réveillon, eu nutria um pingo de esperança, porém, estava cansada, cansada de esperar por algo que nunca iria acontecer, cansada de me machucar constantemente.

Matteo balançou a cabeça sorrindo.

— Ele não transou com a vadia. Ele não tocou nela, não fez nada.

Ergui as sobrancelhas.

— Quatro semanas e Luca não comeu ninguém, não tocou numa única mulher, ninguém chupou o pau dele. Se estivesse farto de você, ele já teria comido metade de Nova York até agora, acredite. O babaca insensível parece ter um coração, afinal de contas, e ele bate apenas por você. Ele só é um idiota desgraçado para lhe mostrar isso.

Fiquei aliviada, mas parte de mim não tinha certeza se sequer importava Luca ainda ser fiel a mim. Havia esperança para nós? Para o nosso amor? Talvez ele estivesse despedaçado demais.

— Fale com ele — implorou Matteo. — Ele é orgulhoso demais.

Voltei-me para o mar e não falei nada. Eu não iria falar com Luca. Já havia tentado no início, porém, ele continuava me afastando mesmo sabendo que eu não o tinha traído. Ele precisava dar um pequeno passo em minha direção, me mostrar que ainda havia esperança para nós. Eu tinha que proteger não apenas a mim mesma, mas também o nosso bebê.

— Luca quer que deixe o nosso médico dar uma olhada em você por causa da sua perda de peso.

— Não achei que ele tivesse reparado, afinal, ele nem olha mais para mim.

Matteo franziu a testa.

— Ele olha, pode acreditar. — Ele esperou, e suspirou. — Aria, dá para você simplesmente pedir desculpas a ele mesmo que não sejam sinceras? Um de vocês dois tem que dar o primeiro passo.

— Vou preparar um chá para mim — anunciei, deixando-o parado lá. Se Luca estava preocupado, ele mesmo podia me dizer, e, no entanto, parte de mim não conseguia parar de se sentir aliviada por ele ainda se importar com meu bem-estar.

Entrei na casa, feliz pelo calor. O frio havia ajudado com o enjoo, mas agora que eu estava lá dentro, ele voltara. Depois de tirar o casaco, o cachecol e as luvas, fui para a cozinha e liguei a chaleira elétrica para preparar o chá. Uma das empregadas colocara os saquinhos de chá novamente na prateleira mais alta, embora eu os colocasse embaixo o tempo todo. Isso me deixava louca. Peguei uma cadeira, mas hesitei; com a tontura, o risco de cair era grande demais. Soltei a cadeira, abri a porta da prateleira e peguei uma espátula.

Fiquei na ponta dos pés e tentei arrastar o pacote com os saquinhos de chá para fora da prateleira com a espátula, mas só consegui empurrar mais para trás.

Uma sombra pairou sobre mim e, surpresa, recuei, e então congelei. Luca pegou o pacote na prateleira e o pôs na bancada. Seu rosto estava inexpressivo, contudo, havia uma pontada de alguma coisa em seus olhos.

Desviei o olhar.

— Obrigada — falei baixinho.

Ele não disse nada, simplesmente assentiu antes de ir até a cafeteira. Permiti a mim mesma um momento para observá-lo. Assim como Matteo, ele usava uma calça de moletom preta, contudo, não se incomodara em vestir uma blusa. Eu nunca quis tocar tanto em alguém como queria tocar em Luca agora. Eu sentia falta da sua proximidade, do seu calor. Meu Deus, eu sentia falta do amor dele. Meus olhos demoraram-se na tatuagem sobre seu coração.

Irei onde você for, não importa quão sombrio seja o caminho.

Virei-me depressa, engolindo em seco, e preparei meu chá, desejando sair da cozinha o mais rápido possível. Com a minha caneca em uma mão, ia para a porta quando uma nova onda de náusea misturada com tontura desabou sobre mim. A caneca caiu da minha mão, estilhaçando no chão, esparramando chá quente no meu pé descalço, porém, eu mal registrei a dor porque a minha visão escureceu e eu tentei alcançar a mesa para me estabilizar. O chão se aproximou depressa, foi quando braços fortes me envolveram, içando-me, e espalmei um peitoral quente. Respirei fundo, minha testa caiu em cima de músculos. Inspirei o ar profundamente, um aroma familiar, um aroma de conforto e amor. Minha visão clareou lentamente.

— Aria?

O tom gentil que eu sentia tanta falta. Meu coração pareceu remendar e partir ao mesmo tempo.

Levantei a cabeça e olhei para cima, para o rosto de Luca. Preocupação. Aquilo era preocupação? Suas sobrancelhas uniram-se. Meu Deus, eu amava aquele homem.

Enquanto nos encarávamos, eu quase consegui ver a máscara de Luca voltando ao lugar, uma máscara tão impenetrável quanto o aço. Fria e severa. Eu devo ter imaginado a preocupação. Tirei as mãos do peito dele e recuei, estremecendo quando me dei conta de que meus pés queimavam ligeiramente.

— Isso deve ser tratado com pomada para queimaduras — disse Luca com firmeza. — Vou chamar o médico para ele poder dar uma olhada em você.

Forcei-me a dar um passo decidido para trás, mesmo meu corpo gritando por aproximação, mesmo meu coração gritando mais alto por sua proximidade.

— Eu não preciso dele. Estou bem.

Preciso só de você.

Antes que pudesse emitir essas palavras, me ajoelhei e comecei a catar os cacos. Quando arrisquei olhar para cima, Luca me observava com uma expressão que não pude decifrar. Ele parecia quase irritado, mas não muito. De repente, ele me tocou, segurou meu braço e me puxou para cima.

— Vá.

Encarei-o. — Preciso limpar isso. As empregadas só voltarão amanhã.

Os olhos de Luca me incendiaram.

— Saia. — E sua voz tremia de… raiva? — Apenas saia.

Virei-me e saí.

*

Eu estava encolhida no sofá alguns dias depois, lendo um livro, quando Gianna se juntou a mim. Ela acenou com a cabeça para o livro.

— É bom?

Dei de ombros. Eu estava com dificuldade para focar em qualquer coisa por muito tempo. Havia lido a mesma página duas vezes e ainda não sabia o que tinha acontecido. Ela me estendeu um prato com biscoitos.

— Usei meu talento na cozinha.

— Você não sabe cozinhar.

Gianna não tinha mais talento que eu na cozinha. Lily era a única que sabia cozinhar alguma coisa remotamente comível, mas ela estava passando uns dias com a família de Romero. Gianna, por outro lado, estava sempre por perto, uma sombra constante.

— Experimente — insistiu Gianna.

Peguei um e dei uma mordida reticente, mas o cheiro da massa quente e do chocolate reviraram meu estômago. E pensar que eu adorava chocolate antes da gravidez. Engoli o pedaço depressa e devolvi o biscoito.

— Aria, por favor, você pode parar de se matar de fome agora? — censurou Gianna repentinamente.

Arregalei os olhos, surpresa.

— Eu não estou me matando de fome — falei. — Você me vê comendo.

— Vejo, e não é muito, e também te vejo indo ao banheiro em seguida. Fala sério, Luca não vale uma bulimia.

Ele valia qualquer coisa.

— Eu pareço tão mal assim? — Olhei para o meu corpo. Havia perdido peso. Meu corpo estava recorrendo às minhas reservas para garantir que o bebê crescesse e, felizmente, ele estava crescendo. A médica estava satisfeita com seu crescimento.

Gianna revirou os olhos.

— Você mataria as modelos de passarela de inveja.

— Claro, exceto pelos 25 centímetros a menos de altura.

— E tem também as suas roupas — falou, gesticulando para a minha blusa larga. — É como se você não suportasse mais mostrar seu corpo.

Fechei os olhos. — Luca falou alguma coisa?

— Na verdade, eu não estou falando com ele, como você bem sabe.

Eu sabia. Minha família estava desmoronando e não havia nada que eu pudesse fazer.

Desculpe-se com Luca.

Mas eu já havia pedido desculpas, já lhe havia implorado que não destruísse o nosso amor, e ele me rechaçou. A voz de Gianna arrancou-me dos meus pensamentos:

— Pelo que Matteo deixou escapar, Luca está preocupado pra caralho. Todos estamos, Aria. Por que você acha que de repente Luca está passando a metade da semana nos Hamptons? É porque ele quer ficar de olho em você. Não entendo o babaca, mas, do jeito distorcido dele, claramente ainda se importa com você.

Fechei a mão, apertando os dedos. Eu havia reparado em como sua presença estava mais constante, mas não ousei ter esperança de que fosse por minha causa. Olhei para baixo, para mim mesma, para a protuberância quase imperceptível da minha barriga. Quanto tempo mais eu seria capaz de manter a gravidez em segredo? Não queria que fizéssemos as pazes só por causa da gravidez. Queria que encontrássemos nosso caminho de volta juntos por contra própria, porque o nosso amor era forte o bastante para superar qualquer coisa. Só que, em algum momento, eu não conseguiria mais escondê-la. Afinal, já estava na décima segunda semana.

— Aria. — A voz de Gianna me trouxe de volta. O rosto dela estava contorcido de preocupação. — Por favor.

Respirei fundo.

— Estou grávida.

Gianna se recostou, boquiaberta.

— Caralho. — Ela olhou para a minha barriga. — De quanto tempo?

— Doze semanas.

Seu rosto deixou transparecer alívio.

— Então é por isso que você anda enjoada?

Assenti. — Acho que o enjoo ainda não passou por causa da minha falta de sorte.

— Falta de sorte é o cacete. A sua sorte é a pior de todas, engravidando de um filho do Luca. — Ela franziu a testa. — Pensei que você tomasse pílula.

— Tomava. Mas quando todo aquele drama com Lily e Romero aconteceu, acabei esquecendo de vez em quando. Não queria que isso acontecesse. Luca não quer filhos agora. Nem nunca.

Gianna olhou para a minha barriga e estendeu o braço, mas parou a alguns centímetros de distância.

— Posso tocar?

Olhei em volta. Estávamos sozinhas.

— Claro.

Ela pôs a mão na minha barriga e eu relaxei sob seu toque.

— Ainda está bem pequena. Difícil de acreditar que tem um ser humano pequenininho aí dentro.

— Eu sei — falei olhando para a mão de Gianna na minha barriga e desejando que fosse a mão de Luca. Meus olhos encheram de lágrimas.

— Ah, Aria — murmurou Gianna, me abraçando. — Odeio te ver desse jeito.

— Estou me sentindo tão solitária, Gianna. Sinto falta dele.

— Você vê a cara irritadiça dele praticamente todos os dias, Aria.

— Sinto falta de como ele era comigo. Sinto falta dos beijos e do toque dele, sinto falta do seu corpo ao meu lado à noite. Sinto falta do seu amor. — Engoli em seco. — Sinto falta de ser abraçada.

Gianna deu um tapinha em seu colo e eu deitei a minha cabeça ali, depois, ela começou a passar os dedos pelos meus cabelos como fazia quando éramos mais novas. Fechei os olhos e me permiti relaxar sob seu toque. Eu ainda tinha as minhas irmãs e o bebê. O amor deles me faria prosseguir de agora em diante. Será que seria o suficiente? Eu não tinha certeza, mas teria que ser. Gianna começou a cantarolar uma melodia relaxante e lágrimas escorreram pelos meus cílios. Eu cedi, cantarolando uma canção de ninar que nossa mãe cantava de vez em quando para a gente.

Ela se calou e ficou tensa debaixo de mim quando passos ecoaram, passos conhecidos.

Preparei-me antes de abrir os olhos.

Luca e Matteo estavam parados no salão nos observando. O rosto de Luca era uma máscara sem emoções. Ele continuava mantendo distância de mim como fez nas últimas semanas. Levantei a cabeça da perna de Gianna, reprimindo o impulso de tocar na minha barriga ao me endireitar.

— Com licença — falei para Gianna e levantei-me para subir a escada. Luca não veio atrás de mim. Ele nunca mais veio.

*

LUCA

Matteo e eu fomos recebidos com um cantarolar baixo ao entrarmos na mansão. Seguimos o som até a área de convivência externa e meu peito ficou apertado diante da visão à nossa frente. Aria estava deitada, encolhida no sofá, com a cabeça no colo da irmã, enquanto Gianna acariciava seus cabelos loiros. Aria chorava de olhos fechados, com as lágrimas caindo sobre seu rosto perfeito, porém, pálido demais. Pálido pra caralho.

Gianna congelou e seu olhar endureceu ao pousar em mim. Ela nem se incomodou em esconder seu desprezo. Eu não estava nem aí, mas ver Aria daquele jeito… isso me atingiu. Lentamente, ela abriu aqueles deslumbrantes olhos azuis e, ao encontrarem o meu olhar, dor e desespero os preencheram. Caralho. Foi como levar uma facada no estômago. Foi pior do que isso.

Ela se sentou, contudo, seus movimentos eram incongruentes, como se ela não percebesse mais seu corpo, como se algo a estivesse detendo. Não sei dizer o que era, não tinha como estudá-la porque ela abaixou a cabeça ao passar por mim correndo e subir as escadas. Ela me evitava e, na maior parte do tempo, eu ficava aliviado porque facilitava as coisas, facilitava ignorá-la, facilitava esquecer os sentimentos que apenas ela conseguia despertar.

Quando ela teve um colapso na cozinha há alguns dias, achei que iria enlouquecer, então, quando ela se ajoelhou, parecendo pequena e desesperançosa, eu quis apertá-la contra o meu peito. Estar de joelhos não era da natureza dela, ela não deveria parecer destruída. Ela era a porra de uma rainha em meio a ratos.

Sempre que ela estava por perto, quando eu era obrigado a olhar para ela, ficava difícil conter as desculpas que ameaçavam irromper de dentro de mim. Para começar, foi ela que me traiu, não do jeito que eu a acusara, mas traiu

mesmo assim. Por três vezes ela agiu pelas minhas costas em favor dos seus irmãos.

Gianna deu um pulo do sofá e veio me atacando.

— O que foi agora? — perguntou Matteo com as mãos erguidas, mas ela o ignorou e me empurrou com força. Estreitei o olhar para ela, sem me mexer, apesar de sua veemência. Ela cerrou as mãos em punhos e eu pude notar que estava tentada a me dar um soco.

Matteo também deve ter visto isso porque agarrou os pulsos dela e resmungou:

— Gianna, controle-se.

— Controlar? É ele quem precisa se controlar. — Ela se livrou dele e fez uma careta para mim. — Será que você não consegue deixar de ser tão egocêntrico por uma porra de segundo e se desculpar com Aria, seu babaca idiota? Você está colocando tudo a perder.

Eu havia me acostumado com os insultos dela. Ela tinha instinto de sobrevivência o suficiente para reservá-los para quando estivéssemos junto com a família e sabia que eu toleraria seu desrespeito por causa de Matteo e Aria.

— Desculpas? — perguntei em voz baixa, fechando a cara para ela em troca, mas ela não recuou.

— Sim, desculpas. Você sabe que ela não te traiu e a tratou feito lixo. Ainda trata.

— Eu não a trato feito lixo.

Eu sabia que Aria não havia me traído, mas o fato de que ela havia agido pelas minhas costas era uma realidade. Ela havia pego dinheiro da conta bancária da *Famiglia*. Ela havia ido a Chicago em tempos de guerra, havia se deixado ser capturada por Dante. Se ele não a tivesse usado para me fazer perder a cabeça, ela ainda estaria nas mãos dele e, sendo mulher ou não, estávamos em guerra.

Indignada, Gianna balançou a cabeça. Era uma expressão à qual eu estava acostumado vindo dela.

— Você não percebe que ela está desvanecendo a cada dia? Seu orgulho vale perder a única pessoa que não acha que você é um assassino em série psicótico.

Eu havia notado que Aria perdeu peso, mas ainda não chegava perto de representar perigo. Já perguntara ao médico. Ele havia me assegurado que ela parecia bem saudável, mesmo não a tendo examinado há algum tempo porque ela não queria.

— Eu sou um assassino — falei simplesmente.

— Ele é. — Matteo deu de ombros e, numa tentativa de aliviar o clima, acrescentou: — Quer seja psicótico ou sociopata, isso com certeza é discutível.

Gianna balançou a cabeça, girando nos calcanhares, e saiu pisando duro.

Matteo suspirou e passou a mão pelos cabelos.

— Seus problemas com Aria também estão fazendo da minha vida um inferno. Eu mal faço sexo, nem mesmo sexo com raiva, e, vou te falar, Gianna é a melhor no sexo com raiva.

Eu não duvidava disso. Aquela mulher nutria a fúria de cinquenta gatos selvagens famintos. Ela era totalmente insuportável, muito diferente da irmã. Aria odiava discussões, tentava manter as pessoas unidas com seu lindo sorriso e palavras gentis.

Caralho. Aquele sorriso lento que começava com uma leve curva no canto de sua boca perfeita, depois se abria até se espalhar por todo o seu rosto, largo e deslumbrante.

Um puta buraco abria no meu estômago sempre que me lembrava do seu sorriso. Fazia tempo que ela não sorria.

Matteo me observava em silêncio com um expressão muito ciente.

— Talvez Aria tenha começado a confusão, mas é você quem vai terminá-la, Luca.

— Eu não vou me desculpar.

— Tudo bem, mas estou cansado pra caralho do clima tenso que está nos afundando. Não só a você e Aria, mas também Gianna e Liliana, eu e Romero. É irritante pra caralho e vai nos destruir. Se você tem certeza de que não vai se desculpar com Aria por acusá-la de te trair e perdoá-la pelo tratamento de gelo, então, pelo menos, termine isso de uma vez. Você já mudou tanta coisa na *Famiglia*. Faça a diferença e peça o divórcio, depois, pode voltar a foder as *it-girls* de Nova York, e Aria pode encontrar um cara legal para se casar.

— Não! — grunhi. — Aria é minha. Eu mato todos os filhos da puta que se atreveram a tocá-la. Não haverá porra de divórcio nenhum. Nunca. E eu não quero foder ninguém…

— Além dela — terminou Matteo. Ele deu de ombros. — Então, você vai ficar com o saco inchado e ele vai cair, porque não acho que Aria vá dar o primeiro passo mais uma vez.

Capítulo 22

ARIA

Já era tarde da manhã. Eu não havia dormido direito à noite por causa do enjoo, mas também estava cansada demais para sair da cama. Virei-me e meus olhos encontraram o espaço vazio ao lado do meu na cama. Alisei o tecido macio. Ainda dormia no meu lado da cama e sempre acordava na metade do lado vazio de Luca, como se o meu corpo tentasse buscá-lo durante a noite. Oito semanas de noites solitárias.

Vesti o roupão largo de seda que escondia a minha barriga e saí do quarto descalça. A casa estava silenciosa, mas ouvi ao longe o ressoar de vozes grossas.

Fiquei surpresa em encontrar Luca e Matteo ainda à mesa do café da manhã. Seus pratos estavam cheios de migalhas, mas eles já haviam acabado de comer e, ao que parecia, estavam presos numa discussão. Havia outro prato com migalhas, mas Gianna já tinha saído. Ela e Luca no mesmo ambiente… isso não durava muito. Ela devia estar na academia. Lily e Romero haviam ido para Nova York ontem de manhã.

Os dois homens olharam para mim. Não falei nada, também não olhei para eles. Estava cansada demais para lidar com meus sentimentos. Engolindo o meu enjoo, peguei a garrafa térmica com chá de frutas que Marianna sempre preparava para mim e servi uma caneca. Dei um gole no chá de frutas quente sem me sentar. Não conseguia manter nada além disso no estômago pela manhã neste momento e não queria arriscar me sentar para que não tivesse que correr para o banheiro.

Luca me observava, seus olhos demoraram-se nas minhas maçãs do rosto, depois, nas clavículas. Sabia que ele podia ver meus ossos salientes. O roupão não conseguia me esconder por completo. Eu perdera ainda mais peso nas duas últimas semanas, começava a me preocupar com o bebê, mas não conseguia manter a comida no estômago. Dei outro gole no chá, segurando com uma mão a beirada da mesa para me estabilizar. De manhã era sempre pior.

— Você deveria se sentar — sugeriu Matteo, e sua voz me fez olhar para cima porque estava cheia de preocupação.

Luca se levantou da cadeira, pegou a cesta com doces dinamarqueses e a estendeu para mim. Ele não estava perto, nunca mais esteve.

— Marianna comprou seu biscoito de amêndoas preferido. Você precisa comer.

Seus olhos cinza estavam mais suaves do que os via há muito tempo, no entanto, já havia desistido de ter esperança.

Olhei para baixo, para os doces, e senti meu estômago revirar. Olhei novamente para cima. Seu olhar era de desespero.

— Aria, por favor — acrescentou. Ele quase nunca falava “por favor”, principalmente na frente de outras pessoas, nem mesmo de Matteo. Uma onda violenta de enjoo se apoderou de mim. Balancei a cabeça, lutando contra a náusea.

— Não consigo — saí, dando meia-volta e caminhando devagar de volta para o andar de cima. Correr teria me feito vomitar. Fiquei contente por Luca não vir mais atrás de mim. Isso facilitava as coisas.

Vomitei o pouco que ainda havia no meu estômago, depois, escovei os dentes atordoada e me limpei com um pano. Tonta do jeito que estava não podia arriscar entrar no chuveiro.

Voltei para o quarto e me despi, depois, virei-me de frente para o espelho de corpo inteiro.

— E o que você está fazendo comigo? — sussurrei com carinho. Quatorze semanas. Envolvi a barriga com as mãos. Nua como estava, não havia como negar a gravidez. Virei-me de perfil para o espelho. Um bebê. Acariciei levemente a barriga, desejando que fossem as mãos de Luca, precisando tanto do seu toque e do seu amor que chegava a doer.

A porta do quarto abriu.

— Aria.

Era Luca.

Eu me virei para longe do espelho e corri em direção ao cabideiro onde deixara meu roupão. Arranquei-o dali e deixei o objeto cair. Retraí-me quando ele chegou ao chão diante dos meus pés, então, rapidamente agarrei o roupão na frente do meu corpo.

Luca estava congelado no quarto, seus olhos moviam-se do cabideiro para mim agarrada ao roupão como se fosse a minha tábua de salvação.

Seu rosto refletiu arrependimento, mas não me atrevi a ter esperança.

— Aria, você está com medo de mim? — perguntou calmamente.

Será que estava? Encarei Luca. Fiquei algumas vezes, nos dias que se seguiram a quando ele achou que eu o havia traído, mas não sentia mais. Ele não me machucou quando pensou que o havia traído da pior maneira possível. Ele *nunca* me machucaria.

— Não — falei com convicção.

Ele se moveu em minha direção, movimentos lentos e cautelosos como se não quisesse me assustar ao pegar o cabideiro e endireitá-lo. Olhou-me nos olhos e a emoção nos dele afrouxou as cordas do meu coração.

— Não ligo para a dor. Consigo lidar com a tortura. Mas quando te vi com Dante e pensei que você… — Ele parou, contorcendo o rosto em agonia. — Eu quis te matar e quis me matar porque sabia que era fraco demais para fazer isso.

Que lógica…

— Sinto muito por te fazer pensar que não podia confiar em mim. Mas eu te amo, Luca. Nunca deixaria outro homem me tocar, nunca te trairia desse jeito. Nunca.

— Eu sei — afirmou baixinho. Ele ainda não havia reduzido a distância entre nós. Talvez porque eu ainda me protegia com o roupão como se estivesse com medo do que ele faria com a minha nudez.

— Você ainda me ama? — perguntou ele com o semblante incauto. Neste momento, ele não era o Capo; era o meu marido, o homem que eu amava e que também me amava.

— Claro — respondi. Não achava que conseguiria deixar de amá-lo. — E você? Você me ama?

Ele riu, um som grave e sombrio. E avançou um passo, entretanto, se deteve.

— Eu te amo demais. É doloroso pra caralho. Cada segundo que não estou com você me mata, cada segundo que tenho que fingir que não te amo. Odeio te ver ficar doente por minha culpa.

— Não estou doente — protestei.

Ele fez um gesto em direção às minhas clavículas.

— Você perdeu muito peso, Aria. Não sou cego.

Dei de ombros. — Não é nada com que eu não possa lidar.

— Me perdoe — soltou.

Arregalei os olhos. Ele nunca havia dito essas palavras para mim antes. Um Capo não pede perdão, nem o concede. Essa foi uma das lições de seu pai que ele levava no coração.

Seus olhos não estavam frios nem desconfiados. Ele me deixou entrar. Ele estava de volta. Meu Luca estava de volta. Comecei a chorar. E ele reduziu a distância restante.

— Aria?

Olhei para ele, para o seu olhar aflito.

— Claro que te perdoo, se você também me perdoar.

— Como eu poderia não te perdoar? — Ele segurou meu rosto. — Eu te amo. — Ele se abaixou e me beijou com doçura. Eu estive me afogando e ele era o meu ar. Ele era a minha vida, meu amor, meu tudo. Seu beijo era doce. Sem possessividade, apenas amor. Abri os lábios e sua língua me saboreou. Sentia falta disso. Sentia falta dele.

Larguei o roupão e coloquei as mãos em seu peitoral, sentindo as batidas do seu coração. Suas mãos desceram do meu rosto para os meus ombros, depois, pelas minhas costas até as costelas. Perto demais da minha barriga. Ele se afastou.

— Suas costelas — falou em voz baixa. — Aria, você precisa comer. Não vou deixar que se mate de fome. Deixe-me te ajudar.

Sorri para ele.

— Não há nada que você possa fazer, Luca.

Ele entendeu errado. Seu rosto retorceu de puro medo.

— Você está mesmo doente?

— Meu Deus, não — apressei-me em responder. Recuei um passo, mas ele só olhava para o meu rosto, sem compreender, e não para a pequena protuberância. Peguei sua mão e a coloquei sobre a minha barriga.

A expressão em seu olhar era impagável. Um choque absoluto. Incredulidade. Seus olhos dispararam para sua mão na minha barriga. Ainda não estava grande e parecia ainda menor em comparação à sua mão forte, mas era evidente.

— O que é? — perguntou com a voz falhando.

— Estou grávida de um filho seu, Luca.

Lentamente, seu olhar subiu de novo para encontrar o meu. Ele não falou nada.

Fui tomada pela incerteza.

— Desculpe. Esqueci de tomar a pílula quando ficou tudo um caos por causa do casamento de Lily com Brasci. Sei que você não queria trazer um bebê para este mundo. Por isso demorei para contar. E foi por esse motivo que Dante me deixou ir embora ilesa de Chicago. Eu estava grávida e disse para ele. Sinto muito, Luca.

Com um som gutural baixo, ele se ajoelhou, me assustando, com a mão ainda na minha barriga. Ele se inclinou para frente e depositou um beijo delicado ali, depois, descansou a testa na minha pele nua, respirando com dificuldade.

Meu suspiro saiu trêmulo e, óbvio, comecei a chorar novamente.

Ele levantou o olhar para o meu.

— Ah, Aria. Vou incendiar o mundo por você e pelo nosso filho. Queria ter me desculpado mais cedo. Queria não ter te deixado passar por isso sozinha. — Ele se levantou e me beijou levemente. Aprofundei o beijo e deslizei minhas mãos para dentro de sua camisa, por cima de seu abdômen. Eu precisava dele, precisava da sua proximidade mais do que jamais precisei de qualquer coisa.

Ele retribuiu o beijo e se afastou.

— E quanto ao bebê?

— Está tudo bem. Podemos transar. Conversei com o médico. — Então, hesitei. — Ou você não me acha atraente com essa barriguinha?

Luca riu. — Você é a mulher mais sexy e mais bonita do mundo, Aria, com barriguinha ou não. — Ele me pegou no colo e me carregou até a cama.

Luca me deitou no colchão e deixou seus olhos me admirarem.

— Caralho! Você é tão linda, Aria.

Seus dedos roçaram em meus pelos aparados, mas, então, fez uma pausa, uma expressão de incerteza, como se estivesse pedindo permissão. Abri as pernas para ele. Ele não tirou os olhos de mim ao escorregar os dedos por entre as minhas dobras e massagear com maestria, sabendo de cada toque e movimento que eu gostava. Minha respiração ficou irregular conforme eu assistia àquele homem forte e poderoso, o meu homem, ajoelhado entre as minhas pernas, me dando prazer com as mãos.

Ele soltou um suspiro, a expressão obscurecendo de desejo ao abaixar a cabeça entre as minhas pernas, e meu centro apertou de ansiedade. Ofeguei quando senti sua língua deslizar pela minha carne. Eu já estava pronta para ele. Fazia muito tempo desde que estivemos juntos.

— Quero você dentro de mim, Luca.

Porém, ele não se deixou dissuadir e se acomodou totalmente entre as minhas pernas, olhando para o meu rosto enquanto seus lábios se fechavam sobre o meu clitóris, chupando-o. Gritei quando veio o orgasmo, inesperado e intenso. Já fazia muito tempo, tempo demais sem seu toque.

Luca gemeu contra meu centro e a vibração fez meus olhos revirarem, mas ele não parou a investida gentil. Relaxei sob sua língua e sua boca, deixei-o me guiar para o doce esquecimento, enquanto uma nova onda de prazer corria por mim. Depois do meu segundo orgasmo, não consegui mais aguentar.

— Luca, por favor, preciso de você.

Luca foi beijando meu corpo, subindo pelo meu quadril, minha barriga, minhas costelas, antes de demorar nos meus seios, que haviam crescido. Ele sorriu e soltou uma risadinha, que trouxe sua atenção de volta ao meu rosto e sorriso.

— Senti saudades disso.

— Do sexo? — perguntei, me sentindo quente, molhada e desesperada por mais.

— Do seu sorriso — murmurou ele antes de abaixar a cabeça para os meus seios e começar a beijá-los. Sua boca se fechou em meu mamilo e eu gemi, sentindo outro orgasmo se aproximando. Ele mordiscou e chupou por um tempo, seus olhos cinza permaneciam em meu rosto enquanto eu me contorcia e gemia.

— Luca, por favor.

Ele se esticou e tirou a camisa pela cabeça, revelando o torso musculoso onde eu sempre queria passar as mãos, mas não tirou os olhos de mim. Suas mãos foram para a calça, que não ajudava em nada a esconder o volume sob ela, e a tirou junto com a cueca. Ele precisava disso tanto quanto eu. Estremeci de ansiedade quando ele voltou para a cama e para cima de mim enquanto eu abria mais ainda as pernas para ele.

Ele apoiou o peso nos cotovelos ao se abaixar para outro beijo. Colocando a mão entre nós dois, se posicionou, pressionando a ponta do pau em mim. Projetei os quadris para ele poder deslizar alguns centímetros para dentro, e ambos gememos com a sensação.

Ele meteu dentro de mim devagar até estar quase todo dentro, mas pude notar que estava se contendo. Olhei dentro dos olhos dele e agarrei seu traseiro durinho.

— Quero você todo dentro de mim.

Os músculos do seu pescoço flexionaram, sua expressão refletia o turbilhão dentro dele.

— Eu não quero machucar você nem o nosso bebê.

— Luca — falei, apertando mais a sua bunda. — Não tem como machucar. Confia em mim, contanto que você não volte a sair do controle comigo.

Como se ele se lembrasse daquele dia, seus lábios contorceram com uma autodepreciação, mas eu não deixei. Coloquei a mão em sua nuca e o puxei para um beijo e ele, enfim, entrou com tudo dentro de mim e nós gememos juntos.

— Caralho — rosnou, encostando a testa na minha, seu peito arfava. — Esqueci o quanto você é apertada, o quanto é perfeita pra cacete.

Ele recuou alguns centímetros, apenas para meter de novo. Gemi diante da

sensação de plenitude. Seu corpo forte sobre mim, seu membro dentro de mim, seus olhos me incendiando com amor, necessidade e fome. Parecia que eu ia explodir. Ele empurrou devagar, como se estivesse saboreando cada momento, e senti que eu saía do controle, mas não queria parar. Queria que este dia durasse para sempre.

Ele meteu em mim com um pouco mais de força, sua pele estava coberta de suor, sua boca comprimia conforme ele lutava para se controlar.

— Aria, já faz muito tempo. Não sei quanto vou aguentar — falou entredentes.

Toquei em seu rosto, prendendo seu olhar.

Ele ter se mantido fiel a mim, apesar de quem era, apesar do que achava que eu tinha feito a princípio, isso tinha muito significado para mim. Talvez eu não devesse me sentir grata por isso, nenhuma mulher normal ficava grata por isso, mas eu sabia o que os Homens de Honra faziam pelas costas das esposas e eles nem eram o Capo. Luca podia ter uma garota diferente todos os dias se ele se sentisse muito inclinado a isso. Ele podia ter mais do que isso.

— Estou quase lá — ofeguei quando ele angulou suas estocadas para cima para alcançar meu ponto G e eu me agarrei a seus ombros. Meus dedos dos pés curvaram, meus dedos das mãos se contorceram em sua pele. Tão perto.

Luca ficou tenso e, então, ele gozou estremecendo violentamente, e me levou junto com ele para o clímax. Gritei ao gozar, agarrando seus ombros enquanto ele metia em mim mais algumas vezes antes de sua testa desabar no travesseiro, sua respiração era pesada no meu pescoço. Ele ainda conservava seu peso distante de mim, devia estar preocupado que fosse esmagar o bebê.

Queria desfrutar deste momento para sempre, da sensação de seu calor e seu poder, ouvir sua respiração rápida, mas meu corpo tinha vontade própria e, claramente, pretendia ejetar qualquer pequena quantidade de chá de frutas que havia restado em meu estômago.

— Luca — falei, já lutando contra o enjoo crescente.

Ele levantou a cabeça depressa, contraindo as sobrancelhas de preocupação. Saiu de cima de mim imediatamente e foi para fora da cama. Assim que eu estava livre para me mexer, saí da cama e corri para o banheiro. Mal consegui chegar ao vaso sanitário antes de vomitar o chá. Arrepiada e sentindo que iria desmaiar, caí de joelhos.

*

LUCA

Por um momento, não tive certeza do que fazer quando Aria voou para o banheiro, contudo, fui atrás dela. Ouvi-a vomitar, no entanto, quando entrei no cômodo, ela estava ajoelhada no chão, tremendo, suas mãos repousavam languidamente em seu colo e seus cabelos loiros cobriam seu rosto. Ela parecia pequena e vulnerável… e um instinto feroz de proteção me inundou. Meus olhos permaneceram no pequeno volume em sua barriga ao ir até ela para dar descarga no vaso sanitário. Aria carregava nosso bebê. Como ela pôde sequer ter considerado que eu não a acharia atraente com aquela barriguinha? Ela era a mulher mais linda deste planeta. O amor da minha vida… e eu quase a perdi, quase desisti dela. Eu era um puta idiota.

Peguei uma toalha de rosto no armário e a coloquei sob a água quente por alguns minutos antes de voltar para Aria, agachei-me ao seu lado e entreguei a toalha para ela. Ela pegou-a com um "obrigada" envergonhado e limpou seu rosto pálido. Ela não tinha do que se envergonhar; já havia visto coisa muito pior na vida do que uma mulher grávida vomitando. Massageei gentilmente suas costas, ficando preocupado conforme sentia sua espinha saliente demais.

— *Principessa*, nós deveríamos deixar o nosso médico dar uma olhada em você.

Ela inclinou a cabeça para cima, sua testa brilhava de suor.

— Mas ele nem é ginecologista, Luca. Duvido que possa ajudar.

Ela devia estar certa. O médico podia remendar ferimentos de faca e bala mais rápido do que qualquer um que eu conhecia, mas ele não costumava fazer partos.

— Quem é o ginecologista?

— Max Brightly — respondeu ela e a possessividade mostrou sua cara feia. O ginecologista dela era homem? A ideia de qualquer homem vendo Aria desse jeito me fez subir pelas paredes de ciúmes.

Aria deixou escapar uma risada leve, corando suas bochechas pálidas.

— Ai, Luca, não diga que está com ciúmes do ginecologista?

— Você sabe que sou um babaca possessivo. Por que isso ainda te surpreende?

Ela balançou a cabeça.

— Pode me ajudar a levantar?

Ergui-me e a levantei, apoiando seu peso. Ela oscilou ligeiramente.

— Vamos falar com esse Dr. Max agora. Quero ter uma conversinha com ele.

— Luca — repreendeu Aria. — Não vou se for apenas para você intimidar quem cuida de mim.

— Não vou apenas intimidar. Também quero saber por que ele não consegue te fazer parar de perder peso.

— Algumas coisas não podem ser mudadas, Luca. A gravidez não é algo que se consiga influenciar. Tem que confiar no meu corpo.

Eu confiava em Aria, e amava seu corpo, mas era óbvio que ela precisava de ajuda. Eu estava acostumado a encontrar soluções para problemas, e se não fosse capaz de encontrar uma solução sozinho, obrigava as pessoas a encontrarem uma para mim… e iria fazer o Dr. Brightley ver com que tipo de homem ele estava se metendo.

— Preciso de um banho, mas tenho medo de desmaiar — falou Aria. Conduzi-a para o chuveiro, abri a água e esperei esquentar antes de levá-la com cuidado para dentro e pegar o xampu. Espremi uma pequena quantidade na minha mão, mas Aria balançou a cabeça. — Não é o suficiente.

— É o dobro do que eu uso — falei.

Seus olhos correram para os meus cabelos curtos.

— Se meus cabelos fossem curtos como os seus, também precisaria de menos xampu.

— Não — falei com mais vigor do que pretendia.

Ela revirou os olhos, porém, dava para notar que ainda não se sentia bem. Dobrei a quantidade de xampu e comecei a massagear a cabeça de Aria com ele. Eu adorava seus fios loiros, mas lavá-los era uma grande incômodo. Com o tempo que levou para tirar qualquer vestígio do xampu, eu teria me vestido e estaria a caminho do médico, mas gostei de tocá-la desse jeito. Aria fechou os olhos diante da água quente correndo pelo seu rosto e, mais uma vez, meu olhar abaixou para a prova de sua gravidez.

— Você está de quanto tempo?

— Quatorze semanas — murmurou Aria ao olhar para mim.

Fechei a água e peguei uma toalha. Uma gravidez durava nove meses; era praticamente só isso que eu sabia. Enrolei-a na toalha e a peguei no colo para tirá-la do chuveiro, com cuidado para não bater a cabeça dela no vidro.

— Eu ainda consigo andar — falou sorrindo, mas a carreguei de volta para o quarto e a coloquei no *recamier* em frente à nossa cama. Demorei um pouco enxugando-a, aproveitando a sensação de sua pele macia ao passar as pontas dos dedos sobre ela. E pensar que me neguei isso por tanto tempo.

— Você sabe o que é? — perguntei, tentando manter a voz relaxada mesmo que a ideia de que Aria tivesse descoberto sem mim ao seu lado parecesse uma punhalada no coração.

— Não — falou tranquilamente, passando os dedos pelos meus cabelos molhados. — Ainda deve ser muito cedo e eu não queria saber. Esperava que pudéssemos descobrir juntos. — A voz dela ficou embargada e eu encostei a testa em sua coxa nua. Ela cheirava levemente à baunilha e à doçura própria de Aria.

— Nós iremos. Estarei com você em cada passo do caminho de agora em diante, eu juro.

Senti Aria assentir e quando olhei para cima, ela estava chorando novamente.

— Aria — falei com a voz dolorida. — Por que está chorando de novo?

Eu odiava ver suas lágrimas. Elas me faziam sentir como um monstro porque eu sabia que o motivo era eu.

— Tenho andado emotiva por causa dos hormônios, Luca, só isso. — Ela tentou sorrir, mas saiu trêmulo. — É para julho.

Daqui a cinco meses e meio. De repente, imagens do meu pai surgiram, sem convite e desconfortáveis. Eu tinha poucas boas lembranças do homem. Matteo e eu com certeza nunca o amamos. Ele não fora o que alguém consideraria um bom pai, nem mesmo em nosso mundo. Como eu deveria ser um pai para o nosso filho? Aria, ela era uma cuidadora natural, mas eu era um destruidor, um assassino.

Esses pensamentos me atormentaram enquanto eu ajudava Aria a se vestir. Ela lançava um olhar esporádico em minha direção, claramente captando meu humor. Seu olhar era de insegurança.

— Você está bem?

— Não se preocupe comigo, *principessa* — falei-lhe, entrelaçando nossos dedos.

Ela assentiu hesitante. — Você não parece feliz.

— Eu estou feliz que esteja grávida, Aria, acredite — afirmei. Ergui nossas mãos entrelaçadas e beijei sua palma. — Como eu não estaria feliz com uma mini versão sua?

Sua expressão relaxou.

— Poderia ser um menino, aí, seria uma mini versão sua.

Meu estômago contraiu. Eu sabia que Homens de Honra, principalmente um Capo, deveriam gerar um herdeiro, mas eu não queria um filho. Com um filho, as chances de eu agir como meu pai para tornar o garoto forte eram muito grandes. Eu não queria ficar como ele. Mais uma vez, Aria captou a minha hesitação e franziu a testa para mim. Caralho. Ela me conhecia bem demais.

— Você quer uma menina? — perguntou surpresa.

— Sim — falei sem hesitar. Não fazia sentido fingir que não ligava para o gênero.

Ela analisou o meu rosto como se as respostas para as suas perguntas estivessem escondidas ali.

— Você está preocupado que não seja capaz de amar um filho como amaria uma filha?

— Amarei nossa criança independente do gênero porque vem de você, Aria. Mas um menino… precisaria pensar no futuro dele.

Não falei mais nada, não queria entrar em detalhes. Não adiantava discutir isso se ainda nem sabíamos se era um menino.

— É melhor irmos agora — falei, puxando-a.

Segurei-a com mais força quando ela oscilou novamente, e a puxei contra mim ao conduzi-la para fora do nosso quarto em direção ao andar de baixo. O primeiro andar estava deserto. Matteo deve ter ido procurar Gianna.

— Gianna sabe sobre a gravidez? — perguntei ao levar Aria para a minha nova *Mercedes Classe G* preta estacionada na entrada. Comprei-a para me distrair. Claro que não funcionou.

— Ela e Lily… — Ela parou, mordendo o lábio.

— E Romero — terminei.

Ela ficou preocupada.

— Eu precisei envolvê-lo para poder me proteger quando ia à consulta. Sabia que você teria odiado se eu tivesse ido sem proteção e não podia pedir a Sandro. Ele teria te contado na hora.

Assenti ao abrir a porta para ela. De qualquer forma, teria que ter uma conversa com Romero. Ela entrou, mas não sem outro olhar preocupado.

— Não se chateie com ele. Ele me ajudou muito. Não sei o que teria feito sem ele.

Reprimi minha raiva. Não era direcionada a Aria, nem mesmo a Romero. Ela não deveria ter sido obrigada a depender de Romero, para começo de conversa. Fechei a porta, dei a volta no carro e entrei atrás do volante.

Aria adormeceu durante a viagem de volta a Nova York e eu deixei. Ela parecia exausta. Vestida com um camisão, sua barriga ficava imperceptível e, mesmo assim, meus olhos continuavam voltando para o local.

Depois de estacionar o carro numa área de carga e descarga, acordei Aria. Ela

se sentou assustada. Seus olhos identificaram os arredores.

— Já estamos em Manhattan?

— Você dormiu o caminho todo — falei.

— Sinto muito. — Ela olhou pela janela. — Tem certeza de que não vamos ser rebocados?

— Tenho — falei.

Saí, atraindo o olhar do dono do restaurante cuja área de carga eu bloqueava. Ele me reconheceu, nos pagava por proteção.

Ajudei Aria a sair do carro e segurei em sua mão. Ela esticou a coluna, mantendo a cabeça erguida. Era o público. Aria sabia o que era esperado de nós dois. Sempre podíamos estar sendo seguidos por paparazzi. Geralmente, meus contatos verificavam comigo antes de as fotos serem publicadas, contudo, eu preferia não ter fotos comprometedoras, para início de conversa. O fiasco Dante/Aria já tinha sido ruim o suficiente e ainda fazia meu sangue ferver.

— Espero que tenha um horário para nós — disse Aria enquanto eu a seguia em direção a um edifício com vários médicos para todos os tipos de problemas de saúde. Pelo menos assim as pessoas não suspeitariam que Aria está grávida. Eu não queria que a notícia se espalhasse tão cedo e, se possível, nunca. Estávamos em guerra e crianças eram vulneráveis demais. Já era ruim o bastante Dante saber sobre a gravidez, mas eu precisava mantê-la em segredo dos nossos outros inimigos e isso significava que teríamos que garantir que nunca haveria uma foto na imprensa de Aria grávida ou com nosso filho. Eu moveria céus e terra para garantir a segurança deles.

Quando chegamos à sala de recepção da clínica, a recepcionista nos olhou abruptamente, arregalando os olhos quando me identificou. Claro que ela me conhecia. Corri o olhar em direção à porta fechada da sala de espera à nossa direita. Não estava empolgado com a ideia de outros pacientes nos verem aqui e espalharem rumores. Fomos até a recepção.

— Sra. Vitiello, não a esperávamos hoje — anunciou a recepcionista.

— Suponho que isso não vá ser um problema — falei com um sorriso sem mostrar os dentes que sempre causava o mesmo efeito nas pessoas. Aria enrubesceu.

A recepcionista piscou para mim e rapidamente desviou o olhar, empalidecendo.

— É… de jeito algum. Só preciso checar primeiro. Estamos com alguns pacientes na sala de espera. Talvez queiram se sentar até eu chamá-los.

— Não — falei. — Você certamente entende que não quero chamar atenção

para a minha esposa e eu. Confio que você honrará nosso desejo de sigilo. — O sorriso se alargou, mas meus olhos estreitaram.

Ela assentiu e acenou para outra mulher que estava vestida com um uniforme azulado de enfermeira.

— Por favor, pode levar o Sr. e a Sra. Vitiello para um consultório?

Bastou um olhar para mim e a enfermeira correu para nos abrir uma porta. Entramos e ela fechou a porta ao sair, nos dando privacidade. Aria se virou para mim com uma expressão irritada.

— Luca, você tinha que ser tão… — Ela balançou a mão na minha direção como se aquilo dissesse tudo.

— Tão...? — repeti.

— Tão prepotente — terminou antes de se sentar em uma das duas cadeiras na frente de uma mesa branca. O resto da mobília na sala era a cadeira que nenhum homem jamais quis ver de perto com os estranhos suportes metálicos para as pernas e um palete ao lado com uma máquina de ultrassonografia.

Ergui uma sobrancelha.

Aria balançou a cabeça. — Não ligue.

Fui para o lado dela, mas não me sentei. O ambiente me fez preferir ficar em pé.

— Luca — começou. — Max age com muita franqueza. Não quero que você entenda errado e aja como Capo.

Não tive a chance de responder porque a porta abriu e uma figura alta entrou, uma mulher com cabelos castanhos curtos e óculos. Dra. Brightley, dizia o crachá. Olhei para Aria e ela sorriu inocentemente. A médica se aproximou de mim sem hesitação nem choque inicial. Suas recepcionistas devem tê-la alertado. Aceitei a sua mão estendida, surpreso com seu aperto firme. Se ela fosse homem, teria respondido com a minha própria versão de um aperto forte.

— Sou a Dra. Brightley e você deve ser o pai esquivo, Sr. Vitiello. — Suas palavras saíram entrecortadas, seu sorriso era de reprovação.

Dei-lhe um sorriso apertado.

— Você deve ser a médica incapaz de ajudar a minha esposa — falei num tom de voz mortal.

Aria se levantou da cadeira e veio até nós dois para apertar a mão da Dra. Brightley.

— O que ele quer dizer é que eu ainda não consigo manter nenhuma comida no estômago.

A Dra. Brightley franziu a testa, observando Aria da cabeça aos pés.

— Você perdeu peso desde a última vez em que nos vimos?

Aria acenou com a cabeça. — Não muito.

— Você está abaixo do peso, Sra. Vitiello — falou ela com um suspiro antes de olhar para mim. — Infelizmente, as minhas opções são limitadas. Eu poderia dar uma infusão à sua esposa para melhorar seus suprimentos de nutrientes, mas fora isso, há muito pouco que eu possa fazer. — Ela voltou a Aria. — Seu enjoo pode estar relacionado ao estresse emocional, já pensou nisso?

Aria empalideceu e eu fiquei tenso. Será que Aria conversou com a médica sobre nossos problemas pessoais? Seu olhar encontrou o meu e ela acenou de leve com a cabeça para me dizer que não. A médica deve ter baseado sua suposição no fato de que eu não compareci a consultas anteriores. O arrependimento deixou um gosto amargo na minha boca. Encontrei o olhar da médica, meu rosto era uma máscara de calma. Não era da conta dela o que se passava entre quatro paredes.

— Não acho que seja isso — falou Aria em voz baixa, mas com firmeza. Ela segurou a minha mão e eu apertei de leve. — Queríamos descobrir o sexo do bebê hoje. É possível?

A Dra. Brightley assentiu.

— Desabotoe o vestido e deite-se na cama de exames, por favor. Não posso te prometer nada já que ainda está muito cedo.

Quando a médica começou o ultrassom, fiquei nervoso pra caralho. Eu segurava a mão de Aria, porém, meus olhos estavam focados na tela do ultrassom. Não vi muita coisa de início, apenas formas não identificáveis em cinza e preto que se alteravam constantemente. Entretanto, de repente um rosto se tornou distinguível. Um rostinho perfeito: nariz, orelhas, lábios. A próxima coisa que a doutora nos mostrou foram as mãos, dez dedinhos, e os pés. Mal dava para acreditar que um ser humano totalmente formado, nosso bebê, estava dentro de Aria. A médica deu zoom na área no meio das pernas da criança e sorriu.

— Não posso dar certeza total até o final da gestação, mas parece que é uma menina.

Quase afundei de alívio. Menina. Uma mini versão de Aria. Não um menino que poderia nutrir a minha escuridão, uma escuridão que eu teria que estimular para ajudá-lo a sobreviver na *Famiglia*.

Aria apertou a minha mão e eu me virei para ela. Ela sorriu. Acenei de leve com a cabeça, sentindo os olhos da doutora em mim.

— Seria bom se a sua esposa ficasse o mais relaxada possível. O bebê ainda está crescendo, mas se ela continuar perdendo peso, pode ser que tenhamos que dar entrada com ela no hospital por segurança.

Assenti secamente.

— Ela vai ganhar peso, não se preocupe.

*

Fomos para a nossa cobertura depois da consulta. Aria estava cansada demais para a viagem de uma hora de volta para os Hamptons e eu tinha a sensação de que ela queria voltar para o nosso apartamento. Nas últimas semanas, ela havia passado a maior parte do tempo nos Hamptons.

Dava para ver o quanto estava feliz por estar de volta quando saiu para o terraço e deixou seu olhar deslizar pelo horizonte. Aproximei-me por trás dela e abracei-a pela cintura, ainda surpreso com o volume em sua barriga.

— O que acha de pedirmos sushi e descansarmos no sofá?

Ele me lançou um olhar.

— Sushi? Não está se esquecendo de nada? — Ela repousou a mão sobre a minha.

Não entendi.

Ela riu.

— Os homens são tão sem-noção… Não posso comer peixe cru nem carne crua e é melhor não pedir nada que não seja cozido, vai que o restaurante não lave bem os alimentos.

— Se eu mandar que lavem, lavarão, acredite — falei. Se alguma coisa acontecesse com Aria ou com a nossa filha porque alguém fez merda, eu mostraria que monstros caminham pela Terra.

— Eu sei. — Ela se virou no meu abraço, tocando meu rosto. — Meu mafioso malvadão.

Gargalhei. Aria era a única que brincaria com isso. Abaixei-me, fazendo da minha voz o sussurro mortal que usava quando as pessoas me desagradavam.

— Eu sou mau, e o pior, eu sou Capo.

Aria se arrepiou, mas certamente não foi de medo. Ela me abraçou e encostou o rosto no meu peito.

— Meu Deus, eu senti saudade disso.

Acariciei seus cabelos sedosos, descendo pelas costas dela até a ondulação da

sua bunda. Ela se arrepiou novamente e chegou mais perto.

— Você precisa comer — falei, mesmo que meu pau tivesse outros planos. Ela concordou, mas não se mexeu. — Que tal uma massa? Isso não pode fazer mal ao bebê, pode?

— Nhoque ao pesto genovese para mim — falou ela sem hesitar. — E talvez um daqueles deliciosos bolos de amêndoas. Você vai pedir no Da Daniele's?

Sorri. — Com certeza.

*

Quarenta minutos depois, nos acomodamos no sofá da área de convivência com nossa comida, Aria vestia uma das minhas camisas brancas e eu, apenas a calça de moletom cinza e uma camiseta. Abri as caixas e servi uma pequena porção de nhoque no prato de Aria.

— Quer um pedaço do meu ossobuco?

Ela olhou para a carne e balançou a cabeça depressa.

— Acho que não consigo comer isso.

Estendi seu prato para ela, que o pegou e se recostou no sofá, sentando-se em cima de suas pernas nuas. Ela cheirou a comida com hesitação. Observando-a, ataquei o meu prato.

Aria pegou o garfo e espetou um nhoque e comeu, depois sorriu.

— Parece bom.

Terminei a minha refeição, a focaccia e o tapenade, antes que Aria sequer tivesse comido metade da dela e a caixa ainda estava com nhoque pela metade. Sentindo meu olhar nela, olhou para cima.

— Não precisa ficar me olhando. Eu consigo comer. — Ela sorriu para suavizar suas palavras.

— Não o bastante — falei. Acariciei seu joelho. — Vamos, *principessa*. Não me obrigue a te alimentar à força.

Ela suspirou. — Estou com medo de passar mal se comer rápido demais.

— Talvez você precise parar de se preocupar com isso. — Parei. — A médica estava certa? Você estava enjoando por causa da nossa briga?

Aria engoliu outra garfada antes de colocar o prato no colo.

— Eu não sei. Quem sabe? Você é a pessoa mais importante da minha vida, é o pai da nossa bebezinha e eu não pude te contar nada por muito tempo. Doeu, doeu mais do que qualquer coisa jamais doeu.

— Porra — resmunguei. O remorso ainda era um sentimento estranho, desconhecido no meu corpo.

— A culpa também foi minha, Luca. Eu deveria ter me dado conta de como você reagiria à minha ida a Chicago sem a sua permissão. Como você disse, sei o tipo de homem que você é.

— Um babaca possessivo e controlador? — E essas nem eram as piores características do meu caráter, mas Aria sabia, *ela sabia* e me amava apesar de tudo.

— Sim — confirmou com um sorrisinho. — E o homem que eu amo de todo o meu coração. — Ela tocou o ponto sobre o meu coração. — Meu.

— Só seu. *Sempre.*

Ela levou outra garfada de nhoque à boca e comeu. Sua voz tornou-se muito suave ao falar novamente.

— Você chegou a hesitar?

— Hesitar?

— Grace. Ou outra mulher.

Seus ombros retesaram.

— Não — falei com firmeza. — Só conseguia pensar no seu sorriso. — E essa era a verdade. Eu era um completo pau mandado quando se tratava de Aria. — E você? — Não consegui tirar o grunhido da minha voz.

Aria jogou a cabeça para trás e deu aquela risada que parecia um sino. Ela deu outra garfada e encheu o prato com o resto da comida.

— Eu nem saberia como flertar com um homem, Luca. Você é o único homem de quem consigo imaginar estar perto. É como se sua possessividade ligasse um interruptor no meu cérebro e me deixasse incapaz de tolerar a proximidade de qualquer outro homem.

Sorri e Aria bufou. Ela deu outra garfada. Tive que reprimir um sorriso. Ela nem percebeu o quanto estava comendo.

Peguei o controle remoto e liguei o som. Uma música suave começou a tocar nos alto-falantes e, então, uma voz grave masculina começou a cantar. Os olhos de Aria brilharam com o reconhecimento; era o álbum preferido dela do Rag’n Bone Man. Ela sorriu, aquele puta sorriso lento perfeito tomou conta do seu lindo rosto. Como eu passei oito semanas sem ele? Sem ela?

Ela pousou o prato me encarando, uma seriedade baniu seu sorriso.

— Prometa que nunca mais vamos ficar brigados por tanto tempo. Acho que não consigo sobreviver a isso de novo.

Abri os braços e ela subiu no meu colo, envolvendo meu pescoço num abraço apertado.

— Prometo, e você promete nunca mais agir pelas minhas costas, independente do que seja. Foi suicídio você ter ido para Chicago sozinha.

— Eu sei — afirmei baixinho. — Foi por causa de Fabi. Ele me ligou na noite em que você foi para Nova York.

Isso era traição. Se Dante descobrisse, teria acabado com Fabi.

A voz de Aria tremia ao continuar:

— Meu pai é cruel com ele. Ele está batendo em Fabi e eu estou muito preocupada que faça coisa pior. Queria ajudá-lo. Só isso.

Eu entendia isso. Aria não conseguia evitar. Mas Fabi era um iniciado. Ele vivenciaria *e faria* coisa pior que bater.

— Você o viu?

Ela negou com um movimento de cabeça.

— Falhei com ele.

— Ele não teria vindo a Nova York com você. É leal à Outfit. — Aria engoliu em seco. Acariciei suas costas, querendo deixá-la à vontade. Ela esteve chateada por muito tempo. — Fabi é forte. Ele não terá nenhuma dificuldade em sobreviver na Outfit.

E se ele não fosse forte o bastante, esperava que Aria nunca descobrisse.

— Não pode haver paz novamente? — Aria me implorava com o olhar, mas isso era algo que eu não podia lhe dar.

— Enquanto eu for Capo, não haverá paz com Dante Cavallaro. — Não depois da porra do episódio da foto.

— Dante não me machucou. Ele não faria isso.

Fiquei tenso, uma raiva antiga reacendia, mas livrei-me dela.

— Ele é Capo e nós estamos em guerra. Da próxima vez que ele puser as mãos em você, não vai te deixar ir embora, acredite. Você é a vantagem que ele e a Outfit precisam contra mim. Ele é tão explosivo quanto eu. — Não mencionei o fato de que fora ele o responsável pelas fotos. Isso não faria nada além de aborrecer Aria ainda mais e, no estado em que se encontrava, ela não precisava de mais nenhum estresse além do que já havia sofrido.

Seu olhar era de preocupação.

— Sua família ainda está contra você? Gianna me contou que você matou um de seus tios na noite em que viu as fotos de mim e Dante.

— Matei, estrangulei-o na frente dos Subchefes e Capitães juntos. — Não falei que matei Ermano e Angelo também, e as porras dos motociclistas, e os filhos da puta da Outfit que haviam chegado perto demais das nossas fronteiras e foram pegos. Mandara-os de volta para Dante em vários pacotes. Havia matado *muitos* nas últimas semanas.

Aria soltou um suspiro baixo.

— E, depois, você me viu com Dante.

— Perdi a cabeça, Aria. Perdi a porra da cabeça.

Ela me beijou. — Como você poderia sequer pensar que eu te trairia com Dante?

Passei a mão em sua panturrilha macia e os cílios de Aria se agitaram. Ela estava com olheiras. Comecei a massagear suas panturrilhas, sentindo-a relaxar sob meu toque. Então, ela abriu os olhos devagar.

— Prometa que você nunca vai bater na nossa filha. Sei que muitos homens no nosso mundo acham que é o único modo de disciplinar as crianças.

— Aria... — falei impetuosamente. — Muitos homens em nosso mundo acham que um marido deveria disciplinar a esposa do mesmo modo, e eu nunca levantei a mão para você e nem irei. E juro por tudo que é importante para mim neste mundo que nunca machucarei nossa filha.

A notificação do seu celular a fez dar um pulo e ela olhou para a tela, que estava em cima da mesa. Gianna, é claro.

Aria suspirou, depois, pegou seu telefone e digitou uma resposta rápida antes de desligar o som e devolvê-lo para a mesa.

— O que você falou para ela?

— Que estou em Nova York com você.

— Só isso? Você sabe que ela não vai parar de perturbar até você contar todos os detalhes — murmurei, inclinando-me para frente para beijar seu pescoço delicado.

— Tirei o som.

— Como se isso fosse detê-la — falei e, como se fosse uma deixa, meu telefone começou a tocar. — Matteo. — Nem precisei olhar a tela. Gianna deve ter mandado que ele ligasse para checar a irmã.

Aria balançou a cabeça sorrindo levemente.

— Ela está preocupada comigo. Dei-lhe muitos motivos para se preocupar.

E eu era a porra do motivo.

Meu telefone não parou de tocar.

Aria se recostou para olhar para mim.

— Eles não vão desistir.

Com um grunhido, peguei meu celular e atendi a ligação de Matteo.

— Estou ocupado — resmunguei.

— *Ocupado de um jeito bom ou ruim?* — questionou Matteo. Dava para ouvir a voz estridente de Gianna brigando ao fundo.

— Não sei o que você considera um jeito bom — falei ao gesticular para que Aria se deitasse. Ela se deitou sem hesitar e comecei a massagear suas panturrilhas e seus pés. Sua expressão suavizou ainda mais e, em contrapartida, meu coração sombrio se acalmou diante da visão.

— *Luca* — falou Matteo com uma pitada de tensão na voz. Gianna devia estar dando nos nervos dele nessas últimas semanas. Ele estava ainda mais instável do que o normal, mas quem era eu para falar? — *Aria está com você?*

— Está — falei enquanto aplicava pressão na sola do pé de Aria com meu polegar, provocando nela um gemido suave.

— *Porra, Luca, apenas me diga se ela está bem.*

— Ela está bem, Matteo. Ela e eu… nós nos entendemos.

— *Graças!* — Gianna falou ao fundo mais uma vez.

— *Deixa eu falar com ele* — falou Matteo para ela, depois, para mim — *Quando vocês voltam?*

— Amanhã, mas apenas para pegar algumas coisas. Aria vai ficar em Nova York comigo de agora em diante.

Aria olhou para mim neste momento e pude perceber que ela ficou agradecida.

— *Certo* — respondeu Matteo devagar.

Desliguei, de saco cheio da voz de Gianna ao fundo, desejando também poder tirar o som do meu celular, contudo, como Capo, isso era impossível.

— Vai contar sobre a gravidez para Matteo? — perguntou Aria, mordendo o lábio.

— Vou, amanhã. Preciso dele para ajudar a aumentar a sua proteção.

— Aumentar a minha proteção? — indagou Aria.

Levantei um pé dela e beijei seu tornozelo.

— Ah, sim — murmurei.

Aria não protestou. Ela bocejou e sorriu envergonhada.

— Desculpe. Não tenho dormido bem sem você.

— Nem eu — admiti. Perdi a conta das vezes em que acordei à noite, procurava por ela e surtava porque ela não estava lá até me lembrar do motivo.

Levantei do sofá e peguei Aria no colo. Ela jogou os braços em volta do meu pescoço e encostou o rosto no meu ombro, suspirando.

— Vamos para a cama. Você precisa descansar.

Carreguei-a pelas escadas, entrei no quarto e fui para o banheiro, colocando-a em frente ao lavatório. Ela balançou a cabeça.

— Estou grávida, não imobilizada.

Meus olhos abaixaram para o volume escondido por baixo da minha camisa. Nada me impediria de proteger Aria e a nossa filha. Ela me observou e assentiu.

— Você não vai ceder.

— Não.

Ajudei-a a tirar a minha camisa e ela vestiu uma camisola, a qual dava uma amostra da sua barriga. A visão me deixou feliz pra caralho, o que me surpreendeu. Nunca pensei em ter filhos. Era um conceito abstrato.

Enquanto nos preparávamos para dormir, não consegui parar de admirá-la. Ela lavou o rosto e ficou tensa por um instante antes de agarrar a borda. Segurei imediatamente sua cintura.

— Aria?

— Tontura — falou se desculpando.

Peguei-a no colo e a levei para a nossa cama, onde a deitei e me estirei ao seu lado, puxando-a para perto de mim. Ela se aconchegou ao meu corpo, apertando meus bíceps com força como se tivesse medo de que eu fosse embora se ela me soltasse. Ela beijou o meu peito antes de levantar o olhar para o meu. Segurei seu rosto e ela deu aquele sorriso que sempre aquecia meu coração frio.

Ela adormeceu depois de poucos minutos em meus braços, mas eu fiquei acordado ouvindo sua respiração ritmada por um bom tempo, não porque não conseguia dormir, mas porque não queria. A sensação de ter Aria em meus braços era a melhor coisa. Com cuidado, abaixei a mão até ela repousar sobre a barriga de Aria. Se eu ainda fosse capaz desse tipo de coisa, talvez este teria sido o momento em que eu choraria, entretanto, a última vez que isso aconteceu foi quando vi a minha mãe ensanguentada depois de ela cortar os pulsos, e isso não aconteceria novamente. Mesmo assim, meu peito se encheu de emoção.

Capítulo 23

LUCA

Voltamos para os Hamptons no dia seguinte para pegar algumas roupas de que Aria precisava. De agora em diante, ela ficaria comigo em Nova York. Eu a queria perto e precisavam de mim em Nova York.

Quando entramos na mansão, Gianna e Matteo estavam sentados à mesa de jantar, tomando café da manhã. Estava perto da hora do almoço, então, eles devem ter dormido até tarde, ou melhor, foderam até tarde, como de costume. Gianna deu um pulo da cadeira e correu em nossa direção. Soltei Aria. Antes de abraçar a irmã, Gianna me lançou um olhar fulminante.

— Você está bem? O brutamontes te tratou bem?

Fiquei nervoso. Ela estava sugerindo que eu maltratei Aria? Mesmo quando pensava que ela tinha fodido Dante, não encostei um dedo nela. Eu já havia matado e torturado pessoas por muito menos. Aria me deu um olhar apologético antes de eu ir em direção a Matteo enquanto ela e a irmã iam se sentar na sala de estar.

Matteo deu um tapinha no meu ombro.

— Você finalmente pôs seu egocentrismo de lado?

Meu olhar permanecia em Aria. Estava com dificuldade em deixá-la fora do meu campo de visão agora que a tinha de volta, agora que eu sabia o quanto ela estava vulnerável.

— Qual é o seu problema? Pensei que tivessem se resolvido.

— E nos resolvemos. — Virei para Matteo, que me observava com cautela. — Aria está grávida.

Matteo arregalou os olhos, seu olhar rodou para Aria e voltou para mim.

— Você vai ser pai?

Dava para ele ter soado mais surpreso? Olhei para ele e foquei em Aria, que, ao que parecia, acalmava Gianna.

— Talvez tenha sido esse um dos motivos de Dante a ter deixado ir embora e escolhido a tática da fotografia para te enfraquecer.

Assenti. — Talvez. Se algum dia eu colocar as mãos nele, vou perguntar se ele queria que eu matasse a minha própria esposa.

— Ele sabia que você não a mataria. Provavelmente achou que arriscaria um ataque impensado no território dele, a ele, para que pudesse te matar.

Eu não conhecia os motivos de Dante, mas lhe daria uma morte agonizante se algum dia o pegasse.

— O que acha de ser pai?

Dei de ombros. — Nosso pai não era uma referência.

— Com certeza, não — resmungou Matteo. Trocamos um olhar. Nossa infância foi um puta suplício. Se não tivéssemos um ao outro, teríamos enlouquecido.

— É uma menina. Isso facilitará as coisas — acrescentei.

Matteo sorriu. — Se ela for tão linda quanto Aria, aí, ficaremos ocupados mantendo os homens longe.

Meus lábios se curvaram num sorriso endurecido.

— Deixe-os vir.

Matteo riu, seus olhos encheram-se de animação diante da perspectiva de sangue, depois, ele se calou e me olhou nos olhos. Nas primeiras semanas depois de receber as fotos de Dante e Aria, depois de ter ido ao fundo do poço e massacrado os motoqueiros, e mais coisas depois disso, ele ficou preocupado.

— Fico feliz por você não ter enlouquecido completamente.

Toquei seu ombro. — Essa teria sido a sua chance de se tornar Capo.

Matteo era um alfa como eu. Ele odiava que lhe dissessem o que fazer, odiava ter que ceder a qualquer um. Isso levou a mais de uma sessão de tortura do nosso pai. No entanto, ele nunca se aproveitou dos meus momentos de fraqueza para subir sua posição.

— O fato de você ter me apoiado ao invés de enfiar a porra de uma faca nas minhas costas, mesmo eu tendo te dado muitas oportunidades, eu nunca vou esquecer, Matteo.

Matteo assentiu, então, sua boca curvou-se em seu sorriso irritante.

— Dá para notar que os hormônios da gravidez já te contagiaram.

— Não fique esperando por explosões sentimentais piegas, babaca.

Matteo deu um soco no meu estômago, mas contraí os músculos antes do impacto e não fez dano.

— Sei que você guarda esse tipo de coisa apenas para Aria.

Meu olhar foi para Aria. Ela me olhou e, como sempre, meu corpo aqueceu.

*

Matteo e Gianna haviam voltado para Nova York conosco dois dias atrás. Eu sabia que era porque Matteo queria ficar de olho em mim, e Gianna, na irmã, mas eu sinceramente não podia me importar menos com o motivo de eles tomarem essa decisão. Romero e Lily já estavam em Nova York porque, como um novo Capitão, sua presença era exigida, e Lily tinha que ajudar a mãe de Romero que havia quebrado a perna. Aria ficou feliz por ter a família por perto novamente. Ela e as irmãs estavam sentadas no sofá, folheando revistas de bebê que Lily havia trazido.

Enquanto eu não tivesse um segundo guarda-costas para ela, não a deixaria sair do apartamento a menos que eu estivesse com ela.

— Talvez eu possa assumir alguns turnos — sugeriu Romero.

Neguei. Combinei as coisas com ele e teria preferido que ele protegesse Aria novamente, porém, essa não era mais uma opção.

— Você é Capitão agora e está casado. Isso muda as coisas.

Os olhos de Romero correram para Lily e eu soube que não poderia deixá-lo vigiar Aria. Suas prioridades haviam mudado e, conhecendo o impacto do amor, sabia que nenhuma ameaça o faria escolher a vida de Aria em detrimento da de Lily se isso chegasse a acontecer.

— O que acha de Demetrio? — perguntei.

— Ele é um bom lutador e não tem compromisso. Só existe a *Famiglia* para ele — declarou Romero, apertando os lábios pela culpa.

— Ele pegou Angelo para nós, não piscou quando você matou Gottardo.

Demetrio odiava o pai e os meios-irmãos. Como filho bastardo, ele teve uma vida sofrida com eles; estava agradecido por eu tê-los matado.

— Estou considerando nomeá-lo Subchefe de Washington se ele provar seu valor.

— O incentivo adicional com certeza ajudará — expôs Matteo.

Romero assentiu, mas não pareceu convencido.

— Ele ainda é jovem.

— Vinte anos. Você não era tão mais velho quando começou a proteger Aria.

— Você confia nele com Aria? — perguntou Matteo.

Meus olhos moveram-se para a minha esposa, que sorria para as irmãs com a mão na barriga.

— Não, mas não tenho muitas opções. Não posso protegê-la o tempo todo. E sei qual a fraqueza de Demetrio. Vou usá-la para mantê-lo na linha, se precisar.

*

Demetrio entrou em nossa academia com o olhar cauteloso ao ver Matteo e eu. Ele costumava trabalhar com Orfeo, o filho de um dos meus Capitães, e ficou óbvio que estava desconfiado dos meus motivos para chamá-lo aqui. Ele era um dos poucos membros da família que eu conseguia suportar, embora, sendo um filho bastardo, nem fosse considerado oficialmente da família. Ele sempre fora leal.

— Luca, Matteo — falou com cuidado, parando a alguns passos de distância de nós dois. Ele assimilou as minhas roupas com um olhar intrigado. Eu já havia trocado para uma calça de moletom, nada mais. Não havia por que sujar uma blusa de sangue.

Seu olhar se moveu para o ringue de boxe atrás de mim e a tensão tomou seu corpo. Ele era alto, da altura de Matteo, alguns centímetros mais baixo que eu, e não tão musculoso, mas isso era uma bênção.

Dava para notar precaução e uma pitada de preocupação em seus olhos, porém, ele não pegou sua arma nem tentou correr.

— Você mandou me chamar? — Sua voz era firme e ele encontrou diretamente meu olhar.

Assenti e dei um passo em sua direção. Ele não recuou.

— Você vem provando sua lealdade nos últimos anos e eu estou pensando em te nomear Subchefe de Washington.

Seu olhar era de surpresa. Washington era uma das cidades mais importantes do meu território e ele era apenas o filho bastardo do meu tio Gottardo, não alguém que deveria herdar o título do pai… mas era alguém que nunca havia me dado motivos para desconfiar. Normalmente, ele teria se tornado Capitão, nada mais.

— É uma honra — falou. — O que preciso fazer para provar o meu valor? — Ainda cauteloso e desconfiado.

— Você irá proteger a minha esposa durante o próximo ano.

Demetrio arregalou os olhos.

— E quanto a Sandro?

— Ele será o segundo segurança, mas quero alguém tão mortal quanto você quando eu não estiver por perto. Vamos ver se estou certo de que você é a melhor escolha.

Acenei para Matteo.

Ele sacou da sua faca e deu seu sorriso largo.

— É melhor você também sacar da sua faca. Vou tentar não te matar.

Demetrio tirou o paletó e desembainhou uma longa faca curva, depois, segurou-a ao nível do peito ao enfrentar Matteo.

Matteo avançou. As facas tilintaram. Demetrio apontava a sua, todavia, era óbvio que Matteo não tinha a intenção de matar. No entanto, fiquei feliz com o que vi.

— É o bastante — declarei. — Agora, você vai lutar comigo.

Demetrio limpou sangue de um corte em seu rosto e me olhou com cuidado.

— Sem armas — anunciei.

Ele largou a faca e eu ataquei. Acertei alguns golpes fortes contra as laterais do seu corpo, em seu estômago e rosto, e ele me acertou algumas vezes também, não o suficiente para me colocar de joelhos, mas foi melhor do que nada. No fim, agarrei-o pelo pescoço e puxei-o para o chão, depois, enterrei o joelho em seu peito. Aliviei meu aperto em sua garganta o suficiente para ele respirar, então, aproximei meu rosto.

— Aria é minha esposa. Ela é minha.

Ele engoliu em seco, havia uma pontada de raiva em seus olhos escuros.

— Eu nunca faria nada, juro.

— Não preciso te dizer o que farei se você tocar nela.

— Todo mundo sabe que ela é proibida, Luca — falou entredentes. — Eu não sou louco. E, sem ofensa, mas ela não faz o meu tipo.

Matteo riu. — Demetrio, você tem um pau. Ela faz o seu tipo. Sou irmão do Luca e até eu tenho que admitir que gosto do que vejo.

Lancei um olhar para Matteo. Ele deu de ombros.

Demetrio balançou a cabeça.

— Ela é linda — admitiu ele e eu forcei o aperto. — Só que eu prefiro as mulheres de fora. Elas não são tão contidas quanto as nossas.

Inclinei a cabeça. Eu pensava da mesma forma antes de Aria, mas fiquei feliz pela reação dele. Não consegui detectar uma mentira.

— Você vai protegê-la com a sua vida.

— Ela estará segura comigo — afirmou. Acreditei nisso também, mas ainda preferiria Romero, sempre iria preferi-lo. Mesmo assim, agora, ele era Capitão e

eu não podia lhe pedir para renunciar àquela posição, e seus sentimentos por Lily o tornaram muito instável. Se ele tivesse que escolher entre Aria e Lily, a escolha era evidente.

Soltei Demetrio e me endireitei, depois, entendi a mão para ele. Ele a pegou e eu o levantei, dando um tapinha em seu ombro, então, abaixei a minha voz ameaçadoramente:

— Orfeo é como se fosse seu irmão e a família dele sempre foi mais próxima do que a sua própria família.

Deixei o resto por dizer, que se ele estragasse tudo, seria Orfeo a pagar o preço.

Demetrio enrijeceu.

— Pode confiar em mim com a sua vida, Luca. Juro pela minha honra. — Ele tocou sua tatuagem.

— Eu não confio em ninguém, mas você vai provar o seu valor.

— Eu vou. Tem algum motivo por que Sandro não é mais suficiente? — perguntou com cuidado.

— Ela está grávida — falei, mesmo meu corpo ficando eriçado ao admitir isso.

Demetrio assentiu, mas deu para notar uma pontada de apreensão em sua expressão. Bom, ele sabia o tipo de responsabilidade que eu lhe dera.

— Ela estará segura.

— Se você desconfiar de alguém, inutilize-o primeiro, depois faça perguntas. Prefiro lidar com a consequência de matar alguém cedo demais do que tarde demais, entendeu?

Demetrio assentiu outra vez.

— Você vai tornar isso público?

— Não — falei. — Não quero que as pessoas saibam até não ter mais como contornar e, mesmo assim, apenas a *Famiglia*. Não quero fotos da gravidez de Aria nem da nossa filha na imprensa. Se você notar algum fotógrafo, pegue-o ou, no mínimo, consiga o nome, e eu cuidarei dele. Dante já sabe. Temos que impedir a Bratva e a Camorra de descobrirem. Entendeu?

Percebi certa surpresa em sua expressão quando mencionei que Dante sabia, porém, não me importei de explicar.

— Entendi — falou.

Olhei outra vez com dureza antes de falar:

— Vou te apresentar à minha esposa amanhã.

Demetrio inclinou a cabeça.

*

ARIA

Luca sempre foi protetor. Já estava acostumada com isso. Mas, desde que descobriu sobre a minha gravidez, seu protecionismo alcançou um novo nível. Ele dificilmente tirava os olhos de mim e, definitivamente, não me deixava sozinha com Sandro. Eu sabia que ele havia encontrado um novo guarda-costas para mim e era evidente que Sandro não levou isso muito tranquilamente, porém, ele e eu nunca nos demos realmente bem. Romero era como um amigo, até mesmo um irmão, mas Sandro sempre foi apenas o meu segurança.

Luca foi até o elevador quando este começou a subir, mas eu permaneci atrás da bancada da cozinha. As portas se abriram e um jovem alto entrou. Ele apertou a mão de Luca e o seguiu em minha direção, seu olhar me contemplava prudentemente. Eu me lembrei dos afiados olhos cor de ônix e dos cabelos pretos.

— Este é Demetrio, meu primo — anunciou Luca.

Ele era um filho bastardo. Já ouvira as pessoas sussurrando sobre isso e odiei. Ao longo dos anos, vira-o várias vezes, a primeira foi no meu casamento. Na época, ele era adolescente, um pouco mais novo que eu. Agora, devia ter vinte ou vinte e um. Ele inclinou a cabeça respeitosamente e eu sorri e caminhei até ele, estendendo a mão. Demetrio olhou para Luca e eu não consegui evitar revirar os olhos. Mas, na verdade, a esta altura eu já estava acostumada a este tipo de comportamento por parte dos soldados de Luca. Luca percebeu a minha reação e sorriu.

Não esperei pela sua permissão e peguei a mão de Demetrio para apertá-la. Tentei me lembrar de quando o vira pela última vez, provavelmente em alguma festa de família ou talvez até no funeral do pai de Luca.

— É um prazer te ver de novo, Demetrio. A última vez foi no funeral do Salvatore?

Ele balançou a cabeça em negação, sua mão era firme na minha.

— Não, a última vez foi há três anos quando Luca me bateu na academia por sugerir uma luta com você.

Arregalei os olhos e ri ao soltá-lo.

— Ai, caramba. Suponho que este seja um dia que você não goste de se

lembrar.

Ele havia mudado muito desde então. Definitivamente não parecia mais um menino e não havia nenhuma insegurança nele. Ele endurecera como acabava acontecendo com todos os Homens de Honra.

— Não — negou. — Foi uma lição que eu precisava aprender.

Luca observava o primo com olhos atentos. Dava para notar que não confiava nele como confiava em Romero, mas, se Luca escolhera Demetrio, eu sabia que estava segura com ele.

— Estou ansiosa para te conhecer melhor — declarei.

Seu rosto demonstrou surpresa antes de disfarçá-la.

— Por que não fica para jantar?

Seus olhos escuros moveram-se para Luca, que assentiu.

— Aria prefere conhecer seus guarda-costas. — Reprimi a minha irritação em relação à necessidade de Demetrio em ter a aprovação de Luca.

Matteo e Gianna também se juntaram a nós. Demetrio ficou tenso durante todo o jantar, contudo, ele foi educado e não muito intimidante, então, me senti confortável o bastante em sua presença.

*

Naquela noite, quando Luca e eu estávamos deitados na cama, perguntei:

— Por que ele?

— Ele provou o seu valor inúmeras vezes nos últimos anos. Meu tio Gottardo, o pai dele, era um pedaço inútil de merda, mas Demetrio é um soldado leal. Quero testá-lo.

— Testá-lo?

— Preciso de um Subchefe para Washington e quero dar o trabalho a ele. — Ele acariciou meus cabelos. — E ele é mortífero. Não tem nada que o prenda. Sua mãe está morta e ele não é casado nem nada disso.

— Por isso você acha que ele não terá dificuldade em abdicar da sua vida por mim — falei.

Luca sorriu sombriamente.

— Ele não vai pensar duas vezes em morrer por você, acredite, porque se algo acontecer a você enquanto estiver sob a vigilância dele, vou bater um novo recorde.

Estremeci diante da inclinação em sua voz.

— Recorde — repeti, embora tivesse a sensação de que sabia do que se tratava.

Luca balançou a cabeça e me beijou docemente, seu olhar suavizou.

— Nada vai acontecer com você nem com nosso bebê, confie em mim.

— Você não pode me deixar trancada, Luca. Ainda quero trabalhar na contabilidade. Preciso fazer alguma coisa. Essas últimas semanas sem nada para fazer foram um inferno.

Ele suspirou. — Quando sua barriga começar a aparecer, precisaremos te manter longe dos olhos do público o máximo possível ou, no mínimo, garantir que você não será reconhecida.

— Posso conseguir outra peruca — brinquei.

Luca riu. — Essa pode, sim, ser uma opção.

Seus dedos na minha cintura foram se tornando cada vez mais distraídos.

— O que acha de transformar o quarto de hóspedes pequeno em um berçário?

— Por que não o grande?

— É no andar de baixo.

Ele assentiu tensamente.

— Nossa filha precisa ficar perto de nós, você está certa. — Ele fechou brevemente os olhos. — Como vou proteger as duas?

Passei os dedos sobre a sua tatuagem da *Famiglia*.

— Nada vai acontecer conosco.

Ele relaxou ligeiramente, porém, uma pontada de tensão permaneceu. Sentei-me e, confuso, Luca estreitou os olhos. Passei as mãos pelo seu abdômen firme descendo até o cós de sua cueca. Eu não tinha feito sexo oral nele desde que fizemos as pazes, com medo de que meu enjoo aumentasse se ele, por acidente, atingisse o fundo da minha garganta, e isso não era algo que eu queria que acontecesse.

Ele ficou duro instantaneamente e seus olhos brilharam de desejo. No entanto, falou:

— Aria, não precisa fazer isso.

Puxei sua cueca para baixo e o pau dele se libertou.

— Não quer a minha boca em você?

Ele emitiu um som gutural estranho, uma mistura de risada com gemido.

— Estou quase gozando só de ter sua cara perto do meu pau.

Eu ri e ele sorriu, depois, retesou quando me abaixei e coloquei a ponta do seu pau na boca e girei a língua em volta dele. O gosto dele fez meu centro comprimir de excitação, nenhum sinal de enjoo. Estimulada pela reação do meu corpo, deslizei mais de seu membro para dentro da minha boca, estufando as bochechas e estabelecendo um ritmo lento.

Luca gemeu, um som baixo que deixou uma poça de umidade entre as minhas pernas. Ele me assistia com os olhos entreabertos, seus ombros contraíam conforme ele agarrava o cobertor. Dei uma atenção especial à sua ponta, do jeito que ele gostava, e segurei seu saco.

— Aria — rosnou Luca. — Caralho, isso é muito bom.

Ele enrijeceu e eu o chupei com mais intensidade, gostando de como seu corpo ficou tenso e sua respiração tornou-se irregular. Saboreei os primeiros sinais de seu gozo, mas antes de se derramar dentro da minha boca, Luca me empurrou para trás com cuidado e ejaculou em sua barriga enquanto seu pau se contraía.

Continuei massageando o saco dele, depois, acariciei suas coxas musculosas.

— Por que você fez isso? — perguntei curiosa.

Luca sorriu satisfeito. — Não queria correr o risco de você ficar enjoada.

Bufei. — Eu não teria vomitado em cima de você. — E acrescentei — Eu *acho*. Estou me sentindo muito bem. — E era verdade. Meu enjoo já tinha praticamente acabado desde que Luca voltou para a minha vida.

— Não quis arriscar — falou com a voz baixa, depois se limpou com um lenço, pegou meu braço e me puxou para perto dele. — Sente-se na minha barriga.

Montei nele como pediu, ele dobrou as pernas para eu poder me encostar nelas antes de tirar as minhas debaixo de mim e abri-las, deixando-me exposta para o seu olhar faminto.

Eu me arrepiei quando seus olhos demoraram me contemplando.

— Tão molhada porque estava com meu pau na sua boca — grunhiu, e eu estremeci de excitação, abrindo um pouco mais as pernas.

Eu gostava de dar prazer a Luca. Fazia eu me sentir poderosa, mas não era só por isso. Adorava como ele ficava descontraído quando eu lhe dava prazer com a minha boca. Era uma linda visão.

Ele passou as mãos pelas minhas pernas e, com as pontas dos dedos, acariciou a pele sensível do interior da minha coxa, porém, não me tocou onde eu precisava, apenas me observou atentamente enquanto eu me contorcia em cima

dele.

— Por favor — ofeguei.

Meus grandes lábios foram agraciados com seu dedo.

— Você está me implorando? Implorando para gozar?

— Estou — falei asperamente.

— Você não sabe que implorar não funciona comigo? — perguntou sombriamente e eu quase gozei ao ouvir a sua voz.

— Luca, por favor.

— Por favor o quê?

Estreitei o olhar, porém, o dele era dominante e possessivo… e meu centro de prazer contraiu.

— Me toque, por favor, eu te imploro.

Ele deslizou dois dedos para dentro de mim torturantemente devagar, e sua boca abriu ao me ver. Gozei com força antes mesmo de ele chegar na metade do caminho, curvando-me para trás em seus joelhos, gemendo e meio delirando de alívio.

Luca movimentava os dedos num ritmo suave enquanto eu atravessava pelo meu orgasmo, seus olhos foram do meu centro para o meu rosto.

Balancei a pélvis levemente conforme ele botava e tirava devagar, curvando os dedos profundamente dentro de mim. Ele pressionou o polegar no meu clitóris e empurrou com força dentro de mim e eu gritei mais uma vez, incapaz de conter meu gozo, mesmo assim, Luca não aliviou. Seus dedos continuaram com sua doce tortura e eu gozei de novo, caindo para frente, espalmando seu peito, ofegando e suando. Os olhos cinza de Luca fixaram-se nos meus.

— Acho que não consigo gozar outra vez — falei com a voz rouca, parecendo que ia desmaiar.

— Relaxa, *principessa*. Espera um pouco. Precisamos compensar o tempo perdido.

Encostei-me novamente em suas pernas e ele continuou me fodendo devagar com os dedos, sem pressa. Sua barriga estava escorregadia por causa do meu gozo e seus movimentos faziam um barulho molhado embaraçoso. Gemi e seu olhar se tornou inacreditavelmente mais possessivo. Demorou muito tempo, mas minhas paredes acabaram se fechando quase a ponto de dor e fui atingida novamente pelo clímax.

Luca se sentou, reclamando a minha boca, e eu me agarrei a ele.

— Incrível — sussurrou ele enquanto seus lábios roçavam no meu pescoço sensível… e tudo o que consegui fazer foi concordar.

Capítulo 24

ARIA

Rolei para o lado de Luca na cama. Ainda tinha o cheiro dele e meu coração transbordou. Luca havia saído antes do sol nascer para ir a Washington DC, ver se o Subchefe atual tinha o controle da situação depois da morte de Gottardo, mas ele estaria de volta à noite. Obriguei-me a levantar porque estava com fome de verdade. Nem conseguia me lembrar da última vez que tive fome de manhã.

Quando desci para a cozinha, Demetrio já estava sentado no balcão do bar, lendo alguma coisa em seu celular, contudo, se levantou assim que me viu.

— Eu não sou a rainha — falei rindo. — Não precisa se levantar.

Ele me olhou por um segundo e voltou a se sentar. Ele era diferente de Romero. Não era amigável. Peguei um chá e uma banana e me apoiei no balcão em frente a ele. Dava para perceber que ele não sabia ao certo como lidar comigo. Só conseguia imaginar o que Luca lhe dissera.

— Há quanto tempo você é um Homem de Honra? — perguntei, segurando a minha caneca e soprando para esfriar o líquido dentro dela.

— Cinco… não, há seis anos. Fui iniciado no meu aniversário de quatorze anos.

— E agora você está preso aqui como meu guarda-costas — falei com curiosidade. — Aposto que é um trabalho o qual você não teria escolhido.

Ele deu de ombros, mas deu para notar que o deixei nervoso. Claro que ele nunca admitiria isso.

— Faço o que Luca manda. E é uma honra ele ter me permitido proteger sua esposa. Isso me mostra que ele tem bastante confiança em mim.

— Isso é verdade — concordei. Principalmente porque Demetrio não estava só protegendo a mim, mas também o nosso bebê. — E você não será meu guarda-costas para sempre. Soube que você vai se tornar Subchefe.

Demetrio balançou a cabeça.

— Isso ainda não está decidido. Apenas se eu provar o meu valor. E mesmo assim… — Ele fez uma careta.

Inclinei a cabeça. — Luca não liga que o seu pai não tenha sido casado com a sua mãe.

— Os outros ligam. Ela foi só um caso — falou ele com uma contração

amarga de sua boca.

Fiquei sabendo que ela havia se suicidado por causa do caso, mas não podia lhe pedir detalhes. Não tinha nenhum direito de me intrometer.

Assenti. — Muitos não gostarão de te ver subindo de posição. Você não deveria se preocupar com estes.

Demetrio piscou em reconhecimento, como se ele estivesse começando a me ver como um ser humano, não apenas uma coisa que ele tinha que proteger.

*

LUCA

Aria estava deitada na *chaise longue* no terraço desfrutando dos primeiros dias quentes de primavera. Agora, sua barriga se projetava inconfundivelmente, e ela ficava confinada na cobertura a maioria dos dias por causa disso. Até agora quase ninguém sabia sobre a gravidez, com exceção dos parentes mais próximos e alguns soldados leais.

Eu não tinha intenção nenhuma de mudar isso. Dante e sua família haviam desaparecido completamente de vista desde que Valentina dera à luz seu filho seis meses atrás. Exceto por alguns ataques insignificantes em Pittsburgh e o fiasco da foto, Dante estava se escondendo, talvez por causa de seus filhos ou porque estava planejando algo grande.

— O que houve? — perguntou Aria tranquilamente, me observando parado de pé no batente da porta do terraço.

Balancei a cabeça e caminhei até ela.

— Nada.

Ela franziu a testa, contudo, não insistiu no assunto. Sentei-me ao lado dela, que se moveu um pouco para me dar espaço.

— Você não precisa aguentar suas preocupações sozinho, Luca. Só porque estou grávida não quer dizer que esteja frágil.

Sorri sombriamente. Ela era frágil, vulnerável. Era nela que meus inimigos mirariam se eu lhes desse a oportunidade, e eu tinha inúmeros inimigos, não mais na *Famiglia*, não desde as minhas últimas limpezas, mas ainda havia sobrado bastante. Matteo e eu, juntos com meus homens, tínhamos passado por tantas matanças nos últimos meses que eu mal conseguia me livrar da coloração rosada na minha pele. Entretanto, para cada inimigo que matei, um novo parecia aparecer.

Aria ficou tensa e eu também. Ela lançou a mão para segurar a minha e

colocá-la em sua barriga, e foi quando senti… um chute.

Fechei os olhos porque ainda parecia impossível que me tornaria pai, que Aria estivesse carregando o nosso bebê.

— Já pensou em algum nome? — sussurrou Aria e eu abri os olhos, ainda secos, sempre secos.

Demorei um pouco para entender sobre o que ela estava falando.

— Minha avó se chamava Marcella.

As sobrancelhas loiras de Aria ergueram-se.

— Uma versão feminina de Marte, o deus da guerra?

Abaixei-me e beijei a barriga de Aria, depois, sua boca.

— Nossa filha será forte. Ela não vai se curvar a um marido. Ela nunca nem terá que temer um homem, eu juro.

— Marcella — disse Aria de forma intensa, e aquela expressão em seu olhar me pegava toda vez, ainda depois de quase cinco anos. Sempre me pegaria.

Meu celular estragou o momento e eu grunhi. Será que meus soldados não poderiam lidar com uma única coisa sem mim? Mas quando olhei para a tela e vi o nome de Orazio, atendi imediatamente e me levantei.

— Qual o problema? — Não estava na hora de seu relatório mensal, e se ele havia sentido a necessidade de me ligar, era um sinal ruim pra caralho.

— *Benedetto Falcone entrou em contato com Dante.*

— O quê? — grunhi.

Aria se sentou arregalando os olhos e eu virei de costas para ela.

— Quando?

— *Alguns dias atrás. Falcone parece estar procurando apoio. Ele está enfraquecendo. Muitos de seus homens estão começando a se ressentir de seus modos sádicos e imprevisíveis. Ele quer forjar uma trégua com a Outfit.*

Se isso acontecer, esta guerra chegaria a Nova York e não apenas nas fronteiras.

— O que Cavallaro disse?

— *Ele não confia em Falcone e se recusa a encontrá-lo.*

— Será que ele muda de ideia?

— *Pode ser que mude, mas duvido. Também ouvi um rumor de um dos meus contatos na Inglaterra. Um rumor sobre o filho de Falcone.*

— Filho? — Lembrei-me vagamente de que o chefe da Camorra tinha vários filhos, mas era só disso que eu sabia. Não me importava com a Camorra.

— Remo, seu filho mais velho. Ele está com dezessete anos e desapareceu com os irmãos do colégio interno que frequentavam. Acho que ainda não é de conhecimento público em Las Vegas. Falcone deve estar ansioso para manter isso em segredo.

— Por quê?

— Porque, supostamente, Remo Falcone quer matar o pai e assumir o Oeste.

— Preciso me preocupar com ele?

— Não sei, mas pelo que ouvi, ele passou as férias matando para o pai e por diversão no resto do tempo. Seus irmãos podem ter frequentado essa escola, mas Remo… ele é um assassino nascido e criado.

Como se eu precisasse de outra preocupação para acrescentar à minha lista.

— Se ele estiver ocupado matando o pai, não vai causar problemas em nenhum outro lugar, presumo.

— Talvez. Mas se um novo Capo surgir em Las Vegas, se ele conseguir unir os Subchefes do Ocidente, pode ser que retornem às velhas forças.

— Vou pensar em fazer alguma coisa sobre a Camorra, mas por enquanto não quero dar-lhes mais motivos para trabalhar com a Outfit.

— Entendi.

— Mantenha olhos e ouvidos abertos, Orazio.

— Pode deixar.

Ele desligou e, quando me virei, Aria estava atrás de mim, com a mão na barriga e preocupação no rosto. Forcei um sorriso.

— Nada com que precise se preocupar.

Ela inclinou a cabeça com um olhar cúmplice.

*

Matteo e eu estávamos saindo da Sphere a caminho de casa para as nossas esposas quando um jovem no bar com cabelos escuros chamou a minha atenção. Ele mantinha certo ar de autoconfiança e violência mal contida. Seus olhos escuros fixaram-se nos meus e ele não desviou. Ele era adolescente, mas seus olhos revelavam que havia visto e feito mais do que a maioria dos adultos. Parei. Matteo também.

— Você o conhece? — perguntei em voz baixa, alcançando a minha *Beretta*.

Matteo balançou a cabeça em negação, também colocando a mão sob seu terno.

O cara deu um sorriso distorcido pra caralho e se levantou. Cicatrizes cobriam seus braços e uma atravessava o supercílio. Com um último olhar desafiador, ele saiu da minha boate. Matteo e eu seguimos e, assim que saímos, saquei da minha arma, meus olhos procuravam por algum sinal dele na rua escura.

— Luca Vitiello — surgiu uma voz na escuridão.

Mirei a minha arma naquela direção.

— Dê um passo à frente — ordenei.

E assim ele fez, com as mãos para cima e aquele mesmo sorriso distorcido no rosto. Ele não mostrava medo. Acenei para Matteo, que avançou e agarrou o braço do cara, pressionando sua faca no pescoço dele. O cara não tentou se defender, nem mesmo se encolheu, apenas me encarou e eu também peguei a minha faca. Veríamos por quanto tempo ele manteria aquele sorriso distorcido. Matteo o arrastou ainda mais para o escuro e eu cheguei muito perto do filho da puta maluco.

— Escuta? — perguntei a Matteo.

Ele balançou a cabeça.

— Eu não vou gritar — falou o maluco.

— Veremos — falei tranquilamente. — Quem é você?

Seu sorriso alargou e eu perdi a cabeça. Segurei seu braço e abaixei a faca. Matteo pôs a mão na boca do cara, mas não era necessário. O cara estremeceu, porém, não emitiu nenhum som, e eu não estava muito certo se ele não gostava de sentir dor. Um desafio.

Matteo me lançou um olhar ao tirar a mão da boca do cara.

— Quem é você? — grunhi.

— Remo Falcone.

Caralho. — E, por obséquio, o que você está fazendo no meu território?

— Buscando uma aliança. Vou matar meu pai e todos os seus homens e assumir o controle de Vegas, e você pode ser meu aliado ou meu inimigo… a decisão é sua.

Matteo bufou. — E pensar que existe alguém mais louco que você e eu.

Dei meu sorriso mais frio para Remo.

— E que tal eu matar você agora?

— Aí, o meu irmão terá que machucar a sua esposa.

Agarrei seu pescoço. — O que você acabou de dizer?

— Sua cobertura é bem protegida — falou. — Não existe uma posição boa para atirar de nenhum dos edifícios por ali, nem mesmo para o melhor atirador, com exceção de um. Tem uma única janela num arranha-céu próximo que permite um tiro limpo se alguém se debruçar no balaústre do seu terraço. É um tiro difícil. Poucos homens conseguiriam atingir um alvo daquela distância. Poucos homens conseguiriam descobrir aquele único ponto. Por sorte, um destes homens é o meu irmão, Nino, um verdadeiro gênio. E sua linda esposa está debruçada naquele balaústre bem enquanto conversamos.

Tirei a mão do pescoço dele e senti um aperto forte no estômago. Matteo encontrou meu olhar, abaixando a faca.

— O que você quer? — falei com uma raiva mal controlada. Foquei nela porque os outros sentimentos me enfraqueceriam e eu desconfiava de que Remo sabia como usar a minha fraqueza.

— Apenas a sua atenção — respondeu ele. — Não tenho nenhuma intenção de machucar a sua esposa. — Ele levou o corte em seu braço aos lábios e chupou o sangue. — Quero que você fique longe da minha briga e não quero que ajude o meu pai, independente do que ele te ofereça. Em breve, serei Capo, e aí, quero que você se lembre deste dia — expôs ele, com os lábios e os dentes cobertos com seu próprio sangue.

Louco e perigoso.

Ele deu um passo para trás.

— Pensei que você quisesse saber se eu era um aliado ou um inimigo.

Ele inclinou a cabeça. — Acho que você pode precisar de mais tempo para pensar sobre isso. Talvez um dia possamos fazer o que já deveria ter sido feito há muito tempo: destruir a Outfit e dividir o território deles entre nós. Quando meu pai entrar em contato com você, lembre-se de que eu poderia ter matado a sua linda esposa e não o fiz, Luca. Não estou nem aí para o seu território, mas quero o que é meu, e farei qualquer coisa para conseguir. — Ele caminhou de costas lentamente e desapareceu nas sombras, então, o motor de uma motocicleta rugiu.

Arranquei o celular do meu bolso traseiro e liguei para Aria.

Assim que ela atendeu, sibilei:

— Entre agora!

Ela respirou fundo, mas ouvi o movimento.

— Luca, o que está acontecendo?

— Onde você está? — perguntei, já correndo para o meu carro. Matteo vinha logo atrás, falando com Demetrio e ordenando que ele enviasse todos os soldados disponíveis para procurar Nino e Remo Falcone.

— Na sala. Demetrio está abaixando as persianas. O que está acontecendo?

— Fique dentro do apartamento.

Desliguei, meu pulso acelerou de raiva e medo ao mesmo tempo.

— Que merda foi essa? — resmungou Matteo.

— Um aviso — grunhi. A Camorra nunca foi meu foco. Isso mudaria a partir de agora.

Assim que entrei na cobertura, Aria veio correndo e eu a prendi ao meu corpo. Orfeo havia se juntado a Demetrio. Ela parecia confusa e assustada.

— O que está acontecendo? Ninguém me conta nada.

— Alarme falso — garanti-lhe e ela franziu a testa.

Beijei sua testa e virei-me para Orfeo.

— Encontre alguém que já tenha sido um atirador de elite. Quero encontrar aquele ponto.

Orfeo assentiu e saiu correndo.

Não encontramos o ponto até uma carta ser colada à porta da Sphere dois dias depois com as coordenadas. Eu não sabia que tipo de jogo Remo Falcone estava jogando, mas também não poderia arriscar uma briga com ele. Meu foco precisava permanecer em Dante e na Outfit. Eu não podia lidar com a Camorra além disso.

Capítulo 25

ARIA

Eu estava começando a contar os dias para o parto, me sentia como um rinoceronte e encontrar uma posição confortável à noite era quase impossível. Apoiei o quadril na bancada da cozinha; até ficar em pé era incômodo neste estágio.

Luca entrou na cozinha e me deu um selinho.

— Como você está?

Ele estava praticamente o tempo todo ao meu lado, desde o episódio que levou Demetrio a abaixar as persianas e me empurrar para longe das janelas. Luca não havia compartilhado nenhum detalhe comigo, mas deve ter ficado profundamente preocupado porque Matteo cuidou da maioria dos negócios nas semanas seguintes. Foi apenas nas últimas duas semanas que Luca começou a relaxar um pouco.

— Faminta. — Eu sempre estava. Enquanto no início comer era difícil, agora, era só o que eu fazia. Felizmente, não ganhei muito peso. Agradeci aos meus bons genes.

Luca tocou a minha barriga.

— E como ela está?

Coloquei a minha mão sobre a dele.

— Ela é muito ativa. Não me deixa dormir muito à noite.

— Eu sei. Logo a gravidez acaba.

— Duvido que vá dormir melhor depois.

Luca acariciou a minha barriga com o polegar.

Ouvimos som de passos e ele se endireitou, tirando a mão pouco antes de Demetrio virar o corredor, então, ele congelou.

— Você vai ficar em casa hoje?

Luca não podia mostrar esse tipo de ternura na frente dos seus homens. Pelo menos, ele não escondia tanto seus sentimentos quando Matteo estava por perto.

— Não — respondeu Luca. — Tenho que me encontrar com os Capitães.

Toquei brevemente seu peito sobre seu coração e a tatuagem com as pontas

dos dedos. *Tenha cuidado.* Disseram-lhe meus olhos… e ele sabia. Ele me deu um beijo breve e possessivo antes de sair.

Peguei um livro e fui para o jardim da mansão. Demetrio vinha atrás de mim. Gianna e Lily já estavam pegando o sol do final de junho, mas eu não conseguia suportar o calor por muito tempo no meu estado. Eu sentia falta de Nova York, mas, depois do ocorrido, Luca insistiu para que eu ficasse na mansão. Contudo, agora que a hora do parto estava se aproximando, eu teria que voltar para Nova York dentro de alguns dias, já que o hospital que Luca escolhera ficava lá.

Consegui tirar meu vestido e afundar em uma das espreguiçadeiras, com um gemido. Minha barriga escondia a calcinha do biquíni e, por um segundo, me perguntei se a colocara do jeito certo.

Gianna levantou o óculos escuro e trocou um olhar divertido com Lily.

— Esperem até engravidarem e não conseguirem mais se mexer — resmunguei ao me alongar, gemendo mais uma vez.

— Eu não tenho nenhuma intenção de engravidar, acredite. Nem Matteo nem eu queremos filhos.

Lily mordeu o lábio.

— Eu adoraria ter filhos com Romero, mas iremos esperar alguns anos até eu ficar um pouco mais velha.

Eu também nunca pensei que me tornaria mãe aos vinte e três, mas agora estava feliz.

Gianna olhou para Demetrio, que estava sentado à mesa do jardim na sombra.

— Você não sente calor com essa roupa?

Ele usava uma camisa preta de mangas compridas e uma calça jeans preta, e ergueu o olhar, confuso.

— Não estou aqui para me divertir.

Gianna bufou. — Deus nos livre de alguém se divertir por aqui.

Eu ri. — Deixe-o em paz.

Demetrio me deu um sorriso agradecido, depois, voltou a deixar seu olhar vagar pelos arredores. Adormeci com o sol no rosto, no entanto, acabei acordando porque Marcella fez uma tempestade. Pisquei contra a luz do sol.

— Que horas são?

— Não faço ideia — disse Gianna, abaixando o livro que estava lendo. Olhei para o mar, imaginando se conseguiríamos voltar à Itália no ano que vem. Essas últimas semanas confinada na mansão me fizeram ansiar pela vasta extensão do

mar.

— Quando foi a última vez que você esteve fora de casa? — perguntou Gianna preocupada comigo.

— Eu estou do lado de fora de casa neste momento.

— Você sabe o que quero dizer.

— Romero disse que é melhor que a gravidez de Aria fique em segredo, mesmo que as pessoas especulem que ela teve um colapso mental por estar casada com Luca.

Lancei-lhe um olhar.

— Como é?

Lily fez uma careta. — Porque você desapareceu do público nos últimos quatro meses. Existe um boato de que você está em reabilitação ou numa clínica psiquiátrica, e outro que Luca está te mantendo trancada porque você simplesmente é bonita demais e ele não consegue suportar que outros homens olhem para você.

— Que monte de merda — resmungou Gianna. — Isso soa como um boato que Matteo teria espalhado apenas para ser engraçado.

Fechei os olhos, rindo levemente.

— Acho que prefiro o boato sobre ser bonita ao de estar maluca. — Então, olhei para baixo, para a minha barriga enorme. — Mesmo não me sentindo muito bonita neste momento.

— Assim que empurrar essa criança para fora de você, terá seu corpo antigo de volta sem demora — afirmou Gianna.

— Pelo menos Luca não está engordando em solidariedade — disse Lily com um sorriso. — Li que muitos homens ganham mais peso que suas esposas durante a gravidez. É chamada de gravidez solidária, ou algo assim.

— Isso é levar a solidariedade um pouquinho longe demais — falou Luca de trás de mim, e eu gritei assustada, olhando por sobre o ombro. Ele estava parado com os braços cruzados e vestindo apenas uma sunga.

Gravidez solidária? Não, isso definitivamente não aconteceu com Luca. Ele estava com o abdômen trincado como sempre, todo musculoso, sem nenhuma gordura.

Matteo apareceu atrás do irmão, sorrindo, e deu um tapinha no tanquinho de Luca.

— Acho que posso sentir um volumezinho.

— O único volume que sempre terei é dentro da calça, e você vai ficar longe dele.

— Dá para parar de falar de volumes? — resmungou Gianna.

Matteo se debruçou sobre ela; ele também estava só de sunga.

— Por quê? Você ama o meu volume.

— Então… — falei enrugando o nariz, e tentei me sentar. Um besouro virado de costas tinha mais mobilidade do que eu. Luca estendeu a mão com um sorriso brincando em seus lábios, porém, em seus olhos havia algo de intenso e protetor, como sempre quando eu mostrava a minha vulnerabilidade atual.

Suspirando, deixei-o me levantar. Toquei seu abdômen musculoso.

— Quase queria que você tivesse engordado, assim, eu não me sentiria tão gigantesca.

Luca se abaixou e pôs a mão na minha barriga.

— Não seja ridícula, Aria. Você é linda e ainda está pequena.

Eu ia protestar, mas seu olhar me calou.

*

Eu não conseguia encontrar uma posição confortável. A dor na minha lombar piorou na última semana e, esta noite, estava especialmente ruim. Reposicionei a almofada de amamentação debaixo da minha barriga e fechei os olhos, tentando dormir. Ainda eram 22h, mas, agora, eu vivia cansada o tempo todo. Restavam cinco dias para a data oficial do parto, só que o tempo parecia se arrastar agora que o nascimento se aproximava.

Eu devo ter adormecido, quando uma dor aguda no meu baixo ventre me fez acordar. Abri os olhos e ofeguei. Apoiei o braço para me impulsionar para sentar, mas, com a dor, isso se provou duas vezes mais difícil. Quando eu finalmente consegui me colocar na beirada do colchão, tive que tomar fôlego. Não tinha certeza se era isso. Pela intensidade da dor, podia presumir que estava tendo contrações.

Acariciei a barriga, esperando que a dor diminuísse antes de pegar meu celular na mesa de cabeceira. Pensei em ligar para Luca, mas sabia que ele tinha uma reunião com os soldados esta noite relacionada à estratégia de incendiar os laboratórios da Bratva, e provavelmente mais coisas que ele não me contou. Não queria incomodá-lo caso fosse alarme falso. Hesitei, depois decidi mandar uma mensagem para ele. *Quando você vem para casa?*

Consegui enviá-la antes que outra contração me tornasse um caos ofegante. Agarrei o colchão e tentei respirar através da dor. Não estava funcionando tão

bem quanto esperei.

— Demetrio! — gritei quando encontrei a minha voz.

Levantei-me da cama e me arrastei para a porta, com o telefone agarrado à mão. Ele vibrou. Dei uma olhada na tela.

Duas horas. Você está bem?

Alcancei a porta e segurei a maçaneta por alguns segundos antes de conseguir abri-la.

— Demetrio!

Ele apareceu na escada com os cabelos bagunçados e o rosto amassado. Deve ter caído no sono.

— Está tudo bem?

— Claro que não, senão eu não teria te chamado — resmunguei, então, me senti mal por descontar a minha dor nele, mas outra contração me impediu de pedir desculpas.

Demetrio arregalou os olhos.

— Você está…?

— Chame Gianna — ordenei quando ficou claro que Demetrio não tinha ideia do que fazer.

Demetrio correu para o elevador e bateu no botão, porém, sem o código, ele não conseguiria descer para o apartamento do Matteo. Será que eu tinha que fazer tudo sozinha?

Segurei no corrimão, na intenção de descer a escada para ajudá-lo em seu esforço inútil, só que tive que parar no meio do caminho para respirar novamente.

Meu celular vibrou de novo.

Aria? Você está bem?

Eu segurava o telefone com tanta força que fiquei surpresa por ele ainda não ter virado pó.

— Ligue para Matteo — falei para Demetrio entredentes.

Não verifiquei se ele seguiu a minha ordem, mas alguns minutos depois o elevador apitou e Gianna saiu dele correndo, vestida com um roupão, seguida por Matteo, de cueca e camiseta.

Gianna praticamente voou escada acima e parou ao meu lado. Ela congelou com as mãos quase me tocando.

— Aria? Qual o problema? O bebê está chegando?

Engoli uma resposta atravessada e assenti.

— Vamos. Precisamos te levar para o hospital — falou ela, pousando a mão levemente no meu braço.

Matteo pairava no primeiro degrau com Demetrio ao seu lado, todos me observavam como se precisassem da minha orientação.

— Acho que não consigo andar neste exato momento — explodi.

Gianna empalideceu.

— Faça alguma coisa. Você deve saber o que fazer — disse Matteo para ela, dando mais um passo em minha direção.

— Por que eu saberia o que fazer? Porque sou mulher? — censurou Gianna. — Eu nunca empurrei um bebê pela minha vagina, como você sabe muito bem.

Ai, meu Deus. Eu não precisava mesmo da briguinha deles agora.

— Matteo, pode me ajudar, por favor? — sussurrei. Gianna não era forte o suficiente para me carregar e eu tinha a sensação de que não conseguiria caminhar muito mais. Isso estava indo mais rápido do que eu pensei.

Ele subiu imediatamente.

— O que precisa que eu faça?

Outra contração e eu balancei para frente, segurando os braços de Matteo. Ele me estabilizou.

— Ligue para Luca.

— Você precisa me soltar — anunciou ele com tensão na voz.

De jeito nenhum. Eu precisava de alguma coisa onde me segurar, e Matteo podia aguentar a força do meu aperto melhor que Gianna. Agarrei mais forte seus braços e ele pareceu se dar conta de que eu não iria soltá-lo.

Gianna pegou o celular dela.

— Sim, é a Aria — foi a primeira coisa que ela disse. Claro que Luca sabia que, quando Gianna ligava, era por minha causa. Minha mensagem de texto deve ter feito com que ele tivesse tido um ataque de pânico.

— Vamos levá-la para o hospital. — Ela assentiu, terminou a ligação e olhou para mim. — Ele já está a caminho.

— Consegue andar? — perguntou Matteo.

Dei um breve aceno de cabeça, me sentindo um pouquinho mais forte. Desci um degrau, Matteo segurava meu braço com força. Demorou o que pareceu uma

eternidade para descer os degraus restantes com Gianna, Demetrio e Matteo me olhando como se eu fosse uma bomba prestes a detonar.

O telefone de Gianna tocou.

— Não, ainda estamos em casa. Aria está muito lenta.

Fiz cara feia para ela. Lenta? Fiquei surpresa por conseguir andar isso tudo com as minhas entranhas parecendo estar dilacerando. Parei para recuperar o fôlego. Matteo me surpreendeu ao colocar o braço em volta do meu ombro e deslizar o outro sob as minhas pernas antes de me pegar no colo. Sabia que não deve ter sido fácil para ele. Ganhei quase treze quilos durante a gravidez. Eu não estava gorda, mas com certeza não era mais peso pena.

— Obrigada — murmurei.

O olhar dele suavizou. Matteo e eu tínhamos tido nossos conflitos, mas eu sabia que ele me levaria com segurança para o hospital.

— Vai ficar tudo bem — garantiu Gianna. Teria sido mais convincente se não parecesse que ela estava à beira de um colapso nervoso.

— Vou pegar o carro — anunciou Demetrio, depois, desapareceu no elevador. Parecia que o diabo o estava perseguindo.

— Ei! — gritou Matteo, mas as portas já tinham fechado e o elevador já estava descendo, nos deixando presos na cobertura até ele voltar. — Que merda ele está fazendo?

Gianna apertou o botão do elevador repetidamente, mas ele ainda estava descendo para a garagem subterrânea.

— Para que caralhos ele vai pegar o carro? Ele está estacionado logo ao lado do elevador, afinal de contas. Idiota.

— Ele está nervoso — falei tranquilamente, aproveitando um momento quase sem dor, entretanto, outra contração fez a minha espinha enrijecer e eu gritei, arqueando as costas no colo de Matteo. Ele cambaleou e retesou.

— Caralho — rosnou, e Gianna apertou o botão mais uma vez, como se violência algum dia tivesse feito um dispositivo técnico trabalhar mais rápido. — Será que você consegue manter o bebê aí dentro até chegarmos ao hospital? — perguntou Matteo preocupado.

Revirei os olhos. Ele fez parecer como se eu pudesse fechar a porta lá de baixo.

— Não sei.

— Finalmente! — exclamou Gianna quando o elevador chegou ao nosso andar e as portas se abriram, e meu coração perdeu uma batida pelo alívio. Luca

estava lá dentro e seus olhos cinza preocupados correram para mim. Sem dizer uma palavra, ele se adiantou em direção a Matteo e me pegou do colo do irmão. Luca me segurou contra seu peito como se eu não pesasse nada. Ele abaixou o rosto e me beijou com carinho antes de entrar no elevador. Dava para sentir seu coração acelerado, mas seu rosto estava calmo, e isso acalmou as minhas preocupações. Com ele ao meu lado, tudo ficaria bem.

— Onde está Demetrio? — perguntou Matteo.

— Mandei-o ao hospital para se certificar de que é seguro — declarou Luca, sem tirar os olhos do meu rosto, e eu olhei fixamente para ele porque a dor parecia mais suportável desse jeito.

Matteo abriu a porta do seu *Porsche Cayenne* para a gente, só que quando Luca estava prestes a me colocar no banco de trás, uma contração mais forte me atingiu. Convulsionei, fechando os olhos, e soltei um grito.

— Você é forte, Aria — murmurou Luca na minha testa. — E eu estou aqui com você. Queria poder te tirar essa dor.

Olhei para ele com as pálpebras semicerradas. Inspirei e expirei, buscando conforto em seu olhos carinhosos. Ao sentir que relaxei, Luca me colocou no banco de trás e entrou atrás de mim, assim, encostei em seu peito. Matteo e Gianna sentaram-se na frente e Matteo dirigiu o carro como um louco.

Chegamos ao hospital com o bebê ainda dentro de mim, mas fui levada às pressas para a sala de parto.

— Dê a ela alguma coisa para a dor — vociferou Luca assim que o primeiro médico cruzou o nosso caminho. Só ouvi algo como *tarde demais* antes de outra onda de dor ofuscar todo o resto.

Luca roçou a minha mão em seus lábios enquanto eu me agarrava a ele durante cada contração. Não encontrei mais tempo para recuperar o fôlego entre elas e estava no limite do que conseguia aguentar.

Luca estava com a testa franzida, sua expressão era de quase desespero. Ele fez uma careta para as enfermeiras.

— Façam alguma coisa — rosnou.

— Último empurrão — incentivou a enfermeira obstetra.

Não achei que tivesse a energia para outro empurrão, entretanto, por cima da névoa de agonia, ouvi um choro. Meu bebê. Minha filha.

Os olhos de Luca dispararam para o meu rosto e, depois, mais para baixo.

Desabei aliviada quando a enfermeira obstetra estendeu um ser humano pequenino coberto de sangue. Por um momento, Luca não se mexeu, depois, ele beijou a minha bochecha e a minha têmpora, seu rosto estava maravilhado e eu

soltei uma risada incrédula. A enfermeira obstetra fez uma verificação rápida antes de colocar a nossa filha em meus braços.

Luca soltou a minha mão para eu poder segurá-la. Acariciei seus cabelos pretos grudentos. Ela era cabeluda, cabelos pretos como carvão iguais aos do pai. Sorri para Luca, que olhava para a nossa filha com um olhar congelado.

— Ela tem os seus cabelos — sussurrei ao inalar o cheirinho dela, tentando memorizá-lo. Seus olhos ainda eram azul-acinzentados. Era difícil dizer qual das duas cores era de verdade.

— Ela é tão pequena — falou Luca baixinho. Ele não se mexeu para tocá-la. Parecia quase com medo de fazer isso. Talvez a médica e a enfermeira obstetra que ainda estavam na sala conosco o estivessem contendo de mostrar seu afeto, mas isso não o impediu de ser afetuoso comigo.

— Marcella — murmurou ele, e lágrimas surgiram em meus olhos diante da ternura em sua voz quando ele chamou a nossa bebezinha pelo nome pela primeira vez.

— Quer segurá-la?

Os olhos de Luca correram de Marcella para mim, então, ele engoliu em seco.

— Não.

Intrigada, meu coração apertou diante de sua recusa.

— Por que não?

Ele estendeu suas mãos fortes com as cicatrizes, como se isso respondesse à minha pergunta.

— Ela é pura e frágil. Eu...

— Você não vai quebrá-la se é com isso que está preocupado — falei docemente, mas ele balançou a cabeça e envolveu o meu rosto com as mãos.

— Você a segura. É lindo.

Assenti de leve, reprimindo a minha decepção. Inclinando-me para frente, encostei meus lábios nos dele.

— Eu te amo.

Luca olhou para a médica, que escrevia alguma coisa no canto da sala. Toquei sua mão para lhe mostrar que eu entendia que ele não queria me dizer o mesmo com outra pessoa no ambiente. Eu sabia que ele me amava; amava Marcella e a mim, palavras não eram necessárias.

*

Luca não saiu do nosso lado enquanto éramos levadas a um quarto particular depois que fui costurada. Logo após nos acomodarmos, Gianna e Matteo entraram. Eu estava cansada e queria descansar depois do parto exaustivo, mas eles esperaram muito tempo e eu quis lhes dar a oportunidade de ver Marcella.

Gianna veio até a cama para me abraçar com carinho enquanto Matteo abraçava o irmão.

— Nem acredito que você já é pai — falou Matteo sorrindo.

Luca assentiu como se também não conseguisse acreditar, seu olhar voltou para Marcella, que dormia no berço ao lado da minha cama. Ele parecia quase perdido. Eu não sabia bem o que fazer para ajudá-lo.

Gesticulei em direção ao berço.

— Gianna, por que não a segura?

Gianna endireitou a postura, porém, não pegou Marcella.

— Você sabe que não sou boa com crianças — falou hesitante.

Não dava para acreditar neles. Luca não queria segurar a nossa filha e, agora, Gianna também não queria segurar a sobrinha.

Matteo soltou um suspiro e caminhou até o berço. Luca se balançou para frente, como se estivesse prestes a deter o irmão, entretanto, congelou. Matteo também deve ter visto isso, mas ignorou. Ele escorregou a mão por baixo de Marcella enquanto eu me sentava na cama.

— Segure o pescocinho dela. Ela ainda não consegue manter a cabeça erguida.

Matteo levantou o olhar. Talvez ele tenha pensado que eu o deteria, mas nós dois vínhamos nos dando bem nos últimos meses. Eu não confiava nele como confiava em Luca. Nem perto disso, mas sabia que protegeria Marcella. Então, ele a tirou do berço e ela abriu os olhos, tinha um pouco de saliva escapando de sua boca e pingou na blusa dele. Ele não pareceu se importar.

— É um milagre a humanidade sobreviver, tendo em vista o quanto nossos recém-nascidos são frágeis e incapazes — ponderou Matteo ao olhar para a minha filha.

— É porque nós garantimos que ninguém terá a oportunidade de machucá-los. Acho que Marcella será bem protegida — falei, encontrando o olhar de Luca. Um protecionismo feroz refletia em seus olhos.

Luca e Matteo trocaram um olhar que fez Gianna revirar os olhos, mas eu sorri. Se alguém, algum dia, pensasse em machucar Marcella, eu queria que enfrentasse a ira total de Luca e Matteo.

*

LUCA

Marcella tinha os cabelos iguais aos meus. Sempre que imaginava a nossa filha, ela parecia com Aria: cabelos loiros e olhos azuis. Não havia considerado que essa parte minha estaria tão obviamente refletida nela. Não havia considerado que ela teria alguma coisa minha. Aria era pura, gentil e linda. Eu não tinha muitas qualidades a lhe oferecer. Porém, Marcella era linda com seus cabelos pretos. Pura perfeição igual a mãe.

Assim que a vi, me apaixonei, e ver Aria com Marcella… amei ainda mais a minha linda esposa. Ambas eram a minha vida. A luz na minha escuridão e eu sabia que estragaria isso se tocasse em Marcella. Ela era frágil. Nunca vira dedinhos tão pequenos. Eu a quebraria. Eu a poluiria com a minha escuridão.

Matteo a segurou sem reticências. Ele tinha tanto sangue nas mãos quanto eu, era igualmente louco e cruel, mas ele a segurou, segurou a minha filha. Quis detê-lo, não queria suas mãos assassinas na minha filha inocente, mas a expressão de Aria me impediu e, agora, eu tinha que ficar de lado enquanto meu irmão embalava a minha filha em seus braços. Eu sabia que nunca teria que me preocupar com Marcella quando Matteo estivesse por perto. Ele a defenderia. Ele mataria, mutilaria e incendiaria para defendê-la… assim como eu. Nós dois tínhamos os nossos demônios, mas proteger quem amamos, isso era uma das poucas características positivas que tínhamos.

O olhar de Aria fez abrir um buraco em meu peito. Ela queria que fosse eu segurando Marcella. Ela me deu um sorriso tranquilizador, depois, bocejou. Estava pálida, havia perdido muito sangue.

— Está na hora de vocês irem embora. Aria precisa descansar — declarei.

Matteo retornou Marcella ao berço antes de ir até Aria e abraçá-la, seguido por Gianna. E os dois saíram, nos deixando sozinhos.

— Não precisa ficar — sussurrou Aria.

Caminhei até ela, tirei meus sapatos e subi na cama ao seu lado. Ficou bem apertado, mesmo com o corpo de Aria se aconchegando ao meu. Ela estremeceu quando se mexeu e eu tive o cuidado de não a machucar ao abraçá-la.

— Vou ficar — afirmei.

Ela descansou a mão em meu peito como fazia com frequência. Às vezes, eu me perguntava se isso era para se assegurar que eu tinha um coração pulsante. Cobri sua mão com a minha e ela suspirou.

— Sempre que você está ao meu lado, sei que vai ficar tudo bem.

— Durma, *principessa*. Eu protejo você.

— E Marcella — acrescentou ela, sonolenta.

— Você e Marcella, até a minha morte.

Sua respiração estabilizou, e permiti que meus olhos se fechassem. Claro que eu não iria dormir. Aqui não era nossa cobertura nem nossa mansão. Romero e Matteo garantiriam que houvesse homens vigiando os corredores, mas eu, da mesma forma, precisava ficar alerta. Quem quer que quisesse machucar a minha esposa e a minha filha teria que passar por mim.

*

Aria recebeu alta no dia seguinte. Os médicos deviam nos querer fora dali para que não tivessem mais que lidar com seguranças armados. Vi o quanto ficaram com medo de nós. Todos sabiam o que éramos. Eu não dava a mínima. Estava contente por ter Aria de volta na cobertura onde ela e Marcella estavam mais seguras do que num hospital público, principalmente desde que comprei os escritórios no prédio em frente ao nosso terraço e posicionei um atirador de elite no alto.

Aria ainda não tinha permissão para pegar nada pesado já que ainda sentia dor, então, Matteo teve que carregar Marcella no canguru. Aria não fez nenhum comentário, mas Matteo zombava de mim com o olhar. Sabia que ele encheria meus ouvidos mais tarde.

E eu estava certo. Assim que Aria e Gianna se acomodaram no sofá, e Marcella dormia no berço ao lado delas, Matteo me encurralou na cozinha quando eu estava prestes a fazer café para nós.

— Qual a porra do seu problema, Luca? — resmungou ele na minha cara. Olhei para onde estavam as nossas esposas, entretanto, elas conversavam profundamente.

— Não se meta. — Apertei o botão da cafeteira.

Matteo balançou a cabeça. — Ela é sua filha. Por que não encosta nela? Até eu percebi que te ver agindo como um perfeito imbecil está matando Aria.

Estreitei os olhos para ele. — Nosso pai era um sádico babaca, não um exemplo do que significa ser um bom pai. Eu pareço com ele em tantos aspectos… quem vai dizer que também não serei uma merda de pai?

Matteo riu. O filho da puta riu na minha cara.

— Porra. Ouça você falando merda. Você não tem nada a ver com o nosso pai no que realmente importa. Ele estuprava e batia em nossa mãe. *Você* cortou o próprio braço porque não queria abusar de Aria na noite de núpcias. Você a trata

como uma rainha e irá tratar a sua filha como uma princesa. Agora, pare de besteira, Luca.

— Porra, Matteo, você me faz parecer um santo. Você me *conhece*.

— Santo, pecador… como se eu desse a mínima. — zombou Matteo. — Eu te conheço. Sei que você gosta de matar, de derramar sangue tanto quanto eu. Sei que gosta de fazer picadinho dos nossos inimigos e dos traidores. Sei que gosta de ser temido. Gosta de ouvi-los gritando e implorando. Você é um filho da puta doente como eu, mas é um filho da puta doente que ama sua esposa e sua filha, e que preferiria derramar o próprio sangue e cortar os próprios membros do que machucá-las.

Empurrei a caneca cheia de café para Matteo sem dizer nada, e dei um gole no meu café preto. Não achava que viveria para ver o dia em que, entre nós dois, Matteo fosse a voz da razão. Não gostei nem um pouquinho daquilo.

— Vamos ver como você se sai quando for pai.

Matteo balançou a cabeça. — Gianna e eu não queremos filhos agora, talvez nunca.

Ergui as sobrancelhas surpreso, no entanto, não tive a chance de responder sobre isso porque Romero e Lily chegaram para o almoço.

Depois de cumprimentar Aria e dar uma olhada em Marcella, Romero se aproximou de mim e de Matteo, apertando a minha mão com um sorriso.

— Parabéns. Sua filha é linda.

Ela era, linda como Aria.

Aria olhou para cima e encontrou o meu olhar e seus lábios curvaram-se.

Capítulo 26

ARIA

Quando todos foram embora e Luca e eu ficamos novamente sozinhos com Marcella, ele veio até nós e olhou para ela no berço. Ele olhava para ela como se quisesse tocá-la, segurá-la, mas não se permitia fazer isso. Levantei-me.

— Vou ao banheiro. Você olha a Marcella?

Luca assentiu lentamente, contudo, seus olhos tremeluziram de preocupação. Ainda era muito difícil de me movimentar, então, demorei um pouco subindo a escada para ir ao nosso banheiro. *Tudo* demorava mais e, quando ouvi Marcella chorar, estava lavando as mãos. Saí apressada, mas parei no batente da porta do nosso quarto, espiando Luca pela brecha, que pairava sobre o berço lá embaixo.

Não tinha certeza de como fazê-lo ver que ele não a machucaria.

— Aria? — chamou ele e eu me escondi atrás da porta, esperando.

Meu interior se contorcia com o choro de Marcella. Custou-me toda a minha força de vontade para não correr para ela e embalá-la em meus braços.

— Está tudo bem — falou Luca docemente.

Arrisquei outro olhar para o andar de baixo.

Luca ainda pairava sobre o berço, encarando-o como se o objeto fosse matá-lo. Eu estava quase descendo, quase interferindo e acalmando Marcella, quando ele finalmente se abaixou. Ele havia me visto erguê-la. Hesitou, e a ergueu do berço, apoiando a cabecinha dela em seus dedos fortes do jeito que eu sempre fazia. Ela parecia minúscula em suas mãos fortes. Ele a embalou na dobra de seu braço e acariciou sua bochecha com o indicador. Meu coração explodiu com tanto amor, foi quase dolorido.

— Shh, princesa, shh. Está tudo bem. — Ela se calou, seus olhos grandes tentavam focar nele. — Meu Deus, você é tão pequena — sussurrou ele, passando o dedo em sua mãozinha e em seus dedinhos.

— Veja só — falei, saindo para o corredor. — Você não a quebrou.

Ele olhou para cima e franziu a testa.

— Você armou isso.

— Não armei nada. Marcella chora quando quer. Mas escolhi não vir até ela como faria normalmente.

Desci cada degrau lentamente e Luca veio em minha direção, estendendo sua mão livre para me auxiliar. Meu coração expandiu quando coloquei a mão no braço onde Luca segurava a nossa bebê.

— Ela gosta de estar em seu braço.

Ele voltou a olhar para a nossa filha.

*

LUCA

Os gritos de Marcella ficavam mais altos conforme ela se debatia no berço. Aria ainda estava lá em cima, mas precisava acalmar a nossa filha.

— Aria?

Ela não respondeu e Marcella continuava esperneando, com o rosto contraído, contorcendo os braços e as pernas. Caralho. Meu coração se desfez por causa do choro.

Prendi a respiração e pus a mão dentro do berço, com cuidado, deslizei a mão por baixo de Marcella, certificando-me de que meus dedos apoiassem sua cabeça, e a ergui. Ela era pequena demais nas minhas palmas. Embalei-a na dobra do meu braço e passei o polegar por seu rosto macio.

— Shh, princesa, está tudo bem. — Ela se calou, piscando.

— Veja só, você não a quebrou — falou Aria ao aparecer no topo da escada.

Não quebrei e não quebraria.

Aria se juntou a nós no andar de baixo. Nunca a vira tão feliz quanto neste momento ao me ver com Marcella. Envolvi-a com meu braço livre, trazendo-a junto ao meu corpo e ela me deu aquele lindo sorriso lento.

— Olha, sua escuridão não me contagiou e nem a ela, Luca. Marcella te verá como eu te vejo, como alguém que a segura quando ela precisa, alguém que a ama e protege.

— Você me faz humano, Aria... — falei baixinho.

Suas sobrancelhas uniram-se.

— Não diga isso. Você é humano.

Sorri sombriamente. — Se qualquer um ousar te machucar, ou a Marcella, não verá meu lado humano.

Aria assentiu. — Ninguém nunca terá a chance de nos machucar, Luca.

Ela estava certa. Eu moveria céus e terra para garantir a segurança dela. Estar

em guerra com a Outfit tornava isso mais difícil. Eu tinha que vigiar a Outfit e a Bratva, sem falar nos Cartéis Mexicanos locais, que continuavam dando problemas aos meus Subchefes no Sudeste. Mas a minha maior preocupação estava se tornando a Camorra em Las Vegas.

Eu tinha que garantir que a Outfit não começasse a trabalhar com a Camorra, senão as coisas ficariam ruins. No entanto, enquanto Benedetto Falcone continuava matando seus Subchefes, Dante o veria como instável demais e, sem uma continuidade em sua hierarquia, faltava a Benedetto o foco necessário para organizar a vigilância para além de suas fronteiras. Mas quem poderia dizer quanto tempo isso duraria? Remo Falcone havia desaparecido, só que eu sabia que ele estava por aí e um dia se faria conhecer no Oeste. Ele não me traria problemas outra vez, não até ter matado o pai e se tornado um Capo, entretanto, todas as apostas seriam canceladas. Ele havia me analisado. Ainda era jovem e não tinha nada a perder, mas se esquecia de que eu tinha algo por que lutar. Talvez seu pai o tiraria das minhas mãos e se livraria do filho antes disso.

Capítulo 27

ARIA

Luca estava nervoso quando voltou tarde em uma noite seis meses após o nascimento de Marcella. Observei-o se despir, seus movimentos eram irregulares e seu olhar, preocupado.

— Luca? — perguntei em voz baixa, mas ele balançou a cabeça e se deitou ao meu lado totalmente nu. Sua necessidade estava claramente refletida em seus olhos. Subi nele, meus lábios encontraram os seus enquanto suas mãos vagavam pelas minhas costas, indo depois para o meio das minhas pernas.

Estremeci em cima dele, mas queria senti-lo dentro de mim. Desci e me abaixei em sua ereção. Com as mãos no peito dele, comecei a mexer os quadris olhando em seus olhos. Sabia que Luca tinha muito com o que lidar neste momento, só que ele tentava manter os problemas longe de mim e de Marcella. Frequentemente, parecia que este era o único modo que eu podia lhe dar conforto.

Mais tarde, quando estava deitada em seus braços, ele voltou a ficar tenso.

— Luca, por favor, me diga o que está te incomodando.

— Minha tia Flavia entrou em contato comigo.

Franzi a testa. Eu não me lembrava desse nome.

— Flavia?

— Ela era a irmã caçula do meu pai, mas fugiu com um Camorrista quando eu era menino.

Ergui as sobrancelhas. Ele nunca a havia mencionado, porém, dada a traição dela, não fiquei surpresa.

— Ela mora em Las Vegas e, recentemente, seu marido foi executado por Falcone por trair a Camorra.

— E agora ela quer voltar a Nova York?

Luca negou com um movimento de cabeça.

— Não. Benedetto Falcone a está usando para me contactar e me convencer a trabalhar com ele.

Levantei a cabeça.

— Trabalhar com a Camorra. Você não disse que Falcone era totalmente

imprevisível e sádico?

— Ele deve ser o único que faz meu pai parecer um ser humano quase decente — resmungou Luca. — E eu não vou trabalhar com a Camorra. Não enquanto ela estiver sob o comando de Benedetto Falcone. Mas não o quero trabalhando com a Outfit.

— Acha que isso é uma possibilidade?

— Duvido que Dante veja Falcone como um aliado digno de confiança.

— Então, você vai recusar? O que vai acontecer com a sua tia?

Luca fez uma careta e eu pude notar que ele não havia me contado tudo.

— Ela e as filhas provavelmente serão punidas.

Olhei para ele. — A Camorra não poupa as mulheres em nada.

— Não — falou. — Falcone provavelmente vai mandar estuprar as meninas. É um castigo vigente contra as mulheres.

Eu enrijeci, não consegui evitar.

Luca acariciou meu rosto.

— Estou constatando os fatos, amor. Tem um motivo por que isso era uma estratégia de guerra antigamente.

— Quantos anos têm as meninas, suas primas?

— Dezenove. — Uma pausa. — E quinze.

Soltei-me de seu aperto e saí debaixo do cobertor, sentando-me na beirada da cama, meu coração martelava dentro do peito. Quinze. Era a idade que eu tinha quando meu pai concordou com meu noivado com Luca. Eu era uma menina e a prima de Luca também era uma criança. Engoli em seco. A filha de alguém. A ideia de que algo assim pudesse acontecer a Marcella fez meu estômago congelar.

Luca se sentou e beijou meu ombro antes de virar o meu rosto para si. Seus olhos cinza analisaram os meus.

— Aria, não posso trabalhar com Falcone. Eu não quero ter nada a ver com ele. Ele não é uma pessoa sã, nem mesmo para os nossos padrões.

— Você pode me prometer que Marcella nunca terá que temer algo assim? — Eu não consegui nem pronunciar a palavra. Meus olhos arderam com as lágrimas.

Luca segurou meus braços e me pôs em seu colo, seus olhos estavam intensos e sombrios pela emoção.

— Ninguém nunca machucará nem você nem Marcella, Aria. Nunca. Farei qualquer coisa para garantir que nosso território seja um local seguro. Enquanto eu for Capo, vocês estão protegidas, e eu não me importo se tiver que ir até lá matá-lo eu mesmo, mas, neste momento, eles estão fracos.

Assenti.

— Se houvesse uma chance de ajudar sua tia e suas primas sem trabalhar com Falcone, você ajudaria?

Luca pensou sobre isso.

— Talvez. Elas são mulheres. Contudo, isso também representa um problema. Eu não gosto de torturar mulheres, então, não tenho como interrogá-las por seus motivos.

*

LUCA

Esse era um encontro pelo qual eu não estava ansioso, mas Aria queria que eu ajudasse a minha tia e suas filhas, assim, tive que concordar em encontrá-las. Pelo menos, isso era parte do motivo. O outro era que o Executor da Camorra havia entrado em contato comigo e se ofereceu para matar Falcone e muitos Camorristas do alto escalão em troca de acolher as mulheres. Aparentemente, minha prima mais velha, Cara, lhe foi dada como uma recompensa por Falcone e, agora, ele a queria segura. Eu não confiava no cara, mas ele manteve a promessa e matou Benedetto Falcone e, encontrava-se matando mais homens. Talvez, em breve, a Camorra não seria mais uma das minhas preocupações. Remo Falcone ainda estava escondido com os irmãos.

Escolhi novamente o estacionamento em frente à usina Yonkers para o encontro. Matteo olhou para mim.

— Ainda estou com um pressentimento ruim sobre isso.

Concordei sombriamente quando um carro, enfim, veio em nossa direção.

Matteo, Romero e eu estávamos neste carro, e Orfeo, também com dois dos meus primos, estava no carro atrás do nosso.

O carro estacionou cerca de três carros de distância de nós. Pude ver um homem ao volante assim como três mulheres no carro com ele.

— Que porra eles estão esperando? — resmungou Matteo.

Uma das portas do carro foi aberta e uma garota com cabelos compridos escuros saiu. Ela levantou os braços e se distanciou do carro. Logo depois, uma mulher mais velha e uma menina saíram e também levantaram as mãos.

— Devem ser nossas queridas tia e primas — falou Matteo tranquilamente. — Mas o idiota atrás do volante parece ter a intenção de nos irritar. Não sei se ele pensou direito sobre isso.

— Ah, ele vai sair daquele carro, não se preocupe — falei, empurrando a porta do carro, e saí, pegando a minha arma.

A garota mais velha, Cara, olhou para mim como se eu tivesse saído do inferno e a irmã mais nova se escondia ao lado da mãe.

Matteo e Romero pararam ao meu lado.

— Vamos até elas — ordenei.

— Você acha que são confiáveis? — perguntou Matteo em dúvida.

— Não — resmunguei. — Mas não são um perigo para a gente. — Virando-me para Romero, acrescentei: — Você fica atrás nos protegendo. — Ele assentiu olhando diretamente para o carro. Então, dei um sinal aos meus outros homens no outro carro.

Matteo e eu nos aproximamos das três mulheres, mas paramos a uma boa distância.

— Seu motorista precisa sair — ordenei, acenando em direção ao filho da puta covardemente ainda escondido no carro. Que tipo de homem deixa mulheres e meninas saírem para a linha de fogo, e ele fica para trás?

Minha prima Cara voltou-se para o covarde e acenou para ele. Ele não se mexeu.

— Se não sair logo, eu mesmo vou tirá-lo e ele não vai gostar — resmungou Matteo.

Finalmente o homem saiu com as mãos erguidas sobre a cabeça e Orfeo estava imediatamente em cima dele, torcendo seus braços atrás das costas. O frouxo gritou de verdade de dor. Se o jeito com que Orfeo o tratou já tinha extraído essa reação dele, ele não gostaria da conversa que eu e Matteo teríamos com ele mais tarde. Orfeo o calou com uma coronhada forte em sua nuca e saiu arrastando o covarde.

A menina mais nova começou a chorar e Cara segurou sua mão, no entanto, isso só fez a garota chorar ainda mais forte.

Cara endireitou os ombros e olhou para mim.

— Eu sou Cara. Sou sua prima.

— Nós sabemos exatamente quem vocês são — falou Matteo bruscamente.

Fiz um gesto para que elas se aproximassem. Depois de um momento de hesitação, Cara veio primeiro, depois, a mãe e a irmã a seguiram.

— Esperem — falei ao pararmos na frente do carro. — Vamos verificar se estão armadas.

Matteo foi até a nossa tia e eu me virei para a mais nova e estendi a mão em sua direção, mas ela se retraiu, seus olhos estavam arregalados e cheios de medo.

— Talia — cantarolou a irmã. — Ele não vai te machucar.

— Vou apalpar suas pernas e costas em busca de armas. Se preferir não ter as minhas mãos na parte da frente do seu corpo, pode levantar a blusa, mas preciso me certificar de que você não está carregando nenhuma arma — falei com firmeza.

Toquei em seus ombros e deu para senti-la tremendo sob meu toque. Matteo lançou-me um olhar. Apalpei as costas dela depressa e fui para as panturrilhas e coxas. Decidi não apalpar a parte superior das coxas.

— Você prefere levantar a blusa?

Eu era um canalha insensível, mas nem mesmo eu gostava de forçar uma garota que claramente tinha passado por muita merda a levantar a blusa, mesmo assim, tinha que me certificar de que isso não era uma armadilha, e até mesmo meninas inocentes podiam ser manipuladas para se tornarem armas. Com as mãos trêmulas, ela levantou a blusa, revelando sua pele nua e um sutiã preto liso, mas não havia nenhuma arma. Assenti e ela abaixou-a depressa.

— Podem entrar no carro. Cara, você vai se sentar na frente comigo e Matteo vai se sentar com a sua mãe e sua irmã no banco de trás.

Nós as levaríamos para a Sphere por ora, enquanto Orfeo retirava informações do homem.

*

Claro que Aria insistiu para que as acolhêssemos por alguns dias até encontrarmos um lugar seguro para elas morarem. Não mencionei que o motivo principal para as ajudar era que eu precisava de Growl, o antigo Executor da Camorra, ao meu lado para o caso de entrarmos em guerra com a Camorra algum dia.

Pensei que iria receber protestos das minhas tias Egidia e Crimella, mas elas ficaram surpreendentemente felizes por terem a irmã de volta. Desde que me livrei do meu tio conspirador, as coisas corriam melhor.

Enquanto Talia e Cara moravam na mansão, Marcella ficou em Nova York e, nas poucas vezes em que Aria visitou as minhas primas durante a estada delas nos Hamptons, deixava nossa filha com Romero e Lily. Esconder a existência de Marcella era crucial. Já havia visto como Dante usara Aria contra mim. Não

queria pensar o que meus inimigos fariam se soubessem sobre Marcella.

Quando vi Growl pela primeira vez, meus instintos me disseram para matá-lo apesar do nosso acordo. Ele fora Executor da Camorra por muitos anos, era filho de Benedetto Falcone, meio-irmão de Remo; tudo falava contra ele. Estava destinado a ser tão louco quanto eles, mas eu era um Homem de Honra e tinha lhe dado a minha palavra. Ele havia feito sua parte, havia enfraquecido a Camorra. Teria que provar o seu valor ao longo dos meses seguintes.

Em abril, três meses depois da chegada de Growl, Matteo e eu nos sentamos na área de convivência da cobertura e discutimos os acontecimentos mais recentes em Las Vegas.

— Eles passarão anos brigando pelo poder. A Camorra está um caos, se e quando Remo Falcone chegar a tomar o poder, se ele se tornar Capo, vai comandar as ruínas — falou.

Esperava que ele estivesse certo. Já tinha feito tudo que estava ao meu alcance para enfraquecer a Camorra, porém, ainda me lembrava do encontro com Remo Falcone e da expressão em seus olhos. Ele acabaria tomando o poder.

Meu telefone vibrou no bolso da minha calça, eu o tirei e atendi.

— Orazio?

Seus relatórios haviam se tornado menos frequentes. Dante mantinha todos os seus soldados em rédea curta.

— Fabiano Scuderi apareceu em Nova York?

Sentei-me.

— Fabiano? Por quê? O que aconteceu?

Matteo ergueu as sobrancelhas.

— Rocco Scuderi disse que o filho desertou, fugiu, e não há nenhum vestígio dele. Dante está procurando por ele.

Dante o mataria pela deserção.

— Ele não apareceu.

— Já faz duas semanas que ele sumiu.

— Tem certeza de que ele fugiu, que Scuderi não se livrou dele? Afinal, ele tem um novo herdeiro com sua esposa ninfeta.

Orazio ficou calado.

— Não sei. Scuderi é um babaca. Dante deveria tê-lo eliminado há muito tempo, só que enquanto Fiore Cavallaro estiver vivo, Dante não fará isso. Ele respeita demais o pai e não se livraria do Consigliere que ele escolheu.

A reprovação era clara em sua voz. Orazio não gostava de como as coisas eram feitas na Outfit, mas não era por isso que ele trabalhava conosco. Era algo pessoal, algo relacionado a seu pai.

— *Dante desconfia de que há um informante na Outfit.*

— Quando interferimos em sua entrega de armas para a porra do CM em Pittsburgh… ele deve ter desconfiado.

Dante usava táticas de guerrilha para me enfraquecer, dando suporte a CMs no meu território para que estragassem o meu negócio.

— *Talvez. Não tenho certeza de por quanto tempo mais estarei seguro.*

Eu temia que seu trabalho de espionagem chegasse ao fim algum dia.

— Venha para Nova York. Vou introduzi-lo oficialmente e, quando meus soldados tiverem trabalhado um tempo com você, vai se tornar Subchefe de Boston.

Silêncio. — *Você vai me tornar Subchefe?*

— Vou — falei. O Subchefe de Boston estava prestes a se aposentar e tinha apenas filhas e, se eu fizesse do cunhado de Dante meu Subchefe, isso o irritaria infinitamente. Discutimos mais alguns detalhes de sua introdução na *Famiglia* antes de desligar, e suspirei. — Fabiano desapareceu.

Matteo fez uma careta.

— Aquele garoto era leal. Duvido que ele tenha desertado da Outfit.

— Concordo. — Aquilo só levava a uma conclusão. Scuderi havia se livrado dele. — Caralho.

— Não podemos contar a nossas esposas. Elas vão enlouquecer.

— Elas não vão descobrir. Não tem como elas entrarem em contato com o irmão e de jeito nenhum descobrirão o que acontece em Chicago.

Aria e eu concordamos em não guardar mais segredos um do outro, mas essa era uma promessa que eu não poderia manter. Aria se culparia se descobrisse que o irmão estava morto. Ela ficaria destruída e nunca se perdoaria. Era um segredo que eu tinha que guardar para protegê-la.

Matteo e eu ficamos calados quando Aria desceu com Marcella nos braços e Gianna alguns passos atrás. Marcella se debatia descontroladamente, cabelos pretos e grossos por todo o lado.

Aria riu e pôs Marcella no chão. Ansiosos olhos azuis focaram em mim e Marcella engatinhou em minha direção, seu bumbum coberto com fralda balançava para cima e para baixo. Abaixei-me e estendi as mãos. Ela engatinhou mais rápido, fazendo barulhinhos estridentes de riso. No segundo em que ela me

alcançou, segurei-a e me levantei, impulsionando-a sobre minha cabeça como um foguete. Ela soltou um gritinho feliz e eu a balancei em direção aos braços estendidos de Matteo, que a jogou no ar e a pegou em seguida.

Aria ria, um som feliz e relaxado. Não podia lhe contar sobre Fabiano. Nós tínhamos nossa própria família agora. Matteo soprou a barriga de Marcella fazendo barulho e a risada dela se tornou ainda mais descontrolada. Nunca pensei que poderia amar a risada de alguém tanto quanto a de Aria, mas Marcella me trazia a mesma sensação de realização. Peguei Marcella outra vez e a segurei contra o peito. Sua mãozinha foi para a minha boca e ela deu um sorriso largo e sem dentes quando beijei sua palma.

Durante a maior parte da minha vida, pensei que não havia som melhor do que os gritos de agonia dos meus inimigos. Como fui imbecil…

Capítulo 28

Seis anos depois, ARIA

— NÃO! — Gritou amo, batendo o pé. Ele pegou os sapatos e os arremessou para o outro lado do quarto. Ele já era alto para três anos e conseguia lançar bem longe para uma criança.

— Nós não vamos sair se você não calçar os sapatos — falei, abafando um suspiro.

Ele era impetuoso, de temperamento forte e esquentado. Uma mini versão de Luca – cabelos pretos, olhos cinza – com pitadas do temperamento de Matteo.

— Pegue seus sapatos e os calce.

Amo balançou a cabeça para mim, cruzando os braços.

— Não!

— Amo. — A voz de Luca foi firme.

O olhar de Amo voou para Luca, que estava parado no batente da porta, e ele arregalou os olhos, entretanto, projetou o queixo. Estava na fase de desafiar. Até agora, contudo, nunca havia desafiado Luca.

— Não — negou.

Luca entrou. — O que você disse?

Amo olhou para o chão. — Não. — A hesitação oscilou em sua voz.

Meus olhos correram entre Luca e Amo. Eu sabia que Amo seguiria os passos de Luca. Algum dia ele se tornaria Capo. Ele se tornaria um Homem de Honra muito antes de ter idade para isso. Teria que ser forte para as missões que teria pela frente, duro, e teria que aprender a ter respeito. Luca parou na frente do nosso filho. Nem uma única vez ele ergueu a mão para Amo nem para Marcella, nunca os machucou de nenhum outro jeito, e nunca o faria, e, normalmente, eles obedeciam, de qualquer forma.

Luca se agachou, sua expressão era impiedosa.

— Olhe para mim — ordenou, e Amo ergueu o olhar para o do pai. Luca apontou para os sapatos. — Você irá pegá-los e calçá-los. Entendeu, Amo? — Sua voz detinha autoridade e Amo assentiu devagar, mas sua expressão ainda era desafiadora ao caminhar penosamente em direção aos sapatos. No entanto, ele se sentou no chão e os calçou.

Luca balançou a cabeça. Toquei em seu braço.

— Essa fase vai passar — assegurei.

Luca sorriu ironicamente.

— Ele parece muito com Matteo. Vou precisar da paciência de um santo.

Amo ficou frustrado quando não conseguiu amarrar os sapatos e lágrimas de raiva encheram seus olhos cinza. Dava para perceber que queria arremessar os sapatos outra vez.

Luca foi até ele e se abaixou, depois, mostrou a Amo como fazer. Amo sorriu ao conseguir amarrar sozinho.

— Lembre-se, Amo, não chore na frente de ninguém. Nem mesmo de raiva ou frustração — orientou Luca tranquilamente, mas com firmeza. — Tudo bem chorar quando estiver sozinho com sua mãe ou comigo.

Amo assentiu e piscou algumas vezes. Luca se levantou e estendeu a mão.

— Vamos dar uma olhada na moto nova do seu tio. Essa é ainda mais rápida do que a anterior.

Amo pegou a mão de Luca e sorriu.

Eles se pareciam demais, isso enchia meu coração com uma felicidade ridícula. Luca ficara preocupado que seria muito duro com um filho, principalmente se se parecesse com ele, mas não precisava ter se preocupado. Ele era rigoroso com Amo, mas nunca cruel. Ele não era nada como o próprio pai.

*

LUCA

Depois de conferir a nova moto de Matteo, Amo saiu correndo de novo, provavelmente para perturbar a irmã.

— Estou faminto — falou Matteo. — Por que não entramos para ver se nossos monstrinhos deixaram alguma coisa?

Caminhamos de volta pela entrada para dentro da mansão. Com seis anos, Marcella parecia extremamente com a mãe, exceto pelos cabelos pretos. Ela correu em minha direção assim que entrei, Amo em seu encalço.

Ela me abraçou pela cintura, olhando para mim com um beicinho.

— Amo me bateu!

Meus olhos voaram para o meu filho. Amo fuzilou a irmã com os olhos.

— Ela me bateu primeiro!

— Porque você pegou a minha boneca e arrancou a cabeça dela.

Estreitei os olhos para o meu filho.

— Nunca levante a mão para a sua irmã, entendeu?

Ele assentiu relutantemente. Peguei Marcella mostrando a língua para ele e ergui seu queixo com o dedo. Frequentemente, eu era muito tolerante com ela, mas era difícil ser rigoroso quando ela me olhava com os olhos e a cara de sua mãe.

— E você não vai bater de novo no seu irmão.

Ela corou. — Tudo bem.

Voltei-me para Amo, que olhava triunfante para a irmã.

— Por que você arrancou a cabeça da boneca?

Seu rosto contraiu de nojo.

— Marci fez barulho de beijo e me disse para beijá-la.

Matteo se encostou no batente da porta, rindo.

— Por que não tortura seu tio? — sugeri.

Claro que não foi preciso falar duas vezes. Com um grito de guerra, Amo atacou Matteo e agarrou-se à sua perna como um macaco-aranha. Marcella estava logo atrás e começou a puxar o braço de Matteo, tentando deixá-lo de joelhos.

— Piedade — gemeu ele e se abaixou.

Revirei os olhos diante da sua performance teatral, mas meus filhos adoravam. Matteo começou a fazer cócegas neles e Amo saiu apressado, para fora do alcance dele, e se escondeu atrás de mim. Eu ri e baguncei seus cabelos. Ele apertou a minha perna. Parecia ridículo ter chegado a pensar que seria cruel com um filho. Eu era rigoroso com ele e precisava endurecê-lo, mas nunca o machucaria como nosso pai machucara Matteo e eu.

Matteo pegou Marcella e começou a fazer cócegas nela.

— Socorro! — gritou ela entre risos. Amo me soltou e se jogou de novo em cima de Matteo para ajudar a irmã. Meu sorriso desapareceu no segundo em que Amo alcançou a arma de Matteo no coldre em sua cintura.

— Não! — ralhei bruscamente, e ele tirou a mão imediatamente. Tanto ele quanto Marcella me olharam com os olhos arregalados.

Matteo limpou a garganta e apontou para seu coldre.

— Nunca toquem em uma arma sem a permissão do seu pai ou minha.

Ambos assentiram, mas ainda me olhavam. Suspirando, fui até eles e baguncei seus cabelos, contente quando eles relaxaram, meu tom brusco foi esquecido.

— Por que não vão procurar a mãe de vocês?

Assentindo e sorrindo, eles saíram correndo.

— Eu não teria deixado que ele tocasse na minha arma — garantiu Matteo quando me levantei.

— Eu sei — falei.

Em algum momento, Amo aprenderia a usar armas e facas, porém, sob nossa supervisão e não com três anos de idade.

Meu celular tocou. Não reconheci o número. Levei o telefone ao ouvido.

— Pois não?

— *Luca* — disse uma voz masculina. — *Já faz um tempo. É Fabiano.*

Quase deixei a porra do telefone cair.

— Fabiano Scuderi? — Gesticulei para que Matteo me seguisse para o lado de fora e coloquei no viva-voz.

— *Estou ligando em nome do meu Capo.*

Matteo ergueu as sobrancelhas.

— Seu *Capo*? — repeti, ainda tentando processar a notícia de ser Fabiano do outro lado da linha.

— *Remo Falcone. Tenho certeza de que já ouviu falar dele*. — Uma pontada de diversão soava em sua voz.

Sim, ouvi falar dele. Desde que assumiu Las Vegas e a maior parte do Oeste, vinha sendo uma dor de cabeça incômoda.

— *Você entrou em contato conosco para negociações sobre rotas de entrega de suas drogas. Eu sou o Executor dele e gostaria de ir até Nova York para negociar no lugar de Remo*.

Matteo lançou-me um olhar e falou sem som: *Executor*. Já fazia semanas desde que enviara uma mensagem a Remo através de um intermediário. A Outfit estava interceptando a nossa entrega de drogas e o território de Remo era a melhor opção para encontrar novas rotas de entrega. Eu não confiava nem um pouco em Remo, mas as drogas eram o nosso negócio principal e eu precisava tomar decisões para ajudar a *Famiglia*, apesar dos meus sentimentos pessoais em relação a Remo. Já que trabalhar com Dante estava fora de questão, restava

apenas a porra da Camorra, mesmo odiando a ideia.

— Entrei — falei com cuidado.

— *Temos um inimigo em comum, Luca, e este é a Outfit. Acho que temos muito o que conversar.*

Não gostei do seu tom, mas concordei com uma reunião em três dias, depois, desliguei.

— Ele não está morto — resmungou Matteo. — Nossas esposas ficarão empolgadas para vê-lo outra vez.

— Ele é o Executor da Camorra, Matteo.

— Você não vai contar a Aria?

Considerei as minhas opções. Se eu não contasse a Aria que seu irmão viria a Nova York, ela ficaria desolada, mas como ele era um dos homens de Remo, ela também ficaria desolada em vê-lo.

— Como deixamos isso passar? — resmunguei.

— Tivemos muito com o que lidar com a porra da Outfit, a Bratva e aqueles malditos CMs. Até parece que tínhamos tempo para nos preocupar com a porra da Camorra. Eles nunca invadiram o nosso território nem nos trouxeram problemas.

Assenti, mas, ainda assim… Se Remo conseguiu manter a existência de Fabiano em segredo por tanto tempo, significava que seus homens eram totalmente leais e que ele controlava a sua cidade com mãos de ferro. Eu sabia que Nino Falcone era o segundo em comando, e eles eram os únicos sobre os quais eu tinha ouvido falar, mas trabalhavam em silêncio.

— Qual você acha que é o verdadeiro motivo para a visita? — perguntou Matteo por fim.

Eu não tinha certeza. Remo era imprevisível. Sua aparição em Nova York há seis anos havia provado isso.

— Vamos descobrir.

*

Aria praticamente pulava de nervoso ao meu lado. Growl balançou a cabeça, fazendo careta. Seus olhos procuraram os meus. Aria ainda achava que se reuniria com o irmão de quem ela se lembrava, só que ele não seria aquele menino. Growl, Matteo e eu sabíamos disso. Growl tinha sido o Executor da Camorra por anos e, pelo que ele nos contou, Fabiano deve ter se transformado em alguém sem misericórdia para se tornar o Executor de Remo.

Fiquei tenso quando a porta abriu e um homem alto e musculoso, com cabelos loiros curtos e olhos azuis entrou. Na última vez em que o vi, ele tinha dificuldade em esconder seus sentimentos. Isso já era passado. Sua inspeção fria fez meus músculos contraírem. Growl tocou em sua arma, o ódio se estampou em seu rosto quando os olhos de Fabiano pousaram nele.

Aria correu e eu não fui rápido o bastante para detê-la.

Fabiano estreitou os olhos e ficou tenso quando ela jogou seus braços em volta dele. Puxei a minha arma, mirando bem na cabeça dele, e Growl e Matteo fizeram o mesmo.

Sua mão segurou o pescoço de Aria quando ela grudou nele, e ele sorriu. Eu deveria tê-lo matado sete anos atrás quando ele ainda era uma criança. Ele segurava o pescoço dela de um jeito que lhe permitiria quebrá-lo com facilidade. Aria olhou para cima e finalmente se deu conta. Este não era mais o seu irmão.

— Não há necessidade de armas em punho — disse Fabiano num tom autoconfiante. — Não viajei tantos quilômetros para machucar a minha irmã.

Ele abaixou a mão e eu dei um passo à frente e puxei Aria para longe dele.

— Meu Deus — sussurrou ela. — O que aconteceu com você?

— Você, Gianna e Liliana aconteceram.

Aria estava quase chorando ao meu lado.

— Eu não entendo.

— Depois que Liliana também fugiu, papai decidiu que deveria ter algo de errado com todos nós. Que talvez o sangue de mamãe que corria em nossas veias fosse o problema e pensou que eu era outro infortúnio em formação. Ele tentou me espancar até a morte. Talvez tenha pensado que se eu sangrasse o bastante, estaria livre de qualquer vestígio daquela fraqueza. Assim que a piranha da sua segunda esposa deu à luz um menino, ele decidiu que eu não tinha mais utilidade. E mandou que um de seus homens me matasse. Mas o homem ficou com pena de mim e me levou para algum buraco de merda no Kansas para que a Bratva me matasse ao invés dele. Eu tinha vinte dólares e uma faca. E fiz um bom uso daquela faca.

Segurei Aria com mais força porque ela fez um movimento como se fosse se aproximar dele.

— Nós não queríamos te machucar. Só queríamos salvar Liliana de um casamento terrível. Não achamos que você precisava ser salvo. Você era um menino. Estava a caminho de se tornar um soldado da Outfit. Nós teríamos te resgatado se tivesse pedido.

— Eu me salvei.

— Você ainda poderia… sair de Las Vegas — falou Aria com cuidado.

Lancei-lhe um olhar. Será que ela estava cega para a verdade? Fabiano era um homem leal, mas sua lealdade estava com Remo Falcone. Eu me perguntei como ele havia feito isso. Como Remo, aquele adolescente doentio de tantos anos atrás, havia ganhado tantos seguidores leais? Como ele havia conseguido unir todos os Subchefes do Oeste? A Camorra era tão forte agora quanto no passado, e isso era um problema do caralho.

Fabiano riu.

— Você está sugerindo que eu deixe a Camorra e me junte à *Famiglia*?

— É uma opção.

Não, não era. E eu não o teria aceitado, não mais.

Fabiano me desafiou com o olhar.

— Quem é o Capo: ela ou você? Vim aqui para conversar com o homem que comanda o show, mas agora, acho que pode ser uma mulher, afinal de contas.

Sua tática era a provocação, assim como a de Remo antigamente.

— Ela é sua irmã. E está falando porque eu permito que ela faça isso. Não se preocupe, Fabi, se eu tiver algo a te dizer, o farei.

— Não somos seus inimigos, Fabi — manifestou Aria.

Nós éramos. Se não fosse por Aria, eu teria acabado com Fabiano naquele instante.

— Eu faço parte da Camorra. Vocês *são* meus inimigos. Tenho uma mensagem de Remo para você. — Ele encontrou meu olhar e seu sorriso distorcido fez meu sangue ferver. — Vocês não têm nada a oferecer a Remo ou à Camorra, a menos, talvez, que lhe mande sua esposa para dar uma voltinha.

Avancei para cima dele, querendo estrangulá-lo, mas Aria se interpôs no caminho e eu tive que parar de supetão ou teria me chocado nela.

— Acalme-se, Luca — implorou Aria com o olhar desesperado.

Eu tremi pela raiva reprimida enquanto olhava para Fabiano. Eu o mataria algum dia.

Fabiano fez uma reverência, zombando.

— Suponho que estejamos conversados.

— Você não quer saber como Lily e Gianna estão? — perguntou Aria cheia de esperança. Ela não ter mencionado Marcella e Amo me dizia que, apesar de sua esperança, ela sabia que o irmão era uma ameaça, e não parte da família.

— Elas não significam nada para mim. No dia em que partiram para sua vida mimada em Nova York, vocês deixaram de existir para mim.

Fabiano deu meia-volta e saiu… e eu deixei. Deixei por Aria e porque não podia arriscar a porra de uma guerra com a Camorra neste instante.

Matteo girava sua faca, parecendo querer ir atrás de Fabiano e cortar sua garganta.

Aria se virou para me encarar com os olhos arregalados de espanto.

— O que aconteceu com ele?

— A Camorra — rosnou Growl. — E a porra do Remo Falcone. Encontrei-o apenas algumas vezes, mas, mesmo quando criança, meu meio-irmão era… — Ele balançou a cabeça. — Não consigo encontrar a palavra certa.

— É — concordou Matteo.

Aria passou por mim e se jogou no sofá de costas para nós.

Gesticulei para que meu irmão e Growl nos deixassem a sós. Assim que eles saíram, toquei no ombro de Aria. Ela olhou para mim, seus olhos estavam marejados. Ela encostou o rosto na minha mão, que estava em seu ombro.

Então, estendeu um pedaço de papel. Franzi a testa.

— Fabiano pôs no meu bolso pedindo para nos encontrarmos esta noite. — Ela engoliu em seco. — Sozinhos.

— Você não vai.

Ela se levantou e ergueu o queixo.

— Eu vou. Preciso lhe dar uma última chance.

— Aria, ele não vai aceitar. Você sabe por que ele quer se encontrar com você sozinha.

Ela desviou o olhar.

— Você não sabe disso. Ele é meu irmão. Talvez precise conversar sozinho comigo. — Entretanto, pude perceber sua expressão de dúvida.

— Vamos para casa — falei. — E, à noite, encontraremos com ele juntos.

Ela assentiu.

Quando entramos em nossa cobertura, Lily, grávida, estava sentada no sofá com Amo e Marcella. Aria foi até os nossos filhos e os abraçou apertado e beijou o topo de suas cabeças. Lily olhou intrigada, com um olhar questionador. Não seria eu a contar para uma mulher prestes a dar à luz a qualquer momento que seu irmão era um membro da Camorra, e Aria também não parecia muito ansiosa

para compartilhar essa informação.

— Mãe, eu consigo plantar bananeira! — anunciou Marcella orgulhosa.

Amo concordou entusiasmado.

— Então, mostre — incentivei.

Marcella se levantou.

— Pai, você precisa segurar os meus pés.

— Eu seguro.

Ela se aproximou e se jogou para frente. Com seu impulso, ela teria caído, mas eu a segurei.

Aria aplaudiu. Ergui Marcella do chão pelas pernas e ela começou a rir quando a balancei para frente e para trás. Amo veio correndo em minha direção.

— Também quero!

Coloquei Marcella no chão e segurei Amo, deixando-o igualmente de cabeça para baixo.

Aria riu, balançando a cabeça.

— Sua cabeça está ficando vermelha, Amo.

Ergui Amo mais alto para poder ver seu rosto e ele sorriu largamente.

— Mais alto!

Atendi, porém, quando sua cabeça ficou vermelha demais, coloquei-o no chão.

— Agora, vão lavar as mãos — ordenou Aria, e Marcella e Amo correram para o banheiro.

— Você pode tomar conta deles esta noite também? — perguntei.

Liliana olhou entre mim e Aria.

— Aconteceu alguma coisa?

Aria balançou a cabeça.

— Não. Luca e eu só queremos um tempo sozinhos.

— Tudo bem — respondeu Liliana devagar. — Romero vem me pegar em trinta minutos. Podemos levar Marcella e Amo para casa conosco e trazê-los de volta amanhã por volta da hora do almoço?

— Obrigada — agradeceu Aria, abraçando a irmã.

*

Já eram quase duas da manhã quando entramos no carro para ir ao ponto de encontro que Fabiano havia mencionado em seu bilhete. Aria estava calada ao meu lado. Peguei sua mão e ela me agradeceu sorrindo.

Ela parecia decidida, não triste como eu temia. Ela brincava com uma pulseira em seu pulso esquerdo. Era a primeira vez que a via com aquilo. Geralmente, ela usava apenas a pulseira que eu havia lhe dado. Estacionei numa rua lateral e virei-me para Aria. Ela percebeu meu olhar em seu pulso.

— Era da minha mãe. Quero dá-la a Fabiano.

— Aria, eu sei que você acha que ainda pode apelar para o coração dele, mas acredite em mim quando digo que, sendo Executor da Camorra, ele não pode se permitir ter um coração mole.

Ela sorriu para mim de forma estranha.

— Estou cercada por homens como ele. Eles são a minha família. Sou casada com um.

Apertei o volante com força.

— Ou você está dizendo que Fabiano fez coisa pior que você?

Eu não sabia o que Fabiano havia feito ou não, mas eu havia cometido praticamente todos os crimes imagináveis. Havia apenas uma diferença entre a *Famiglia* e a Camorra, e este era o único crime pelo qual eu não era culpado.

— Eles não poupam mulheres, Aria.

Ela engoliu em seco sonoramente.

— Eu sei. Mas preciso acreditar que há algo de bom dentro dele. — Ela tocou meu peito onde estava a tatuagem da *Famiglia*. — Eu consegui te tocar. Talvez consiga tocá-lo também.

Se alguém conseguiria fazer isso, era Aria. Afinal, ela ganhara meu coração.

Tinha começado a nevar quando saímos do carro. Puxei a minha *Beretta*, procurando ouvir barulhos suspeitos, mas estava silencioso com exceção do som do trânsito ao longe.

Aria estremeceu.

— Não o mate. Por favor.

Eu não falei nada. Não era algo que eu podia prometer. Se ele fizesse um movimento errado, eu acabaria com ele antes que pudesse machucar Aria.

— Não mencione Marcella nem Amo — alertei.

Ela fez uma careta.

— Luca, eu amo meu irmão, mas, por meus filhos e por você, eu caminharia em meio ao fogo. Nunca arriscaria a segurança deles. Lutamos tanto para mantê-los em segredo dos nossos inimigos. Não arriscaria isso por Fabiano nem por ninguém.

Eu não tinha certeza de por quanto tempo mais conseguiríamos mantê-los em segredo. Eles estavam crescendo. Tínhamos nos afastado do público por causa deles, e eu havia ameaçado alguns jornalistas que pensaram que poderiam escrever algo sobre nós. Nada veio a público. Dante fez o mesmo e, sem Orazio como espião, eu não sabia nada sobre seus filhos.

Acenei para que Aria fosse em frente. Ergui a minha arma, mas fiquei na retaguarda. Avistei Fabiano ao virarmos a esquina. Ele estava encostado na parede, parecendo relaxado pra caralho.

Seus olhos focaram em Aria, mas ele não reparou em mim. Mirei em sua cabeça.

— Oi, Fabi — cumprimentou Aria, mostrando o bilhete. — Você disse que queria falar sozinho comigo porque precisava da minha ajuda?

Ele se aproximou com uma expressão que eu não gostei nem um pouco. Aria o deixou se aproximar mais do que havíamos concordado. Contudo, a mão armada ainda pendia ao lado do corpo dele.

Seus olhos viraram para mim e ele sorriu ao me ver.

— Finalmente ficou sensata, Aria — falou, e havia uma pontada de alguma coisa em sua expressão que não consegui identificar.

— Sei uma ou duas coisas sobre a vida na máfia. — Ela inclinou a cabeça para ele. — Não teme pela sua vida?

— Por que temeria?

Ele parecia um homem que já havia encarado a morte em muitas ocasiões e não a temia. Ele não tinha nada a perder, e isso fazia dele um inimigo perigoso.

Aria abriu a pulseira e a estendeu para ele.

— Era da mamãe. Ela me deu pouco antes de morrer. Queria que ficasse com você.

— Por quê? — resmungou ele, olhando para a pulseira, depois, para Aria.

— Porque quero que se lembre.

— Da família que me abandonou?

— Não. Do menino que você costumava ser e do homem que ainda pode se tornar.

Aria era boa demais para este mundo mesmo depois de anos sendo minha esposa.

— Quem disse que quero me lembrar? — Ele se abaixou para Aria, o rosto dele estava perto demais do dela, e eu soltei a trava de segurança da minha *Beretta*.

Fabiano se ergueu.

— Você quer que eu seja um homem melhor. Por que não começa com o homem que está apontando uma arma para a minha cabeça?

Aria empurrou a pulseira contra o peito dele e ele a pegou.

— Talvez um dia você encontre alguém que vai te amar apesar do que você se tornou, e ela te fará querer ser melhor. — Ela, enfim, se afastou. — Adeus, Fabiano. Luca quer que você saiba que da próxima vez que vier a Nova York, pagará com a vida.

Não abaixei a minha arma enquanto Aria caminhava até mim, no entanto, Fabiano não fez nenhum movimento para segui-la. Ele encarava a pulseira. Lembrei-me de mim mesmo quando era mais novo, antes de Aria. Sem ela, hoje, eu seria um homem diferente. Talvez eu tivesse me transformado no meu pai.

Aria chegou ao meu lado e eu a envolvi com um braço antes de levá-la embora. Pensei em mandar alguém para matar Fabiano, mas resolvi não fazer isso. Uma guerra com a Camorra era a última coisa de que eu precisava neste momento.

*

Aria ficou calada durante a volta para casa e ela ainda não havia dito nada quando entramos na nossa cobertura no início da manhã. Dei-lhe o tempo que ela precisava para encarar a realidade. Quando finalmente nos deitamos na cama, Aria alongou a coluna e, de lado, encarando-a, quebrei o silêncio.

— Você vai ficar bem? Não se culpe. Fabiano fez as próprias escolhas, não você.

Estava preocupado que Aria fizesse novamente algo louco pelo irmão.

Seus olhos azuis estavam sérios.

— Eu estou bem — falou. — *Estou*, de verdade. Fabiano é adulto. Ele é o Executor da Camorra. Não é o menino que eu conheci. Não posso mais protegê-lo e não é minha função fazer isso. Você, Marcella e Amo são a minha prioridade. Vocês são os únicos de quem preciso cuidar.

Deu para notar que ela estava sendo sincera, mas lá no fundo sempre esperaria que Fabiano se tornasse humano novamente algum dia. Talvez ela tenha razão.

Ela havia amolecido meu coração cruel. Quem ia dizer que o mesmo não aconteceria com Fabiano?

Acariciei seu rosto e sua pálpebras se agitaram. Ela parecia tensa e cansada e, ainda assim, linda pra caralho.

— Vire-se, *principessa* — ordenei, e ela rolou, ficando de bruços, sem protestar.

Ajoelhei-me ao seu lado na cama e passei as mãos em sua pele macia, massageando-a para tirar sua tensão. Ela suspirou de leve, seu corpo estava relaxando. Meus olhos percorreram suas costas até sua bunda perfeita. Apertei aqueles globos, depois, mordisquei a pele macia antes de acalmar o local com a língua. Aria estremeceu e gemeu suavemente. Eu massageei suas nádegas enquanto trilhava beijos de boca aberta por suas costas.

Tirei seus cabelos do caminho e mordisquei o vão do seu pescoço enquanto meus dedos afundavam em suas dobras, encontrando-a ensopada. Ela virou a cabeça de lado, mordendo o lábio inferior, e eu entrei nela devagar. Ela gemeu, seus olhos fecharam de prazer. Observei seu rosto enquanto a dedava. Ela arqueou a bunda ao ritmo das minhas investidas, enfiando os dedos mais fundo.

Quando meu pau ficou dolorosamente duro, movi meu corpo para cima do dela e meti a ponta, saboreando seu calor por um segundo antes de preenchê-la por completo. Suas costas arquearam contra o meu peito. Apoiei-me nos cotovelos, prendendo-a entre eles, e comecei a empurrar dentro dela, devagar a princípio, depois, mais rápido e com mais força. Beijei seu pescoço, mordi, fazendo com que ela, e suas paredes, contraíssem ao meu redor enquanto ela gritava ao gozar. Diminuí minhas estocadas, esperando que ela recuperasse o fôlego antes de voltar ao ritmo. Tínhamos a cobertura só para nós dois por hoje, então, queria fazê-la gritar tanto quanto possível.

Encaixei minha mão sob seu corpo, massageando seu clitóris ao meter nela mais forte. Aria gozou de novo, estremecendo, ofegante, e, quando o meu clímax se apoderou de mim, ela se deixou levar mais uma vez e gozou pela terceira vez.

Fiquei em cima dela, com cuidado para manter o máximo do meu peso afastado enquanto beijava seu pescoço, então, clamei sua boca para um beijo.

— Você ainda deixa sua marca em mim — disse ela com uma pitada de diversão, virando de costas. — Você acha mesmo que tem alguém lá fora que não saiba que sou sua?

Acariciei o hematoma desmaecido em seu pescoço.

— Você é minha — falei com a voz baixa. — E não é aos outros que estou lembrando, é a mim mesmo, porque mesmo depois de onze anos, às vezes ainda parece impossível que eu te tenha, que eu te ame e que você me ame.

Aria dedilhou meu ombro com a tatuagem, seu olhar era caloroso e intenso.

— Irei onde você for, não importa quão sombrio seja o caminho.

Segurei seu pulso com a pulseira que lhe dei tantos anos atrás e o levei ao meus lábios, beijando-o.

— Mesmo na hora mais escura, você é a minha luz.

FIM

Agora que você chegou até aqui, seja bem-vindo(a) à Camorra de Las Vegas.

Nesta segunda série de Cora Reilly, dando continuação à série Born in Blood Mafia Chronicles, os personagens não cedem ao medo, ou à fraqueza, e suas paixões são muito mais viscerais, lascivas e perigosas.

Conheça a sinopse e um trecho do livro:

HONRA PERIGOSA

(Camorra Chronicles – livro 1)

Fabiano foi criado para seguir os passos de seu pai como *Consigliere* da Chicago Outfit – até que o homem o abandona. Deixado à própria sorte, Fabiano é forçado a lutar por um lugar no mundo da máfia. Como um lutador de rua implacável, ele rapidamente ganha seu lugar como o novo Enforcer da Camorra de Las Vegas – um Executor, um homem a temer.

Leona quer construir uma vida decente para si mesma, longe de sua mãe viciada em drogas. Mas logo ela chama a atenção de um homem perigoso – Fabiano Scuderi. Ficar longe de problemas e viver uma vida normal é quase impossível com um homem como ele. Ela sabe que precisa evitar Fabiano, mas homens como ele não são fáceis de se livrar.

Fabiano só se preocupa com uma coisa: a Camorra. Mas sua atração por Leona logo coloca sua lealdade inabalável à prova. Vale a pena arriscar tudo pelo que lutou, inclusive sua vida, por uma obsessão?

Nota: Conteúdo para leitores 18+. Temas que podem servir de gatilhos a pessoas sensíveis.

****

A garota veio até mim. Sua pele estava levemente bronzeada, mas não tinha o tom de bronzeado artificial de alguém que frequentava câmaras de bronzeamento como a maioria das mulheres que trabalhava conosco.

— Eu não esperava te ver de novo tão cedo — falou.

Ela sorriu daquele jeito tímido que me lembrava de dias passados. Dias que eu queria esquecer, a maior parte do tempo. Ela tinha o nariz e as bochechas levemente salpicados de sardas e olhos azuis da cor de centáurea envolvidos por

um anel mais escuro. Agora que seus cabelos não estavam encharcados, eram ruivo-escuro com luzes douradas naturais.

Apoiei os antebraços no balcão, contente por minhas mangas compridas cobrirem minha tatuagem. Haveria a hora certa para a revelação.

— Eu disse que frequentava este lugar.

— Sem terno, mas todo de preto. Você gosta do escuro, suponho — provocou ela.

Eu sorri.

— Você não faz ideia.

Ela uniu as sobrancelhas, depois, retribuiu o sorriso.

— O que posso fazer por você?

— Um copo d'água.

— Água — repetiu em dúvida, contorcendo os cantos da boca. — É o primeiro. — Ela riu de leve.

Eu ainda não tinha vestido meu calção de luta. Não contei a ela que tinha uma luta programada para esta noite, que era um dos motivos pelo qual eu não podia beber; e que teria que quebrar algumas pernas pela manhã, que era o outro.

Ela me entregou um copo d'água.

— Aqui está — falou, dando a volta no bar para limpar uma mesa perto de mim.

Deixei meu olhar passear por seu corpo. Ontem, eu não havia prestado atenção suficiente nos detalhes. Ela era magra e pequena, como alguém que nunca sabia se teria comida na mesa, mas conseguia se manter com certo ar de elegância apesar das roupas gastas que não permitiam uma boa olhada no contorno do seu corpo. Ela usava o mesmo vestido de ontem e aqueles chinelos horríveis, ainda completamente inadequados para a temperatura.

— O que te trouxe aqui? — perguntei.

O pai dela morava numa parte ruim da cidade. Não dava para acreditar que ela não tivesse outro lugar onde pudesse ficar. Qualquer outro lugar seria melhor. Com suas sardas, seu sorriso tímido e suas feições elegantes, ela pertencia a um subúrbio agradável, não a um bairro fodido e, definitivamente, não a um clube de luta no território da máfia. Só que a última parte era culpa minha.

— Tive que vir morar com meu pai porque a minha mãe voltou para a reabilitação — respondeu sem hesitar. Não havia nenhuma reserva, nenhuma precaução. Uma presa fácil neste mundo.

— Eu conheço seu pai? — perguntei.

Ela franziu a testa.

— Por que conheceria?

— Eu conheço um monte de gente. E ainda mais pessoas me conhecem — falei dando de ombros.

— Se você é famoso, deveria me dizer para eu não passar vergonha com a minha ignorância — brincou ela tranquilamente.

— Não sou famoso — falei. Estava mais para conhecido.

Ela gesticulou para mim.

— Aliás, hoje você não parece um advogado nem um empresário.

— Então, o que pareço?

Uma luz ruborizada subiu por sua garganta. Ela encolheu os ombros delicadamente antes de voltar para trás do bar, então, hesitou novamente, juntando meus braços, que estavam apoiados no balcão.

— Talvez você possa me ajudar a trazer alguns engradados de cerveja do porão. Duvido que Roger queira fazer isso e não acho que eu seja forte o bastante. Você parece conseguir carregar dois ou três sem derramar uma gota de suor.

Ela se virou e atravessou a porta vai-e-vem, e foi para os fundos, depois, olhou por sobre o ombro para ver se eu a estava seguindo.

Curioso, pousei o copo no balcão e me levantei. Ela parecia completamente alheia do *quê* eu era. E eu não estava falando da minha posição na máfia. As pessoas geralmente ficavam desconfortáveis perto de mim, mesmo sem ver a minha tatuagem. Ela não era uma boa atriz e eu não senti que nutria algum medo. Eu a segui até os fundos, depois, pela longa escadaria que dava no depósito. Eu conhecia o local. Usava-o para algumas conversas mais intensas com os devedores. A porta fechou atrás de nós. Uma pontada de desconfiança me atingiu. Ninguém poderia confiar tanto assim. Qual era a armação? Só que isso seria igualmente idiota.

Ela deu uma olhada no fundo do cômodo. Ela nunca olhava para trás para ver o que eu estava fazendo. Confiante demais. Inocente demais.

— Ah, estão aqui — falou, apontando para um par de engradados de cerveja. Ela olhou para mim e ficou intrigada. — Algum problema?

Parecia preocupada. Puta que pariu. Ela parecia preocupada *comigo*. Todas as outras garotas em Vegas, e todos os homens também, teriam se cagado se estivessem num porão à prova de som sozinhos comigo. Eu queria enfiar um

pouco de juízo nela.

Caminhei até ela e peguei três engradados. Quando me levantei, senti seu cheiro doce.

Caralho.

Ela sorriu para mim. Estava praticamente sem maquiagem, apenas com o suficiente para destacar sua beleza natural. Ela tocou o leve conjunto de sardas em sua bochecha timidamente.

— Tem alguma coisa no meu rosto? — perguntou com uma risada cheia de vergonha. Dava para notar que era insegura em relação às suas sardas. Mas, puta que pariu, eu gostava.

— Não — falei.

— Ah, certo — disse ela. E me olhou nos olhos, intrigada. Não tente enxergar por trás dessa máscara, garota. Você não vai gostar. — É melhor voltarmos lá para cima. Eu não deveria deixar o bar sozinho por tanto tempo.

Será que ela viu alguma coisa no meu olhar que finalmente pôs uma dose saudável de medo nela? Pelo jeito que segurou a porta para mim como a mesma expressão ingênua, temia que não.

Acenei para a escada.

— Vá em frente.

Ela hesitou, depois, caminhou na minha frente. Talvez pensasse que eu queria dar uma boa olhada em sua bunda, mas não apenas seu vestido tornava isso impossível como também eu odiava ter alguém me seguindo.

Seguíamos pelo corredor estreito quando a porta da área principal abriu e Roger e Stefano vieram.

Ambos olharam espantados ao me ver com a garota. Seu semblante era de apreensão ao ver Stefano, o que me deixou curioso. Ele parecia o sonho de qualquer sogra e seu encanto era a melhor arma da Camorra quando se tratava de atrair mulheres para nossos puteiros.

— Posso falar com você, Fabiano? — perguntou Roger, analisando a garota, provavelmente procurando um sinal de que eu a havia atacado no depósito. Só que Stefano também me analisava. — Leona, volte ao trabalho.

Leona. Então este era o nome dela. Eu não a via como uma leoa. Talvez houvesse mais nela.

Ela não se mexeu apesar da ordem de Roger. Seus olhos estavam em mim. Assenti.

— Vá em frente — falei para ela. — Já te alcanço.

Ela saiu e, para a minha profunda irritação, Stefano resolveu ir atrás dela. *Cai fora, filho da puta.*

Ele, definitivamente, mirou nela. Por que sequer a considerava para um de nossos puteiros? Ela não fazia mesmo o tipo.

— Sei que vocês lidam com as coisas como querem, mas perdi muitas garçonetes recentemente para os puteiros da Camorra e para acidentes infelizes.

A maioria desses acidentes estava relacionada à ação dos soldados de Remo.

— Estou grato por ter essa garota nova. Os clientes parecem gostar dela e ela sabe se comportar de verdade. Eu agradeceria se ficasse trabalhando para mim por mais de duas semanas.

— Como você disse, Roger, nós lidamos com as coisas como queremos — falei em advertência. — Se decidirmos usá-la em um de nossos outros estabelecimentos, não lhe pediremos.

Ele assentiu, mas não gostou. Éramos dois.

Passei por ele, empurrei a porta com o cotovelo e entrei atrás do balcão.

Leona estava ocupada com dois clientes antigos, rindo com alguma coisa que eles disseram. Stefano estava sentado na outra ponta do bar, observando-a como um falcão. Seus cabelos castanhos estavam impecavelmente penteados para trás. Aposto que o babaca passava horas em frente ao espelho.

Contudo, Leona parecia determinada a ignorá-lo. Coloquei os engradados no chão. Leona me olhou agradecida. Os homens no bar logo focaram em suas bebidas.

Dei a volta no balcão e peguei a minha bolsa de treino na banqueta onde a havia deixado e parei ao lado de Stefano. Ele olhou para mim de onde estava sentado. Sua posição era abaixo da minha, então, o brilho desafiador em seus olhos me fez considerar enfiar uma faca nele.

— Está pensando em dar em cima dela?

— Estou pensando sobre isso — falou. — Parece que ela responderia bem ao menor sinal de bondade, o que torna fácil de manipulá-la. — Será que esse olhar lascivo doentio pra caralho continuaria em sua cara se eu arrancasse seu pescoço?

— Ela não parece interessada em suas investidas.

— Isso vai mudar — disse presunçoso.

— Remo já a viu? — Isso realmente era a única coisa que importava.

— Não. Acabei de encontrá-la. Mas tenho certeza de que irá aprovar.

Eu desconfiava de que Stefano estivesse certo.

— Não desperdice seu tempo. Ela já tem dono.

— Quem?

— Eu — grunhi.

Ele franziu a testa, entretanto deu de ombros, terminou sua cerveja e saiu. Fiquei olhando enquanto ele desaparecia pela porta dos fundos. Stefano era o tipo de pessoa em quem ficar de olho. Ele e eu nunca nos demos bem. Eu desconfiava de que isso não mudaria tão cedo, mas ele sabia muito bem que não deveria dar em cima de alguém que eu queria.

Meus olhos encontraram Leona outra vez. Ela assistiu a minha interação com Stefano transparecendo confusão, mas com o barulho no bar não deve ter conseguido ouvir nada. Ela era muito diferente das mulheres que costumavam frequentar os lugares onde eu ia. Havia aquelas incapazes de esconder o medo e as que esperavam conseguir alguma coisa ao se aproximar de mim. Só que ela não sabia quem eu era. Era estranho ser tratado como alguém… normal. Trabalhei duro para receber o respeito e o temor que todos mostravam para comigo, mas não me incomodava o fato de ela não ter consciência do meu status. Eu me perguntava quando alguém lhe contaria e como ela olharia para mim depois.

— Conheço este olhar — disse Remo, aproximando-se de mim sorrateiramente. Eu deveria ter percebido que ele aparecera. As pessoas pareciam ainda mais desconfortáveis do que comigo sozinho no ambiente. Ele acenou em direção a Leona. — Fique com ela se quiser. Ela é sua. Ela não é ninguém. Afinal, não é como se precisássemos dela. Embora não pareça muito interessante para mim.

Olhei para Leona. Ela estava limpando o balcão, alheia aos olhares libidinosos que atraía de alguns homens por ali.

— Eu não quero ficar com ela — falei. Então, fiquei alterado quando vi a expressão de Remo. — Não vou ficar.

— Por que não? — perguntou Remo com curiosidade.

Perigo.

— Você mesmo disse, ela não parece muito interessante.

— Talvez ela fique mais interessante quando estiver tentando te dispensar. Talvez valha a tentativa. Algumas mulheres se transformam em felinos ferozes quando estão encurraladas. — Ele deu um tapinha no meu ombro.

Eu não falei nada.

Remo deu de ombros.

— Mas se você não a quer…

— Eu quero — apressei-me em responder. — Eu agradeceria se a notícia de que eu estou de olho nela se espalhasse. Por via das dúvidas. Não quero Stefano de sacanagem com ela.

Remo gargalhou.

— Claro. Reivindique-a, Fabiano.

Essa era a vantagem de estar do lado dele. Remo me permitia coisas que seus outros soldados nem sonhariam. Ele saiu depois disso e foi para uma mesa com alguns jogadores importantes de um dos nossos cassinos premium. Eu voltei para o bar. Ainda sobraria tempo para trocar de roupa mais tarde.

Os outros homens pediram licença e Leona veio até mim, parecendo intrigada.

— Perdi alguma coisa?

Dei de ombros.

— Eu sou o motivo de alguns deles perderem dinheiro. — *E os membros.*

Ela abriu a boca para falar alguma coisa, mas o som de um corpo colidindo no octógono, seguido por uma salva de palmas eufórica, a silenciou. Ela tapou a boca chocada. Espiei por sobre meu ombro. Um dos lutadores estava inconsciente, caído no chão. O outro estava parado sobre ele com os braços levantados, fazendo algum tipo de dancinha boba da vitória. Talvez ele fosse meu próximo adversário daqui a algumas semanas, se vencesse mais algumas vezes. Eu teria que quebrar seus joelhos para impedir futuras dancinhas.

— Que coisa horrível — sussurrou Leona com a voz obstruída de compaixão, como se pudesse sentir a dor deles.

Virei-me para ela.

— Por que alguém iria querer assistir a algo tão violento?

Violento? Ela ainda não viu a violência. Se tivesse sorte, nunca veria.

— É da nossa natureza — falei. — A lei do mais forte. Disputa de poder. Sede de sangue. Tudo isso ainda está enraizado em nosso DNA.

— Não acho que seja verdade — afirmou. — Acho que progredimos, mas, às vezes, recaímos em velhos hábitos.

— Então, por que as pessoas ainda admiram os fortes? Por que as mulheres preferem os machos alfa?

Ela bufou. — Isso é um mito.

Ergui uma sobrancelha e me aproximei. Tive um vislumbre do seu vestido.

Algodão branco. Óbvio.

— É? — perguntei.

Ela analisou meu rosto, um rubor subiu pelo seu pescoço e bochechas.

Eu dei uma risada. Levantei antes que ela pudesse dizer qualquer coisa. Precisava me trocar.

— Já volto — falei.

Quando entrei no vestiário, os outros lutadores se calaram. Alguns deles me olharam, apenas um me desafiou descaradamente com o olhar. Presumi que seria o meu adversário desta noite. Ele tinha 1,95m. Meio metro a mais que eu. Que bom. Esta poderia ser uma luta longa.

Tirei a roupa e coloquei o calção. Queria que eles vissem todas as cicatrizes. Eles não sabiam nada sobre dor. Sorri para o meu adversário. Talvez ele vivesse para ver o amanhã.

Saí do vestiário e fui para o bar. Leona congelou quando me olhou dos meus pés descalços até meu peito nu, passando pelo calção. Ela deixou o copo que estava lavando cair na água com sabão. Uma infinidade de emoções cruzou seu rosto. Choque. Confusão. Deslumbramento. Admiração. O último deu para sentir no meu pau. Eu malhava pesado para ter esse corpo.

Peguei meu copo e bebi o resto da água. Depois, tirei a bandagem da bolsa e comecei a enfaixar as minhas mãos, sentindo seu olhar curioso em mim o tempo todo.

— Você é um deles?

Inclinei a cabeça, sem saber direito a que ela se referia. Um lutador? Um membro da Camorra? Um assassino? Sim, sim e sim.

Não havia medo em seu olhar, então, falei:

— Um lutador do octógono? Sou.

Ela umedeceu os lábios. Aqueles malditos lábios rosados deram ideias ao meu pau das quais eu não precisava antes de uma luta.

— Espero que eu não tenha te ofendido antes.

— Porque você acha que é muito violento? Não. As coisas são o que são.

Seu olhar continuou contemplando minha tatuagem e as cicatrizes e, de vez em quando, meu abdômen. Debrucei no balcão, aproximando nossos rostos. Eu sabia que todos estavam nos olhando, mesmo que tentassem fazer isso discretamente.

— Você ainda tem certeza de que as mulheres não gostam de machos alfa? —

murmurei. Ela engoliu em seco, mas não disse nada.

Dei um passo para trás. Todos no salão devem ter entendido a mensagem.

O olhar que ela me deu fez meu saco apertar. Alguma coisa naquela garota me atraía. Eu não sabia dizer o que era, mas descobriria.

— É a minha vez — falei para ela quando acabei de enfaixar as mãos.

— Não se machuque — falou simplesmente. Os homens perto do bar trocaram olhares, rindo, mas Leona estava alheia à reação deles.

— Não vou — falei, depois me virei e fui passando pelas mesas para o octógono.

Entrei no octógono sob uivos e aplausos estrondosos do público. Perguntei-me quantos haviam apostado contra mim. Ficariam ricos se chegasse a este ponto. Claro que eles nunca ganhariam.

Peguei Leona me observando de trás do balcão do bar com os olhos ainda arregalados de surpresa. Sim, eu era um lutador, e essa ainda era a parte menos perigosa sobre mim.

Ela parou o que estava fazendo e deu a volta no balcão. Subiu numa banqueta, tirou os chinelos e levantou as pernas, sentando-se de pernas cruzadas, a saia do seu vestido foi cuidadosamente estendida sobre suas coxas. Esta garota. Ela não pertencia a este lugar.

Meu adversário entrou no octógono. Ele se autodenominava Cobra, até tinha cobras tatuadas no pescoço que subiam pelas suas orelhas e mostravam as presas em ambos os lados da sua cabeça. Cobra. Que nome idiota para dar a si mesmo. Eu não sabia por que as pessoas pensavam que um nome assustador as faria parecer assustadoras. Nunca tive que me chamar de nada além de Fabiano, e era o bastante.

O juiz fechou a porta e nos explicou as regras. Não havia nenhuma. Exceto que não era uma luta de morte, então, Cobra provavelmente viveria.

Cobra bateu no peito com as mãos abertas, soltando um grito de guerra. Se isso lhe dava coragem…

Levantei uma mão e acenei para que ele avançasse. Eu queria começar essa luta. Com um rugido, ele veio para cima de mim como um touro. Eu me esquivei, segurei seu ombro e meti o joelho no lado esquerdo de seu corpo três vezes numa rápida sucessão. Ele ficou sem ar, mas não caiu. Ele agitou um punho para mim. E acertou meu queixo. Pulei para trás, mirei um chute forte em sua cabeça e, apesar de sua reação rápida, meu calcanhar atingiu sua orelha. Ele cambaleou, balançou a cabeça e atacou novamente. Isso seria divertido.

Ele durou mais do que o último. Mas, no fim, os chutes em sua cabeça o

derrubaram. Seu olhar ficava cada vem mais desfocado. Eu o segurei pela nuca, levantei o joelho ao mesmo tempo em que empurrei a cara dele para baixo. Seu nariz e o malar quebraram contra meu joelho. Ele uivou com a voz rouca e tombou para trás. Fui atrás dele. Eu o chutei para o meio do octógono e, quando atingiu o chão com um estrondo retumbante, agachei-me sobre ele e dei com o cotovelo em seu estômago. Uma vez. Duas vezes. Ele deu um tapinha fraco no chão, com a cara inchada e a respiração pesada. Desistiu.

— Renúncia! — gritou o juiz.

Eu nunca entendi homens como ele. Eu morreria antes de entregar a luta. Havia honra na morte, mas não em implorar por misericórdia. Levantei-me. O público vibrou.

De onde estava, sentado à mesa com os jogadores importantes, Remo me mostrou os polegares. Dava para notar pelo brilho animado em seus olhos que ele queria entrar no octógono em breve novamente. Bajular os jogadores importantes estava no topo da lista das coisas que ele mais odiava, só que alguém precisava fazer isso. Nino era eloquente e refinado, mas depois de um tempo se esquecia de estampar os sentimentos na cara e, quando as pessoas se davam conta de ele não tinha nenhum, saíam correndo o mais rápido que conseguiam. Savio era um adolescente impulsivo, e Adamo… Adamo era uma criança.

Eu me virei. Leona ainda estava sentada na banqueta em frente ao bar, me olhando horrorizada. Era um olhar que se aproximava dos que eu estava acostumado das outras pessoas. Vendo-me daquele jeito, coberto de sangue e suor, talvez ela entendesse por que deveria ter medo de mim.

Ela soltou as pernas do vestido, pulou da banqueta e desapareceu atrás da porta vai-e-vem.

Saí do octógono, pingando sangue e suor no chão. Precisava de uns pontos.

— Boa luta. — Ouvi ocasionalmente.

Apertei algumas mãos que me parabenizavam, depois, me retirei para o vestiário. Estava vazio visto que a minha luta fora a última e meu adversário estava a caminho do hospital. Assim que abri meu armário, escutei uma batida. Peguei uma das minhas armas e a segurei atrás das costas ao me virar.

— Entre.

Uma fresta da porta se abriu antes de Leona colocar a cabeça nela com os olhos fechados.

— Você está decente?

Coloquei a arma de volta na bolsa de treino.

— Sou o cara menos decente da cidade. — Exceto, talvez, por Remo e seus irmãos.

Ela abriu os olhos com cuidado, examinando o local até pousá-los em mim. O alívio inundou seu rosto e ela entrou, fechando a porta ao passar.

Ergui as sobrancelhas.

— Você está aqui para me dar o presente da vitória? — perguntei, me encostando nos armários. Meu pau tinha todos os tipos de presente em mente. Todos eles envolviam sua boca perfeita e sua boceta certamente perfeita.

— Ah, só tenho uma garrafa d'água e toalhas limpas. — Ela me mostrou o que trazia nas mãos, sorrindo como quem pede desculpas.

Balancei a cabeça, rindo. Meus Deus, esta garota.

Ela, então, compreendeu.

— Ah, você está falando de… — Ela fez um gesto em direção ao seu corpo. — Ai, não. Não. Desculpa.

Fechei os olhos, lutando contra o impulso de rir. Já fazia um tempo que nenhuma mulher me fazia rir. A maioria só me fazia querer fodê-las sem dó.

— Espero que se contente com uma garrafa d'água gelada — disse provocante.

Quando abri os olhos, ela estava na minha frente estendendo a garrafa. Ela era vários centímetros mais baixa que eu e estava a menos de um braço de distância. Garota idiota. Ela precisava aprender sobre instinto de sobrevivência. Peguei a garrafa e a esvaziei com alguns goles.

Ela analisou meu corpo.

— Tem muito sangue.

Olhei para baixo. Havia um pequeno corte na minha costela onde uma ponta afiada do octógono me arranhou, e hematomas se formavam sobre meu rim esquerdo e na minha coxa direita. A maior parte do sangue não era meu.

— Não é nada. Já estive pior.

Seu olhar permaneceu na minha testa.

— Você tem um corte que precisa ser tratado. Tem algum médico por aqui que eu possa trazer?

— Não. Não preciso de um médico.

Ela abriu a boca como se fosse discutir, entretanto, pareceu pensar melhor. E parou.

— Você parecia tão… — Ela balançou a cabeça, enrugando o nariz do jeito mais adorável possível. Porra, essas malditas sardas. — … não sei como descrever. *Intenso*.

Eu me endireitei, surpreso. Ela parecia quase fascinada.

— Você não ficou enojada? Achei que fosse violento demais.

Ela encolheu os ombros num movimento delicado.

— Eu fiquei enojada. É um tipo de luta marcial. Nem sei se dá para chamar assim. Tudo se resume a bater um no outro.

— Também tem a ver com ler o adversário, ver sua fraqueza e usá-la contra ele. É sobre velocidade e controle.

Eu a analisei mais uma vez, lendo-a como fazia com os meus adversários. Não era difícil adivinhar por que Stefano a teria escolhido se eu permitisse. Era óbvio que ela tinha uma vida dura, que tinha pouco, que não havia ninguém para cuidar dela, nunca houve. Era óbvio que ela queria mais, que queria alguém que cuidasse dela, alguém que fosse legal com ela, alguém para amar. Stefano era bom em fingir ser alguém assim. Ela acabaria aprendendo que o melhor era confiar apenas em si mesma. Amor e bondade eram coisas raras, não apenas no mundo da máfia.

— Não entendo por que as pessoas assistem a outras se machucando de propósito. Por que as pessoas gostam de infligir dor em alguém?

Eu era a última pessoa a quem ela deveria fazer essa pergunta. Ela nunca me viu machucando as pessoas. Aquela luta foi uma brincadeira em comparação ao meus trabalhos como Executor da Camorra. Eu gostava de machucar as pessoas. Eu era bom nisso, aprendi a ser bom nisso.

******

A série prossegue com: EMOÇÕES PERIGOSAS

SOBRE A AUTORA

Cora Reilly é autora de séries cujos personagens apresentam-se como *bad boys* perigosamente *sexies*. Antes de encontrar sua paixão em livros de romance, ela era uma autora publicada tradicionalmente de literatura para jovens adultos.

Cora mora na Alemanha com um bonito, mas louco, cãozinho da raça *Bearded Collie*, além de sua família, com a chegada, há pouco tempo, de uma filha linda. Quando ela não passa seus dias sonhando com histórias de fazer suspirar, ela planeja sua próxima aventura de viagem ou cozinha pratos muito picantes de todo o mundo.

Apesar de sua graduação em Direito, Cora prefere conversar sobre livros ao invés de sobre leis, a qualquer momento.

Siga-a em suas redes sociais:

Facebook (página): @CoraReillyAuthor

Twitter: @CoraReillyBooks

Instagram: @corareillyauthor

CRMNLLOFICIAL

LIVROS PELA BEZZ

Série Born in Blood Mafia Chronicles:
Ligados pela Honra – livro 1
Ligados pelo Dever – livro 2
Ligados pelo Ódio – livro 3
Ligados pela Tentação – livro 4
Ligados pela Vingança – livro 5
Ligados pelo Amor – livro 6

EM BREVE

Honra Perigosa (Camorra Chronicles 1)
Ligados pelo Passado (Born in Blood Mafia Chronicles 7)

CRMNLLOFICIAL


bezz
EDITORA
NOS BRAÇOS DO ROQUEIRO
LIVRO 1 - SÉRIE THE ROCKER
TERRI ANNE BROWNING

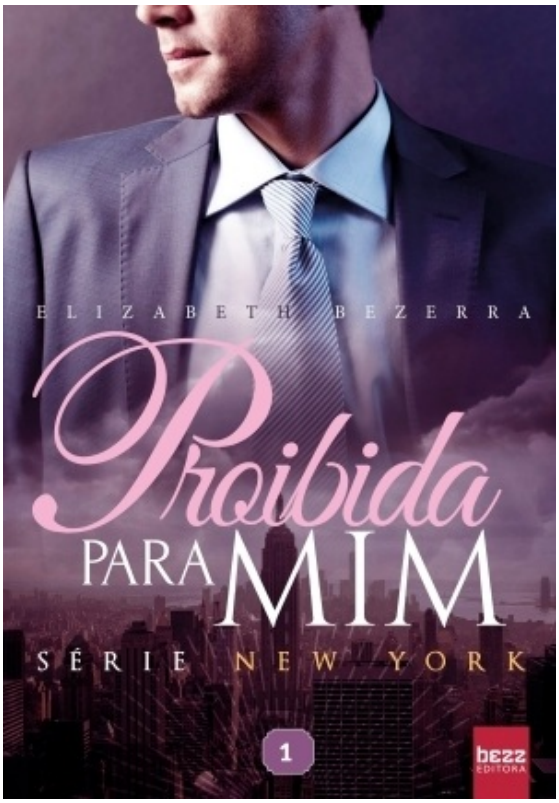
Nos braços do roqueiro

Browning, Terri Anne
9788568695449
147 páginas

Compre agora e leia

Sair em turnê com quatro roqueiros parece um sonho... pelo menos é o que as pessoas me dizem. Para mim, esses quatro roqueiros são a minha família. Cuidam de mim desde meus cinco anos de idade, protegendo-me da minha mãe e de seus episódios de fúria quando estava bêbada e drogada. Mesmo depois de famosos, continuaram cuidando de mim. E quando meu monstro de mãe morreu, eles se tornaram meus guardiões. Há seis anos eu cuido dos quatro homens que são tudo para mim. Tomo conta deles da mesma maneira que sempre cuidaram de mim. Resolvo tudo, até as sujeiras dos bastidores da vida de um roqueiro. Nem sempre é bonito. Às vezes, chega a ser quase repugnante, principalmente quando tenho que me livrar das transas aleatórias. Ugh! E se apaixonar por um roqueiro NÃO é inteligente. Tudo bem, então não sou inteligente. Eu amo os meus garotos, e um deles, meio que tem meu coração em sua, grande e calejada, mão roqueira.

Compre agora e leia


ELIZABETH BEZERRA
Proibida
PARA MIM
SÉRIE NEW YORK
1
bezz
EDITORA

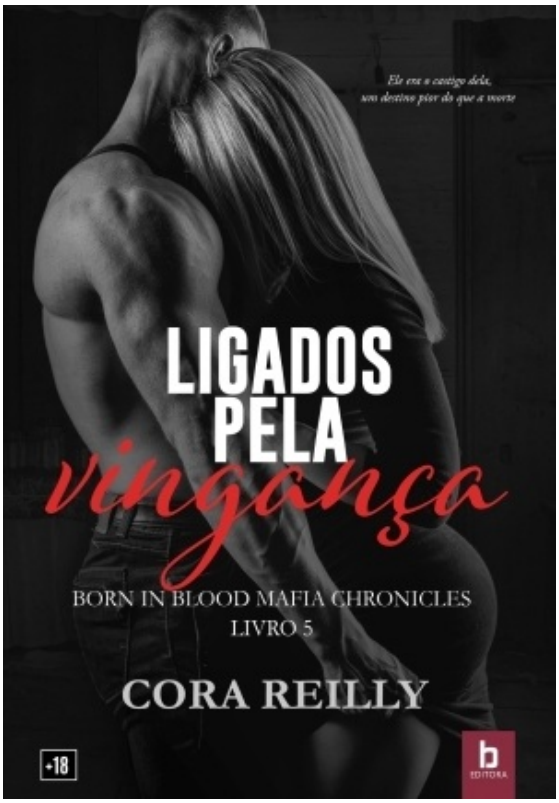
Proibida para mim

Bezerra, Elizabeth
9788568695371
310 páginas

Compre agora e leia

Quando Neil Durant socorre Jennifer Connor durante um assalto em uma noite fria ele não sabe que sua vida mudará para sempre. Descobrir que a jovem é cega é uma surpresa para ele. Neil está preso em um casamento de conveniência e sabe que Jennifer é totalmente proibida para ele. O correto é afastá-la de seu mundo sujo, mas o destino insiste em aproximá-los cada vez mais. Passado e futuro se entrelaçam de forma surpreende e os dois se veem mergulhados em uma paixão incandescente.

Compre agora e leia


Ele era o castigo dela,
seu destino pior do que a morte
LIGADOS
PELA
vingança
BORN IN BLOOD MAFIA CHRONICLES
LIVRO 5
CORA REILLY
+18
EDITORA

Ligados pela vingança

Reilly, Cora
9786586066999
200 páginas

Compre agora e leia

Ele vivia para servir. Sua presença não era querida, e ele era chamado apenas quando o trabalho requeria violência. Mas, de repente, foi ofertado a ele algo que ele admirava, mas nunca imaginou que poderia possuir. Ele era seu castigo, um destino pior do que a morte, porém, com ele, ela ainda poderia ter uma chance. Era conhecido – e temido – como Growl.Cara era a boa garota usada para punir a traição de seu pai. Jogada aos pés de um homem mais conhecido como o monstro da Camorra de Las Vegas, ela sequer sabia o real nome dele, apenas a forma como o insultavam. Seu destino era morrer nas mãos dele, mas surpreendentemente foi ali que ela encontrou apoio…para sua vingança.

Compre agora e leia


16+
KATY REGNERY
AUTORA BESTSELLER NEW YORK TIMES
Um Romance na Amazônia
CONTO DE FADAS MODERNO
Baseado em Lendas Brasileiras
b
EDITORA

Um romance na Amazonia

Regnery, Katy
9786589906629
153 páginas

Compre agora e leia

Um Romance na Amazônia, de Katy Regnery

Um conto de fadas moderno com gosto de Caipirinha e cheirinho tropical

Quando a nova-iorquina Yara Marino viaja para o Brasil numa promessa feita ao seu pai em seu leito de morte, ela não esperava sentir tamanha conexão com um lugar que nunca tinha ouvido falar.

Ela não aprendeu o português; nunca visitou Manaus; sequer sabia o que era uma Caipirinha! Juntando-se a toda essa novidade, conhecer um bartender tão atraente como Desidério Gabriel, definitivamente não fazia parte dos planos do pequeno período em que ficaria no país.

No entanto, se a flora e a fauna – especialmente os botos-cor-de-rosa – foram um poderoso chamariz para fazê-la se encantar com o lugar, descobrir uma parte misteriosa da vida de seu amado pai torna-se um trabalho de investigação para além de suas expectativas. Recompensador. Alegre. Mágico.

Quanto mais tempo ela passa no Brasil, mais ela percebe que tanto Desidério quanto as águas encantadas da Amazônia podem ser partes importantes de seu futuro… se ela apenas lhes der uma chance…

Compre agora e leia


ELIZABETH BEZERRA
A VOZ DO CORAÇÃO
SÉRIE NEW YORK
8
bezz
EDITORA

A Voz do Coração

Bezerra, Elizabeth
9788568695920
448 páginas

Compre agora e leia

O último dos solteiros do seleto grupo de amigos de Nova York estava feliz em continuar assim... solteiro. Muralha, Grandão, Mulherengo, esses eram alguns dentre tantos atributos que Peter Stone encarava com bom humor. Mas ainda que ele fosse visto como o "Don Juan", havia um traço em Peter do qual ele carregava com orgulho: o de Salvador. Ele era o que ajudava em tudo e a todos. A regra era clara: não mexam com quem ele amava e protegia. E quando a jovem carregando cicatrizes internas e externas, Fabiana Mendes, é colocada sob seus cuidados, a ideia era apenas essa, protegê-la. No entanto, a couraça que ele construiu ao seu redor e que o ajudava a caçar bandidos e eliminar qualquer ameaça, agora sobre Fabiana, foi vencida graças à fragilidade, doçura e força interior desta mulher que tinha tudo para não sobreviver a tamanhas adversidades. As cicatrizes de Fabiana faziam com que Peter encarasse as dele. Fantasmas de seu passado ressurgiam para atormentá-lo e, em meio a tudo isso, ele se vê lutando contra o fascínio e o desejo incontrolável por sua Honey... O oitavo e último livro da série New York traz doses explosivas de romance, drama e ação, que farão seu coração viver momentos inesquecíveis.

Compre agora e leia

CRMNLLOFICIAL